

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO**

Ani Caroline Grigion Potrich

**ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: RELAÇÕES COM FATORES
COMPORTAMENTAIS E VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E
DEMOGRÁFICAS**

Santa Maria, RS, Brasil
2016

Ani Caroline Grigion Potrich

**ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: RELAÇÕES COM FATORES
COMPORTAMENTAIS E VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Administração, Área de Concentração Gestão Organizacional, Linha de Pesquisa de Economia, Controle e Finanças, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutora em Administração**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kelmara Mendes Vieira

Santa Maria, RS, Brasil
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Grigion Potrich, Ani Caroline

Alfabetização financeira: relações com fatores comportamentais e variáveis socioeconômicas e demográficas / Ani Caroline Grigion Potrich.- 2016.
245 p.; 30 cm

Orientadora: Kelmara Mendes Vieira

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Administração, RS, 2016

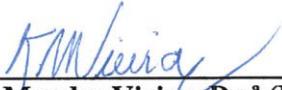
1. Alfabetização financeira 2. Variáveis socioeconômicas e demográficas 3. Fatores comportamentais 4. Invariância 5. Efeito integrado I. Mendes Vieira, Kelmara II. Título.

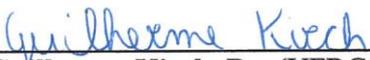
Ani Caroline Grigion Potrich

**ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: RELAÇÕES COM FATORES
COMPORTAMENTAIS E VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Administração, Área de Concentração Gestão Organizacional, Linha de Pesquisa de Economia, Controle e Finanças, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutora em Administração**.

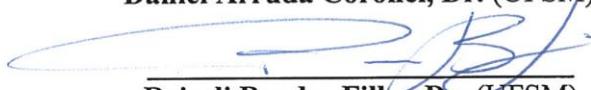
Aprovado em 19 de dezembro de 2016:


Kelmara Mendes Vieira, Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)


Guilherme Kirch, Dr. (UFRGS)


Marcelo Brutti Righi, Dr. (UFRGS)


Daniel Arruda Coronel, Dr. (UFSM)


Reisoli Bender Filho, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2016

Dedico esta tese ao meu marido Renes, aos meus irmãos Marcus e Ana Paula e especialmente aos meus pais Zeno e Dilema por acreditarem na educação e nunca medir esforços para nos oferecer o melhor, me proporcionando uma educação de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela força e pela presença em todos os momentos de minha vida.

Aos meus pais Zeno e Dilema, e aos meus irmãos Marcus e Ana Paula, pelo apoio constante, pelo auxílio emocional, por entender minhas ausências e principalmente, pelo amor incondicional.

Ao meu marido Renes, pelo seu apoio em todos os momentos e pelo amor que sempre demonstrou, entendendo minhas ausências e me incentivando sempre.

À minha orientadora Prof.^a Kelmara Mendes Vieira, pelos excelentes ensinamentos, oportunidades e amizade. Com certeza, sua competência e dedicação são inspirações para minha vida. Muito obrigada por tudo!

À banca examinadora, por aceitar o convite e fornecer sugestões para a melhoria do trabalho.

A todos os colegas e professores da linha de Finanças, muito obrigada pelo companheirismo e pelos excelentes ensinamentos.

Aos colegas da turma 2014 do Doutorado, pelo apoio e amizade.

Às meninas que fizeram parte grupo de pesquisa, em especial a Jéssica, a Ana e a Luana. Obrigada pela parceria e pela ajuda que sempre dispuseram.

Aos colegas do Departamento de Administração da UFSM Campus Palmeira das Missões pelo incentivo de sempre.

A todos que auxiliaram na coleta e tabulação dos questionários e as pessoas que se disponibilizaram a respondê-los. Muito obrigada! Sem vocês esta pesquisa não seria possível.

Aos grandes amigos, de forma especial, Luiza, Marielle, Matheus e Roberto, pela amizade de vocês e por entender minhas ausências, que não foram poucas. Obrigada!

À Universidade Federal de Santa Maria e ao Programa de Pós-Graduação em Administração, pelo apoio e estrutura.

Enfim, a todos que, de diversas formas, me apoiaram e auxiliaram para a concretização desse sonho.

Muito obrigada!

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos
não é senão uma gota de água no mar. Mas o
mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.
(Madre Teresa de Calcutá)

RESUMO

ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: RELAÇÕES COM FATORES COMPORTAMENTAIS E VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS

AUTORA: Ani Caroline Grigion Potrich
ORIENTADORA: Kelmara Mendes Vieira

A alfabetização financeira vem sendo reconhecida como uma habilidade essencial para os indivíduos atuarem no complexo contexto econômico que estão inseridos. No entanto, as evidências indicam que a alfabetização financeira é um fenômeno complexo e que pode ser determinante de outros fatores comportamentais, além de apresentar-se de maneira distinta em diferentes variáveis socioeconômicas e demográficas. Assim, o presente trabalho busca inovar e avançar neste tema, tendo como objetivo desenvolver um modelo capaz de abarcar as relações diretas e indiretas da alfabetização financeira com os fatores comportamentais: materialismo, compras compulsivas e propensão ao endividamento. Buscando ainda identificar a invariância do modelo proposto segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas, ao verificar se um único modelo é adequado para mensurar a alfabetização financeira de diferentes grupos de indivíduos e nestes, apontar as diferenças de médias existentes entre eles. Para tal, realizou-se uma pesquisa com 2.487 indivíduos, utilizando análise fatorial confirmatória, modelagem de equações estruturais e análise multigrupo, com oito proposições e seis hipóteses de pesquisa que integram o modelo proposto. Os principais resultados demonstraram que a maioria dos pesquisados possui um baixo nível de alfabetização financeira e o modelo para mensuração da mesma apresentou-se invariante apenas para as variáveis gênero, escolaridade e renda própria, confirmando três proposições de pesquisa. Além disso, cinco hipóteses de pesquisa foram confirmadas, constatando-se que o impacto da alfabetização financeira nas compras compulsivas foi o maior entre as relações diretas propostas. Já no que tange aos efeitos totais que a alfabetização financeira possui nos fatores comportamentais, percebe-se que o maior impacto da mesma foi sobre o comportamento de compra compulsiva, seguido do impacto na propensão ao endividamento e, por fim, sobre o materialismo. Tais resultados tornam-se importantes para o desenvolvimento de políticas públicas e de outros agentes interessados no tema, uma vez que a alfabetização financeira vai além do fato de impactar na saúde financeira daqueles que a possuem, mas também pode auxiliar de uma forma mais ampla naqueles que sofrem de outros comportamentos psicossociais, como o comportamento de compras compulsivas. Modelos dessa natureza tornam-se fundamentais para que se entenda a importância e os possíveis impactos da adoção de estratégias nacionais de alfabetização financeira, podendo auxiliar na construção de tratamentos. Demonstrando que o impacto que se imaginava ao estudar apenas a alfabetização financeira na propensão ao endividamento dos indivíduos, se torna ainda mais expressivo quando outros fatores comportamentais estão envolvidos nesta relação.

Palavras-chave: Alfabetização financeira. Variáveis socioeconômicas e demográficas. Fatores comportamentais. Invariância. Efeito integrado.

ABSTRACT

FINANCIAL LITERACY: RELATIONSHIPS WITH BEHAVIORAL FACTORS AND SOCIOECONOMIC AND DEMOGRAPHIC VARIABLES

AUTHOR: Ani Caroline Grigion Potrich

ADVISOR: Kelmara Mendes Vieira

Financial literacy has been recognized as an essential skill for individuals to act in the complex economic context. However, the evidence indicates that financial literacy is a complex phenomenon that it can be determinant of other behavioral factors, besides presenting itself differently in different socioeconomic and demographic variables. Thus, the present research seeks to innovate and advance in this theme, aiming to develop a model capable of encompassing the direct and indirect relations of financial literacy with the behavioral factors: materialism, compulsive buying and propensity to debt. In addition to identifying the invariance of the proposed model according to the socioeconomic and demographic variables, when verifying if a single model is adequate to measure the financial literacy of different groups of individuals and to point out the differences of averages existing between them. For that, this research was carried out with 2,487 individuals, using confirmatory factorial analysis, structural equation modeling and multigroup analysis, with eight propositions and six research hypotheses that integrate the proposed model. The main results showed that the majority had a low level of financial literacy, and the model for their measurement was invariant only for the variables gender, schooling and own income, and confirming three research propositions. In addition, five research hypotheses were confirmed, showing that the impact of financial literacy on compulsory buying was the largest among the proposed direct relationships. The total effects that financial literacy has on behavioral factors, we can see that the greatest impact was on compulsive buying behavior, followed by the impact on the propensity to debt and, finally, on materialism. These results are important for the development of public policies and other actors interested in the theme, since financial literacy goes beyond the fact of impacting the financial health of those who have it, but it can also help in a broader way those who suffer of other psychosocial behaviors, such as compulsive buying behavior. Models of this theme become fundamental to understand the importance and possible impacts of adopting national financial literacy strategies, and it can help in the development of treatments. The results showed that the impact imagined when studying only the financial literacy in the propensity to debt of the individuals becomes even more expressive when other behavioral factors are involved in this relation.

Keywords: Financial literacy. Socioeconomic and demographic variables. Behavioral factors. Invariance. Integrated effect.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo proposto e as respectivas hipóteses	108
Figura 2 – Localização da Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense.....	114
Figura 3 – Modelo de mensuração inicial com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Propensão ao Endividamento	143
Figura 4 – Modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Propensão ao Endividamento	147
Figura 5 – Modelo de mensuração inicial com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Materialismo.....	148
Figura 6 – Modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Materialismo.....	152
Figura 7 – Modelo de mensuração inicial com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Compras Compulsivas.....	153
Figura 8 – Modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Compras Compulsivas.....	156
Figura 9 – Modelo de mensuração inicial com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Atitude Financeira	157
Figura 10 – Modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Atitude Financeira	161
Figura 11 – Modelo de mensuração inicial com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Comportamento Financeiro.....	162
Figura 12 – Modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Comportamento Financeiro.....	166
Figura 13 – Modelo da alfabetização financeira com os coeficientes padronizados e significância das relações	169
Figura 14 – Modelo final de mensuração da alfabetização financeira	176
Figura 15 – Modelo final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do modelo integrado	191

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição amostral nas cidades pertencentes à Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense	127
Tabela 2 – Perfil dos respondentes através das variáveis: gênero, idade, estado civil, ser estudante, possuir dependentes, escolaridade, escolaridade dos pais e ocupação	129
Tabela 3 – Perfil da renda e da utilização de cartão de crédito pelos entrevistados.....	130
Tabela 4 – Perfil do gerenciamento financeiro dos entrevistados	132
Tabela 5 – Perfil de gastos e pagamentos dos entrevistados	133
Tabela 6 – Estatística descritiva do construto Propensão ao Endividamento.....	134
Tabela 7 – Estatística descritiva do construto Materialismo	135
Tabela 8 – Estatística descritiva do construto Compras Compulsivas	136
Tabela 9 – Estatística descritiva do construto Atitude Financeira.....	137
Tabela 10 – Estatística descritiva do construto Comportamento Financeiro	138
Tabela 11 – Frequência e percentual válido no construto Conhecimento Financeiro.....	139
Tabela 12 – Estatística descritiva do Conhecimento Financeiro Básico, Conhecimento Financeiro Avançado e Conhecimento Financeiro Total	141
Tabela 13 – Índices de ajuste do construto Propensão ao Endividamento - Modelo inicial ..	144
Tabela 14 – Índices de ajuste do construto Propensão ao Endividamento - Modelo final.....	146
Tabela 15 – Índices de ajuste do construto Materialismo - Modelo inicial.....	149
Tabela 16 – Índices de ajuste do construto Materialismo - Modelo final	151
Tabela 17 – Índices de ajuste do construto Compras Compulsivas - Modelo inicial.....	154
Tabela 18 – Índices de ajuste do construto Compras Compulsivas - Modelo final	155
Tabela 19 – Índices de ajuste do construto Atitude Financeira - Modelo inicial	158
Tabela 20 – Índices de ajuste do construto Atitude Financeira - Modelo final.....	160
Tabela 21 – Índices de ajuste do construto Comportamento Financeiro - Modelo inicial.....	163
Tabela 22 – Índices de ajuste do construto Comportamento Financeiro - Modelo final.....	165
Tabela 23 – Índices de ajuste do modelo integrado da alfabetização financeira.....	167
Tabela 24 – Estatística descritiva dos construtos conforme a distribuição dos <i>clusters</i>	172
Tabela 25 – Resultados dos testes de invariância entre os grupos das variáveis socioeconômicas e demográficas.....	178
Tabela 26 – Teste de diferença de médias e coeficientes padronizados da regressão na alfabetização financeira segundo a variável gênero	181
Tabela 27 – Teste de diferença de médias e coeficientes padronizados da regressão na alfabetização financeira segundo a variável escolaridade	183
Tabela 28 – Teste de diferença de médias e coeficientes padronizados da regressão na alfabetização financeira segundo a variável renda própria.....	185
Tabela 29 – Índices de ajuste do modelo integrado inicial.....	188
Tabela 30 – Correlações entre os erros das variáveis no modelo integrado final	189
Tabela 31 – Índices de ajuste do modelo integrado final	190
Tabela 32 – Relações entre os construtos do modelo integrado com o impacto dos efeitos direto, indireto e total.....	192

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais conceitos e dimensões que envolvem a alfabetização financeira	40
Quadro 2 – Definição e tarefas típicas para as categorias de cada dimensão de avaliação do PISA 2012.....	50
Quadro 3 – Descrição sumária dos cinco níveis de proficiência em alfabetização financeira propostos pelo PISA 2012	52
Quadro 4 – Principais instrumentos e dimensões que mensuram a alfabetização financeira ..	57
Quadro 5 – Relações entre o gênero e a alfabetização financeira	70
Quadro 6 – Relações entre a idade e a alfabetização financeira.....	76
Quadro 7 – Relações entre o estado civil e a alfabetização financeira.....	79
Quadro 8 – Relações entre possuir dependentes e a alfabetização financeira.....	81
Quadro 9 – Relações entre o nível de escolaridade e nível de escolaridade dos pais com a alfabetização financeira	85
Quadro 10 – Relações entre a ocupação e a alfabetização financeira	90
Quadro 11 – Relações entre a renda e a alfabetização financeira	94
Quadro 12 – Síntese das relações entre as variáveis socioeconômicas e demográficas e a alfabetização financeira.....	96
Quadro 13 – Descrição do instrumento de coleta de dados.....	112
Quadro 14 – População e amostra	115
Quadro 15 – Síntese das técnicas de análise dos dados utilizadas conforme os objetivos propostos	125
Quadro 16 – Método de utilização do Indicador de Alfabetização Financeira	175

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Instrumento de coleta de dados	223
Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	229
Apêndice 3 – Termo de Confidencialidade, Privacidade e Segurança dos Dados	231
Apêndice 4 – Construção do indicador de alfabetização financeira.....	233
Apêndice 5 – Percentual válido no construto Propensão ao Endividamento	237
Apêndice 6 – Percentual válido no construto Materialismo.....	239
Apêndice 7 – Percentual válido no construto Compras Compulsivas.....	241
Apêndice 8 – Percentual válido no construto Atitude Financeira	243
Apêndice 9 – Percentual válido no construto Comportamento Financeiro	245

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	25
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	29
1.2	OBJETIVO	31
1.2.1	Objetivo geral	31
1.2.2	Objetivos específicos	31
1.3	JUSTIFICATIVA	31
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO	33
2	REFERENCIAL TEÓRICO	35
2.1	ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA	35
2.1.1	Instrumentos de mensuração da alfabetização financeira	41
2.2	FATORES COMPORTAMENTAIS	59
2.2.1	Materialismo	59
2.2.2	Compras compulsivas	62
2.2.3	Propensão ao endividamento	63
2.3	RELAÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS COM A ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA	66
2.3.1	Gênero	67
2.3.2	Idade	74
2.3.3	Estado civil	78
2.3.4	Possuir dependentes	80
2.3.5	Nível de escolaridade e nível de escolaridade dos pais	82
2.3.6	Ocupação	88
2.3.7	Faixa de renda média mensal própria e familiar	92
2.3.8	Síntese das relações entre a alfabetização financeira e as variáveis socioeconômicas e demográficas	96
3	DESENVOLVIMENTO DO MODELO: PROPOSIÇÕES E HIPÓTESES	99
3.1	RELAÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS COM A ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: PROPOSIÇÕES DE PESQUISA	99
3.2	MODELO TEÓRICO: HIPÓTESES DE PESQUISA	101
4	MÉTODO	109
4.1	DELINEAMENTO DO ESTUDO	109
4.2	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	109
4.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA	113
4.4	ASPECTOS ÉTICOS	116
4.5	TÉCNICAS ESTATÍSTICAS	117
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	127
5.1	PERFIL DA AMOSTRA	127
5.2	ESTATÍSTICA DESCRITIVA DOS CONSTRUTOS INVESTIGADOS	134
5.3	VALIDAÇÃO DOS CONSTRUTOS	142
5.3.1	Validação do construto Propensão ao Endividamento	142
5.3.2	Validação do construto Materialismo	148
5.3.3	Validação do construto Compras Compulsivas	152
5.3.4	Validação do construto Atitude Financeira	156
5.3.5	Validação do construto Comportamento Financeiro	161
5.4	VALIDAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INDICADOR DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA	167
5.4.1	Desenvolvimento do Indicador de Alfabetização Financeira	171

5.5	ANÁLISE DE INVARIÂNCIA E DIFERENÇA DE MÉDIAS DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA SEGUNDO AS VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS	177
5.5.1	Teste de invariância do modelo de mensuração entre os grupos de variáveis socioeconômicas e demográficas.....	178
5.5.2	Teste de diferença de médias para os grupos com modelo de mensuração invariante.....	180
5.6	VALIDAÇÃO E ANÁLISE DO MODELO INTEGRADO	187
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
	REFERÊNCIAS	203

1 INTRODUÇÃO

A complexidade dos produtos financeiros, serviços e sistemas atualmente disponíveis à sociedade fazem com que os indivíduos necessitem ser capazes de tirar o máximo proveito das oportunidades que estes oferecem, mas também se torna primordial a compreensão dos riscos e das incertezas inerentes aos diferentes produtos e serviços. Por isso, a alfabetização financeira tornou-se uma habilidade essencial para a plena participação na sociedade (OECD, 2015c). Complementariamente, Messy e Monticone (2016) afirmam que a alfabetização financeira é uma competência crítica no século 21 para os indivíduos, sendo necessária a existência de esforços para o seu aprimoramento, a fim de apoiar o crescimento econômico em qualquer economia mundial.

No entanto, apesar de sua importância, vários estudos ao redor do mundo apontam que grande parte da população mundial ainda sofre de analfabetismo financeiro e que medidas para sanar tal problema são urgentes (LUSARDI; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; BROWN; GRAF, 2013; THALER, 2013; WORLD BANK, 2014; OECD, 2015a; MESSY; MONTICONE, 2016). Ademais, tanto governos de países desenvolvidos quanto de países emergentes estão preocupados com o nível de alfabetização financeira dos seus cidadãos, principalmente pelo difícil contexto econômico e financeiro existente e pelo reconhecimento de que a falta de alfabetização financeira é um dos fatores que contribuiu para decisões financeiras mal informadas e com enormes repercussões negativas (GERARDI; GOETTE; MEIER, 2010).

A *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OECD, 2015a) define a alfabetização financeira como sendo uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro individual. Complementariamente, Huston (2010) argumenta que a alfabetização financeira possui duas dimensões: o entendimento, que representa o conhecimento financeiro pessoal ou também denominado, educação financeira, e a sua utilização, ou seja, a aplicação de tais conhecimentos na gestão das finanças pessoais. Assim, o indivíduo pode possuir conhecimento financeiro, mas para ser considerado alfabetizado financeiramente, ele deve ter habilidade e confiança necessárias para aplicar esse conhecimento nas suas tomadas de decisões, uma vez que a alfabetização financeira vai além da ideia básica de educação financeira (MCCORMECK, 2009; HUSTON, 2010). Finke e Huston (2014) destacam ainda que a alfabetização financeira é um termo relativamente novo

na literatura e ainda existe uma confusão do que é a alfabetização financeira e como os indivíduos podem tornar-se financeiramente alfabetizados.

A alfabetização financeira traz benefícios tanto para os indivíduos, quanto para as famílias, tais como a melhora na autoconfiança, no controle e na independência (CONGER *et al.*, 1990; ALLEN *et al.*, 2007), incremento na satisfação conjugal (CLEEK; PEARSON, 1985; AMATO; ROGERS, 1997; KERKMANN *et al.*, 2000; OGGINS, 2003) e mudanças na riqueza ao longo do tempo (LUSARDI; MITCHELL, 2011; SCHMEISER; SELIGMAN, 2013). Há evidências crescentes de que as pessoas com índices mais elevados de alfabetização financeira são mais capazes de gerir o seu dinheiro, participar do mercado de ações e possuir um melhor desempenho em seus investimentos (HILGERT; HOGARTH; BEVERLY, 2003; HASTINGS; TEJEDA-ASHTON, 2008; LUSARDI; MITCHELL, 2011; VAN ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2011; ALLGOOD; WALSTAD, 2016).

Além do efeito direto nas decisões de investimento, a alfabetização financeira atua como antecedente de fatores comportamentais, tais como o materialismo, o comportamento de compra compulsiva e a propensão ao endividamento (PARROTTA; JOHNSON, 1998; TATZEL, 2002; LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010; DISNEY; GATHERGOOD, 2011; GARÐARSDÓTTIR; DITTMAR, 2012; PHAM; YAP; DOWLING, 2012; DONNELLY; IYER; HOWELL, 2012; ALEMIS; YAP, 2013; ALI; RAHMAN; BAKAR, 2015). Tatzel (2002) argumenta que as práticas de gestão financeira podem moderar o relacionamento entre o materialismo e o comportamento de compras compulsivas. Alemis e Yap (2013) destacam que o papel de mediação das práticas de gestão financeira no comportamento de compra compulsiva dá suporte ao treinamento das habilidades de gestão financeira na prevenção e tratamento de comprar compulsivamente. Já Disney e Gathergood (2011) ressaltam que os indivíduos com menores níveis de alfabetização financeira tendem a subestimar o custo do crédito, estando mais propensos ao endividamento. Além disso, baixos níveis de alfabetização financeira podem danificar a capacidade das pessoas para a acumulação de riqueza, uma vez que estes indivíduos são mais propensos a assumir dívidas enquanto jovem (LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010). Complementariamente, Ali, Rahman e Bakar (2015) averiguaram que o perigo da má gestão financeira, advinda da falta de alfabetização financeira, é a possibilidade de se gastar mais do que os ganhos e com isso, ocasionar dívidas.

Ao encontro desta importância, Asemgeest (2015) argumenta que a gestão das finanças pessoais torna-se relevante e geralmente é ensinada em um formato normativo, onde os indivíduos aprendem de uma forma estruturada, sistemática e prescritiva. Porém, este processo único para todos os indivíduos torna-se improvável, uma vez que os indivíduos

aprendem e processam informações de formas diferentes, pois variáveis demográficas, cognitivas e psicológicas impactam no seu comportamento de gestão financeira pessoal (PROCHASKA-CUE, 1993; ALSEMGEEST, 2015).

No entanto, estas influências não são isoladas, uma vez que existem efeitos diretos e indiretos que permeiam estas relações. Uma vez que o comportamento materialista impacta no comportamento de comprar compulsivamente, pois as consequências ambientais do materialismo estão relacionadas mais especificamente ao consumismo excessivo (KILBOURNE; LAFORGE, 2010). Já o comportamento de compras compulsivas impacta diretamente na propensão ao endividamento, conforme Koram *et al.* (2006) averiguaram que quando os consumidores perdem sua capacidade para controlar o processo de compra, eles irão comprar coisas que talvez não utilizem, em quantidade excedente ao necessário e superior ao permitido por seus recursos financeiros, ocasionando problemas financeiros.

Neste contexto, Pham, Yap e Dowling (2012) sugerem que além de contrariar valores materialistas, a alfabetização financeira e o aconselhamento a fim de melhorar as práticas de gestão financeira dos indivíduos, também podem ter um impacto considerável na prevenção de comportamentos de compras compulsivas. Troisi, Christopher e Marek (2006) descobriram que o materialismo e a prática de não poupar dinheiro são antecedentes ao comportamento de compra impulsiva. Além disso, de acordo com Richins (2011), a prevenção de problemas de crédito ao consumidor é muito mais eficaz do que tentar saná-los posteriormente, e a alfabetização financeira destina-se a fazer exatamente isso, uma vez que com os recentes aumentos na execução de empréstimos e inadimplência nos cartões de crédito, a alfabetização financeira começou a receber atenção considerável.

Também existem evidências de que a alfabetização financeira esteja associada a variáveis socioeconômicas e demográficas e muitos estudos procuraram identificar essas relações. No que tange ao gênero, diversos autores relatam que as mulheres geralmente apresentam menores índices de alfabetização financeira do que os homens (CHEN; VOLPE, 1998; LUSARDI; MITCHELL, 2006; AGARWAL *et al.*, 2009; LUSARDI; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; SCHERESBERG, 2013; LUSARDI; WALLACE, 2013; BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014; MAHDAVI; HORTON, 2014; SWAMY, 2014; AGARWALLA *et al.*, 2015). Especificamente, Bucher-Koenen *et al.* (2014) observaram grandes diferenças entre mulheres e homens, sendo que além de as mulheres demonstrarem menores níveis de alfabetização financeira em todos os países pesquisados, elas também são mais propensas a afirmarem que não sabem a resposta correta. Mahdavi e Horton (2014)

justificam essa diferença apontando que homens e mulheres adquirem alfabetização financeira de formas distintas.

Quanto à idade, a alfabetização financeira tende a ser maior entre os adultos no meio de seu ciclo de vida, e geralmente é menor entre os jovens e os idosos (LUSARDI; TUFANO, 2009; LUSARDI; MITCHELL, 2011; FINKE; HOWE; HUSTON, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; LUSARDI *et al.*, 2014; BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014; CLARK; LUSARDI; MITCHELL, 2015) e os solteiros são significativamente mais propensos a ter menores níveis do que os casados (RESEARCH, 2003; BROWN; GRAF, 2013; BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014). Baixos níveis de renda estão associados a baixos níveis de alfabetização financeira (LUSARDI; TUFANO, 2009; MONTICONE, 2010; BOTTAZZI; JAPPELLI; PADULA, 2011; HASTINGS; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; GERRANS; HEANEY, 2014; SALLEH, 2015; CLARK; LUSARDI; MITCHELL, 2015; GROHMANN; KOUWENBERG; MENKHOFF, 2015) e indivíduos com maior tempo de serviço são mais alfabetizados financeiramente (CHEN; VOLPE, 1998; RESEARCH, 2003; LUSARDI *et al.*, 2014; SARIGÜL, 2014).

Já Thaler (2013) sugere que a alfabetização financeira está altamente correlacionada com outros fatores, como por exemplo, a escolaridade. Assim como afirmam Messy e Monticone (2016), que baixos níveis de educação estão intimamente ligados aos baixos níveis de alfabetização financeira. No entanto, a relação com a escolaridade vai além do indivíduo, Brown e Taylor (2016) afirmam que os pais que possuem certo grau de alfabetização financeira podem transmitir essas habilidades aos seus descendentes, a fim de equipá-los com habilidades de gestão financeira para o futuro.

Portanto, as evidências indicam que a alfabetização financeira é um fenômeno complexo, multifacetado, direta e indiretamente determinante de outros fatores comportamentais e que se apresenta de maneira distinta em diferentes variáveis socioeconômicas e demográficas. Assim, este estudo inova ao buscar desenvolver um modelo capaz de abarcar as relações diretas e indiretas da alfabetização financeira com os fatores comportamentais: materialismo, compras compulsivas e propensão ao endividamento. Busca-se ainda identificar a invariância do modelo da alfabetização financeira segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas, ou seja, verificar se um único modelo é adequado para mensurá-la a partir de diferentes grupos de indivíduos, detectando quais as diferenças de médias existentes entre os que apresentam um modelo invariante.

Para tanto se propõe a construção e validação de um modelo de equações estruturais, por se tratar de uma técnica multivariada que, ao combinar aspectos da regressão múltipla e

da análise fatorial, possibilita estimar, de forma simultânea, uma série de relações de dependência, sejam elas diretas ou indiretas (HAIR *et al.*, 2009). Ademais, técnicas baseadas em modelagem de equações estruturais são particularmente úteis na expansão e desenvolvimento da teoria, em especial quando proporcionam uma melhor compreensão das relações que podem não estar aparentes inicialmente (ASTRACHAN; PATEL; WANZENREID, 2014).

Desenvolver modelos capazes de identificar o papel da alfabetização financeira no comportamento e nas decisões é fundamental para que se entenda a importância e os possíveis impactos da adoção de estratégias nacionais de alfabetização financeira. Modelos dessa natureza também contribuem para que os agentes financeiros desenvolvam produtos adequados aos diferentes perfis de clientes. E, ainda, do ponto de vista comportamental, a possível comprovação dos impactos da alfabetização financeira sobre comportamentos materialistas, compras compulsivas e propensão ao endividamento pode auxiliar na construção de tratamentos.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Embora a investigação na área da alfabetização financeira venha aumentando ao longo dos anos, existe ainda pouca consistência na forma como a mesma é definida e mensurada, uma vez que vários autores abordam o tema de forma distinta, atribuindo-lhe diferentes conotações e maneiras de mensuração (FERNANDES; LYNCH; NETEMEYER, 2014). Além disso, vários estudos têm destacado o uso ambíguo da alfabetização financeira. Huston (2010) apresentou um resumo da vasta gama de medidas de alfabetização financeira utilizadas na última década, incluindo as definições da mesma e descobriu que os termos de alfabetização financeira, do conhecimento financeiro e da educação financeira são frequentemente usados como sinônimos.

Da mesma forma, Robb, Babiarz e Woodyard (2012) realizaram uma análise das diferentes definições de alfabetização financeira utilizada na literatura, porém enfatizaram que a falta de uma medida consistente de alfabetização financeira limita a extensão em que os resultados das pesquisas sobre alfabetização financeira podem ser usados para acompanhar as mudanças na alfabetização financeira da população em geral. Com isso, um dos dilemas na análise da alfabetização financeira é o entendimento das diferenças entre esse construto, o conhecimento financeiro e a educação financeira, uma vez que a alfabetização financeira vai

além da ideia básica da educação financeira (MCCORMECK, 2009; HUSTON, 2010; ROBB; BABIARZ; WOODYARD, 2012).

Assim, Huston (2010), Remund (2010) e Robb, Babiartz e Woodyard (2012) destacam que a alfabetização financeira possui uma definição, no entanto, não há nenhum instrumento padronizado para medi-la, concluindo que a mensuração da alfabetização financeira é outra questão complexa. Lusardi e Mitchell (2011) comentam que embora seja importante avaliar como as pessoas são financeiramente alfabetizadas, na prática, é difícil explorar a forma como as pessoas processam as informações financeiras e tomam suas decisões baseadas neste conhecimento e por isso, torna-se difícil a sua correta mensuração.

Além disso, diversas pesquisas têm comprovado relações das variáveis socioeconômicas e demográficas com a alfabetização financeira dos indivíduos (CHEN; VOLPE, 1998; LUSARDI; TUFANO, 2009; MONTICONE, 2010; BOTTAZZI; JAPPELLI; PADULA, 2011; LUSARDI; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; BROWN; GRAF, 2013; GERRANS; HEANEY, 2014; SARIGÜL, 2014; LUSARDI *et al.*, 2014; BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014; SALLEH, 2015; GROHMANN; KOUWENBERG; MENKHOFF, 2015; MESSY, MONTICONE, 2016) e isto faz com que o problema da sua mensuração se torne ainda maior, uma vez que surgem questionamentos de quais dimensões são mais robustas para os diferentes perfis da sociedade.

No entanto, a complexidade da alfabetização financeira vai além da sua mensuração ou da relação com diferentes grupos, ainda há muita incerteza no que tange aos efeitos integrados que esta pode ter quando associada a outros fatores comportamentais, como o materialismo e o comportamento de compras compulsivas, tendo como resultado uma maior propensão ao endividamento. Uma vez que diversos estudos têm considerado que a alfabetização financeira afeta a dívida dos indivíduos, onde o baixo nível de alfabetização financeira está relacionado com encargos de dívida mais elevados, com a ocorrência em taxas maiores e com o aumento da inadimplência (CAMPBELL, 2006; BUCKS; PENCE 2008; GERARDI, GOETTE; MEIER, 2010; DISNEY; GATHERGOOD, 2013; DUCA; KUMAR, 2014), além de impactar diretamente nos comportamentos de compras compulsivas e materialistas (TATZEL, 2002; RUSSELL; BROOKS; NAIR, 2006; RICHINS, 2011; PHAM; YAP; DOWLING, 2012; GARDARSDÓTTIR; DITTMAR, 2012; ALEMIS; YAP, 2013).

Assim, deve-se considerar que o tema em questão, deve ser compreendido a partir da interdisciplinariedade, buscando suporte nas diversas áreas do conhecimento. Isto ocorre pela multidimensionalidade da alfabetização financeira, que pode possuir relações distintas com os mais diversos aspectos do indivíduo, como os fatores comportamentais, o gênero, a renda, a

escolaridade, entre outros. Em consequência disso, o presente trabalho busca responder à seguinte questão de pesquisa: Qual é o impacto da alfabetização financeira nos fatores comportamentais e quais as diferenças existentes em grupos socioeconômicos e demográficos distintos dos moradores da Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense?

1.2 OBJETIVO

1.2.1 Objetivo geral

Desenvolver um modelo capaz de identificar o efeito integrado da alfabetização financeira sobre os fatores comportamentais materialismo, compras compulsivas e propensão ao endividamento, além de encontrar as diferenças de alfabetização financeira entre as variáveis socioeconômicas e demográficas.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Construir e validar um instrumento para avaliação do nível de alfabetização financeira;
- b) Desenvolver um modelo para identificar os efeitos integrados da alfabetização financeira sobre os fatores comportamentais materialismo, compras compulsivas e propensão ao endividamento;
- c) Testar a invariância e a diferença de médias (análise multigrupo) da alfabetização financeira, segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas.

1.3 JUSTIFICATIVA

A alfabetização financeira tornou-se um elemento importante de estabilidade econômica e financeira, tanto para o indivíduo, como para a economia. Sendo que a ampla evolução do mercado financeiro tem contribuído para as preocupações crescentes sobre o nível de alfabetização financeira dos cidadãos de muitos países. Além disso, a crise financeira de 2008 demonstrou que as decisões financeiras mal informadas podem ter enormes consequências negativas e muitas vezes, são causadas pela falta de alfabetização financeira (LUSARDI, 2015b).

Neste panorama, o que os adultos sabem sobre finanças torna-se importante por causa das muitas responsabilidades financeiras pessoais que os indivíduos assumem ao longo da vida. Uma vez que cada vez mais devem gerenciar orçamentos familiares sujeitos às restrições de renda, comprar produtos e serviços, monitorar contas financeiras, lidar com cartões de crédito e poupar ou investir para um evento futuro, como a faculdade de um filho ou a sua aposentadoria. No entanto, a dificuldade em saber tudo o que uma pessoa deveria conhecer sobre finanças pessoais em um mundo financeiro de constante mudança e cada vez mais complexo é um enorme desafio, mesmo para os adultos mais educados (ALLGOOD; WALSTAD, 2016).

Assim, compreende-se que a falta dessa ferramenta faz com que as pessoas tomem decisões ineficientes, diante dos diversos produtos financeiros ofertados (MITCHELL; LUSARDI, 2015). Uma vez que ser alfabetizado financeiramente torna as pessoas mais informadas acerca de aspectos financeiros e mais capacitadas para decidir, aproveitando as oportunidades ofertadas e identificando os riscos nelas existentes (AMADEU, 2009) e fazendo com que as pessoas tomem decisões mais assertivas diante do uso do dinheiro (JUMP\$TART COALITION, 2007; HUNG; PARKER; YOONG, 2009; HUSTON, 2010; ATKINSON; MESSY, 2015; OECD, 2015a).

Corroborando, Atkinson e Messy (2015) ressaltam o fato de que as competências de ser alfabetizado financeiramente não só facilita a inclusão financeira dos indivíduos, como também são vitais para uma efetiva gestão do dinheiro e do planejamento financeiro de longo prazo, além de que tais comportamentos podem melhorar significativamente o bem-estar financeiro. Disney, Gathergood e Weber (2015) também destacam que a alfabetização financeira pode ser vista como fundamental para a tomada de decisão financeira e para a independência financeira.

Além disso, dadas as muitas diferenças de alfabetização financeira entre diferentes grupos socioeconômicos e demográficos, pode ser importante se concentrar naqueles mais vulneráveis e, por exemplo, criar programas direcionados a estes grupos. Ademais, com a disponibilidade de dados sobre alfabetização financeira, também é possível explicar melhor as causas e consequências do analfabetismo financeiro e essa informação, por sua vez, pode auxiliar a enriquecer o quadro para estudar a tomada de decisão financeira (LUSARDI, 2015a).

Apesar dessa importância, ainda não há estudos que comprovem os efeitos integrados que a alfabetização financeira pode ter quando associada a diferentes fatores comportamentais, como o indivíduo com comportamentos de compras compulsivas e

materialistas, e o quanto isso impacta de forma conjunta, na sua propensão ao endividamento. Uma vez que existem estudos que comprovam estas relações de forma isoladas, afirmando que o fato de o indivíduo ser alfabetizado financeiramente diminui o seu comportamento de compras compulsivas e materialista, além da sua propensão a endividar-se (GARÐARSDÓTTIR; DITTMAR, 2012; ALEMIS; YAP, 2013; ACHTZIGER *et al.*, 2015; CAKARNIS; D'ALESSANDRO, 2015).

Assim, espera-se construir e validar um modelo para avaliar os efeitos diretos e indiretos da alfabetização financeira sobre o materialismo, a compra compulsiva e a propensão ao endividamento, gerando um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto que ainda é incipiente. Uma vez que a literatura sobre este tema argumenta que a alfabetização financeira seria um conceito multidimensional e ainda não há um modelo consolidado de avaliação do quanto à alfabetização financeira, quando associada a outros fatores comportamentais, pode resultar sobre a propensão ao endividamento, buscando comprovar que o efeito desta pode ser ainda maior do que quando apenas a mensuramos isoladamente.

Além disso, buscar-se-á por meio de proposições apontadas pela literatura do efeito que variáveis socioeconômicas e demográficas possuem nos níveis de alfabetização financeira dos indivíduos e ainda se o modelo de mensuração pode ser o mesmo para diferentes grupos. Assim, o presente trabalho além de inovar no desenvolvimento de um modelo para a análise do papel da alfabetização financeira integrado a outros fatores comportamentais, também analisará as diferenças existentes entre as variáveis socioeconômicas e demográficas na alfabetização financeira.

Tais resultados contribuirão para a construção de modelos de concessão de crédito mais robustos e adequados a cada variável socioeconômico e demográfico, e conseqüentemente, auxiliar na redução dos níveis de inadimplência da população. Além disso, poderão auxiliar na elaboração de tratamentos para grupos com comportamentos materialistas, compradores compulsivos e com alta propensão ao endividamento. As instituições financeiras também terão a oportunidade de usufruir destas informações a fim de conhecer melhor a alfabetização financeira de seus clientes e construir produtos mais adaptados a cada perfil.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente pesquisa está estruturada em cinco capítulos. No primeiro capítulo é apresentada uma visão geral dos temas a serem estudados, a definição do problema de

pesquisa, os objetivos e a justificativa. No segundo capítulo é apresentada a fundamentação teórica, a qual oferece embasamento para o estudo. O referencial está dividido nos seguintes tópicos: entendimento da alfabetização financeira, instrumentos de mensuração da mesma, os fatores comportamentais (materialismo, compras compulsivas e propensão ao endividamento) e por fim, a relação das variáveis socioeconômicas e demográficas com a alfabetização financeira. O terceiro capítulo compreende o desenvolvimento do modelo teórico. O quarto capítulo descreve os procedimentos metodológicos que orientarão a pesquisa, apresentando o delineamento do estudo e a definição de termos e variáveis, a população e amostra, os aspectos éticos e as técnicas de análise de dados. No quinto capítulo estão descritos os resultados do trabalho, ao descrever o perfil da amostra, a estatística descritiva e validação dos construtos investigados, o desenvolvimento do indicador de alfabetização financeira e a partir deste, a análise da invariância do modelo e identificação das diferenças de médias, concluindo com a validação e análise do modelo integrado. Por fim, o sexto capítulo apresenta as considerações finais acerca do presente trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta as teorias que fundamentam o estudo e está dividido em três blocos. O primeiro discute o tema central da pesquisa, a alfabetização financeira, trazendo seus principais conceitos e instrumentos para mensuração; o segundo objetiva-se a esclarecer os principais fatores comportamentais que possuem relação com a alfabetização financeira, sendo eles: o materialismo, as compras compulsivas e a propensão ao endividamento. Por fim, o terceiro bloco elucida a relação da alfabetização financeira com as variáveis socioeconômicas e demográficas.

2.1 ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Os mercados financeiros estão cada vez mais complexos e tornando-se mais acessíveis a mais pessoas, e com isso, a capacidade dos indivíduos para aperfeiçoarem a maneira como administram suas finanças se torna essencial. Neste panorama, a alfabetização financeira tornou-se um tema em ascensão nas pesquisas nacionais e internacionais, uma vez que ela vem sendo reconhecida como um importante elemento de prevenção contra as adversidades financeiras (OPLETALOVÁ, 2015), ao atuar como uma ferramenta de capacitação intelectual para a tomada de decisões mais responsáveis (HUSTON, 2010).

O termo alfabetização financeira, em inglês intitulado *financial literacy*, não possui na literatura uma definição única e simples, uma vez que é um tema complexo e engloba um conjunto amplo de aspectos, partindo desde o entendimento de conceitos financeiros chaves, passando pela habilidade e confiança para administrar de forma apropriada suas finanças pessoais até chegar a um comportamento eficiente, balizado em decisões de curto prazo e planejamento financeiro de longo prazo, que possibilitem a manutenção financeira em meio a qualquer evento relacionado à vida e às mudanças de condições econômicas (REMUND, 2010).

Neste contexto, destaca-se que a alfabetização financeira tem sido frequentemente utilizada como sinônimo de educação financeira ou conhecimento financeiro. No entanto, há diversos autores que justificam que esses dois construtos são conceitualmente diferentes e ao serem utilizados como sinônimos, este fato pode acarretar problemas, uma vez que a alfabetização financeira vai além da educação financeira dos indivíduos. Um dos autores que enfatizaram as diferenças conceituais entre estes dois termos foi Huston (2010), o qual argumenta que a alfabetização financeira possui duas dimensões: a primeira seria o

entendimento, que representaria o construto do conhecimento financeiro ou a também conhecida, educação financeira, já a segunda dimensão trata-se da sua utilização, ou seja, a aplicação de tais conhecimentos na gestão das finanças pessoais.

Outra pesquisa que se preocupou em determinar tal diferença foi a realizada por Hung, Parker e Yoong (2009), os quais definem a educação financeira como sendo o processo pelo qual as pessoas melhoram sua compreensão em relação aos produtos e serviços financeiros, diferentemente do conceito da alfabetização financeira, definida pelos autores como sendo a capacidade de usar este conhecimento e as habilidades adquiridas para gerir de forma mais eficaz os recursos, proporcionando um bem-estar financeiro aos indivíduos.

Além disso, de acordo com Messy e Monticone (2016), a alfabetização financeira é uma competência crítica no século 21 para os indivíduos, já a educação financeira é um complemento essencial para a proteção e a inclusão financeira dos consumidores, sendo que devem existir esforços para o aprimoramento de ambas, a fim de apoiar o crescimento econômico em qualquer economia mundial. De forma similar, Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014) afirmam que a educação financeira pode ser vista como um "remédio de informações" para uma combinação de políticas que inclui: oferecer mais opções aos indivíduos; proporcionar melhores informações e a partir destes, fornecer incentivos aos consumidores mudarem seus comportamentos.

Outra pesquisa recente que traz uma definição ampla de alfabetização financeira, porém ao mensurá-la apenas utiliza questões de conhecimento financeiro, é o estudo realizado por Lusardi (2015a), o qual define alfabetização financeira como sendo a capacidade de processar informações econômicas e tomar decisões informadas sobre planejamento financeiro, acumulação de riqueza, dívida e aposentadoria. De forma complementar, Gerrans e Heaney (2014) definem a alfabetização financeira como parte de um "arsenal político" que visa facilitar a obtenção de melhores resultados para os consumidores.

Neste mesmo sentido, a alfabetização financeira, segundo Lusardi e Tufano (2009), pode ser conceituada como a capacidade de tomar decisões simples sobre os contratos de dívida, mais especificadamente, a aplicação dos conhecimentos básicos sobre juros compostos, no contexto cotidiano das escolhas financeiras. Já para Schagen (1997) e Mandell (2007), a alfabetização financeira é definida como sendo a capacidade de avaliar os novos e complexos instrumentos financeiros e fazer julgamentos informados, tanto na escolha desses instrumentos, como no seu uso mais adequado. Além de que ela deve sempre estar pautada na tomada de decisão eficaz em relação ao uso e gestão do dinheiro (NOCTOR; STONEY;

STRADLING, 1992; BEAL; DELPACHITRA, 2003; ANZ, 2008; SERVON; KAESTNER, 2008).

Com isso, percebe-se que embora existam várias definições e dimensões utilizadas para a alfabetização financeira, destaca-se a representatividade das que foram desenvolvidas pela *Organisation for Economic Co-Operation and Development* (OECD), a qual mensura a alfabetização financeira como uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro individual (OECD, 2015a). Além deste conceito mais simples, a OECD também se refere à alfabetização financeira incorporando mais elementos a sua definição, tratando-a de forma mais abrangente ao conceituá-la como o conhecimento e a compreensão de conceitos e riscos financeiros; as habilidades, a motivação e a confiança para aplicar esse conhecimento; e a compreensão, a fim de tomar decisões eficazes em uma variedade de contextos financeiros, para com isso, melhorar o bem-estar financeiro dos indivíduos e da sociedade, a fim de permitir a participação na vida econômica (OECD, 2015b). Assim, a OECD mensura a alfabetização financeira em três dimensões: a educação financeira ou conhecimento financeiro, o comportamento financeiro e a atitude financeira.

Pode-se dizer assim, que o conceito de alfabetização financeira desenvolvido pela OECD (2015a) revela uma interligação entre suas dimensões, sendo que o conhecimento financeiro é a ferramenta que coordena as atitudes dos indivíduos, as quais, por sua vez, influenciam o comportamento de gestão financeira (HUNG; PARKER; YOONG, 2009). Diante disto, busca-se esclarecer o que representa cada uma dessas dimensões e o que significam.

Inicialmente, tem-se a dimensão do conhecimento financeiro, também conhecido como educação financeira, a qual pode ser definida como um tipo particular de capital humano que se adquire ao longo do ciclo de vida, por meio da aprendizagem de assuntos que afetam a capacidade para gerir receitas, despesas e poupança de forma eficaz (DELAVANDE; ROHWEDDER; WILLIS, 2008). Complementariamente, Lizote e Verdinelli (2014) afirmam que como em qualquer outro processo de aprendizagem, as etapas de receber, assimilar e absorver as informações transmitidas torna os indivíduos capazes de aperfeiçoar e aprofundar os conhecimentos, e com isso, melhoram suas práticas. Logo, o conhecimento financeiro pode ser entendido como a capacidade de um indivíduo compreender as informações financeiras vinculadas às transações operacionais (HUSTON, 2010).

O conhecimento financeiro, segundo Danes e Haberman (2007), é desenvolvido através das interações, ao transmitir e ao receber informações em grupo. Corroborando,

Oliveira (2012) explica que o conhecimento financeiro não é apenas conferir contas bancárias ou construir orçamentos para poupança futura, mas sim, ter uma visão sistêmica de todas as decisões de crédito, poupança, investimento e consumo, compatíveis com a sua realidade financeira. Já para a OECD, o conhecimento financeiro é essencial para determinar se o indivíduo é financeiramente educado, englobando questões em relação a conceitos como juros simples e compostos, risco e retorno, e inflação (ATKINSON; MESSY, 2012). Neste sentido, Vitt (2004) concluiu que é por meio dele que as pessoas moldam o seu curso de vida, melhorando o acesso à saúde, ao crédito, ao investimento e à acumulação e proteção de ativos.

No entanto, ter conhecimento financeiro ou ser educado financeiramente não torna os indivíduos capazes de garantir uma gestão eficaz dos recursos monetários, uma vez que há a influência do conhecimento financeiro sobre a atitude financeira (NORVILITIS; MACLEAN, 2010; XIAO *et al.*, 2011). Shockey (2002) define atitude financeira como sendo a combinação de conceitos, informações e emoções sobre a aprendizagem que resulta em uma predisposição a reagir favoravelmente. Com isso, o desenvolvimento de atitudes pode ser o resultado da experiência direta de um indivíduo, resultante da sua exposição ou do seu condicionamento ao conteúdo tratado (DE HOUWER; THOMAS; BAEYENS, 2001; FAZIO; EISER; SHOOK, 2004). Sendo que ela pode ser desenvolvida por meio de sentimentos, emoções ou opiniões momentâneas ou ainda, evoluir para uma posição habitual, que pode influenciar no longo prazo o comportamento de alguém (QFINANCE, 2013).

Além disso, a atitude financeira pode ser estabelecida através de crenças econômicas e não econômicas realizadas por um tomador de decisão sobre o resultado de um determinado comportamento e são, portanto, um fator-chave no processo de tomada de decisão pessoal (AJZEN, 1991). Entretanto, pesquisas demonstram que o desenvolvimento da atitude (formação ou mudança) pode estar sujeito a estímulos contextuais (DASGUPTA; GREENWALD, 2001; WITTENBRINK; JUDD; PARQUE, 2001). Especificamente, Fazio, Eiser e Shook (2004) elucidam que as atitudes financeiras decorrentes diretamente do uso do dinheiro, se estabelecem pelas experiências que cada indivíduo está condicionado, e como cada um tem seu próprio contexto econômico, as atitudes financeiras acabam tornando-se distintas de uma pessoa para outra.

Todavia, não basta apenas ter conhecimentos e atitudes financeiras para estabilizar-se financeiramente, uma vez que para colocá-los em prática, além da aprendizagem dos conceitos e a pré-disposição para agir, é indispensável o reconhecimento de sua situação financeira. De acordo com Pietras (2014), ao unir tais dimensões, o indivíduo conseguirá

operar suas despesas, ganhos e investimentos que foram e que serão realizados, interessando-se pelo dinheiro e identificando as oportunidades, a fim de estar sempre ampliando sua inteligência financeira, ao respeitar suas características e suas potencialidades.

Neste contexto, o comportamento financeiro é revelado como a última dimensão da alfabetização financeira, o qual segundo a OECD (2013a) é um elemento essencial e sem dúvida o mais importante dentre os três, uma vez que é o comportamento que concretiza o equilíbrio ou o desequilíbrio financeiro. Segundo Atkinson e Messy (2012), os resultados positivos de ser financeiramente alfabetizado são movidos pelo comportamento, tais como o planejamento de despesas e a construção da segurança financeira, por outro lado, certos comportamentos, tais como o uso excessivo de crédito, podem reduzir o bem-estar financeiro.

Corroborando com isso, ter um comportamento financeiro adequado requer no mínimo cinco requisitos: honrar com as despesas mensais, ter as finanças sob controle, planejar o futuro, fazer escolhas assertivas de produtos financeiros e manter-se atualizado das questões financeiras (MUNDY, 2011). Concluindo-se, portanto, que o comportamento financeiro é a maneira como os indivíduos lidam com o dinheiro em suas vidas (OECD, 2013b).

Assim, percebe-se que a alfabetização financeira somente é capaz de auxiliar no desenvolvimento das capacidades necessárias para fazer escolhas bem informadas ao inter-relacionar conhecimentos, atitudes e comportamentos financeiros (VITT *et al.*, 2000). Além de ser no esforço sistemático e contínuo de desenvolvimento e aprimoramento dos conhecimentos, atitudes e comportamentos que a alfabetização financeira desempenha papel chave para a tomada de decisões responsáveis (XIAO *et al.*, 2011).

Por isso, ser alfabetizado financeiramente é de extrema importância, porque torna as pessoas mais informadas acerca de aspectos financeiros e mais capacitadas para decidir, aproveitando as oportunidades ofertadas e identificando os riscos nelas existentes (AMADEU, 2009). Sendo assim, deter uma boa alfabetização financeira faz com que as pessoas tomem decisões mais assertivas diante do uso do dinheiro (JUMP\$TART COALITION, 2007; HUNG; PARKER; YOONG, 2009; HUSTON, 2010; ATKINSON; MESSY, 2015; OECD, 2015a).

Dada sua importância, Atkinson e Messy (2015) ressaltam o fato de que as competências de ser alfabetizado financeiramente não só facilita a inclusão financeira dos indivíduos, como também são vitais para uma efetiva gestão do dinheiro e do planejamento financeiro de longo prazo, além de que tais comportamentos podem melhorar significativamente o bem-estar financeiro.

O Quadro 1 apresenta uma síntese dos principais conceitos e dimensões que envolvem a alfabetização financeira.

Quadro 1 – Principais conceitos e dimensões que envolvem a alfabetização financeira

(continua)

Conceitos de Alfabetização Financeira	Dimensões	Autores
O conhecimento financeiro e a aplicação desse conhecimento, com autoconfiança na tomada de decisões financeiras.	Conhecimento financeiro e Aplicação do Conhecimento	Huston (2010)
A capacidade de usar o conhecimento e as habilidades adquiridas para uma melhor gestão.	Conhecimento financeiro e Habilidades	Jump\$Start Coalition (2007); Hung, Parker e Yoong (2009)
A capacidade de tomar decisões simples no contexto cotidiano das escolhas financeiras.	Decisões cotidianas	Lusardi e Tufano (2009)
A capacidade de avaliar as opções financeiras e fazer julgamentos informados.	Avaliação e julgamento	Schagen (1997) e Mandell (2007)
A capacidade de compreender a informação financeira e tomar decisões eficazes, utilizando essa informação.	Compreensão e decisão	Noctor, Stoney e Stradling (1992); Beal e Delpachitra (2003); ANZ (2008); Servon e Kaestner (2008)
Vai além da ideia básica da educação financeira, onde a influência do conhecimento financeiro sobre o comportamento é mediada pelas atitudes financeiras do estudante.	Conhecimento, comportamento e atitudes	Norvilitis e MacLean (2010) e Xiao <i>et al.</i> (2011)
A escolha de inúmeras alternativas para o estabelecimento dos objetivos financeiros.	Escolha eficaz	Criddle (2006)
Envolve apenas o conhecimento financeiro.	Conhecimento financeiro	Hilgert, Hogarth e Beverly (2003)
Engloba as experiências financeiras dos indivíduos.	Experiências financeiras	Moore (2003)
A tomada de decisões financeiras informadas.	Decisões financeiras	Remund (2010)
O capital humano, medido por meio da educação ou da experiência formal.	Educação financeira	Crook (2002); Kerr e Dunn (2002)
O capital humano mais específico, medido através de questões de conhecimentos financeiros.	Conhecimento financeiro	Courchane e Zorn (2005); Lusardi e Tufano (2009)
Mensurada através de um conjunto de perguntas que medem conceitos financeiros básicos, tais como capitalização de juros, inflação e diversificação de risco.	Conhecimento financeiro	Lusardi e Mitchell (2013)
É uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro individual. Engloba a alfabetização financeira em três dimensões: o conhecimento financeiro, o comportamento financeiro e a atitude financeira.	Conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira	Atkinson e Messy (2012); OECD (2015a); OECD (2015b)
É definida como parte de um "arsenal político" que visa facilitar a obtenção de melhores resultados para os consumidores. Porém é mensurada com questões de conhecimento financeiro.	Conhecimento financeiro	Gerrans e Heaney (2014)

Quadro 1 – Principais conceitos e dimensões que envolvem a alfabetização financeira

(conclusão)

Conceitos de Alfabetização Financeira	Dimensões	Autores
É vista como fundamental para a tomada de decisão financeira e para a independência financeira, medida com questões de conhecimento sobre juros e amortização de dívidas.	Conhecimento financeiro	Disney, Gathergood e Weber (2015)
É definida como a capacidade de processar informações econômicas e tomar decisões informadas sobre planejamento financeiro, acumulação de riqueza, dívida e aposentadoria. Porém é mensurada com questões de conhecimento financeiro.	Conhecimento financeiro	Lusardi (2015a)
É uma competência crítica no século 21 para os indivíduos e segue orientação da OECD quanto às dimensões que a mensuram.	Conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira	Messy e Monticone (2016)

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Em síntese, percebe-se que diversos autores conceituam a alfabetização financeira como sinônima de conhecimento financeiro, pois a mensuram apenas com esse construto. Alguns mais recentes trazem uma definição mais ampla, porém ao mensurá-la utilizam apenas questões de conhecimento financeiro. Percebe-se com isso que a maioria das definições norteia conceitos de conhecimento e apenas alguns a utilizam de forma mais abrangente, mensurando-a também com a dimensão de aplicação desse conhecimento. Além disso, nota-se que alguns pesquisadores a conceituam de forma ampla, utilizando outros aspectos, como o comportamento financeiro, a atitude financeira, as experiências financeiras, entre outros.

2.1.1 Instrumentos de mensuração da alfabetização financeira

Um grande desafio para a realização de pesquisas sobre alfabetização financeira é a dificuldade em determinar a melhor forma de mensurá-la, porque não há uma definição padrão na literatura (HUNG; PARKER; YOUNG, 2009; HUSTON, 2010; REMUND, 2010; LUSARDI; MITCHELL, 2014). Além disso, de acordo com Schmeiser e Seligman (2013), as questões atualmente usuais para mensurá-la não foram rigorosamente testadas para garantir que estão medindo com precisão o nível de alfabetização financeira dos indivíduos.

Pesquisas recentes apresentaram uma análise abrangente da alfabetização financeira, educação financeira e resultados financeiros (HASTINGS; MADRIAN; SKIMMYHORN, 2013; FERNANDES; LYNCH; NETEMEYER, 2014; LUSARDI; MITCHELL, 2014; MILLER *et al.*, 2014). Especificamente, Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014) propuseram

uma divisão útil dos tipos de estudos que têm sido realizados na área, os quais usaram para explicar as evidências aparentemente conflitantes entre os estudos. O primeiro grupo de artigos concentra-se em intervenções de educação financeira, tanto experimentais, como quase-experimentais, que se rotulam como alfabetização financeira "manipulada". O segundo grupo concentra-se em avaliações de alfabetização financeira e comportamentos financeiros subsequentes ou a jusante, classificadas como alfabetização financeira "medida".

A meta-análise de Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014) e também a realizada por Miller *et al.* (2014) são pessimistas quanto às provas encontradas na literatura do efetivo papel positivo da alfabetização financeira e das intervenções de educação financeira. Miller *et al.* (2014) encontraram na maioria dos 188 artigos pesquisados que estes possuem resultados positivos para a educação financeira, porém observaram que poucos estudos são rigorosos no método e sofrem deficiências, nomeadamente viés de seleção. Já Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014) avaliaram 201 estudos que tratam sobre o efeito da alfabetização financeira, sendo 90 que tratam da alfabetização financeira manipulada e o restante para a alfabetização financeira medida, a qual explica apenas 0,1% da variância dos comportamentos financeiros dos indivíduos.

Neste mesmo panorama, Lusardi e Mitchell (2011) comentam que embora seja importante avaliar como as pessoas são financeiramente alfabetizadas, na prática, se torna difícil explorar a forma como as informações financeiras são processadas e ocorre a tomada de decisões baseadas neste conhecimento pelos indivíduos. Segundo os autores, isto se justifica pelo fato que a alfabetização financeira abrange uma série de conceitos, incluindo a consciência, a habilidade, a capacidade financeira e o conhecimento financeiro, sendo difícil captar todas essas informações em uma pesquisa de duração razoável.

No entanto, algumas diretrizes podem ser encontradas na literatura, tais como a OECD, a qual orienta que a correta mensuração da alfabetização financeira deveria basear-se em uma gama de conhecimentos e habilidades associadas com o desenvolvimento da capacidade de lidar com as exigências financeiras da vida cotidiana em uma sociedade contemporânea (OECD, 2013a). Complementariamente, Huston (2010) acrescenta que seria importante determinar não apenas se a pessoa tem a informação, mas também se ela sabe como aplicá-la de forma apropriada.

No entanto, devido à dificuldade de medição da alfabetização financeira de forma direta, Moore (2003) sugere a utilização de *proxies*. Por exemplo, Kempson (2011) ao realizar um detalhamento de pesquisas internacionais sobre alfabetização financeira, identificou uma grande diversidade, tanto em sua cobertura, quanto na natureza das perguntas que foram

feitas. As pesquisas de grande alcance abrangeram quatro áreas conceitualmente diferentes: gestão do dinheiro no dia-a-dia, planejamento financeiro, escolha de produtos adequados e conhecimento e compreensão financeira.

Corroborando com tal evidência, Huston (2010) constatou que, ao avaliar os níveis de alfabetização financeira dos entrevistados, os pesquisadores utilizam perguntas que cobrem uma ampla variedade de tópicos, incluindo seguros, cartões de crédito, hipotecas, poupanças de aposentadoria, orçamento, inflação e comparação de compras. Ou seja, alguns estudos incluem uma ampla seleção dessas áreas e outros são focados em apenas um único aspecto.

Em contrapartida, sabe-se que a maioria das pesquisas sobre alfabetização financeira acaba por incidir sobre as dimensões cognitivas do construto e dependem de uma medida de teste, ou seja, buscam saber o que as pessoas sabem ou entendem sobre conceitos financeiros (ALLGOOD; WALSTAD, 2016), ou seja, detêm-se a mensurar apenas a dimensão do conhecimento financeiro. Tais medidas têm sido utilizadas de forma produtiva em estudos de investigação para explicar muitos assuntos financeiros, tais como o planejamento de aposentadoria (LUSARDI; MITCHELL, 2011; PARKER *et al.*, 2012; VAN ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2011), a acumulação de riqueza (BEHRMAN *et al.*, 2012; GUSTMAN; STEINMEIER; TABATABAI, 2012), o investimento em ações (ABREU; MENDES, 2010; VAN ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2011) e as expectativas de inflação (BRUINE DE BRUIN *et al.*, 2010).

Neste panorama, encontram-se Annamaria Lusardi e Olivia Mitchell como as principais autoras de grande parte das recentes pesquisas sobre o tema, principalmente pelo desenvolvimento de um conjunto de três perguntas que são comumente usadas em diversos estudos (KNOLL; HOUTS, 2012). As perguntas compreendem três conceitos básicos de conhecimento financeiro: taxas de juros, inflação e diversificação de risco. A primeira questão compreende noções de taxa de juros: “Suponha que você tenha \$100 em uma conta de poupança e a taxa de juros é de 2% ao ano. Após 5 anos, quanto você acha que teria na conta se tivesse deixado o dinheiro guardado: 1) Mais de \$102; 2) \$102 exatamente; 3) Menos de \$102; 4) Não sabe”. A segunda questão trata do entendimento da inflação: “Imagine que a taxa de juros em sua conta poupança foi de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Após um ano, você seria capaz de comprar com o dinheiro desta conta: 1) Mais do que hoje; 2) Exatamente o mesmo; 3) Menos do que hoje; 4) Não sabe”. Já a terceira questão trata da compreensão de diversificação de risco: “Você acha que a seguinte afirmação é verdadeira ou falsa? A compra de uma única ação de empresa geralmente oferece um retorno mais seguro do que um estoque de fundo mútuo. 1) Verdadeiro; 2) Falso; 3) Não sabe”.

Essas questões foram introduzidas, inicialmente, em um módulo especial sobre a alfabetização financeira em 2004 nos Estados Unidos no projeto *Health and Retirement Study* (HRS). Em seguida, foram adicionados a outras pesquisas nacionais no mesmo país, tais como a *National Longitudinal Survey of Youth* (NLSY), a *American Life Panel* (ALP) e a *National Financial Capability Study* (NFCS). Além disso, eles foram adicionados a levantamentos nacionais por diversos autores ao redor do mundo, tais como: Mel, McKenzie e Woodruff (2008); Hastings e Tejada-Ashton (2008); Hastings e Mitchell (2011); Cole, Sampson e Zia (2011); Behrman *et al.* (2012); Lusardi e Mitchell (2011); Fornero e Monticone (2011); Bucher-Koenen e Lusardi (2011); Sekita (2011); Crossan, Feslier e Burnard (2011); Almenberg e Save-Soderbergh (2011); Klapper e Panos (2011); Brown e Graf (2013); Arrondel, Debbich e Savignac (2013); Beckmann (2013); Agnew, Bateman e Thorp (2013); Lusardi e Mitchell (2014); Clark, Lusardi e Mitchell (2015); Grohmann, Kouwenberg e Menkhoff (2015) e Lusardi (2015a).

Além destas pesquisas, há outras que utilizam estas três questões e incorporam outras, a fim de ampliar as dimensões que mensuram a alfabetização financeira. Como por exemplo, a pesquisa de Clark, Lusardi e Mitchell (2015) que elaboraram um instrumento, denominado *FinLit Survey*, com cinco questões, sendo as três primeiras as citadas anteriormente que foram desenvolvidas por Lusardi e Mitchell, e as duas últimas, questões mais sofisticadas que envolvem o entendimento de como contribuições do empregador e do empregado influenciam as acumulações para o plano de aposentadoria, tendo em vista as implicações fiscais dos trabalhadores antes da contribuição para os impostos.

Outra pesquisa recente que utiliza tais questões foi a desenvolvida por Lusardi (2015a), ao elaborar um modelo de instrumento para mensuração da alfabetização financeira com onze questões. Sendo as três citadas anteriormente e definidas como questões básicas e mais oito questões tratadas como avançadas, questionando sobre o conhecimento dos indivíduos em: função do mercado de ações, conhecimento de fundos de investimento, relacionamento entre as taxas de juros e os preços dos títulos, a diversificação do risco entre ações da empresa ou fundos de investimento, se ações ou títulos possuem maior risco, retornos de longo prazo, maiores oscilações e diversificação de riscos com diferentes ativos.

Percebe-se assim que existem algumas questões que aparecem regularmente nas pesquisas, porém, essas não são utilizadas de forma exclusiva. Nos Estados Unidos, uma pesquisa é realizada anualmente e fornece dados e tendências em torno de atitudes e comportamentos relacionados com as finanças pessoais dos americanos. Desde 2007, a *Financial Literacy Survey* é promovida pela *National Foundation for Credit Counseling*

(NFCC) e pela *The Network Branded Prepaid Card Association* (NBPCA), e em 2015 coletou dados de 2.017 americanos maiores de 18 anos, pesquisando sobre diversos temas da alfabetização financeira (NFCC, 2015). O instrumento, além de aspectos socioeconômicos, mensura atitudes e comportamentos dos indivíduos através de vinte e cinco questões que abordam aspectos do orçamento, gastos e poupança, do pagamento de contas, dos cartões de crédito e débito pré-pago, do conhecimento de finanças pessoais e dos problemas financeiros (NFCC, 2015).

Outra pesquisa desenvolvida nos Estados Unidos desde 2006 e promovida pela RAND Corporation, é a *American Life Panel* (ALP), um painel representativo composto por cerca de 6.000 famílias norte-americanas que são regularmente entrevistados pela internet sobre diversos temas da vida cotidiana, e dentre eles, a alfabetização financeira. Em 2007, realizou um levantamento com setenta questões de cunho financeiro para os entrevistados apontarem se eram verdadeiras ou falsas, ou seja, visava avaliar o nível de conhecimento financeiro dos americanos em aspectos como o mercado financeiro, juros, hipotecas, diversificação, produtos financeiros, inflação, risco e retorno. Já em outra pesquisa, Lusardi *et al.* (2014) descreveram um retrato da pesquisa ALP desenvolvida entre junho e setembro de 2012, a qual pesquisou 892 famílias americanas por meio de um questionário com cinco perguntas de múltipla escolha, a primeira incidiu sobre a auto-eficácia para a diversificação do risco, outras três questões tratavam do conhecimento da diversificação do risco, e a última focada na confiança do conhecimento de diversificação de risco.

Similarmente, a *Financial Industry Regulatory Authority* (FINRA) *Investor Education Foundation* preside um estudo denominado *National Financial Capability Study* (NFCS), o primeiro de seu tipo a ser realizado nos Estados Unidos, para avaliar e estabelecer uma medida de referência da capacidade financeira dos adultos americanos, sendo que a sua primeira versão foi realizada em 2009 e a última em 2012, onde pesquisou 25.509 americanos adultos, com aproximadamente 500 indivíduos por estado americano (NFCS, 2013). O NFCS contém cento e trinta perguntas divididas em cinco seções. A primeira seção demográfica contém perguntas que avaliam a idade, o sexo, a renda, o estado civil, a escolaridade, a condição de minoria, as condições de vida, a situação de emprego e os dependentes, já as outras quatro seções da pesquisa centram-se em quatro componentes da capacidade financeira: o pagamento de despesas, o planejamento financeiro realizado com antecedência, a gestão de produtos financeiros, a tomada de decisões e o conhecimento financeiro, sendo esse último tratado como sinônimo de alfabetização financeira na pesquisa (MOTTOLA, 2013).

As questões que mensuram a alfabetização financeira no NFCS (2013) avaliam o conhecimento dos entrevistados sobre a capitalização de juros, a diversificação do risco, a inflação, a relação entre os preços dos títulos e das taxas de juros e da relação entre as taxas de juros das hipotecas e seus horizontes de pagamento (NFCS, 2013). Três destas questões (taxa de juros, inflação e risco) foram originalmente desenvolvidas por Lusardi e Mitchell, as quais foram citadas anteriormente. A questão sobre os preços de títulos também foi desenvolvida por Lusardi, em colaboração com Rob Alessie e Maarten Van Rooij, para inclusão no Inquérito Domiciliar do Banco Central Holandês, e mais tarde no *RAND American Life Panel* Americano. A questão que trata das hipotecas foi desenvolvida para o NFCS em 2009, porque a FINRA patrocinadora do estudo, estava interessada em compreender o conhecimento dos americanos sobre hipotecas (MOTTOLA, 2013). Destaca-se ainda que estas questões têm sido frequentemente utilizadas pelos pesquisadores para medir a alfabetização financeira (LUSARDI; MITCHELL, 2011; ROBB; WOODYARD, 2011; ROBB; BABIARZ; WOODYARD, 2012; KNOLL; HOUTS, 2012).

A *Organization for Economic Co-operation and Development* (OECD) é outro exemplo de instituição que pesquisa a alfabetização financeira no mundo. Reconhecendo a natureza cada vez mais global das questões de alfabetização e de educação financeira, em 2008, a OCDE criou a Rede Internacional de Educação Financeira, em inglês intitulada *International Network on Financial Education* (INFE) para facilitar a partilha de experiências e conhecimentos entre especialistas e o público em todo o mundo, além de promover o desenvolvimento de ambos os trabalhos de análise e recomendações políticas, a fim de beneficiar e englobar a experiência das economias desenvolvidas e emergentes. Atualmente mais de 220 instituições públicas de mais de 100 países aderiram à INFE (OECD, 2015b).

Além disso, a falta de uma medida e de dados internacionais, juntamente com o pedido de muitos países para criação de uma medida robusta de alfabetização financeira, a nível nacional, levou a OECD e a sua INFE a desenvolver um instrumento de pesquisa que pode ser usado para capturar a alfabetização financeira de pessoas em diversos países. O questionário da OECD centra-se sobre os aspectos do conhecimento financeiro, da atitude financeira e do comportamento financeiro que estão associados com os conceitos globais de alfabetização financeira (OECD, 2013b).

O nível de conhecimento financeiro no instrumento da OECD é medido através de oito perguntas visando à compreensão de cálculos de juros, a relação entre inflação e retorno, a inflação e os preços, o risco e o retorno, bem como o papel da diversificação na redução do risco. A pontuação da escala varia de um a oito, sendo atribuído peso um para cada acerto,

onde valores superiores a seis são considerados os indivíduos como altamente experientes para lidar com os desafios em questões financeiras pessoais. Pontuações entre quatro e cinco são considerados com conhecimento financeiro moderado e com valores menores que três são considerados com conhecimento financeiro baixo (OECD, 2013b).

A dimensão do comportamento financeiro proposta pela OECD busca refletir a maneira como os indivíduos lidam com o dinheiro em suas vidas. Um total de oito questões é utilizado para capturar os aspectos importantes sobre o manuseio das finanças pessoais do entrevistado. Esses aspectos incluem o acesso a produtos financeiros, as despesas, o comportamento relacionado com o pagamento antecipado de faturas, o planejamento e o monitoramento do orçamento familiar, os hábitos de poupança e as propensões aos empréstimos. A escala de comportamento financeiro varia de zero a nove pontos, pois uma das questões acerca da escolha de produtos possui pontuação máxima de dois e as demais questões da escala de um ponto. Assim, os entrevistados que pontuarem entre seis e oito são classificados como tendo um comportamento positivo em relação ao dinheiro e às finanças. Os classificados entre três e cinco pontos como neutros e com menos de três pontos são considerados como tendo um comportamento financeiro negativo (OECD, 2013b).

Com relação à escala da OECD para medir a atitude financeira, a mesma baseia-se na compreensão das atitudes dos entrevistados para dois aspectos inter-relacionados, o planejamento e o consumo financeiro. Esses são medidos através de três questões que relacionam a extensão da crença no planejamento, a propensão a poupar e a propensão a consumir. A escala de atitude financeira varia de zero a cinco pontos, sendo obtida através da média das três respostas em que cada acerto corresponde a cinco pontos. Com isso, indivíduos que apresentam valores superiores a três são considerados com atitude positiva (OECD, 2013b).

A alfabetização financeira é uma combinação de conhecimentos, atitudes e comportamento, e por isso faz sentido explorar esses três componentes conjuntamente, e isto deve ser realizado de duas maneiras. Primeiramente, analisando cada aspecto separadamente, visando detectar as pontuações dos indivíduos nos diferentes elementos, e posteriormente, somando as pontuações das três escalas (OECD, 2013b). Com isso, a escala proposta pela OECD para mensurar a alfabetização financeira é composta por dezenove questões e é obtida pela soma dos escores das três dimensões: conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira.

De posse deste, vários países se comprometeram e estão realizando inquéritos nacionais de alfabetização financeira em toda a sua população adulta. No entanto, existem

alguns esforços na busca por dados sobre os níveis de alfabetização financeira entre os jovens com idade inferior a 18 anos e não há nenhuma pesquisa em âmbito internacional que possua dados para serem comparados entre países. Esta é uma omissão grave, segundo a visão da OECD (2015b), uma vez que os jovens, em breve, serão adultos que tomarão decisões financeiras, ainda mais críticas e cada vez mais complexas. Assim, a disponibilidade de dados sobre a capacidade dos jovens para enfrentar estes desafios é essencial, a fim de aumentar o conhecimento sobre quais pontos estes jovens estão preparados e quais necessitam ser aprimorados.

Com isso, um recente estudo mundial, organizado pela OECD, denominado *Programme for International Student Assessment (PISA)*, traduzido para o português como Programa Internacional de Avaliação de Alunos, se propôs a medir o quão bem os alunos, aos 15 anos, estão preparados para enfrentar os desafios que podem encontrar na vida futura e tendo como um dos temas principais de pesquisa, a alfabetização financeira. Tal pesquisa foi realizada em cinco ciclos, sendo que no primeiro 43 países participaram (32 em 2000 e 11 em 2002), 41 no segundo ciclo (2003), 57 no terceiro ciclo (2006), 75 no quarto ciclo (65 em 2009 e 10 em 2010) e no último, o PISA 2012, 66 países participaram; sendo que em cada teste foram coletados dados de 4.500 a 10.000 alunos em cada país (OECD, 2015b). A mais recente pesquisa do PISA, realizado em 2012, avaliou cerca de 510 mil alunos em 66 países.

Assim, o PISA 2012 tornou-se o primeiro estudo internacional em grande escala para avaliar a alfabetização financeira dos jovens, considerado como o primeiro passo na construção da avaliação da alfabetização financeira no âmbito internacional, fornecendo um plano articulado para o desenvolvimento de itens, ao projetar um instrumento e fornecer uma linguagem comum para a discussão de alfabetização financeira (OECD, 2015b).

No que tange ao instrumento para mensuração da alfabetização financeira, o PISA 2012 aborda quatro áreas abrangentes: dinheiro e transações, planejamento e gestão financeira, risco e recompensa, e por fim, o panorama financeiro. Dentro destas áreas, fazendo com que o indivíduo identifique informações financeiras, analise informações em um contexto financeiro, avalie algumas questões financeiras, aplique seu conhecimento financeiro e o compreenda, além de identificar em cada entrevistado, a educação e o trabalho, a casa e a família, e os seus contextos individuais e sociais. Assim, o questionário foi formado por 40 questões que foram utilizadas na avaliação da alfabetização financeira por meio de dois tipos de questões (itens de resposta construída - exige que os alunos gerem suas próprias respostas; e itens de resposta selecionada - exige que os alunos escolham uma ou mais alternativas de um determinado conjunto de opções) e de três dimensões (conteúdo, processos e contextos).

Lusardi (2015b) traz uma síntese dos principais resultados no PISA 2012 e elabora uma definição e descreve as tarefas típicas para as categorias de cada dimensão de avaliação, a qual pode ser verificada no Quadro 2.

Quadro 2 – Definição e tarefas típicas para as categorias de cada dimensão de avaliação do PISA 2012

(continua)

Categoria de conteúdo	Tarefas típicas dentro desta categoria incluem...
<i>Dinheiro e transações:</i> Inclui a consciência das diferentes formas e propósitos do dinheiro e da manipulação de transações monetárias simples, como pagamentos diários, gastos, valor do dinheiro, cartões bancários, cheques, contas bancárias e moedas.	<i>Pedir aos estudantes para mostrarem que eles:</i> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecem notas e moedas; • Podem identificar maneiras diferentes para pagar itens, pessoalmente ou Internet; • Podem verificar transações listadas em um extrato bancário.
<i>Planejamento e gestão de finanças:</i> Inclui planejamento e gestão de renda e riquezas tanto em curto prazo quanto em longo prazo, e em particular o conhecimento e habilidade de monitorar receitas e despesas, bem como a utilização das receitas e outros recursos disponíveis para melhorar o bem-estar financeiro.	<i>Pedir aos estudantes para mostrarem que eles:</i> <ul style="list-style-type: none"> • Entendem o que são impostos e benefícios do governo; • Conseguem elaborar um orçamento para planejar gastos e poupanças habituais; • Compreendem o impacto dos juros compostos sobre a poupança.
<i>Risco ou recompensa:</i> Incorpora a habilidade de identificar formas de gerir, equilibrar e cobrir riscos (inclusive por meio de seguros e produtos de poupança), e uma compreensão do potencial para ganhos ou perdas financeiras através de uma variedade de contextos e produtos financeiros, tais como um contrato de crédito com taxa de juro variável e produtos de investimento.	<i>Pedir um exame do risco ou recompensa potencial associado a:</i> <ul style="list-style-type: none"> • Vários tipos de investimentos e veículos de poupança; • Variadas formas de crédito; • Volatilidade de mercado; • Diversificação.
<i>Panorama Financeiro:</i> Refere-se ao caráter e características do mundo financeiro. Abrange saber os direitos e responsabilidades dos consumidores no mercado financeiro e no ambiente financeiro geral, e as principais implicações dos contratos financeiros. Também incorpora um entendimento das consequências das mudanças nas condições econômicas e políticas públicas, tais como mudanças nas taxas de juros, inflação, impostos ou benefícios sociais.	<i>Avaliar se os alunos:</i> <ul style="list-style-type: none"> • Entendem que compradores e vendedores têm direitos e responsabilidades; • Conseguem identificar quais fornecedores são confiáveis; • Estão cientes do clima econômico; • Entendem como a habilidade de construir riquezas ou ter acesso ao crédito depende de fatores econômicos, tais como taxas de juros, inflação e crédito.
Categoria de processos	Tarefas típicas dentro desta categoria incluem...
<i>Identificar informações financeiras:</i> Aplicável quando o indivíduo procura e acessa fontes de informações financeiras e identifica ou reconhece sua relevância.	<i>Pedir aos estudantes para mostrarem que eles:</i> <ul style="list-style-type: none"> • Conseguem identificar as características de uma nota fiscal de compra; • Conseguem localizar informações em um contrato legal; • Conseguem reconhecer terminologias financeiras, como por exemplo, inflação.
<i>Analisar informações em um contexto financeiro:</i> Cobre uma ampla gama de atividades cognitivas realizadas em contextos financeiros, incluindo interpretar, comparar e contrastar, sintetizar, e extrapolar a informação que é fornecida.	<i>Pedir aos estudantes para mostrarem que eles:</i> <ul style="list-style-type: none"> • Conseguem comparar as condições de diferentes contratos de telefonia móvel; • Podem descobrir se um anúncio publicitário para um empréstimo é apto a incluir condições não declaradas.
<i>Avaliar questões financeiras:</i> Foca reconhecer ou construir justificativas e explicações financeiras, com base em conhecimento e compreensão financeira aplicada em contextos específicos, com atividades cognitivas, como explicar, avaliar e generalizar.	<i>Pedir aos estudantes para mostrarem que eles:</i> <ul style="list-style-type: none"> • Conseguem identificar os méritos financeiros relativos a fazer uma aquisição ou adiá-la, dadas às circunstâncias financeiras especificadas.
<i>Aplicar conhecimento e compreensão financeira:</i> Concentra-se em tomar medidas eficazes em uma montagem financeira pela utilização de conhecimentos de produtos e contextos financeiros e compreensão de conceitos financeiros.	<i>Pedir aos estudantes para mostrarem que eles:</i> <ul style="list-style-type: none"> • Conseguem identificar quando o poder de compra irá diminuir ou aumentar ao longo do tempo quando os preços estão mudando a uma determinada taxa.

Quadro 2 – Definição e tarefas típicas para as categorias de cada dimensão de avaliação do PISA 2012

(conclusão)

Categoria de contexto	Tarefas típicas dentro desta categoria incluem...
<p><i>Educação e trabalho:</i> Essa categoria é importante para alunos com 15 anos de idade. Enquanto muitos estudantes vão prosseguir com os estudos ou a formação no ensino superior, alguns deles podem em breve entrar no mercado de trabalho ou podem já estarem inseridos em um emprego informal fora do horário escolar.</p>	<p><i>Cenários que envolvem:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender folhas de pagamento; • Planejar uma poupança para o ensino superior; • Investigar os benefícios e riscos de tomar um empréstimo estudantil; • Participar dos esquemas de poupança no local de trabalho.
<p><i>Lar e família:</i> Incluem questões financeiras relacionadas aos custos envolvidos na administração de uma casa. É mais provável que estudantes com 15 anos estarão morando com a família, mas essa categoria de contexto também engloba casas que não são baseadas em relacionamentos familiares, tais como os alojamentos compartilhados que jovens geralmente usam logo após deixarem a casa de sua família.</p>	<p><i>Cenários que envolvem:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Comprar artigos para o lar ou alimentos; • Manutenção de registros de despesas familiares; • Tomar decisões sobre orçamento e priorizar gastos.
<p><i>Individual:</i> Importante enquanto finanças pessoais e especialmente para estudantes, já que a maior parte de suas decisões financeiras, incluindo a utilização de produtos como celulares ou notebooks, está relacionada a eles mesmos e feita para benefício próprio, e também com muitos riscos e responsabilidades devem ser suportados pelos indivíduos. Inclui a escolha de produtos e serviços pessoais bem como questões contratuais, tais como a contratação de um empréstimo.</p>	<p><i>Cenários que envolvem:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Escolher produtos e serviços, como roupas, artigos de higiene pessoal, ou cortes de cabelo; • Comprar bens de consumo, tais como eletrônicos ou equipamentos esportivos; • Abrir uma conta em banco.
<p><i>Social:</i> O núcleo do domínio da alfabetização financeira é focado nas finanças pessoais, mas essa categoria de contexto reconhece que as decisões financeiras e comportamentos dos indivíduos podem influenciar e ser influenciadas pelo resto da sociedade. Ele inclui questões tais como ser informado e compreender os direitos e responsabilidades de consumidores financeiros e entender a finalidade das taxas e impostos do governo local.</p>	<p><i>Cenários que envolvem:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Estar informado sobre os direitos e responsabilidades dos consumidores; • Entender o propósito dos impostos; • Estar ciente de interesses comerciais; • Levar em conta o papel do poder de compra do consumidor.

Fonte: Adaptado de Lusardi (2015b).

Assim, nota-se que a dimensão do conteúdo do PISA 2012 compreende as áreas do conhecimento que são essenciais para a alfabetização financeira, sendo identificadas em quatro áreas de conteúdo: dinheiro e transações; finanças planejamento e gestão; risco e recompensa; e panorama financeiro. Já os processos descrevem as abordagens e estratégias mentais que são utilizados nos materiais, tais como: identificação de informações financeiras; análise de informações em um contexto financeiro; avaliação de questões financeiras; e aplicação do conhecimento financeiro e sua compreensão. Por fim, a dimensão dos contextos refere-se às situações em que o conhecimento financeiro, as habilidades e a compreensão são aplicadas, que vão desde o pessoal ao global e são divididos em quatro grupos: educação e trabalho; lar e família; individual; e relativo à sociedade.

Além disso, para avaliação do nível dos alunos, o PISA 2012 desenvolveu uma escala, a qual é destaca por Lusardi (2015b) como a relação entre a dificuldade de perguntas e a proficiência dos alunos, sendo elaborada em uma única escala contínua e dividida em cinco níveis. O nível 5 indica alta proficiência e o nível 1 indica baixa proficiência (estudantes neste nível são considerados não alfabetizados financeiramente), sendo o nível 2 o nível médio de proficiência internacional detectado pelo estudo. Além disso, os alunos em cada nível são avaliados como proficientes do nível anterior. A descrição sumária dos cinco níveis de proficiência em alfabetização financeira pode ser encontrada no Quadro 3.

Quadro 3 – Descrição sumária dos cinco níveis de proficiência em alfabetização financeira propostos pelo PISA 2012

(continua)

Nível	Intervalo de pontuação	O que estudantes geralmente são capazes de realizar...
1	326 a 399 pontos	Os alunos podem identificar produtos e condições financeiras comuns e interpretar informações relacionadas a conceitos financeiros básicos. Eles podem reconhecer a diferença entre necessidades e desejos e tomar decisões simples nos gastos diários. Eles podem reconhecer o propósito dos documentos financeiros diários, tais como faturas, e aplicar operações numéricas simples e básicas (adição, subtração ou multiplicação) em contextos financeiros que podem ter experimentado pessoalmente.
2	400 a 474 pontos	Os alunos começam a aplicar seu conhecimento de produtos financeiros comuns e termos e conceitos financeiros comumente utilizados. Eles podem usar a informação dada para tomar decisões financeiras em contextos que lhes são relevantes. Eles podem reconhecer o valor de um orçamento simples e interpretar características proeminentes de documentos financeiros diários. Eles conseguem aplicar operações numéricas simples e básicas, incluindo divisão, para responder questões financeiras. Eles mostram um entendimento das relações entre diferentes elementos financeiros, tais como a quantidade de uso e os custos incorridos.

Quadro 3 – Descrição sumária dos cinco níveis de proficiência em alfabetização financeira propostos pelo PISA 2012

(conclusão)

Nível	Intervalo de pontuação	O que estudantes geralmente são capazes de realizar...
3	475 a 549 pontos	Os estudantes podem aplicar sua compreensão de conceitos, termos e produtos financeiros comumente utilizados a situações que são relevantes para eles. Eles começam a considerar as consequências das decisões financeiras e podem fazer planos financeiros simples no contexto familiar. Eles podem fazer interpretações diretas de uma variedade de documentos financeiros e pode aplicar uma série de operações numéricas básicas, inclusive calcular porcentagens. Eles conseguem escolher as operações numéricas necessárias para resolver problemas rotineiros de contextos relativamente comuns da alfabetização financeira, tais como cálculo de orçamentos.
4	550 a 624 pontos	Os estudantes podem aplicar sua compreensão de conceitos e termos financeiros menos comuns a contextos que serão relevantes a eles quando entrarem no mundo adulto, tais como gestão de contas bancárias e juros compostos em produtos de poupança. Eles podem interpretar e avaliar uma variedade de documentos financeiros detalhados, como extratos bancários, e explicar as funções de produtos financeiros menos comumente utilizados. Eles podem tomar decisões financeiras levando em conta consequências de longo prazo, tais como compreender a implicação do custo global de pagar um empréstimo por um longo período, e podem resolver problemas rotineiros em contextos financeiros menos comuns.
5	Igual ou maior que 625 pontos.	Os alunos podem aplicar sua compreensão de uma grande variedade de termos e conceitos financeiros a contextos que só se tornarão relevantes a suas vidas no longo prazo. Eles conseguem analisar produtos financeiros complexos e levar em conta as características de documentos financeiros que são significantes, mas não declaradas ou não evidentes de imediato, tais como custos de transação. Eles conseguem trabalhar com um alto nível de precisão e resolver problemas financeiros não rotineiros, e podem descrever os potenciais resultados de decisões financeiras, mostrando uma compreensão do amplo panorama financeiro, tal como imposto de renda.

Fonte: Adaptado de Lusardi (2015b).

Além da OECD e de outras organizações internacionais, pesquisadores ao redor do mundo também têm desenvolvido modelos para mensurar a alfabetização financeira. Um instrumento encontrado na literatura é o FL-ABK (*financial literacy - attitude, behavior and knowledge*), elaborado e validado pela pesquisadora Susan Smith Shockey na sua tese de doutorado em filosofia (2002) pela Universidade do Estado de Ohio nos Estados Unidos, quando utilizou a escala tipo Likert para analisar atitudes, comportamentos e conhecimentos financeiros dos respondentes. O instrumento FL-ABK é composto por quarenta questões, sendo oito para avaliar a atitude financeira, dezessete questões para mensurar o comportamento financeiro e a escala de conhecimento financeiro contém quinze itens de múltipla escolha em três áreas, com cinco questões sobre conhecimento de gastos e dívida, mais cinco sobre gerenciamento do dinheiro e outras cinco questões sobre poupança e investimento (SHOCKEY, 2002).

Na Austrália, Gerrans e Heaney (2014) também desenvolveram um instrumento a fim de analisar o nível de alfabetização financeira de uma amostra de alunos de graduação que

completaram um semestre de curso de finanças pessoais como parte do seu curso de graduação, comparando as avaliações pré e pós-curso de uma série de medidas de alfabetização financeira, atitudes financeiras e intenções de comportamento financeiro. Para tal, a pesquisa coletou dados demográficos e socioeconômicos, informações sobre o curso relacionado, cinco avaliações de personalidade, comportamentos financeiros, atitudes financeiras (incluindo tolerância ao risco) e questões de conhecimentos financeiros, estas últimas tratadas na pesquisa como alfabetização financeira, a qual foi mensurada por meio de doze questões, divididas em três grupos: alfabetização financeira básica, avançada e aplicada.

O primeiro grupo com quatro perguntas compreende o nível básico, tratando de: composição; inflação; valor do dinheiro no tempo e inflação, formuladas com base em Lusardi e Mitchell (2009) e também por Bateman *et al.* (2012). O segundo conjunto de questões que compreende a medida avançada também é das mesmas fontes e incluem: o risco relativo entre ações e obrigações (ativos de risco); retornos de ativos de longo prazo; volatilidade no longo prazo e o resultado da diversificação. Já o terceiro conjunto denominado de alfabetização financeira aplicada é composto por quatro questões que tratam sobre: ranking dos retornos de longo prazo esperados (ações, títulos do governo, obrigações de empresas); riscos (ações, obrigações governamentais, obrigações de empresas); custo de financiamento do carro (cartão de crédito, empréstimo garantido, empréstimo sem garantia) e financiamento de bens de consumo (cartão de crédito, crédito da loja, empréstimo sem garantia) (GERRANS; HEANEY, 2014).

Recentemente, outros pesquisadores como Salleh (2015) e Disney, Gathergood e Weber (2015) também propuseram seus instrumentos de mensuração. Salleh (2015) ao realizar um levantamento do nível de alfabetização financeira em Brunei na Ásia, utilizou três perguntas distintas das citadas como comumente usadas como *proxies* da alfabetização financeira, as desenvolvendo sob três principais áreas de finanças pessoais: a gestão financeira, o planejamento para emergências e o investimento para metas. Já Disney, Gathergood e Weber (2015) ao estimarem o impacto da alfabetização financeira sobre a demanda de aconselhamento financeiro, especificamente da demanda por profissionais de aconselhamento de crédito entre os consumidores que enfrentam problemas financeiros, utilizaram para mensurar a alfabetização financeira três questões que tratam da compreensão do entrevistado sobre juros simples, juros compostos e amortização, ou seja, mensuram a alfabetização financeira com questões que tratam apenas da dimensão do conhecimento financeiro.

Destaca-se ainda, que outros autores desenvolveram instrumentos para avaliar as dimensões que envolvem a alfabetização financeira separadamente, como é o caso de O'Neill e Xiao (2012) com um *quiz* denominado *Financial Fitness Quiz*, o qual é composto por vinte questões que descrevem a frequência de realização de práticas recomendadas para uma gestão financeira eficaz, ou seja, avaliam o comportamento financeiro dos indivíduos em três aspectos: o orçamento, o gasto e a poupança. Dezesete itens do questionário possuem uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos, variando de (5) sempre a (1) nunca; e os três itens restantes compostos com afirmações ou negações.

Outra pesquisa que aborda a alfabetização financeira em uma de suas dimensões é o estudo de Klapper, Lusardi e Panos (2013), o qual incluiu quatro questões de alfabetização financeira, que abrangem taxas de juros e juros compostos (duas perguntas), inflação (uma questão) e descontos de vendas (uma questão), sendo que ambas dimensionam apenas o conhecimento financeiro. No entanto, as quatro questões são distintas e medem diferentes conceitos financeiros. Segundo Klapper, Lusardi e Panos (2013) o entendimento de juros compostos é uma medida chave para a alfabetização financeira que prevê uma série de resultados e comportamentos. Bruine de Bruin *et al.* (2010) ao examinar a relação entre a alfabetização financeira e as expectativas de inflação, também focaram seu instrumento na dimensão do conhecimento financeiro, utilizando dezesseis questões para medi-lo, sendo cinco questões que tratavam da inflação, três itens de medição aritmética básica e oito de medição matemática avançada.

De forma similar, Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011) desenvolveram um instrumento para relacionar a alfabetização financeira e o planejamento da aposentadoria, na Holanda. No entanto, o instrumento também se pauta apenas na dimensão do conhecimento financeiro, sendo composto por cinco questões tratadas como itens de conhecimento básico, que mensuram as habilidades numéricas e a compreensão de conceitos como inflação, juros simples, juros compostos e o valor do dinheiro no tempo, e mais onze questões de conhecimento avançado que abordam o conhecimento relacionado aos instrumentos financeiros complexos, tais como ações, títulos e fundos mútuos, e o entendimento de conceitos como a diversificação de risco e do *trade-off* entre risco e retorno. Já Chen e Volpe (1998) avaliaram a alfabetização financeira com trinta e seis questões de múltipla escolha sobre o conhecimento de finanças pessoais nos aspectos da poupança, dos empréstimos, dos seguros e dos investimentos.

No contexto brasileiro, Matta (2007) desenvolveu uma escala, composta por vinte questões, que avalia o comportamento financeiro dos indivíduos, no que tange à gestão

financeira, o crédito pessoal, o consumo, o investimento e a poupança. outros estudos brasileiros também se propuseram a medir a alfabetização financeira dos indivíduos, como Potrich (2014) ao desenvolver em sua dissertação de Mestrado um modelo que integrava os três pilares propostos pela OECD: atitude financeira, comportamento financeiro e conhecimento financeiro, por meio de vinte e uma questões validadas em seu modelo final. Outro exemplo é a pesquisa desenvolvida por Potrich, Vieira e Kirch (2016) ao criarem um indicador denominado Termômetro de Alfabetização Financeira, o qual possibilita classificar os indivíduos com alto ou baixo nível de alfabetização financeira, utilizando três questões do tipo *Likert* de cinco pontos para medir a atitude financeira e cinco de comportamento financeiro, além de treze questões de múltipla escolha para mensurar o conhecimento financeiro.

Percebe-se assim, que a falta de um conjunto padronizado de medidas de alfabetização financeira consistente não impediu o surgimento de um número significativo de literatura que examina a relação entre a alfabetização financeira e os vários aspectos relacionados com a mesma, porém é necessário continuar a buscar um modelo que mensure de forma eficaz a alfabetização financeira dos indivíduos. O Quadro 4 apresenta uma síntese dos principais instrumentos e as dimensões que mensuram a alfabetização financeira.

Quadro 4 – Principais instrumentos e dimensões que mensuram a alfabetização financeira

(continua)

Instrumento	Questões	Dimensões	Aspectos	Autores / Organizações
Questões de Annamaria Lusardi e Olivia Mitchell	3	Conhecimento financeiro	Taxas de juros, inflação e diversificação de risco	Mel, McKenzie e Woodruff (2008); Hastings e Tejada-Ashton (2008); Hastings e Mitchell (2011); Lusardi e Mitchell (2011); Fornero e Monticone (2011); Klapper e Panos (2011); Brown e Graf (2013); Arrondel, Debbich e Savignac (2013); Beckmann (2013); Lusardi e Mitchell (2014); Clark, Lusardi e Mitchell (2015); Grohmann, Kouwenberg e Menkhoff (2015); Lusardi (2015a)
<i>Financial Literacy Survey</i>	25	Atitude e comportamento financeiros	Orçamento, gastos, poupança, pagamento de contas, cartões de crédito e débito pré-pago, conhecimento de finanças pessoais e problemas financeiros	<i>National Foundation for Credit Counseling</i> (NFCC, 2015)
<i>National Financial Capability Study</i> (NFCS)	5	Conhecimento financeiro	Taxas de juros, inflação, diversificação de risco, preços de títulos e hipotecas	Lusardi e Mitchell (2011); Robb, Babiarz e Woodyard (2012); Knoll e Houts (2012); NFCS (2013); Mottola (2013)
<i>American Life Panel</i> em 2012	5	Conhecimento financeiro, confiança e auto-eficácia	Auto-eficácia, conhecimento e confiança para a diversificação do risco	Lusardi <i>et al.</i> (2014)
<i>OECD</i>	19	Atitude, comportamento e conhecimento financeiros	Juros, inflação, retorno, preços, risco, produtos financeiros, despesas, orçamento familiar, poupança, empréstimos e consumo financeiro	Atkinson e Messy (2012); OECD (2013b); OECD (2013c); OECD (2015a)
FL-ABK	40	Atitude, comportamento e conhecimento financeiros	Atitudes financeiras, comportamentos financeiros e conhecimento sobre gastos, dívida, gerenciamento do dinheiro, poupança e investimento	Shockey (2002)
<i>Financial Fitness Quiz</i>	20	Comportamento financeiro	Orçamento, gasto e poupança	O'Neill e Xiao (2012)
Klapper, Lusardi e Panos (2013)	4	Conhecimento financeiro	Juros simples, juros compostos, inflação e descontos de vendas	Klapper, Lusardi e Panos (2013)
Bruine de Bruin <i>et al.</i> (2010)	16	Conhecimento financeiro	Inflação e medição aritmética básica e avançada	Bruine de Bruin <i>et al.</i> (2010)
Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011)	16	Conhecimento financeiro	Conhecimento básico (habilidades numéricas, inflação, juros simples e compostos e o valor do dinheiro no tempo) e Conhecimento avançado (ações, títulos, fundos mútuos, diversificação de risco, risco e retorno)	Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011)

Quadro 4 – Principais instrumentos e dimensões que mensuram a alfabetização financeira

(conclusão)

Instrumento	Questões	Dimensões	Aspectos	Autores / Organizações
Chen e Volpe (1998)	36	Conhecimento financeiro	Poupança, empréstimos, seguros e investimentos	Chen e Volpe (1998)
Matta (2007)	20	Comportamento financeiro	Gestão financeira, crédito pessoal, consumo e investimento e poupança	Matta (2007)
Potrich (2014)	21	Atitude, comportamento e conhecimento financeiros	Poupança, preocupação com o futuro, inflação, taxa de juros, valor do dinheiro no tempo, risco, retorno, diversificação, mercado de ações, crédito e títulos públicos	Potrich (2014); Potrich, Vieira e Kirch (2016)
Gerrans e Heaney (2014)	12	Conhecimento financeiro	1.Básicas: composição, inflação, valor do dinheiro no tempo e inflação; 2.Avançadas: ativos de risco, retornos de ativos de longo prazo, volatilidade no longo prazo e resultado da diversificação; 3.Aplicadas: ranking dos retornos de longo prazo esperados, riscos, custo de financiamento do carro e de bens de consumo	Gerrans e Heaney (2014)
Salleh (2015)	3	Conhecimento financeiro	Gestão financeira, planejamento para emergências e investimento para metas	Salleh (2015)
Disney, Gathergood e Weber (2015)	3	Conhecimento financeiro	Juros simples, juros compostos e amortização	Disney, Gathergood e Weber (2015)
<i>FinLit Survey</i>	5	Conhecimento financeiro	Taxa de juros, inflação, diversificação de risco e contribuições fiscais para a aposentadoria	Clark, Lusardi e Mitchell (2015)
<i>Programme for International Student Assessment (PISA)</i>	40	Atitude, comportamento e conhecimento financeiros	Dinheiro e transações, planejamento e gestão financeira, risco e recompensa, e panorama financeiro.	OECD (2015b); Lusardi (2015b)
Lusardi (2015a)	11	Conhecimento financeiro	Questões simples: taxa de juros, inflação, diversificação de risco e questões avançadas: função do mercado de ações, conhecimento de fundos de investimento, relacionamento entre as taxas de juros e os preços dos títulos, a diversificação do risco entre ações da empresa ou fundos de investimento, se ações ou títulos possuem maior risco, retornos de longo prazo, maiores oscilações e diversificação de riscos com diferentes ativos.	Lusardi (2015a)

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Percebe-se que, assim como os conceitos, os instrumentos também dimensionam de forma mais preponderante o conhecimento financeiro. Nota-se que poucos estudos propõem escalas com duas ou mais dimensões para mensurar a alfabetização financeira. Além disso, os aspectos que estão sendo mais investigados são as taxas de juros, a inflação, a diversificação de risco, poupanças, empréstimos, consumos e gastos.

Além disso, autores destacam ser possível que alguns aspectos da alfabetização financeira sejam mais ou menos significantes para determinar o bom ou mau comportamento financeiro e, conseqüentemente, determinar menor ou maior grau de sucesso, como é o caso de Marcolin e Abraham (2006), ao sugerirem estudos com componentes específicos da alfabetização financeira que, combinados com certas características demográficas teriam maior influência na obtenção do sucesso financeiro.

2.2 FATORES COMPORTAMENTAIS

Neste tópico são tratados os três principais fatores comportamentais que possuem relação direta e indireta com a alfabetização financeira: o materialismo, as compras compulsivas e a propensão ao endividamento. Uma vez que a literatura aponta evidências de que a alfabetização financeira impacta negativamente nestes três fatores comportamentais (TATZEL, 2002; RUSSELL; BROOKS; NAIR, 2006; RICHINS, 2011; PHAM; YAP; DOWLING, 2012; ALEMIS; YAP, 2013).

2.2.1 Materialismo

Os valores da sociedade estão em constante alteração, atualmente, por exemplo, as pessoas estão sendo mais valorizadas pelo que possuem ou por aquilo que podem chegar a possuir do que pelo caráter que constituem, principalmente pela facilidade na aquisição de crédito (NICACIO, 2008). Dessa forma, os indivíduos são encaminhados ao materialismo compulsivo, pois são estimulados diariamente ao consumo, sendo pela pressão social ou pelas ofertas disponíveis no mercado, criando assim, sentimento que envolve noções de possuir ou conseguir o melhor para si independente das conseqüências geradas (FOURNIER; RICHINS, 1991). Para compreender essas ações faz-se necessário entender o significado do termo “materialismo” que para Moura (2005) é uma orientação do indivíduo voltada para o consumo. Assim, compreende-se que o materialismo está diretamente associado ao status

social e sua menor ou maior presença nos indivíduos está diretamente relacionada aos traços psicológicos, valores morais e éticos (SANTOS; FERNANDES, 2011).

O materialismo pode ser definido como a devoção do indivíduo aos desejos materiais, uma movimentação em possuir as coisas mais materiais e apego às posses para conseguir estados desejados (OMAR *et al.*, 2014). Além disso, o materialismo é visto como um valor para o consumidor, avaliado mediante três dimensões: centralidade, sucesso e felicidade. A centralidade é a indicação da importância que o indivíduo atribui às posses e aquisições, ou seja, o quão central os bens materiais são na vida de uma pessoa. Já a felicidade refere-se ao grau de esperança de que as posses e aquisições trarão satisfação, bem-estar e felicidade. O sucesso, por sua vez, é a tendência dos indivíduos de julgar aos outros e a si próprios pela quantidade e qualidade de suas posses (RICHINS; DAWSON, 1992).

Nesta mesma perspectiva Moura (2005) reitera que indivíduos altamente materialistas visualizam a aquisição de bens materiais como o objetivo central da vida, além de considerarem a posse de bens um indicador de sucesso, status social e a chave para a felicidade. Burroughs e Rindfleisch (2002) corroboram afirmando que uma das tendências mais marcantes do último século refere-se à evolução do consumo como um meio culturalmente aceito para se buscar felicidade, sucesso e bem-estar subjetivo.

Moura (2005) destaca que o materialismo pode ser visto por duas óticas sendo uma positiva, relacionada à motivação do indivíduo, aumento da sua disposição no trabalho, elevação do padrão de vida e da saúde financeira e, outra negativa, relacionada ao enfraquecimento da espiritualidade e das relações pessoais, a poluição do meio ambiente e o endividamento em altos níveis. Santos e Fernandes (2011) resumem esta classificação observando que quando a razão do consumo é a posse em si e a intenção de despertar inveja e obter status, o materialismo é maléfico. Contudo, quando a motivação é ancorada em valores coletivamente orientados, o materialismo não causa danos e não é visto negativamente. Apesar da presença dessas duas óticas, a maioria dos estudos trata o materialismo como um fator negativo, associado a constante busca pela posse (RICHINS; DAWSON, 1999).

As condições que influenciam o aumento do materialismo e as consequências por ele geradas são destacadas em diversas pesquisas. Ponchio e Aranha (2008), por exemplo, desenvolveram um estudo através da adaptação da escala de comportamento materialista de Richins (2004) com consumidores de baixa renda da cidade de São Paulo e constataram que, além de variáveis financeiras, as variáveis comportamentais explicam tal comportamento. Os autores desenvolveram outra pesquisa utilizando dados de famílias que adotam algum plano de parcelamento (descrito no estudo como uso de carnês). Os resultados demonstram que as

variáveis de natureza psicológica, como o materialismo, devem ser consideradas para determinar o comportamento de consumo das pessoas. Até mesmo em uma população com restrições de orçamento, o efeito do materialismo está presente e segundo os autores, quase duplica a probabilidade de posse de um plano de parcelamento. Já o estudo de Kunkel, Vieira e Potrich (2015) ao avaliarem as causas e as consequências da dívida no cartão de crédito a partir de fatores comportamentais de 1.831 usuários de cartão de crédito dos estados de Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Maranhão, confirmaram que o materialismo exerce um efeito indireto sobre o comportamento de uso do cartão de crédito e a propensão à dívida.

Saindo do cenário brasileiro, Koram *et al.* (2006) realizaram uma pesquisa com adultos nos Estados Unidos para verificar se as pessoas compravam itens desnecessários e demonstravam um comportamento compulsivo, voltado para a aquisição de grande quantidade de bens materiais. Os autores analisaram 2.513 indivíduos e os resultados demonstraram que o consumo compulsivo atinge pelo menos um em cada vinte adultos sendo os indivíduos com depressão, distúrbios e transtornos de ansiedade os mais atingidos.

Quanto às consequências do materialismo, Kilbourne e Laforge (2010) afirmam que as mesmas podem ser classificadas em quatro categorias: i) individual positiva, ii) social positiva, iii) individual negativa e, iv) social negativa. As consequências individuais positivas referem-se ao comportamento de consumo do indivíduo, que através do materialismo pode desenvolver sua identidade pessoal, buscando alcançar as metas, como aquisição de roupas, casa, carro. Na categoria social positiva, o materialismo é visto como um atributo positivo que beneficia a sociedade no longo prazo, promovendo ainda mais crescimento, através do progresso material, ou seja, do consumo realizado na sociedade capitalista. Analisando a dimensão individual negativa, percebe-se que as principais consequências do materialismo fazem referência ao bem-estar psicológico e satisfação com a vida. Já, nas consequências sociais negativas, ressaltam-se as consequências ambientais do materialismo, que estão relacionadas mais especificamente ao consumo excessivo (KILBOURNE; LAFORGE, 2010).

Além dessas implicações, indivíduos com comportamentos materialistas apresentam dificuldades de gerenciar suas finanças. O estudo de Limbu, Huhmann e Xu (2012) revelou que pessoas altamente materialistas possuem maior comportamento de risco de má gestão do cartão de crédito. Além de estar relacionado ao risco de má gestão, o materialismo vem sendo apontado como determinante do comportamento financeiro. Para Walker (1996), indivíduos com altos níveis de materialismo tendem a apresentar uma menor capacidade de gerenciar adequadamente suas finanças pessoais. De forma similar, Goldberg *et al.* (2003), em pesquisa

realizada com 996 adolescentes, verificaram que indivíduos materialistas tendem a apresentar um pior comportamento financeiro se comparado àqueles pouco materialistas.

No entanto, percebe-se ainda uma falta de consenso sobre quando os valores materialistas são mais sobressalentes nas de decisões de consumo e em que fase eles efetivamente influenciam o comportamento de consumo (CAKARNIS; D'ALESSANDRO, 2015).

2.2.2 Compras Compulsivas

A aquisição de bens materiais é um processo normal e rotineiro (O'GUINN; FABER, 1989). Entretanto, em situações específicas, a compra pode ser repentina, não planejada e associada a um forte desejo e sentimento de prazer e excitação. Nesses casos, tem-se um tipo especial de comportamento de compra, denominado compra compulsiva (LEJOYEUX; WEINSTEIN, 2010). Essa conduta é conceituada por Edwards (1993) como uma forma crônica e anormal de obter objetos, caracterizada, no extremo, por um desejo incomensurável, incontrolável e repetitivo de comprar, independente das consequências. O autor acrescenta que o processo de compra atua como ferramenta para aliviar sentimentos negativos como o estresse e a ansiedade.

Para Dittmar, Long e Bond (2007), os consumidores compulsivos possuem uma vontade irresistível de comprar sob a qual os mesmos não têm domínio, o que leva a continuidade do consumo mesmo após o conhecimento das consequências adversas sobre sua vida pessoal e social e sobre sua situação financeira. Dentro desse escopo, Koram *et al.* (2006) afirmam que quando os consumidores perdem sua capacidade para controlar o processo de compra, eles irão comprar coisas que talvez não utilizem, em quantidade excedente ao necessário e superior ao permitido por seus recursos financeiros, ocasionando consequências adversas como sofrimento e problemas financeiros. Uma vez que a motivação para a satisfação de comprar por impulso gera como resultado uma quantidade maior de benefícios percebidos por meio do cumprimento de um desejo de compra em detrimento ao reconhecimento dos custos associados (CAKARNIS; D'ALESSANDRO, 2015).

Segundo Valence, D'Astous e Fortier (1988), o comportamento de compra compulsiva surge como resultado de um agregado de elementos. Buscando compreender as motivações para o desencadeamento desse comportamento, os pesquisadores têm estabelecido modelos biopsicossociais que consideram fatores físicos, genéticos, psicológicos, sociais e culturais como determinantes da compra compulsiva (O'GUINN; FABER, 1989). Valence, D'Astous e

Fortier (1988) verificaram que o sentimento de ansiedade é fator crítico do surgimento dessa conduta, visto que o mesmo provoca ações espontâneas, empurrando o consumidor para a tomada de atitudes que minimizem a tensão e os sentimentos negativos. Além da ansiedade, os autores apontam o ambiente familiar, fatores genéticos, variáveis situacionais, disfunções biológicas e o ambiente sociocultural, composto pela cultura, ambiente comercial e propaganda como responsáveis por engajar os indivíduos em comportamentos de compulsão.

Além das motivações para se engajar em comportamentos de compra compulsiva, os estudos tem buscado relatar as principais consequências decorrentes desse comportamento. Sentimentos de baixa autoestima e baixo autocontrole, depressão, ansiedade e frustração vêm sendo apontados como consequências frequentes do comportamento de compra compulsiva (O'GUINN; FABER, 1989; FABER; O'GUINN, 1992, EDWARDS, 1993). De acordo com Kyrius, McQueen e Moulding (2013), a compra compulsiva opera em um ciclo negativo com a depressão, de modo que o consumo, no curto prazo, tende a aliviar emoções negativas, no entanto, no longo prazo, a falta de satisfação com os objetos adquiridos e as consequências negativas decorrentes da compra compulsiva servem para perpetuar a depressão e a baixa autoestima.

Outros problemas relevantes decorrentes da compra compulsiva são ligados às consequências financeiras, como por exemplo, o descontrole de gastos e o alto nível de endividamento, e problemas de gestão do crédito, como o uso intenso e irracional do cartão de crédito (O'GUINN; FABER, 1989; ROBERTS, 1998; VELUDO-DE-OLIVEIRA; IKEDA; SANTOS, 2004; KUNKEL; VIEIRA; POTRICH, 2015). O estudo de Roberts e Jones (2001) ratifica a constatação de que o uso do cartão de crédito agrava o problema de compra compulsiva. Os autores verificaram que consumidores compulsivos tendem a gastar mais, ter algum tipo de dívida e a tomar decisões referentes a compras mais rapidamente quando munidos de um cartão de crédito. Assim como concluíram Kunkel, Vieira e Potrich (2015), que comportamentos de compras compulsivas levam o indivíduo a incorrerem mais fortemente em situações de dívidas. Roberts (1998) acrescenta que a presença de comportamentos de compra compulsiva pode conduzir a problemas financeiros, os quais, por sua vez, contribuem para o surgimento de emoções negativas.

2.2.3 Propensão ao endividamento

A expansão do dinheiro e dos serviços financeiros resultou em um acesso mais fácil ao dinheiro, que por sua vez aumentou a propensão ao endividamento entre as pessoas

(FALAHATI; SABRI, 2015). Além disso, a crescente disponibilidade e aceitabilidade do crédito nas economias mundiais têm estimulado o desenvolvimento econômico e facilitado o cotidiano dos indivíduos (NICACIO, 2008). No Brasil, esse fato é descrito por Claudino, Nunes e Silva (2009), os quais relatam que o governo do país tem expandido a oferta de crédito e ampliado os prazos de pagamento devido ao crescimento e a estabilidade econômica possibilitando, dessa forma, a participação das classes sociais menos favorecidas no mercado consumidor. No entanto, essa abertura econômica provoca consequências como o crescimento acelerado nos níveis de consumo e do endividamento.

O endividamento é compreendido como o processo de assumir ou contrair dívidas, derivando do verbo endividar-se (FERREIRA, 2006). De acordo com o Observatório do Endividamento dos Consumidores (2002) o endividamento é um saldo devedor assumido por determinado indivíduo, que pode ser resultado de uma ou mais dívidas (simultaneamente), as quais são geradas a partir da utilização de capital de terceiros. Os indivíduos que se deparam com essas circunstâncias podem comprometer uma parcela significativa de sua renda, apresentando gastos superiores a suas condições.

Prosseguindo na busca pela compreensão dos aspectos inerentes ao endividamento, destaca-se o termo sobre-endividamento. Este caracteriza a situação em que o indivíduo é incapaz de pagar as suas dívidas com a renda que recebe. O sobre-endividamento pode acontecer de forma ativa, quando o indivíduo contribui para a dívida, ou de forma passiva, quando não contribui, como em casos de doença e desemprego (BRUSKY; MAGALHÃES, 2006; KEESE, 2010). Reifner *et al.* (2010) defendem que os consumidores sobre-endividados devem ser “reciclados” pelo sistema financeiro, permitindo que participem mais uma vez do mercado e da sociedade e não sejam excluídos.

Evidencia-se que muitos são os estudos que demonstram altos níveis de endividamento tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos. Dessa forma, Dominguez e Robin (2007) verificam em suas pesquisas altos níveis de endividamento na realidade financeira americana. Em Portugal, o panorama não é diferente, em menos de vinte anos, a taxa de endividamento (medida em percentagem do rendimento disponível) passou de pouco mais de 18%, em 1990, para 130%, em 2007, uma das mais elevadas de toda a União Européia (FRADE *et al.*, 2008).

Já no mercado brasileiro, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) realiza, desde o ano de 2010, uma pesquisa mensal que avalia o endividamento e inadimplência do consumidor. O número de famílias que relataram não ter perspectiva de pagar suas contas em atraso cresceu 23,2% em 2015, na comparação com o

ano anterior, e com este avanço, essa parcela endividada chegou a 7,7% do total das famílias brasileiras. O estudo aponta, ainda, que 25,4% das famílias com dívidas têm mais da metade de sua renda mensal comprometida com o pagamento de dívidas. Entre aquelas com contas ou dívidas em atraso, o tempo médio de atraso foi de 64,3 dias em fevereiro de 2016 – acima dos 60,5 dias registrados no ano passado. Já o tempo médio de comprometimento com dívidas foi de 7,1 meses, sendo que 26,2% estão comprometidas com dívidas até três meses, e 34,0% por mais de um ano (CNC, 2011).

Diante do elevado nível de endividamento, o meio acadêmico tem buscado identificar os efeitos que essas circunstâncias geram na saúde mental das pessoas. Nesse âmbito, o Observatório de Endividamento dos Consumidores da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (2002) aponta possíveis aspectos sociais e psicológicos desenvolvidos após o não cumprimento dos prazos de pagamento das dívidas (sobre-endividamento), como a marginalização e exclusão social, o alcoolismo, a dissolução das famílias, as perturbações da saúde física e mental. Jacoby (2002) corrobora, afirmando que os indivíduos podem limitar sua capacidade de buscar assistência médica, devido aos custos incorridos. Com isso, sua saúde física e mental também poderá ser prejudicada. Além destes, fatores comportamentais têm sido apontados como causadores da propensão ao endividamento, tal como relatam Kunkel, Vieira e Potrich (2015), ao desenvolverem um modelo para mensuração da dívida pessoal no cartão de crédito, encontraram seis hipóteses que relacionam diretamente a dívida aos fatores comportamentais.

Ferreira (2006) ainda acrescenta que as pessoas endividadas têm pouca ou nenhuma habilidade em lidar com dinheiro, não elaboram um planejamento financeiro e não conseguem passar o mês dentro do orçamento fazendo com que os mesmos passem a trabalhar exclusivamente para quitar as dívidas, dificultando a recuperação do equilíbrio econômico. Alguns conseguem reverter a situação, enquanto outros necessitam de ajuda, como orientações prévias a respeito de decisões financeiras ou até mesmo auxílio financeiro para liquidar as dívidas. Nos Estados Unidos, alguns Estados oferecem um padrão de vida mínimo para a população, contribuindo com famílias que estão sobre-endividadas. Por exemplo, quando as pessoas são incapazes de pagar o aluguel, o Estado oferece alojamentos alternativos. Desta forma, a própria sociedade do consumo torna-se responsável e, ao mesmo tempo, é influenciada pelo endividamento do consumidor (REIFNER *et al.*, 2010).

Em relação aos aspectos econômicos, uma das consequências negativas do endividamento é a probabilidade de inadimplência do consumidor. A Sociedade Brasileira de Proteção ao Crédito (SPC) e o Instituto de Economia Gastão Vidigal (IEGV) realizaram uma

pesquisa onde os consumidores foram questionados sobre diversos aspectos, tais como as causas da inadimplência, o uso dos empréstimos e a pretensão de compra. Em relação às causas da inadimplência, verificou-se na pesquisa do ano de 2010, que o desemprego foi a principal delas, atingindo 48% dos consumidores. Outro aspecto destacado pelos consumidores consiste no descontrole do gasto, com 11%. Consequentemente, a principal finalidade da contratação de empréstimos foi a quitação das dívidas, correspondendo a 42%. Apesar dos consumidores mostrarem-se endividados, a pretensão de compra foi otimista. Os consumidores buscam adquirir prioritariamente, automóveis e eletrodomésticos, sendo que os dois itens correspondem a 40% das pretensões de compra dos respondentes. Tendo em vista os resultados da pesquisa, pode-se notar que apesar do risco de endividamento, o consumidor revela propensão ao consumismo.

No Brasil, estudos têm buscado relacionar a educação financeira e o endividamento, apesar deste tema ainda ser pouco estudado em amostras distintas, como homens, mulheres, jovens, idosos, etc. Temos como exemplo o estudo de Claudino, Nunes e Silva (2009) que tiveram como unidade de análise, os funcionários públicos da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e utilizaram um questionário estruturado que avaliou o nível de endividamento e de educação financeira, através de escalas desenvolvidas por Brusky e Magalhães (2006). Para avaliar o nível de educação financeira, estabeleceu-se uma pontuação percentual de 0 a 100% (0 a 60% = conhecimento insuficiente; 61 a 75% = conhecimento moderado; 76 a 100% = conhecimento satisfatório). Os resultados da pesquisa indicaram que o nível de educação financeira dos servidores é insuficiente e que as principais deficiências dos servidores nesta área correspondem a: conhecimento da liquidez das aplicações, elaboração de lista de compras, planejamento financeiro e taxa do cheque especial. Tendo em vista o endividamento, os servidores, em sua maioria, encontraram-se pouco endividados, havendo baixa frequência em níveis mais sérios de endividamento. Concluiu-se que o maior conhecimento de educação financeira influencia na condição de menores níveis de endividamento.

2.3 RELAÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS COM A ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Para compreender as diferenças entre as variáveis socioeconômicas e demográficas quando abordamos a alfabetização financeira dos indivíduos, elabora-se este tópico, expondo estudos que esclareçam o comportamento distinto entre os pesquisados, no que tange ao

gênero, idade, estado civil, ser estudante, possuir dependentes, ocupação, nível de escolaridade, nível de escolaridade dos pais, faixa de renda média mensal própria e faixa de renda média mensal familiar, e quais as circunstâncias que os tornam mais alfabetizados financeiramente.

Justificado pelo fato de que muitas pesquisas têm comprovado relações por meio de diversos métodos, das variáveis socioeconômicas e demográficas nos níveis de alfabetização financeira dos indivíduos (CHEN; VOLPE, 1998; LUSARDI; MITCHELL, 2006; AGARWAL *et al.*, 2009; MONTICONE, 2010; FINKE; HOWE; HUSTON, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; MOTTOLA, 2013; SCHERESBERG, 2013; SARIGÜL, 2014; CLARK; LUSARDI; MITCHELL, 2015; MESSY, MONTICONE, 2016).

Além disso, compreender o perfil socioeconômico dos indivíduos que são susceptíveis a serem financeiramente menos alfabetizados pode ajudar aos formuladores de políticas a concentrarem-se e modificarem suas estratégias a fim de ajudar os indivíduos de forma mais específica e direta aos grupos prioritários, além de evitar uma única solução que não atingiria aos indivíduos de forma efetiva (SALLEH, 2015).

2.3.1 Gênero

A literatura atual sobre o tema das diferenças de gênero no que diz respeito à alfabetização financeira é relativamente extensa, onde diversos autores identificam que as mulheres apresentam menores índices de alfabetização financeira do que os homens (CHEN; VOLPE, 1998; AGARWAL *et al.*, 2009; LUSARDI; MITCHELL, 2011; MOTTOLA, 2013; SCHERESBERG, 2013; SARIGÜL, 2014; BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014; LUSARDI, 2015a; MESSY, MONTICONE, 2016). Este parece ser o caso independentemente dos níveis de sofisticação das questões (HUNG; PARKER; YOONG, 2009; LUSARDI *et al.*, 2014). Além disso, um fator preocupante, de acordo com Agnew e Harrison (2015), é que as razões para estas diferenças de gênero não são examinadas com rigor na maioria dos estudos que versam sobre este tema.

Especificamente, Lusardi e Mitchell (2011) constataram que as mulheres são significativamente menos propensas a responder corretamente perguntas sobre finanças e mais propensas a dizer que não sabem a resposta. Este fato é notavelmente semelhante em países financeiramente diferentes como a Austrália, a França e a Romênia (LUSARDI; WALLACE, 2013). Por outro lado, as mulheres também avaliam seu próprio nível de alfabetização financeira de forma mais conservadora. Segundo Lusardi e Mitchell (2011), este

fato é verdade em quase todos os países, tanto nos países desenvolvidos, como nos países em desenvolvimento.

Estudos realizados por Chen e Volpe (1998) e Lusardi e Mitchel (2006) ampliam as evidências de que as mulheres apresentam maior dificuldade em realizar cálculos financeiros e menor nível de conhecimento, acabando por dificultar a habilidade de tomada de decisões financeiras responsáveis. Já Lusardi (2015a) encontrou diferenças entre o gênero nomeadamente em matéria de diversificação de risco, permanecendo a premissa de que as mulheres são as que apresentaram níveis mais baixos de conhecimento do que os homens. Ratificando esses achados, Lusardi, Mitchel e Curto (2010), verificaram uma grande lacuna de conhecimento entre os gêneros, sendo os homens os maiores detentores de conhecimento. Lusardi e Tufano (2009), investigando especificamente o nível de educação financeira, verificaram que tanto mulheres jovens (idade inferior a 30 anos), quanto idosas (idade superior a 65 anos), possuem menores níveis de alfabetização financeira se comparadas aos homens.

Na Suíça, um estudo realizado por Brown e Graf (2013) evidencia que esta disparidade no nível de alfabetização financeira não é influenciada pela falta de interesse das mulheres em questões financeiras, e sim pela diferença de gênero na participação dos entrevistados que respondem todas as perguntas corretamente, sendo ligeiramente mais fraca para os respondentes que estão menos interessados em assuntos financeiros.

Ainda de acordo com Scheresberg (2013) ao pesquisar 4.468 adultos americanos, detectou que as mulheres são menos propensas a responder corretamente a cada uma das três questões de alfabetização financeira e esta diferença entre os gêneros é maior para a questão que trata do conhecimento sobre inflação, onde as mulheres apresentaram 20 pontos percentuais menos propensão a responder corretamente do que os homens. Assim, como nas questões de juros e risco em que apresentam uma propensão menor de acerto em 11 e 13 pontos percentuais, respectivamente.

Lusardi e Mitchell (2014) destacam que uma característica marcante dos dados empíricos sobre alfabetização financeira é a grande e persistente diferença entre o gênero. Uma vez que não são apenas os homens mais velhos, que geralmente são financeiramente mais experientes do que as mulheres mais velhas, mas estas diferenças são semelhantes entre os entrevistados mais jovens. Segundo os autores, além das mulheres serem menos propensas a responder as questões de alfabetização financeira corretamente do que os homens, elas também são muito mais propensas a dizer que 'não sabem' a resposta de uma pergunta.

Em uma pesquisa realizada com indivíduos dos Estados Unidos, Holanda e Alemanha, Bucher-Koenen *et al.* (2014) buscaram apresentar evidências de pesquisas sobre a alfabetização financeira, com um foco especial sobre as mulheres, de modo a fornecer *insights* sobre a diferença de gênero existente neste tema e também concluíram que os respondentes do gênero feminino nos três países pesquisados são menos propensos a responder as perguntas de alfabetização financeira corretamente do que aqueles do gênero masculino e esta diferença persiste após excluir as variáveis socioeconômicas e demográficas (estado civil, idade, renda e escolaridade), além de que as mulheres são mais propensas a afirmarem que não sabem as respostas para as perguntas.

Diferenças muito semelhante a estas foram encontradas na Suécia (ALMENBERG; SALVAR-SODERBERGH, 2011), Nova Zelândia (CROSSAN; FESLIER; BURNARD, 2011), Itália (FORNERO; MONTICONE, 2011), Japão (SEKITA, 2011), Austrália (AGNEW; BATEMAN; THORP, 2013), França (ARRONDEL; DEBBICH; SAVIGNAC, 2013) e Suíça (BROWN; GRAF, 2013). Em todos esses países, as mulheres não só são menos propensas a responderem corretamente as três questões de alfabetização financeira, como também são mais propensas a indicarem que não sabem a resposta para as questões.

Com isso, a fim de tentar explicar com maior clareza tais diferenças, Mahdavi e Horton (2014) analisam a alfabetização financeira de ex-alunas de uma faculdade feminina de elite nos Estados Unidos e detectaram que mesmo neste grupo talentoso e bem-educado, a alfabetização financeira das mulheres mostrou-se muito baixa. Em outras palavras, mesmo as mulheres bem-educadas não são particularmente financeiramente alfabetizadas, o que poderia implicar que as mulheres se alfabetizam financeiramente de forma diferente ou possuem diferentes oportunidades de aprendizagem do que os homens. No entanto, este debate está longe de ser concluído, uma vez que são necessárias investigações adicionais para compreender melhor estas diferenças entre os gêneros observadas na alfabetização financeira (MAHDAVI; HORTON, 2014).

Para melhor visualizar as relações existentes entre o gênero masculino e feminino na alfabetização financeira, o Quadro 5 apresenta alguns dos estudos realizados sobre o tema, pontuando seus objetivos, amostra e método utilizados, assim como seus principais resultados.

Quadro 5 – Relações entre o gênero e a alfabetização financeira

(continua)

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Chen e Volpe (1998)	Examinar a alfabetização financeira e a relação entre esta e as características pessoais dos estudantes, além de verificar o impacto da alfabetização nas suas decisões financeiras.	924 estudantes universitários	Análise de variância (ANOVA) e Regressão Logística (variável dicotômica - alto e baixo nível de alfabetização - como variável dependente)	Regressão Logística 0,633***	*Estudantes do gênero feminino apresentam acertos inferiores aos dos participantes do gênero masculino (ANOVA e Reg. Logística).
Agarwal <i>et al.</i> (2009)	Analisar os padrões do ciclo de vida com relação aos erros financeiros sobre 10 tipos de operações de crédito.	Base de dados da University of Michigan's Health and Retirement Study (HRS)	Cross-section com análise gráfica	Não possui	*Mulheres mais velhas tendem a ser menos envolvidas na tomada de decisão financeira do que os homens.
Monticone (2010)	Investigar os determinantes da alfabetização financeira em uma pesquisa italiana sobre o rendimento das famílias e da riqueza realizada em 2006.	3.992 chefes de família	Estatística descritiva e regressão pelo método dos momentos generalizados	Método dos momentos generalizados Feminino: -0,316***	*Indivíduos do gênero feminino são menos alfabetizadas financeiramente.
Lusardi e Mitchell (2011)	Examinar a alfabetização financeira nos Estados Unidos usando os dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	1.488 americanos adultos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla com três diferentes <i>proxies</i> de alfabetização financeira.	Os coeficientes não foram significativos	*Mulheres são menos alfabetizadas financeiramente do que os homens (Estatística descritiva). *Na regressão linear múltipla, a variável gênero não foi significativa.
Atkinson e Messy (2012)	Avaliar os resultados de um estudo-piloto da Rede Internacional da OCDE sobre Educação Financeira realizado em 14 países, centrando-se nas variações do conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira entre os países e das suas variáveis sócio-demográficas.	14 países de 4 continentes, totalizando 19.212 indivíduos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla para cada país.	Não apresentam os coeficientes. Apresentam apenas as variáveis significativas e a direção da associação.	*Em todos os países, as mulheres apresentaram níveis de alfabetização financeira significativamente menor do que os homens.
Scheresberg (2013)	Examinar a alfabetização financeira e o comportamento financeiro de jovens adultos, usando os dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	4.468 adultos com idade entre 25 e 34 anos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla (as variáveis dependentes são variáveis <i>dummy</i> que caracterizam os entrevistados que responderem corretamente as questões de 1-juros, 2-inflação e 3-risco).	Regressão linear múltipla 1 - Feminino: -0,110*** 2 - Feminino: -0,200*** 3 - Feminino: -0,126***	*As mulheres são menos propensas a responder corretamente a cada uma das três questões de alfabetização financeira. *A diferença é maior para a questão da inflação(2), onde as mulheres apresentam 20 pontos percentuais menos propensão a acertar do que os homens.

Quadro 5 – Relações entre o gênero e a alfabetização financeira

(conclusão)

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes significativos	Resultados
Gerrans e Heaney (2014)	Analisar o nível de alfabetização financeira de uma amostra de alunos de graduação da Austrália, que completaram um semestre de curso de finanças pessoais como parte do seu curso de graduação, comparando as avaliações pré e pós-curso.	370 graduandos que realizaram o curso de finanças pessoais e mais 501 que não o realizaram	Teste <i>t</i> para testar diferenças entre as variáveis de perfil, com grupo que realizou o curso (1) e aquele que não realizou (2)	<p>Questões básicas: 1-Mascul.: 3,29 Femin.: 2,75 Teste <i>t</i>: 5,70*** 2-Mascul.: 3,06 Femin.: 2,58 Teste <i>t</i>: 4,46***</p> <p>Questões avançadas: 1-Mascul.: 2,74 Femin.: 2,23 Teste <i>t</i>: 4,52*** 2-Mascul.: 2,53 Femin.: 2,16 Teste <i>t</i>: 2,81***</p>	*As mulheres apresentam níveis menores de alfabetização financeira do que os homens, nas questões básicas e avançadas, tanto no grupo que realizou o curso, como naquele que não o realizou.
Lusardi <i>et al.</i> (2014)	Desenvolver e experimentar quatro novos programas educacionais on-line, tendo como um dos temas de pesquisa, a alfabetização financeira.	892 adultos americanos	Regressão linear múltipla, tendo a proporção de variáveis corretas (1) e a alternativa "não sei" (2) como variáveis dependentes	1- Mulheres: -0,0607*** 2- Mulheres: 0,0359**	*As mulheres tendem a ter um menor número de respostas corretas e mais incidência de respostas "não sei" do que os homens.
Sarigiül (2014)	Determinar o nível de alfabetização financeira de estudantes universitários, a fim de descobrir a relação entre alfabetização financeira e as características dos estudantes.	1.099 estudantes de graduação de três universidades na cidade de Konya (Turquia)	Teste <i>t</i> , ANOVA e Regressão Logística (sendo 1 as mulheres e 0 os homens)	Teste <i>t</i> : 0,34*** Média Homens: 0,67 Média Mulheres: 0,64 Regressão Logística: -0,309**	*Estudantes do gênero feminino são mais propensas a serem menos informadas do que estudantes do sexo masculino, sendo que elas apresentam uma média menor e significativa no nível de alfabetização financeira.
Bucher-Koenen <i>et al.</i> (2014)	Apresentar evidências de pesquisas de alfabetização financeira, com um foco especial sobre as mulheres, de modo a fornecer <i>insights</i> sobre a diferença de gênero existente nos níveis de alfabetização financeira.	1.500 adultos americanos, 2.000 famílias da Holanda, 2.200 famílias da Alemanha	Modelos de probabilidade linear de quem acertou todas as três questões, com a amostra dos indivíduos americanos, tendo as mulheres como grupo de referência.	Modelo sem excluir as variáveis de perfil da mulher: -0,158*** Modelo excluindo estado civil, idade, renda e escolaridade da mulher: -0,138***	*Os respondentes do gênero feminino são menos propensos a responder as perguntas de alfabetização financeira corretamente do que aqueles do gênero masculino e esta diferença persiste após excluir as variáveis de perfil (estado civil, idade, renda e escolaridade).

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Consistente com o quadro descrito anteriormente, Hsu (2011) propôs que algumas das diferenças entre os gêneros podem ser racionais, como por exemplo, a especialização do trabalho dentro do agregado familiar, onde muitas vezes as mulheres casadas iniciam seu interesse e buscam maiores entendimentos financeiros apenas no final da vida (perto de viuvez). Bucher-Koenen *et al.* (2014) ratificam a importância das mulheres serem alfabetizadas financeiramente porque elas tendem a viver mais que os homens e por isso, precisam organizar-se quanto a sua aposentadoria, uma vez que são mais propensas a gastar mais pela sua maior expectativa de vida.

Além disso, as mulheres tendem a ter menos apego ao mercado de trabalho, com carreiras interrompidas por causa da gravidez e potencialmente com menos recursos financeiros ao longo do ciclo de vida. Com menos recursos disponíveis e as expectativas de vida mais elevadas, a segurança financeira das mulheres após a aposentadoria é algo potencialmente em risco (BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014). Lusardi e Mitchell (2008) também analisam esta questão em mais detalhes e alertam sobre as dificuldades que as mulheres podem enfrentar na tomada de decisões financeiras, particularmente após a morte do seu cônjuge.

Entre as justificativas encontradas para índices de alfabetização inferiores entre as mulheres, salienta-se a longa caminhada que elas estão traçando ao longo da história em busca de um maior espaço social, autonomia e reconhecimento. Nesse sentido, ao contrário do que diz o senso comum, as mulheres sempre trabalharam, sendo que as tarefas indispensáveis da atividade doméstica eram e são executadas por milhares delas, as quais contribuem para a sobrevivência da família, pois realizando tais tarefas, de certa maneira, esta constitui uma força de trabalho sem remuneração (BRUSCHINI; ROSEMBERG, 1982).

Por exemplo, é a maneira como meninos e meninas crescem, sendo expostos a diferentes oportunidades de aprendizagem e aperfeiçoamento das suas competências financeiras, tais como o acesso diferente para trabalho e para o mercado financeiro e, portanto, eles podem desenvolver diferentes níveis de conhecimento financeiro e diferentes estratégias financeiras ao longo do tempo (OECD, 2013d).

De acordo com Charles e Grusky (2004), as desigualdades de gênero também são criadas por causa da segregação ocupacional. Onde homens e mulheres não só atingem diferentes posições na hierarquia do local de trabalho, como também são convidados a usar suas habilidades de forma diferente quando chegam lá, ocupando diferentes nichos no mercado de trabalho. As mulheres acabam predominantemente empregadas em áreas onde possuem menos oportunidades para expressar seu potencial e desenvolver suas habilidades,

muitas vezes à custa de salários mais baixos e carreiras mais lentas. Além da ambição e do sucesso escolar serem apenas dois dos elementos que afetam o equilíbrio entre os gêneros no mercado de trabalho.

Assim, detecta-se que as diferenças encontradas no gênero podem ser resultado da socialização dos indivíduos. Um estudo realizado por Edwards, Allen e Hayhoe (2007) concluiu que os pais mantêm diferentes expectativas para filhas e filhos, uma vez que possuem expectativas mais altas para o trabalho e a poupança para os filhos, e, com isso, são mais propensos a falar com seus filhos sobre dinheiro. Em contraste, os autores observaram que os pais educam filhas para serem dependentes financeiramente, uma vez que as mesmas recebem mais apoio financeiro de seus pais do que os filhos em idade universitária. Assim, parece que a diferença significativa entre homens e mulheres é explicada pelo fato de que os homens tendem a ver o dinheiro como poder e acreditam que ter dinheiro vai torná-los mais socialmente desejáveis, enquanto as mulheres parecem ter uma abordagem mais passiva em relação ao dinheiro (CALAMATO, 2010).

No entanto, nos últimos anos as mulheres não se restringem apenas as atividades domésticas, trabalham em praticamente todos os âmbitos sociais, mas ainda há preconceitos. Para amenizar essa circunstância, as mulheres progressivamente estão buscando superar as diversas representações pejorativas acerca do gênero feminino, pois à medida que a mulher ganha espaço no mercado de trabalho, ela passa a participar, cada vez mais, no gerenciamento financeiro domiciliar e, muitas vezes, torna-se a responsável pelo domicílio. Segundo o último censo do IBGE realizado em 2010, no período entre 2000 e 2010 houve um aumento de famílias tendo a mulher como responsável (de 22,2% para 37,3%), inclusive em presença de cônjuge (de 19,5% para 46,4%), contra o decréscimo de 77,8% para 62,7% no caso de homem responsável. Também houve queda no percentual de homens responsáveis em domicílios com a presença de cônjuge, de 95,3% para 92,2%. Os motivos podem ser creditados a uma mudança de valores relativa ao papel da mulher na sociedade e a fatores como o ingresso maciço no mercado de trabalho e o aumento da escolaridade em nível superior, combinados com a redução da fecundidade (IBGE, 2010).

Partindo desse pressuposto, a relação do gênero feminino com o gerenciamento financeiro tem ganhado notoriedade, pois conhecer o perfil socioeconômico e demográfico destas mulheres e o seu nível de alfabetização financeira torna-se de extrema relevância, devido ao aumento de suas responsabilidades financeiras. Principalmente porque existem evidências empíricas que a alfabetização financeira, impacta positivamente sobre a situação financeira dos indivíduos. No que tange realizar adequadamente um orçamento, poupar

dinheiro e controlar os gastos (MOORE, 2003; PERRY; MORRIS, 2005), saber controlar as dívidas (CAMPBELL, 2006; LUSARDI; TUFANO, 2009), participar nos mercados financeiros (CHRISTELIS; JAPPELLI; PADULA, 2010; YOONG, 2011; VAN ROOIJ, LUSARDI; ALESSIE, 2011), planejar-se para a aposentadoria (LUSARDI; MITCHELL, 2007; LUSARDI; MITCHELL, 2008) e acumular riqueza (STANGO; ZINMAN, 2009). Assim, baixos níveis de alfabetização financeira entre as mulheres podem estar impedindo a sua capacidade de acumular e gerenciar ativos e, em última análise, garantir um futuro financeiro promissor (MOTTOLA, 2013).

No entanto, a tomada de consciência de sua própria falta de conhecimento pode tornar as mulheres alvos ideais para programas de educação financeira. Além da constatação de que as meninas em muitos países agora superam os rapazes não só em nível educacional, mas também nas esperanças e planos que têm para carreiras de alto padrão, e tudo isso mantém a promessa de reduzir as diferenças de gênero em um futuro não muito distante (MARKS, 2008). Uma vez que as famílias em que as mulheres também participam das decisões financeiras têm um maior aumento percentual na renda familiar (SWAMY, 2014).

2.3.2 Idade

As principais pesquisas que tratam da relação entre a idade e a alfabetização financeira relatam que esta tende a ser maior entre os adultos no meio de seu ciclo de vida e, geralmente, é menor entre os jovens e os idosos, apresentando-se em forma de U invertido (RESEARCH, 2003; AGARWAL *et al.*, 2009; ATKINSON; MESSY, 2012; SCHERESBERG, 2013; LUSARDI; MITCHELL, 2014; BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014). Os resultados da pesquisa de Scheresberg (2013) constataram que nos Estados Unidos, 35% dos jovens adultos (25 a 34 anos) têm utilizado empréstimos com altos custos, ou seja, suas decisões financeiras iniciais estão relacionadas com uma maior dívida. Além disso, Lusardi e Mitchell (2011) demonstraram que os pesquisados na faixa etária entre 25 e 65 anos, tendem a acertar 5% mais questões do que os menores de 25 anos ou mais de 65 anos.

Ao pesquisar as diferenças existentes na alfabetização financeira, Bucher-Koenen *et al.* (2014) também perceberam que o nível de alfabetização financeira apresenta-se em forma de U invertido, uma vez que ela é menor na primeira faixa etária (menor que 35 anos) e na última (maior que 65 anos). Além disso, o ciclo de vida intermediário é o que apresenta o maior número de acertos, sendo a faixa etária de 36 a 50 anos a que possui o maior nível nas mulheres e de 51 a 65 anos para os homens. Especificamente, nos Estados Unidos, na

Holanda e na Alemanha, a alfabetização financeira é bastante baixa entre os jovens, mas é menor entre as mulheres jovens do que entre os homens (BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014).

Complementariamente, Almenberg e Säve-Söderbergh (2011) observam que os mais altos níveis de alfabetização são exibidos por aqueles entre 35 e 50 anos e aqueles com mais de 65 anos foram os que obtiveram os piores níveis na Suécia. Lusardi (2015a) e Lusardi e Mitchell (2014) também detectaram o ciclo de vida da alfabetização financeira e os dados da pesquisa confirmam que a alfabetização financeira é, de fato, mais baixa entre os jovens e os idosos.

Além disso, Lusardi *et al.* (2014) constataram que ao aumentar a idade do indivíduo, o número de respostas corretas tende a aumentar também, assim como diminuir a escolha pela alternativa "não sei" das questões, ambos apresentando pequenos coeficientes, porém significativos a 1%. Assim como encontraram Clark, Lusardi e Mitchell (2015), onde conforme aumenta a idade do beneficiário, há um aumento no seu nível de alfabetização financeira.

Outro ponto interessante a ser notado é que os idosos dão pontuações muito altas a si em relação à sua própria educação financeira, apesar de terem escolhido a alternativa errada sobre as questões básicas de alfabetização financeira (LUSARDI; MITCHELL, 2011; LUSARDI; TUFANO, 2009). Da mesma forma, Finke, Howe e Huston (2011) desenvolveram uma medida multidimensional da alfabetização financeira para os idosos e confirmaram que, apesar de alfabetização financeira real declinar com a idade, a confiança dos mesmos em suas próprias habilidades na tomada de decisões financeiras, aumenta com a idade.

A fim de visualizar de forma mais clara as relações existentes entre a idade e a alfabetização financeira, desenvolveu-se o Quadro 6 com alguns dos estudos realizados sobre o tema.

Quadro 6 – Relações entre a idade e a alfabetização financeira

(continua)

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Chen e Volpe (1998)	Examinar a alfabetização financeira e a relação entre esta e as características pessoais dos estudantes, além de verificar o impacto da alfabetização nas suas decisões financeiras.	924 estudantes universitários	Questionário com ANOVA e Regressão Logística (variável dicotômica – alto e baixo nível de alfabetização – como variável dependente)	Regressão Logística 18-22 anos: -1,486*** 23-29 anos: -1,191***	*Estudantes nos subgrupos de idade de 23 a 29 e de 40 anos ou mais apresentam maior conhecimento do que os outros grupos de faixas etárias (ANOVA). *Estudantes com menos de 30 anos são mais propensos a ter menos conhecimento financeiro em comparação com os 40 anos ou mais (Reg. Logística).
Research (2003)	Analisar os níveis de alfabetização financeira de australianos adultos, propondo uma medição contínua e identificando o perfil do grupo com menores níveis.	3.548 adultos	Estatística descritiva e teste de diferença estatística entre grupos	Não apresentam os coeficientes. Apresentam apenas as variáveis significativas e a direção da associação.	*Os respondentes em ambos os extremos do perfil etário (18 a 24 anos de idade e aqueles com 70 anos ou mais) são os mais propensos a possuírem baixos níveis de alfabetização financeira.
Agarwal <i>et al.</i> (2009)	Analisar os padrões do ciclo de vida com relação aos erros financeiros sobre 10 tipos de operações de crédito.	Base de dados da University of Michigan's Health and Retirement Study (HRS)	Cross-section com análise gráfica	Não possui	*Os indivíduos mais velhos e os mais jovens são mais propensos a pagar preços mais elevados para os produtos financeiros do que os indivíduos de meia idade. *Erros financeiros seguem um padrão gráfico em forma de U, com o desempenho de minimização de custo em torno de 53 anos.
Lusardi e Mitchell (2011)	Examinar a alfabetização financeira nos Estados Unidos usando os dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	1.488 americanos adultos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla com três diferentes <i>proxies</i> de alfabetização financeira.	Os coeficientes não foram significativos	*Com o aumento do nível de idade, aumenta as respostas corretas (Estatística descritiva). *Na regressão linear múltipla, a variável idade não foi significativa.
Atkinson e Messy (2012)	Avaliar os resultados de um estudo-piloto da Rede Internacional da OCDE sobre Educação Financeira realizado em 14 países, centrando-se nas variações do conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira entre os países e das suas variáveis sócio-demográficas.	14 países de 4 continentes, totalizando 19.212 indivíduos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla para cada país.	Não apresentam os coeficientes. Apresentam apenas as variáveis significativas e a direção da associação.	*Os indivíduos com as maiores níveis encontram-se com idade em torno de 30 a 60 anos. Além disso, os mais jovens e os mais velhos obtiveram maior probabilidade de apresentar baixos níveis de alfabetização financeira.

Quadro 6 – Relações entre a idade e a alfabetização financeira

(conclusão)

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Scheresberg (2013)	Examinar a alfabetização financeira e o comportamento financeiro de jovens adultos, usando os dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	4.468 adultos com idade entre 25 e 34 anos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla (as variáveis dependentes são variáveis <i>dummy</i> que caracterizam os entrevistados que responderem corretamente as questões de 1-juros, 2-inflação e 3-risco).	Regressão linear múltipla 2 - Idade 30-34: 0,048*** 3 - Idade 30-34: 0,038***	*O grupo dos mais velhos (idade 30-34) é cerca de 4 pontos percentuais mais propensos a responder corretamente a questão da inflação e diversificação do risco, enquanto não há diferença significativa para a questão de juros.
Clark, Lusardi e Mitchell (2015)	Explorar se os investidores que são financeiramente mais experientes ganham mais em seus investimentos de planos de aposentadoria em comparação com os menos experientes.	2.763 beneficiários do Sistema da Reserva Federal (OEB Fed) dos Estados Unidos	Modelo de regressão Probit	0,019 ***	*Conforme aumenta a idade do beneficiário, há um aumento no seu nível de alfabetização financeira.
Lusardi <i>et al.</i> (2014)	Desenvolver e experimentar quatro novos programas educacionais on-line, tendo como um dos temas de pesquisa, a alfabetização financeira.	892 adultos americanos	Regressão linear múltipla, tendo a proporção de variáveis corretas (1) e a alternativa "não sei" (2) como variáveis dependentes	1- Idade: 0,00326*** 2- Idade: -0,00166***	*Ao aumentar a idade do indivíduo, o número de respostas corretas tende a aumentar também, assim como diminuir a escolha pela alternativa "não sei" das questões, ambos apresentando pequenos coeficientes, porém significativos a 1%.
Bucher-Koenen <i>et al.</i> (2014)	Apresentar evidências de pesquisas de alfabetização financeira, com um foco especial sobre as mulheres, de modo a fornecer <i>insights</i> sobre a diferença de gênero existente nos níveis de alfabetização financeira.	1.500 adultos americanos, 2.000 famílias da Holanda, 2.200 famílias da Alemanha	Estatística descritiva de quem acertou todas as três questões, com a amostra dos indivíduos americanos.	Grupo de Homens < 35anos: 26% 36 a 50 anos: 40% 51 a 65 anos: 55% > 65 anos: 36% Grupo de Mulheres < 35anos: 12% 36 a 50 anos: 33% 51 a 65 anos: 27% > 65 anos: 19%	*Ambos os gêneros, percebe-se que o nível de alfabetização financeira apresenta-se em forma de U invertido, uma vez que ela é menor na primeira faixa etária (menor que 35 anos) e na última (maior que 65 anos). Além disso, o ciclo de vida intermediário é o que apresenta o maior número de acertos, sendo a faixa etária de 36 a 50 anos a que possui o maior nível nas mulheres e de 51 a 65 anos para os homens.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Assim, nota-se que alfabetização financeira tende a ser menor entre os mais jovens e mais velhos, tendo como níveis maiores aqueles que estão no seu ciclo de vida intermediário. Especificamente, encontram-se níveis muito baixos naqueles com a idade avançada e este é um achado importante, uma vez que indivíduos são obrigados a tomar decisões financeiras até o final do ciclo de vida e há uma crescente preocupação sobre a prevalência de fraudes financeiras que deprezam os idosos (LUSARDI, 2015a).

De acordo com Almenberg e Säve-Söderbergh (2011), o padrão é consistente com o conhecimento cada vez maior com a experiência e decadente em idades mais avançadas, tornando-se preocupante, uma vez que as pessoas devem tomar inúmeras decisões financeiras na fase final da sua vida. Uma justificativa plausível para estes achados é a encontrada por Finke, Howe e Huston (2011), os quais atribuíram menores níveis de alfabetização financeira às pessoas mais velhas, devido a um declínio nos processos cognitivos associados à velhice.

2.3.3 Estado civil

O estado civil também apresenta relação com o nível de alfabetização financeira, onde os solteiros têm propensão significativa a menores níveis de alfabetização financeira, se comparados aos indivíduos casados (RESEARCH, 2003; CALAMATO, 2010; BROWN; GRAF, 2013; BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014). De acordo com Brown e Graf (2013), as mulheres solteiras são menos propensas a responder às três perguntas corretamente e mais propensas a não responder a pelo menos uma pergunta se comparado às mulheres com outro estado civil.

Um achado diferente no que tange ao estado civil é que o fato do indivíduo ser viúvo impactar positivamente em ele responder corretamente as questões de alfabetização financeira, conforme constataram Lusardi e Mitchell (2011). Contrariamente aos achados de Bucher-Koenen *et al.* (2014), os quais averiguaram que as viúvas mostram níveis muito baixos de alfabetização financeira tanto nos Estados Unidos, quanto na Holanda e Alemanha. Sendo que a combinação do gênero feminino com estado civil apresenta níveis ainda mais baixos de alfabetização financeira, ou seja, as mulheres solteiras e viúvas.

Além disso, Bucher-Koenen *et al.* (2014) detectaram que os casados, seguidos dos separados, são os que apresentam os maiores níveis de alfabetização financeira, já os homens viúvos são os que mais responderam não saber a pelo menos uma das questões propostas. Assim, o Quadro 7 apresenta uma síntese dos principais autores que tratam sobre esta relação do estado civil e a alfabetização financeira.

Quadro 7 – Relações entre o estado civil e a alfabetização financeira

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Research (2003)	Analisar os níveis de alfabetização financeira de australianos adultos, propondo uma medição contínua e identificando o perfil do grupo com menores níveis.	3.548 adultos	Estatística descritiva e teste de diferença estatística entre grupos	Não apresentam os coeficientes. Apresentam apenas as variáveis significativas e a direção da associação.	*Os respondentes solteiros são os mais propensos a possuírem baixos níveis de alfabetização financeira.
Dew (2008)	Examinar os mecanismos que ligam a dívida às mudanças de satisfação conjugal, usando dados da <i>National Survey of Families and Households</i> .	1.078 casais	Estatística descritiva e análise de regressão linear.	Foram usadas variáveis de satisfação conjugal neste estudo.	*A dívida do consumidor representa uma grande ameaça para a satisfação conjugal. Por isso, indivíduos casados tendem a manter bons níveis de alfabetização.
Calamato (2010)	Examinar a relação entre o envolvimento dos pais e nível de alfabetização financeira dos alunos.	108 alunos de graduação	Análise fatorial e análise de regressão, teste <i>t</i> e qui-quadrado.	Regressão linear: não apresentou coeficientes significativos.	*Indivíduos casados, ao visarem o bem-estar de seus relacionamentos, apresentam maiores níveis de alfabetização financeira
Lusardi e Mitchell (2011)	Examinar a alfabetização financeira nos Estados Unidos usando os dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	1.488 americanos adultos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla com três diferentes <i>proxies</i> de alfabetização financeira.	Regressão linear múltipla Viúvo: 0,240**	*Não há citação no texto sobre estes resultados, mas conforme verificou-se na tabela de resultados da regressão, o fato do indivíduo ser viúvo impacta positivamente em ele responder corretamente as questões.
Brown e Graf (2013)	Documentar o nível de alfabetização financeira na Suíça e examinar como ela está relacionada com o planejamento da aposentadoria.	1.500 indivíduos com idade entre 20 e 74 anos	Estatística descritiva, teste qui-quadrado e regressão linear múltipla.	Mulheres solteiras: 36,6% acertos Mulheres com outro estado civil: 40,0% acertos	*As mulheres solteiras são menos propensas a responder às três perguntas corretamente e mais propensas a não responder a pelo menos uma pergunta do que as mulheres com outro estado civil.
Bucher-Koenen <i>et al.</i> (2014)	Apresentar evidências de pesquisas de alfabetização financeira, com um foco especial sobre as mulheres, de modo a fornecer <i>insights</i> sobre a diferença de gênero existente nos níveis de alfabetização financeira.	1.500 adultos americanos, 2.000 famílias da Holanda, 2.200 famílias da Alemanha	Estatística descritiva de quem acertou todas as três questões (1) e de quem marcou em pelo menos uma das questões a opção 'não sei' (2), com a amostra dos indivíduos americanos.	Grupo de Homens Casado: 1) 47,7% ; 2) 27,8% Solteiro: 1) 23,5% ; 2) 43,1% Separado: 1) 29,6% ; 2) 40,7% Viúvo: 1) 21,4% ; 2) 54,1% Grupo de Mulheres Casada: 1) 27,7% ; 2) 41,6% Solteira: 1) 13,4% ; 2) 57,4% Separada: 1) 24,4% ; 2) 58,0% Viúva: 1) 17,1% ; 2) 62,3%	*Ambos os gêneros, percebe-se que os casados, seguidos dos separados, são os que apresentam o maior nível de alfabetização financeira e os viúvos os que respondem não saber a pelo menos uma das questões propostas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Em geral, os maiores níveis encontrados entre os casados e a alfabetização financeira possuem algumas justificativas segundo Dew (2008) e Calamato (2010). De acordo com Calamato (2010), quando as pessoas possuem um baixo nível de alfabetização financeira, elas correm o risco de fazer más decisões financeiras que, em longo prazo, podem resultar em dívidas e estas põem em risco o bem-estar de seus relacionamentos. Ratificando tal evidência, Dew (2008) constatou que a dívida do consumidor representa uma grande ameaça para a satisfação conjugal e por este motivo, os indivíduos casados apresentam maiores níveis de alfabetização financeira.

2.3.4 Possuir dependentes

Em se tratando da relação existente entre possuir dependentes e a alfabetização financeira, o mesmo argumento acima poderia ser empregado: visando o bem-estar familiar, indivíduos com dependentes teriam maior preocupação com o orçamento e, dessa forma, maior nível de alfabetização financeira. Os resultados empíricos, no entanto, não corroboram essa expectativa. Servon e Kaestner (2008) encontraram que aqueles com uma criança são menos suscetíveis a apresentar níveis baixos de alfabetização financeira do que aqueles com duas ou três crianças.

Além disso, Mottola (2013) detectou que famílias com dependentes foram mais propensas a possuírem baixos níveis de alfabetização financeira e também a se envolverem em comportamentos de cartão de crédito mais caros. Outro estudo realizado por Scheresberg (2013) também averiguou que os indivíduos que possuem dependentes, seja um ou dois, são menos propensos a responderem corretamente as questões de inflação e risco, variando de 4 a 7 pontos percentuais menos propensão em comparação aos que não possuem dependentes. O Quadro 8 apresenta uma breve síntese destes achados, apontando com maiores detalhes o que cada estudo se propôs e seus principais resultados.

Quadro 8 – Relações entre possuir dependentes e a alfabetização financeira

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Servon e Kaestner (2008)	Analisar um programa de demonstração montado por um grande banco para entender se o acesso às tecnologias de informação e comunicação, combinados com o treinamento da alfabetização financeira e com o treinamento sobre como utilizar a internet, pode ajudar as pessoas de renda baixa e moderada a serem agentes financeiros mais eficazes.	243 indivíduos, sendo 159 no grupo de tratamento e 84 no grupo de controle	Estatística descritiva e análise de regressão.	Regressão linear múltipla Número de crianças em casa: -0,06**	*Os indivíduos com uma criança são menos suscetíveis a apresentar níveis baixos de alfabetização financeira do que aqueles com duas ou três crianças.
Scheresberg (2013)	Examinar a alfabetização financeira e o comportamento financeiro de jovens adultos, usando os dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	4.468 adultos com idade entre 25 e 34 anos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla (as variáveis dependentes são variáveis <i>dummy</i> que caracterizam os entrevistados que responderem corretamente as questões de 1-juros, 2-inflação e 3-risco).	Regressão linear múltipla 2 - Um dependente: -0,072*** 2 - Dois dependentes: -0,050** 3 - Um dependente: -0,040* 3 - Dois dependentes: -0,051**	*Os indivíduos que possuem dependentes, seja um ou dois, são menos propensos a responder corretamente as questões de inflação e risco, variando de 4 a 7 pontos percentuais menos propensão em comparação aos que não possuem dependentes.
Mottola (2013)	Analisar as relações entre o comportamento do cartão de crédito, o gênero e a alfabetização financeira com dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	28.146 adultos	Estatística descritiva e análise de regressão (alfabetização financeira como variável independente e o comportamento do cartão de crédito como dependente).	Regressão linear múltipla Presença de dependentes na casa: 0,520**	*As famílias com dependentes foram mais propensas a se envolver em comportamentos de cartão de crédito mais caros, justificado pela indicação das tensões financeiras gerais que acompanham a criação dos filhos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Percebe-se assim que existem poucos estudos que abordam esta relação. No entanto, pode-se averiguar que ela existe e é significativa para as diferenças nos níveis de alfabetização financeira, sendo aqueles possuidores de dependentes os que apresentam menores níveis. Uma possível explicação para esses resultados repousa na causalidade reversa. Conforme afirma Mottola (2013), os indivíduos com alto (baixo) nível de alfabetização financeira são mais (menos) preocupados com o planejamento familiar. Além de ser justificado pela indicação das tensões financeiras gerais que acompanham a criação dos filhos (MOTTOLA, 2013).

2.3.5 Nível de escolaridade e nível de escolaridade dos pais

Outra variável socioeconômica e demográfica relacionada à alfabetização financeira é o nível de escolaridade, onde baixos níveis de educação estão intimamente ligados aos baixos níveis de alfabetização financeira (MESSY, MONTICONE, 2016). Além dos maiores níveis de alfabetização financeira serem encontrados em indivíduos com maior nível de escolaridade e maior acesso às informações financeiras. Nesse sentido, Lusardi e Mitchell (2011) concluíram que os indivíduos com menor nível educacional nos EUA são menos propensos a responder às perguntas corretamente, e também mais propensos a dizer que não sabem a resposta.

Corroborando com tal evidência, Amadeu (2009), em estudo realizado com 587 estudantes universitários brasileiros, aponta que o maior contato, durante a graduação ou em cursos especializados, com disciplinas de cunho financeiro ou econômico influencia positivamente nas práticas financeiras cotidianas. Alunos dos cursos de Ciências Econômicas e Administração apresentaram maior nível de conhecimento financeiro. No entanto, Chen e Volpe (1998) ao avaliarem os conhecimentos em finanças pessoais de universitários constataram que os estudantes, independentes de seu grau escolar, possuíam um nível de conhecimento inadequado, principalmente com relação a investimentos.

No Reino Unido, Disney e Gathergood (2011), verificaram que as pessoas que possuem um nível maior de alfabetização financeira tendem a assumir dívidas com menores custos. Já no universo brasileiro, Lucci *et al.* (2011) averiguaram que o nível dos conceitos financeiros é diretamente proporcional ao nível de alfabetização financeira. Outra pesquisa conduzida por Lusardi e Mitchell (2014), detectou que existem diferenças substanciais no conhecimento financeiro pela educação: especificamente, aqueles que não possuem uma educação universitária são muito menos propensos a ter conhecimento sobre conceitos básicos

de educação financeira. Além disso, o cálculo simples de matemática é especialmente ruim para aqueles com baixo nível de escolaridade (CHRISTELIS; JAPPELLI; PADULA, 2010).

Olhando para os dados do NFCS, Lusardi (2015a) averiguou que a alfabetização financeira varia muito entre os grupos de educação, sendo que em sua amostra só metade dos indivíduos com uma escolaridade menor que o ensino médio conseguiu responder corretamente a pergunta que exige um cálculo simples de taxas de juros e 25% não sabem a resposta. Além de que a maioria das pessoas sem um diploma universitário não sabe a resposta ou responde incorretamente à pergunta sobre diversificação de risco.

De forma similar, Lusardi *et al.* (2014) detectou que ao aumentar o nível de escolaridade do indivíduo, o número de respostas corretas tende a aumentar, assim como diminui a escolha pela alternativa "não sei" das questões. Scheresberg (2013) também verificou que a alfabetização financeira aumenta acentuadamente com o nível de educação, existindo grandes diferenças de alfabetização financeira entre os que têm diploma universitário, uma pós-graduação ou mesmo alguma faculdade (maiores níveis), e aqueles cuja educação é limitada a um nível médio (menores níveis).

Neste mesmo contexto, a literatura sugere que os pais desempenham um papel importante ao influenciar o comportamento de consumo de seus filhos. Estudos têm confirmado que a maioria dos indivíduos aprende mais sobre gestão do dinheiro com seus pais (CLARKE *et al.*, 2005). Já Jorgensen (2007) encontrou que os pais influenciam significativamente o conhecimento, as atitudes e comportamento financeiro dos seus filhos e Mandell (2007) constatou que a alfabetização financeira dos indivíduos é uniformemente relacionada com os níveis de educação de seus pais. Por estes motivos, a escolaridade dos pais possuiria um papel importante na alfabetização dos filhos.

Assim, além da escolaridade do indivíduo possuir relação com a alfabetização financeira, a literatura também aponta para diferenças por motivos familiares. Por exemplo, Lusardi, Mitchell e Curto (2010), encontraram que a alfabetização financeira dos respondentes foi significativamente correlacionada de forma positiva com a educação parental (em particular, a de suas mães). Mahdavi e Horton (2014) também relataram uma conexão entre a alfabetização financeira e os pais; neste caso, a educação dos pais foi positivamente associada com a educação financeira de seus filhos do sexo feminino.

Corroborando, Jorgensen (2007) detectou que aqueles estudantes que relatam ter aprendido finanças com seus pais, apresentam conhecimento, atitude e comportamento superiores e significativos aos que não aprenderam com seus pais. Em outras palavras, a educação financeira pode muito bem ter o seu início na família, talvez quando as crianças

observam os hábitos de poupar e investir de seus pais, ou mais diretamente, recebendo instruções e educação financeira dos pais (SHIM *et al.*, 2009). Assim, a fim de facilitar o entendimento desta relação, o Quadro 9 apresenta uma síntese dos principais estudos.

Quadro 9 – Relações entre o nível de escolaridade e nível de escolaridade dos pais com a alfabetização financeira

(continua)

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Chen e Volpe (1998)	Examinar a alfabetização financeira e a relação entre esta e as características pessoais dos estudantes, além de verificar o impacto da alfabetização nas suas decisões financeiras.	924 estudantes universitários	Análise de variância (ANOVA) e Regressão Logística (variável dicotômica - alto e baixo nível de alfabetização - como variável dependente)	Regressão Logística 1º ano: -1,861*** 2º ano: -1,607*** 3º ano: -1,110*** 4º ano: -0,669**	*Estudantes de escolaridades mais baixas são mais susceptíveis de ter menos conhecimento do que os de escolaridades superiores (ANOVA e Reg. Logística).
Research (2003)	Analisar os níveis de alfabetização financeira de australianos adultos, propondo uma medição contínua e identificando o perfil do grupo com menores níveis.	3.548 adultos	Estatística descritiva e teste de diferença estatística entre grupos	Não apresentam os coeficientes. Apresentam apenas as variáveis significativas e a direção da associação.	*Indivíduos com os menores níveis de escolaridade (10 anos ou menos) são os mais propensos a possuírem baixos níveis de alfabetização financeira.
Amadeu (2009)	Analisar a influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento.	587 alunos dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Matemática da Universidade Estadual do Norte do Paraná	Estatística descritiva	A diferença entre os alunos que cursaram disciplinas ligadas à área financeira acertaram mais as questões, chegando a um incremento de 14,21% em comparação aos que não haviam cursado.	*O número de disciplinas ligadas à área financeira cursadas na graduação está relacionado ao nível de educação financeira.
Monticone (2010)	Investigar os determinantes da alfabetização financeira em uma pesquisa italiana sobre o rendimento das famílias e da riqueza realizada em 2006.	3.992 chefes de família	Estatística descritiva e regressão pelo método dos momentos generalizados	Método dos momentos generalizados Anos de escolaridade: 0,076***	*Níveis maiores de escolaridade estão associados com uma maior alfabetização financeira, o que sugere que a educação geral pode diminuir o custo de aquisição de conhecimentos adicionais.
Lusardi e Mitchell (2011)	Examinar a alfabetização financeira nos Estados Unidos usando os dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	1487 americanos adultos	Regressão linear múltipla com três diferentes <i>proxies</i> de alfabetização financeira.	Regressão linear múltipla Graduando: 0,129** Graduado: 0,217*** Pós-Graduado: 0,200***	*Com o aumento do nível de escolaridade, aumenta as respostas corretas (Estatística descritiva e regressão linear múltipla).

Quadro 9 – Relações entre o nível de escolaridade e nível de escolaridade dos pais com a alfabetização financeira

(continuação)

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Atkinson e Messy (2012)	Avaliar os resultados de um estudo-piloto da Rede Internacional da OCDE sobre Educação Financeira realizado em 14 países, centrando-se nas variações do conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira entre os países e das suas variáveis sócio-demográficas.	14 países de 4 continentes, totalizando 19.212 indivíduos.	Estatística descritiva e regressão linear múltipla para cada país.	Não apresentam os coeficientes. Apresentam apenas as variáveis significativas e a direção da associação.	*O aumento dos níveis de escolaridade está associado com os elevados índices de alfabetização financeira em todos os países.
Scheresberg (2013)	Examinar a alfabetização financeira e o comportamento financeiro de jovens adultos, usando os dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	4.468 adultos com idade entre 25 e 34 anos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla (as variáveis dependentes são variáveis <i>dummy</i> que caracterizam os entrevistados que responderem corretamente as questões de 1-juros, 2-inflação e 3-risco).	Regressão linear múltipla 1 -Nível médio: 0,067* a 1 -Pós-Graduação: 0,221*** 2 -Nível médio: NS a 2 -Pós-Graduação: 0,348*** 3 -Nível médio: 0,121*** a 3 -Pós-Graduação: 0,388***	*A alfabetização financeira aumenta acentuadamente com o nível de educação. *Há grandes diferenças de alfabetização financeira entre os que têm diploma universitário, uma pós-graduação ou mesmo alguma faculdade (maiores níveis), e aqueles cuja educação é limitada a um nível médio (menores níveis).
Lusardi <i>et al.</i> (2014)	Desenvolver e experimentar quatro novos programas educacionais on-line, tendo como um dos temas de pesquisa, a alfabetização financeira.	892 adultos americanos	Regressão linear múltipla, tendo a proporção de variáveis corretas (1) e a alternativa "não sei" (2) como variáveis dependentes	1- Escolaridade: 0,0316*** 2- Escolaridade: -0,0188***	*Ao aumentar o nível de escolaridade do indivíduo, o número de respostas corretas tende a aumentar, assim como diminui a escolha pela alternativa "não sei" das questões.
Pinto <i>et al.</i> (2005)	Examinar as informações de crédito fornecidas por quatro agentes de socialização (pais, colegas, mídia e escolas), além de avaliar a relação entre estes agentes e o comportamento de consumo de crédito de estudantes universitários.	1.170 estudantes de graduação de 11 universidades públicas e privadas dos Estados Unidos	Estatística descritiva, teste <i>t</i> e análise de correlação.	Teste <i>t</i> (difer. sig. entre grupos) Quant. de informações recebidas Pais: 5,29 Escola: 2,84 Colegas: 2,55 Mídia: 2,45	*A quantidade de informações sobre gestão financeira recebida pelos pais é significativamente maior do que as informações recebidas das outras três fontes (escolas, colegas e da mídia).

Quadro 9 – Relações entre o nível de escolaridade e nível de escolaridade dos pais com a alfabetização financeira

(conclusão)

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Clarke et al. (2005)	Avaliar a modelagem e ensino de papéis financeiros de adultos para crianças e adolescentes, além de examinar o impacto de diversas variáveis demográficas sobre a transferência de papel financeiro.	256 estudantes com idade entre 17 e 28 anos	Análise de variância (ANOVA) e análise de covariância (ANCOVA).	Não apresentam os coeficientes.	*As três variáveis (pais em conjunto, pai e mãe) foram significativos em cada uma das 10 áreas financeiras pesquisadas, indicando assim que os pais são a principal influência para a alfabetização financeira dos estudantes.
Jorgensen (2007)	Investigar a alfabetização financeira pessoal (conhecimento, atitude e comportamento) de uma amostra de estudantes de graduação e pós-graduação da faculdade, por sexo, classe social e nível socioeconômico, além de examinar as influências dos amigos e pais sobre o nível de alfabetização financeira e analisar a forma como o conhecimento financeiro e as atitudes estão correlacionados com o comportamento financeiro.	478 estudantes	Teste <i>t</i>	Teste <i>t</i> (difer. sig. entre grupos) Alta influência dos pais: Conhecimento: 16,21; Atitude: 3,76 e Comportamento: 3,24 Baixa influência dos pais: Conhecimento: 15,96; Atitude: 3,69 e Comportamento: 3,23	*Estudantes que relatam ter aprendido finanças com seus pais, apresentam um conhecimento, atitude e comportamento superiores e significativos aos que não aprenderam com seus pais.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Possíveis justificativas para os resultados que ao aumentar o nível de escolaridade, também aumenta os de alfabetização financeira são discutidos por Grohmann, Kouwenberg e Menkhoff (2015), que segundo eles existem dois principais canais pelos quais as experiências da infância influenciam a alfabetização financeira, o canal da família e do canal de escolaridade. Em primeiro lugar, eles encontraram que a socialização financeira por parte dos pais tem uma influência positiva sobre a alfabetização financeira, tendo o maior impacto entre os cinco fatores de infância pesquisados por eles. Em segundo lugar, a escolaridade influencia a alfabetização financeira indiretamente, ao aumentar o conhecimento básico de cálculos matemáticos, sendo este uma habilidade básica de apoio a alfabetização financeira.

Similarmente, Brown e Taylor (2016) afirmam que os pais que possuem certo grau de alfabetização financeira podem tentar transmitir essas habilidades aos seus descendentes, a fim de equipá-los com habilidades de gestão financeira para o futuro. Além de permitir que as crianças possam gerir o dinheiro que eles ganham, os pais podem ser capazes de desenvolver as habilidades de alfabetização financeira ao falar com seus filhos sobre finanças e economia. Tais achados sugerem que, se os pais desejam incentivar os filhos a poupar, eles podem querer considerar a forma em que eles dão subsídios para as crianças, incentivando, por exemplo, um comportamento de poupança (BROWN; TAYLOR, 2016).

2.3.6 Ocupação

Muitos estudos constataram que a ocupação é também um determinante da alfabetização financeira. Worthington (2006) observa na Austrália, aqueles profissionais, executivos, empresários e fazendeiros são os que exibem o mais alto nível de alfabetização financeira, enquanto desempregados e aqueles que não trabalham apresentam os piores, achados estes que estão em consonância com as conclusões de Almenberg e Säve-Söderbergh (2011) na Suécia e Monticone (2010) na Itália.

Ao analisar a ocupação, Chen e Volpe (1998) concluíram que indivíduos com maior tempo de serviço passam por mais experiências financeiras e por esse motivo adquirem maiores conhecimentos, facilitando, assim, a análise de informações mais complexas e fornecendo embasamento para a tomada de decisão. Por outro lado, segundo Research (2003), trabalhadores com baixa qualificação ou desempregados tendem a apresentar desempenho inferior devido ao menor contato com questões financeiras.

Além disso, o analfabetismo financeiro está associado ao baixo desempenho no trabalho e a produtividade dos funcionários (KIM; GARMAN, 2004). O regime de trabalho

também pode influenciar as atitudes e comportamentos financeiros, tendo em vista que indivíduos com renda estável possuem melhores condições de organizar e planejar sua vida financeira (CALAMATO, 2010).

De acordo com Lusardi e Mitchell (2011) e Lusardi *et al.* (2014), aqueles que não estão empregados respondem muito pior as três perguntas do que os que estão trabalhando. Além disso, os indivíduos que possuem uma ocupação tendem a possuir um número de respostas corretas maiores do que aqueles sem ocupação, assim como diminui a escolha pela alternativa "não sei" quando o indivíduo possui uma ocupação.

Contrariamente, Sarigül (2014) encontrou evidências que os indivíduos que possuem uma ocupação parcial ou casual são os que apresentam maiores médias de alfabetização financeira, contrariando a maioria dos estudos, talvez por ser uma amostra de estudantes que em sua maioria nunca trabalharam (61,33% da amostra) ou que possuem um trabalho casual (31,39% da amostra). O Quadro 10 apresenta um resumo destes principais resultados acerca da ocupação e sua relação com a alfabetização financeira.

Quadro 10 – Relações entre a ocupação e a alfabetização financeira

(continua)

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Chen e Volpe (1998)	Examinar a alfabetização financeira e a relação entre esta e as características pessoais dos estudantes, além de verificar o impacto da alfabetização nas suas decisões financeiras.	924 estudantes universitários	Análise de variância (ANOVA) e Regressão Logística (variável dicotômica - alto e baixo nível de alfabetização - como variável dependente)	Regressão Logística 2 a 4 anos de experiência: -0,934*** 4 a 6 anos de experiência: -0,630***	*Estudantes com mais anos de experiência de trabalho estão mais informados do que aqueles com menos experiência (ANOVA e Reg. Logística).
Research (2003)	Analisar os níveis de alfabetização financeira de australianos adultos, propondo uma medição contínua e identificando o perfil do grupo com menores níveis.	3.548 adultos	Estatística descritiva e teste de diferença estatística entre grupos	Não apresentam os coeficientes. Apresentam apenas as variáveis significativas e a direção da associação.	*Aqueles que não trabalham ou possuem um trabalho não qualificado são os mais propensos a possuírem baixos níveis de alfabetização financeira.
Kim e Garman (2004)	Analisar as relações entre estresse financeiro e resultados de trabalho.	262 colaboradores de uma companhia de seguros	Estatística descritiva e análise de regressão (estresse financeiro como variável independente).	Não apresentam os coeficientes da relação com a alfabetização financeira.	*O analfabetismo financeiro dos indivíduos está associado ao baixo desempenho no trabalho e a produtividade deles.
Calamato (2010)	Examinar a relação entre o envolvimento dos pais e nível de alfabetização financeira dos alunos.	108 alunos de graduação	Estatística descritiva, análise fatorial e análise de regressão, além de teste <i>t</i> e qui-quadrado.	Regressão linear: não apresentou coeficientes significativos.	*Indivíduos com renda estável possuem melhores condições de organizar e planejar sua vida financeira.
Lusardi e Mitchell (2011)	Examinar a alfabetização financeira nos Estados Unidos usando os dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	1.488 americanos adultos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla com três diferentes <i>proxies</i> de alfabetização financeira.	Regressão linear múltipla Trabalha por conta própria: -0,085* Alterações na renda: 0,096***	*Aqueles que não estão empregados respondem muito pior as três perguntas do que os que estão trabalhando. Além disso, os que não trabalham também são muito mais propensos a marcar a opção "não sei" (Estatística descritiva). *Os aposentados são muito mais propensos a saber corretamente à pergunta sobre a inflação, porque eles têm experiência com isso (Estatística descritiva). *Aqueles que sofreram uma grande diminuição na renda são mais propensos a planejar a aposentadoria depois, sugerindo que as alterações negativas têm motivado a pensar mais sobre o futuro (Regressão linear múltipla).

Quadro 10 – Relações entre a ocupação e a alfabetização financeira

(conclusão)

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Lusardi <i>et al.</i> (2014)	Desenvolver e experimentar quatro novos programas educacionais on-line, tendo como um dos temas de pesquisa, a alfabetização financeira.	892 adultos americanos	Regressão linear múltipla, tendo a proporção de variáveis corretas (1) e a alternativa "não sei" (2) como variáveis dependentes	1- Com ocupação: 0,0440** 2- Com ocupação: -0,0332*	*Os indivíduos que possuem uma ocupação tendem a possuir um número de respostas corretas maiores do que aqueles sem ocupação, assim como diminui a escolha pela alternativa "não sei" quando o indivíduo possui uma ocupação.
Sarigül (2014)	Determinar o nível de alfabetização financeira de estudantes universitários, a fim de descobrir a relação entre alfabetização financeira e as características dos estudantes.	1.099 estudantes de graduação de três universidades na cidade de Konya (Turquia)	Teste <i>t</i> , ANOVA e Regressão Logística (testando todos os tipos de ocupação)	Teste F: 4,19*** Média Ocup. Integral: 0,63 Média Ocup. Parcial: 0,67 Média Ocup. Casual: 0,68 Média Nunca trabalhou: 0,64 Regressão Logística: NS	*Os estudos que possuem uma ocupação parcial ou casual são os que apresentam maiores médias de alfabetização financeira, contrariando a maioria dos estudos, talvez por ser uma amostra de estudantes que em sua maioria nunca trabalharam (61,33% da amostra) ou que possuem um trabalho casual (31,39% da amostra).

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Portanto, a alfabetização financeira é maior entre aqueles que estão trabalhando em comparação com aqueles que não trabalham. Esta diferença pode, em parte, ser decorrente de programas de educação financeira oferecidos no local de trabalho; além de também poder ser oriunda do aprendizado com colegas de trabalho ou então por meio das competências adquiridas no trabalho (KYLE, 2014).

2.3.7 Faixa de renda média mensal própria e familiar

Verificando a relação existente entre o nível de renda e a alfabetização financeira, a maioria dos estudos encontra uma relação no mesmo sentido, ou seja, ao aumentar o nível de renda, tanto própria, quanto familiar, aumenta também o nível de alfabetização financeira (MONTICONE, 2010; LUSARDI; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; SCHERESBERG, 2013; GERRANS; HEANEY, 2014; LUSARDI *et al.*, 2014; CLARK; LUSARDI; MITCHELL, 2015; GROHMANN; KOUWENBERG; MENKHOFF, 2015; SALLEH, 2015). Por exemplo, Hastings e Mitchell (2011) fornecem evidências experimentais no Chile para mostrar que a alfabetização financeira está relacionada com a riqueza.

Com dados da Itália, Monticone (2010) encontrou que a riqueza tem um efeito pequeno, mas positivo sobre a alfabetização financeira. Behrman *et al.* (2012) utilizam uma análise de regressão de variáveis instrumentais para mostrar que a alfabetização financeira também tem um efeito causal sobre a acumulação de riqueza nos EUA. Scheresberg (2013) detectaram que a alfabetização financeira aumenta acentuadamente com o nível de renda, enquanto a opção "não sei" declina, quando se considera os níveis mais altos de renda, assim como Lusardi *et al.* (2014) concluíram.

Enquanto isso, Bottazzi, Jappelli e Padula (2011) estimam um modelo intertemporal de investimento em educação financeira, onde mostram que a alfabetização financeira e a riqueza são conjuntamente determinadas e correlacionadas ao longo do ciclo de vida. Já Gerrans e Heaney (2014) verificaram que conforme aumenta a renda dos estudantes, há um aumento no seu nível de alfabetização financeira, tanto nas questões básicas, como nas avançadas.

Em uma pesquisa realizada em Brunei com 431 chefes de família, Salleh (2015) encontrou que as famílias de baixa renda apresentam uma menor alfabetização financeira do que as famílias com a renda relativamente mais elevada. Assim como os achados de Grohmann, Kouwenberg e Menkhoff (2015) em Bangkok, onde os rendimentos mais

elevados estão fortemente relacionados com uma maior alfabetização financeira dos indivíduos. Similar ao estudo de Clark, Lusardi e Mitchell (2015) nos Estados Unidos, porém apesar de significativo, o efeito da renda sobre a alfabetização financeira foi pequeno. Assim, para melhor visualizar as relações existentes entre a renda e a alfabetização financeira, o Quadro 11 apresenta uma síntese dos estudos.

Quadro 11 – Relações entre a renda e a alfabetização financeira

(continua)

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Chen e Volpe (1998)	Examinar a alfabetização financeira e a relação com características pessoais dos estudantes, além de verificar o impacto da alfabetização nas suas decisões financeiras.	924 estudantes universitários	Análise de variância (ANOVA) e Regressão Logística (variável dicotômica - alto e baixo nível de alfabetização - como variável dependente)	Regressão Logística Não foram significativos	*Estudantes com renda pessoal superior responderam mais perguntas corretamente do que aqueles com menor renda (ANOVA). *Na regressão logística, a variável renda não foi significativa.
Research (2003)	Analisar os níveis de alfabetização financeira de australianos adultos, propondo uma medição contínua e identificando o perfil do grupo com menores níveis.	3.548 adultos	Estatística descritiva e teste de diferença estatística entre grupos	Não apresentam os coeficientes. Apresentam apenas as variáveis significativas e a direção da associação.	*Aqueles com as menores rendas (rendimentos do agregado familiar abaixo de \$ 20.000) são os mais propensos a possuírem baixos níveis de alfabetização financeira.
Monticone (2010)	Investigar os determinantes da alfabetização financeira em uma pesquisa italiana sobre o rendimento das famílias e da riqueza realizada em 2006.	3.992 chefes de família	Estatística descritiva e regressão pelo método dos momentos generalizados	Método dos momentos generalizados Riqueza Financeira: 1,636*	*Renda representada pela riqueza financeira possui um efeito pequeno e positivo sobre a alfabetização financeira, pois o aumento da riqueza financeira por €100.000 aumenta em 1,7x os acertos.
Lusardi e Mitchell (2011)	Examinar a alfabetização financeira nos Estados Unidos usando os dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	1.488 americanos adultos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla com três diferentes <i>proxies</i> de alfabetização financeira.	Regressão linear múltipla 2ª Faixa renda: 0,094* 3ª Faixa renda: 0,289*** 4ª Faixa renda: 0,365***	*Com o aumento do nível de renda, aumenta as respostas corretas (Estatística descritiva e regressão linear múltipla).
Atkinson e Messy (2012)	Avaliar os resultados de um estudo-piloto da Rede Internacional da OCDE sobre Educação Financeira realizado em 14 países, centrando-se nas variações do conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira entre os países e das suas variáveis sócio-demográficas.	14 países de 4 continentes, totalizando 19.212 indivíduos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla para cada país.	Não apresentam os coeficientes. Apresentam apenas as variáveis significativas e a direção da associação.	*Altos níveis de alfabetização financeira estão associados com altas faixas de renda.
Scheresberg (2013)	Examinar a alfabetização financeira e o comportamento financeiro de jovens adultos, usando os dados da <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS).	4.468 adultos com idade entre 25 e 34 anos	Estatística descritiva e regressão linear múltipla (as variáveis dependentes são variáveis <i>dummy</i> que caracterizam os entrevistados que responderem corretamente as questões de 1-juros, 2-inflação e 3-risco).	Regressão linear múltipla 1 -USD 15–25K: 0,066*** a 1 -USD 100–150K: 0,126*** 2 -USD 15–25K: 0,090*** a 2 -USD 100–150K: 0,197*** 3 -USD 15–25K: NS a 3 -USD 100–150K: 0,123***	*A alfabetização financeira aumenta acentuadamente com o nível de renda, enquanto a opção "não sei" declina, quando se considera os níveis mais altos de renda.

Quadro 11 – Relações entre a renda e a alfabetização financeira

(conclusão)

Autores	Objetivo	Amostra	Método de análise dos dados	Principais coeficientes	Resultados
Gerrans e Heaney (2014)	Analisar o nível de alfabetização financeira de uma amostra de alunos de graduação da Austrália, que completaram um semestre de curso de finanças pessoais como parte do seu curso de graduação, comparando as avaliações pré e pós-curso.	370 graduandos que realizaram o curso de finanças pessoais e mais 501 que não o realizaram	Testes t e F para avaliar as diferenças entre as variáveis de perfil, com grupo que realizou o curso (1) e aquele que não realizou o curso (2)	Questões básicas: 1- < \$10,000: 2,82 1- \$10,000-24,999: 3,18 1- >= \$25,000: 3,19 Teste F: 7,00*** 2- Teste F: NS Questões avançadas: 1- < \$10,000: 2,32 1- \$10,000-24,999: 2,56 1- >= \$25,000: 2,63 Teste F: 2,46* 2- Teste F: NS	*Conforme aumenta a renda do estudante, há um aumento no seu nível de alfabetização financeira, tanto nas questões básicas, como nas avançadas. Porém esta diferença é significativa apenas no grupo que realizou o curso.
Lusardi <i>et al.</i> (2014)	Desenvolver e experimentar quatro novos programas educacionais on-line, tendo como um dos temas de pesquisa, a alfabetização financeira.	892 adultos americanos	Regressão linear múltipla, tendo a proporção de variáveis corretas (1) e a alternativa "não sei" (2) como variáveis dependentes	1- Renda familiar: 0,0151*** 2- Renda familiar: -0,0108***	*Ao aumentar a renda familiar do indivíduo, o número de respostas corretas tende a aumentar, assim como diminui a escolha pela alternativa "não sei".
Salleh (2015)	Examinar o nível de alfabetização financeira em Brunei, comparando entre beneficiários da previdência social e não beneficiários.	431 chefes de famílias muçulmanos de Brunei.	Teste qui-quadrado de Pearson e Regressão Logística	Regressão Logística Gerenc. Financeiro: Renda > 3.000: Referência Renda < 300: -1,11*** Renda 300-3.000: -0,96*** Investimento e Planejamento: Renda > 3.000: Referência Renda < 300: -1,57*** Renda 300-3.000: -0,57 NS	*Famílias de baixa renda apresentam uma menor alfabetização financeira do que as famílias com renda relativamente mais elevadas.
Grohmann, Kouwenberg e Menkhoff (2015)	Identificar as experiências da infância que afetam a alfabetização financeira e o comportamento financeiro.	530 pessoas da classe média em Bangkok	Correlação, Regressão pelo método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) e pelo método Aparentemente Não-Relacionadas (SUR)	Regressão MQO Log de renda: 0,36*** Regressão SUR Log de renda: 0,31***	*Rendimentos mais elevados estão fortemente relacionados com uma maior alfabetização financeira dos indivíduos.
Clark, Lusardi e Mitchell (2015)	Explorar se os investidores que são financeiramente mais experientes ganham mais em seus investimentos de planos de aposentadoria.	2.763 beneficiários	Modelo de regressão Probit	0,009***	*Conforme aumenta a renda do beneficiário, há um pequeno, mas significativo aumento no seu nível de alfabetização financeira.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Assim, conclui-se que o perfil de renda dos indivíduos está diretamente relacionado com o nível de alfabetização financeira. Possíveis justificativas para estes achados são encontradas por Atkinson e Messy (2012), ao descobrirem que os baixos níveis de renda estão associados com menores níveis de alfabetização financeira, na medida em que indivíduos de baixa renda podem enfrentar maiores dificuldades no acesso à educação.

Ademais, indivíduos com baixa renda são mais propensos a abandonarem a escola, que, em longo prazo, contribui para o seu analfabetismo financeiro (CALAMATO, 2010). Além de que há nesse caso a possibilidade de causalidade reversa: indivíduos com alto nível de alfabetização financeira, ao tomarem melhores decisões financeiras, obtêm maior nível de renda do que indivíduos com baixo nível de alfabetização financeira.

2.3.8 Síntese das relações entre a alfabetização financeira e as variáveis socioeconômicas e demográficas

Conforme a literatura detalhada anteriormente e a fim de apresentar uma síntese das relações das variáveis socioeconômicas e demográficas com a alfabetização financeira, elabora-se o Quadro 12.

Quadro 12 – Síntese das relações entre as variáveis socioeconômicas e demográficas e a alfabetização financeira

(continua)

Variáveis	Relação com a alfabetização financeira	Autores
Gênero	<ul style="list-style-type: none"> - As mulheres apresentam menores índices de alfabetização financeira do que os homens; - As mulheres são menos propensas a responder às perguntas corretamente e mais propensas a dizer que não sabem a resposta; - Fazendo um comparativo entre mulheres, aquelas casadas e com renda mais alta possuem melhores níveis de alfabetização financeira. 	Chen e Volpe (1998); Lusardi e Mitchell (2006); Agarwal <i>et al.</i> (2009); Lusardi e Mitchell (2011); Atkinson e Messy (2012); Lusardi e Wallace (2013); Brown e Graf (2013); Mottola (2013); Scheresberg (2013); Gerrans e Heaney (2014); Lusardi <i>et al.</i> (2014); Sarigül (2014); Bucher-Koenen <i>et al.</i> (2014); Lusardi (2015a); Messy e Monticone (2016).
Idade	<ul style="list-style-type: none"> - A alfabetização financeira é baixa entre os mais jovens e mais velhos. - A idade média de 30 a 40 anos está associada com os maiores índices de alfabetização financeira. - Jovens adultos têm utilizado empréstimos com altos custos. 	Chen e Volpe (1998); Research (2003); Agarwal <i>et al.</i> (2009); Lusardi e Mitchell (2011); Atkinson e Messy (2012); Scheresberg (2013); Lusardi <i>et al.</i> (2014); Bucher-Koenen <i>et al.</i> (2014); Clark, Lusardi e Mitchell (2015).
Estado civil	<ul style="list-style-type: none"> - Os solteiros são significativamente mais propensos a ter menores níveis de alfabetização financeira do que os casados, além de responderem mais que não sabem a resposta. 	Research (2003); Dew (2008); Calamato (2010); Lusardi e Mitchell (2011); Brown e Graf (2013); Bucher-Koenen <i>et al.</i> (2014).

Quadro 12 – Síntese das relações entre as variáveis socioeconômicas e demográficas e a alfabetização financeira

(conclusão)

Variáveis	Relação com a alfabetização financeira	Autores
Possuir Dependentes	<ul style="list-style-type: none"> - Indivíduos com uma criança são menos suscetíveis a apresentarem níveis baixos de alfabetização financeira do que aqueles com duas ou três crianças; - Famílias com dependentes são mais propensas a contratarem crédito com custos mais elevados. 	Servon e Kaestner (2008); Scheresberg (2013); Mottola (2013).
Ocupação	<ul style="list-style-type: none"> - Os indivíduos que possuem uma ocupação tendem a possuir um número de respostas corretas maiores do que aqueles sem ocupação, assim como diminui a escolha pela alternativa "não sei" quando o indivíduo possui uma ocupação. 	Chen e Volpe (1998); Research (2003); Kim e Garman (2004); Calamato (2010); Lusardi e Mitchell (2011); Lusardi <i>et al.</i> (2014); Sarigül (2014).
Escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> - Aqueles com maiores níveis de escolaridade são os que possuem maiores níveis de alfabetização financeira; - O número de disciplinas ligadas à área financeira cursadas na graduação está relacionado ao nível de alfabetização financeira. - Aqueles com menor nível educacional são menos propensos a responder às perguntas corretamente e mais propensos a dizer que não sabem a resposta. 	Chen e Volpe (1998); Research (2003); Amadeu (2009); Monticone (2010); Lusardi e Mitchell (2011); Atkinson e Messy (2012); Scheresberg (2013); Lusardi <i>et al.</i> (2014).
Escolaridade dos pais	<ul style="list-style-type: none"> - Os pais influenciam a alfabetização dos seus filhos; - A alfabetização financeira dos indivíduos é uniformemente relacionada com os níveis de educação de seus pais; - Os pais desempenham um papel importante ao influenciar o comportamento de consumo de seus filhos; - Os indivíduos aprendem mais sobre gestão do dinheiro com os pais. 	Pinto <i>et al.</i> (2005); Clarke <i>et al.</i> (2005); Jorgensen (2007); Mandell (2007).
Renda	<ul style="list-style-type: none"> - Baixos níveis de renda estão associados a baixos níveis de alfabetização financeira. - A alfabetização financeira aumenta com o nível de renda, enquanto a opção "não sei" declina, quando se considera os níveis mais altos de renda. 	Chen e Volpe (1998); Research (2003); Monticone (2010); Lusardi e Mitchell (2011); Atkinson e Messy (2012); Scheresberg (2013); Gerrans e Heaney (2014); Lusardi <i>et al.</i> (2014); Salleh (2015); Grohmann, Kouwenberg e Menkhoff (2015); Clark, Lusardi e Mitchell (2015).

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

3 DESENVOLVIMENTO DO MODELO: PROPOSIÇÕES E HIPÓTESES

Para o desenvolvimento dos testes propostos, inicialmente elaboram-se as proposições e hipóteses a serem testadas, para isso criam-se relações pertinentes à literatura entre os construtos a serem investigados. No presente estudo há um tema principal a ser investigado: a alfabetização financeira e outros três fatores comportamentais: materialismo, compras compulsivas e propensão ao endividamento. Nesse sentido, têm-se efeitos diretos e indiretos entre os construtos e dentre os quais, formam-se nove hipóteses de pesquisa, além de oito proposições que relacionam a alfabetização financeira com as variáveis socioeconômicas e demográficas que são descritas a seguir.

3.1 RELAÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS COM A ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: PROPOSIÇÕES DE PESQUISA

Em síntese, tem-se que os aspectos socioeconômicos e demográficos relacionados à alfabetização financeira são representados pelas variáveis: gênero, idade, estado civil, possuir dependentes, ocupação, nível de escolaridade, nível de escolaridade dos pais, faixa de renda média mensal própria e faixa de renda média mensal familiar.

A literatura que pauta as relações da alfabetização financeira com as diferenças encontradas nos diferentes perfis é relativamente extensa e de certa forma apresenta uma congruência em seus resultados. Primeiramente, tem-se a relação da alfabetização financeira com o gênero, onde a maioria dos autores relata que as mulheres apresentam menores índices de alfabetização financeira do que os homens (CHEN; VOLPE, 1998; AGARWAL *et al.*, 2009; ATKINSON; MESSY, 2012; LUSARDI; WALLACE, 2013; BROWN; GRAF, 2013; GERRANS; HEANEY, 2014; SARIGÜL, 2014; BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014; LUSARDI, 2015a; MESSY, MONTICONE, 2016). No que tange a idade, a maioria dos estudos identifica que esta relação se apresenta em forma de U invertido, a qual tende a ser maior entre os adultos no meio de seu ciclo de vida e menor entre os jovens e os idosos (RESEARCH, 2003; AGARWAL *et al.*, 2009; ATKINSON; MESSY, 2012; SCHERESBERG, 2013; LUSARDI; MITCHELL, 2014; BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014).

Ao analisar a relação do estado civil com o nível de alfabetização financeira, detecta-se que os solteiros possuem uma propensão significativa a apresentarem menores níveis de alfabetização financeira quando comparados aos indivíduos casados (RESEARCH, 2003; CALAMATO, 2010; BROWN; GRAF, 2013; BUCHER-KOENEN *et al.*, 2014). Já a relação

existente com o fato de possuir dependentes, pode-se averiguar que os que possuem dependentes são os que apresentam os menores níveis de alfabetização financeira (SERVON; KAESTNER, 2008; SCHERESBERG, 2013; MOTTOLA, 2013).

O nível de escolaridade é outra variável que se relaciona com a alfabetização financeira, sendo que a maioria dos estudos detecta que baixos níveis de escolaridade estão relacionados aos baixos níveis de alfabetização financeira (CHEN; VOLPE, 1998; AMADEU, 2009; LUSARDI; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; SCHERESBERG, 2013; GERRANS; HEANEY, 2014; LUSARDI *et al.*, 2014; MESSY, MONTICONE, 2016). Assim como acontece ao analisar a relação com a ocupação dos indivíduos, em que se encontram maiores níveis de alfabetização financeira entre aqueles que estão trabalhando em comparação com aqueles que não trabalham (CHEN; VOLPE, 1998; CALAMATO, 2010; LUSARDI; MITCHELL, 2011; SARIGÜL, 2014; LUSARDI *et al.*, 2014).

Por fim, ao verificar a relação existente entre a alfabetização financeira e o nível de renda, a maioria dos estudos conclui que ao aumentar o nível de renda dos indivíduos, tanto própria, quanto familiar, aumenta também o nível de alfabetização financeira (MONTICONE, 2010; ATKINSON; MESSY, 2012; SCHERESBERG, 2013; GERRANS; HEANEY, 2014; CLARK; LUSARDI; MITCHELL, 2015; GROHMANN; KOUWENBERG; MENKHOFF, 2015; SALLEH, 2015).

Assim, com base no referencial teórico e nas relações encontradas na literatura, sendo estas detalhadas no tópico 2.3 deste trabalho, foram formuladas as seguintes proposições de pesquisa no que tange às diferenças das variáveis socioeconômicas e demográficas nos níveis de alfabetização financeira dos indivíduos:

PROPOSIÇÃO 1: Indivíduos do gênero masculino possuem maiores níveis de alfabetização financeira *vis-à-vis* indivíduos do gênero feminino.

PROPOSIÇÃO 2: Indivíduos jovens e idosos possuem menores níveis de alfabetização financeira que indivíduos de idade intermediária.

PROPOSIÇÃO 3: Indivíduos casados possuem maiores níveis de alfabetização financeira quando comparados aos indivíduos solteiros.

PROPOSIÇÃO 4: Indivíduos com dependentes possuem menores níveis de alfabetização financeira *vis-à-vis* indivíduos sem dependentes.

PROPOSIÇÃO 5: Indivíduos com ocupação possuem maiores níveis de alfabetização financeira que indivíduos sem ocupação.

PROPOSIÇÃO 6: Quanto maior o nível de escolaridade do indivíduo maior é o nível de alfabetização financeira.

PROPOSIÇÃO 7: Quanto maior o nível de escolaridade dos pais maior é o nível de alfabetização financeira.

PROPOSIÇÃO 8: Quanto maior o nível de renda (própria e familiar) maior é o nível de alfabetização financeira.

3.2 MODELO TEÓRICO: HIPÓTESES DE PESQUISA

O analfabetismo financeiro vem preocupando os governos ao redor do mundo, uma vez que faz com que as pessoas tomem decisões ineficientes diante dos diversos produtos financeiros ofertados e em consequência, tonam-se mais propensos ao endividamento (MITCHELL; LUSARDI, 2015). Diante disso, a primeira hipótese de pesquisa a ser testada relaciona a alfabetização financeira com a propensão ao endividamento.

Nos Estados Unidos, Lusardi e Tufano (2009) realizaram uma pesquisa abordando a relação da alfabetização financeira com as experiências financeiras e o superendividamento. Os resultados demonstraram baixos níveis de alfabetização financeira, uma vez que apenas um terço dos entrevistados conseguiu aplicar conceitos financeiros para entender decisões financeiras cotidianas, como o funcionamento dos cartões de crédito. Sendo assim, estas pessoas estão sujeitas a negociar em modos de alto custo, incorrendo em taxas de empréstimo mais altas. Portanto, os autores sugerem que as habilidades financeiras são um motivo de preocupação, pois a falta dessas habilidades pode comprometer a saúde financeira familiar e aumentar a propensão ao endividamento. Uma vez que a ausência da alfabetização financeira na tomada de decisões faz com que os indivíduos tornem-se seres vulneráveis à diversidade de produtos financeiros ofertados, incapazes de discernir o que é um bom investimento do que seria algo muito arriscado, tendo assim uma maior propensão às dificuldades financeiras, como o endividamento e a inadimplência (NORVILITIS *et al.*, 2006; LYONS, 2004).

Ratificando essa perspectiva, Disney e Gathergood (2011) ressaltam que os indivíduos com níveis menores de alfabetização financeira tendem a subestimar o custo do crédito, estando mais propensos ao endividamento. Os testes realizados no estudo dos autores confirmam esta questão, ou seja, as famílias menos alfabetizadas financeiramente assumem um maior nível de dívidas e podem atingir o sobre-endividamento. Assim, baixos níveis de alfabetização financeira podem danificar a capacidade das pessoas para a acumulação de

riqueza, uma vez que estes indivíduos são mais propensos a acumular dívidas enquanto jovem (LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010).

Além desta hipótese com efeitos diretos, têm-se os indiretos. Justificados pelo fato de que a alfabetização financeira auxilia os indivíduos a terem melhores práticas de gestão financeira e esta por sua vez, ajuda os indivíduos ou agregados familiares a manterem o controle de suas receitas e despesas, a fim de melhorar a sua situação financeira. Estas práticas envolvem comportamentos financeiros adequados, tais como a execução de orçamentos, a realização de pagamentos em dia, poupança e gerenciamento de suas dívidas de cartão de crédito, além de terem uma ideia de seu patrimônio líquido (DAVIS; WEBER, 1990; PARROTTA; JOHNSON, 1998).

Tais práticas de gestão financeira, obtidas por meio da alfabetização financeira, são recomendadas por conselheiros financeiros como forma de colocar um fim a gastos excessivos e é provável que indivíduos com comportamentos de compras compulsivas não são conscientes ou não se envolvem em tais práticas. Já os considerados grandes gastadores são predispostos a possuírem um elevado grau de materialismo e um baixo envolvimento em boas práticas de gestão financeira (TATZEL, 2002).

Destaca-se também que os indivíduos alfabetizados financeiramente e que possuem práticas adequadas de gestão financeira são um indicador de conservação dinheiro, e por isso, este comportamento pode moderar o relacionamento entre o materialismo e o comportamento de compras compulsivas (TATZEL, 2002). Assim, em consequência, foi sugerido por vários pesquisadores que a alfabetização financeira para os compradores compulsivos pode melhorar as suas práticas de gestão financeira, além de interromper efetivamente o ciclo de comprar compulsivamente e conseqüentemente, obter dívidas (LOWN; COOK, 1990; ROBERTS, 1998; BLACK, 2001). Neste mesmo contexto, Troisi, Christopher e Marek (2006) descobriram que o materialismo e o comportamento de não poupar dinheiro são antecedentes ao comportamento de compra impulsiva.

Uma pesquisa realizada por Richins (2011) identificou que o materialismo pode, através de atitudes em relação à contratação de empréstimos, influenciar o uso excessivo de crédito, e conseqüentemente, levar ao endividamento. Isto ocorre porque indivíduos materialistas são mais propensos do que outros a acreditar que os empréstimos para muitos tipos de compras são apropriados e aceitáveis. Com isso, o autor concluiu que outra rota para reduzir a propensão ao endividamento seria a mudança de atitude financeira, sendo esta um dos elementos vinculado à alfabetização financeira. De acordo com Richins (2011), a prevenção de problemas de crédito ao consumidor é muito mais eficaz do que tentar saná-los,

e os programas de alfabetização financeira destinam-se a fazer exatamente isso, uma vez que com os recentes aumentos na execução de empréstimos e inadimplência nos cartões de crédito, a alfabetização financeira começou a receber atenção considerável.

Assim como detectaram Pham, Yap e Dowling (2012), ao avaliar 118 participantes sobre as medidas de comportamento de compras compulsivas, práticas de gestão financeira, atitudes financeiras e valores materialistas, e descobriram que as práticas de gestão financeira predisseram significativamente o comportamento de compras compulsivas após o controle do materialismo, além das práticas de gestão financeira diminuir a influência dos valores materialistas no comportamento de compras compulsivas. Estes resultados suportam a inclusão de componentes de gestão financeira, obtidos por meio da alfabetização financeira, em intervenções psicossociais atuais e indicam que os indivíduos altamente materialistas com práticas inadequadas de gestão financeira são particularmente mais propensos a apresentarem problemas de comprar compulsivamente (PHAM; YAP; DOWLING, 2012).

Ratificando tais evidências, Donnelly, Iyer e Howell (2012) encontraram que o gerenciamento financeiro é significativamente relacionado, positivamente com o comportamento de poupança e negativamente com o comportamento de compra compulsiva, mesmo após o controle de inúmeras variáveis sócio-demográficas. Assim como Alemis e Yap (2013) ao detectarem que o comportamento de compra compulsiva é negativamente correlacionado com as práticas de gestão financeira de indivíduos alfabetizados financeiramente.

De acordo com Alemis e Yap (2013), o papel da alfabetização financeira, por meio da mediação das práticas de gestão financeira no comportamento de compra compulsiva dá suporte ao treinamento das habilidades de gestão financeira na prevenção e tratamento de comprar compulsivamente. Ademais, estudos anteriores têm demonstrado com sucesso a eficácia das intervenções cognitivo-comportamentais em grupos, que incluíam instruções sobre gerenciamento de caixa, a fim de reduzir o comportamento de compras compulsivas (MITCHELL *et al.*, 2006; MUELLER *et al.*, 2008).

Além disso, Garðarsdóttir e Dittmar (2012) destacam que o materialismo é um forte preditor nas habilidades de gestão do dinheiro e, para isso, é necessário haver uma compreensão global da alfabetização financeira. Neste sentido, a alfabetização financeira é mais abrangente do que puramente as habilidades de gerenciamento do dinheiro e certamente para o indivíduo poder ser considerado alfabetizado financeiramente é preciso que o mesmo esteja ciente dos efeitos que os valores culturais e o materialismo possuem em suas vidas (GARÐARSDÓTTIR; DITTMAR, 2012).

Especificamente, Garðarsdóttir e Dittmar (2012) apontam a importância de serem aplicados cursos de alfabetização financeira, especialmente entre os jovens que são frequentemente bombardeados com mensagens da mídia materialista, transmitindo que felicidade, beleza e popularidade podem ser compradas. Segundo Donnelly, Iyer e Howell (2012), os indivíduos materialistas podem experimentar uma “dor de saber” sobre suas finanças, porque a gestão do dinheiro pode destacar as implicações desanimadoras de seus comportamentos de compra.

Neste panorama, Disney e Gathergood (2013) ao analisarem a relação entre a alfabetização financeira e o crédito do consumidor, encontraram ainda evidências de que os indivíduos que adquirem créditos com custos mais elevados são os que possuem um menor nível de alfabetização financeira, além de serem os que apresentam uma maior propensão ao endividamento. Assim, espera-se encontrar uma relação indireta entre a alfabetização financeira e a propensão ao endividamento, mediada pelo materialismo e pelo comportamento de compra compulsiva.

Com base nestes aspectos tem-se a relação: quanto maior o nível de alfabetização financeira, menor a propensão ao endividamento. A seguir, tem-se a primeira hipótese de estudo:

HIPÓTESE 1: A ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA impacta negativamente na PROPENSÃO AO ENDIVIDAMENTO.

A segunda hipótese é constituída a partir da concepção de que indivíduos mais materialistas estão mais propensos a contratar créditos para consumo, obtendo atitudes mais positivas frente ao endividamento, ou seja, quanto maior o nível de materialismo, mais propenso ao endividamento (PONCHIO, 2006).

Nesse sentido, ao investigar a relação entre materialismo e dívida de 322 indivíduos norte-americanos, via teste de hipóteses, Watson (2003) encontrou como resultado que quanto mais materialista for o indivíduo maior a tendência de ele se auto classificar como gastador, utilizar o crediário, manter atitudes positivas frente à dívida e realizar empréstimos para comprar produtos de luxo. Resultado similar foi encontrado por Garðarsdóttir e Dittmar (2012). Tendo por base a Escala dos Valores Materialistas desenvolvida por Richins e Dawson (1992) e a técnica de Modelagem de Equações Estruturais, os autores constataram que o materialismo atua como determinante da propensão ao endividamento e que indivíduos

mais materialistas tendem a ter uma atitude mais positiva em relação à dívida que indivíduos não materialistas.

No contexto brasileiro, destacam-se os estudos de Ponchio (2006) e Trindade (2009). Ambos concluíram que pessoas materialistas apresentam atitudes mais favoráveis ao uso do crédito e maior propensão ao endividamento. Assim como Cakarnis e D'Alessandro (2015) afirmam que indivíduos com níveis mais elevados de materialismo tendem a alocar de forma indevida seus recursos e com isso, apresentam uma maior propensão ao endividamento.

Indivíduos altamente materialistas, conforme Richins e Dawson (1992), tomam como referência indivíduos de nível socioeconômico superior fazendo com que os mesmos, a fim de acompanhar as demandas de consumo, sejam mais propensos a exibir comportamentos favoráveis à contratação de dívidas. Com base nisso, o presente estudo espera encontrar esta relação demonstrada pelos autores, na qual o materialismo impacta na propensão ao endividamento, através de uma relação positiva, ou seja, quanto maior o nível de materialismo, maior a propensão ao endividamento. Assim, tem-se a seguinte hipótese de estudo:

HIPÓTESE 2: O MATERIALISMO impacta positivamente na PROPENSÃO AO ENDIVIDAMENTO.

A principal consequência gerada pelo comportamento de compra compulsiva de um indivíduo é a maior propensão ao endividamento (ACHTZIGER *et al.*, 2015). Esse panorama é evidenciado, pois a aquisição compulsiva de produtos, na maioria das vezes desnecessária pelas pessoas, ocasiona em restrição orçamentária, fazendo com que em períodos futuros os compromissos fixados não possam ser cumpridos, maximizando o problema do endividamento, pois possivelmente a pessoa continuará consumindo compulsivamente sem condições financeiras para isso (CARVALHO; ALVES, 2010). O'Guinn e Faber (1989) ratificam essa concepção ao identificar que compradores compulsivos apresentam baixa auto-estima, alto grau de compulsividade e elevada tendência de imaginação e fantasia, aspectos que contribuem para o consumo elevado, o qual gera como consequência alto grau de endividamento, depressão e discórdia doméstica.

Corroborando, a pesquisa realizada por Kunkel, Vieira e Potrich (2015) confirmou que a presença de comportamentos de compra compulsiva leva o indivíduo a incorrer mais fortemente em dívidas. Dentro desse escopo e tomando por base as pesquisas mencionadas espera-se encontrar uma relação positiva entre compras compulsivas e dívida. Dito de outra

forma espera-se que compradores compulsivos consumam sem condições financeiras para isso e, conseqüentemente, endividem-se.

HIPÓTESE 3: A COMPRA COMPULSIVA impacta positivamente na PROPENSÃO AO ENDIVIDAMENTO.

O materialismo também vem sendo relacionado com o fator compras compulsivas que é entendido como um transtorno psiquiátrico no qual os indivíduos perdem o controle sobre seu comportamento de compra continuando a comprar excessivamente apesar das conseqüências adversas (DITTMAR, 2004). Os compradores compulsivos, considerados mais emotivos e, particularmente, mais propensos a experimentar emoções negativas, tendem a subscrever valores materialistas de tal forma que a sua identidade e autoestima tornam-se dependentes da quantidade e do tipo de bens materiais possuídos. Dentro dessa perspectiva, os indivíduos materialistas que acreditam possuir baixa autoestima e não ter encontrado sua identidade pessoal ideal, seriam mais propensos a exibir comportamentos de compra compulsiva, como forma de minimizar os sentimentos negativos e encontrar maior bem-estar pessoal (DITTMAR, 2004).

Consistente com a teoria de Dittmar (2004), diversos estudos tem verificado a existência de uma relação entre materialismo e compras compulsivas (DITTMAR, 2005; JOJI; RAVEENDRAN, 2008; GARÐARSDÓTTIR; DITTMAR, 2012; OMAR *et al.*, 2014). Por exemplo, Rose (2007) verificou que o materialismo é responsável por explicar 29% da variância do comportamento de compra compulsiva de uma amostra de estudantes universitários do meio-oeste norte-americano. Similarmente, em um estudo com brasileiros, Kunkel, Vieira e Potrich (2015) detectaram a existência de uma relação positiva entre as compras compulsivas e o materialismo, sendo que este último explica 51% da variância do primeiro.

Da mesma forma, Dittmar (2005), Joji e Raveendran (2008), Garðarsdóttir e Dittmar (2012) e Omar *et al.* (2014) constataram que o materialismo está positivamente relacionado ao comportamento de compra compulsiva, dando a entender que quanto maior o nível de materialismo, maior a chance de o indivíduo ser um comprador compulsivo. A associação entre materialismo e compras compulsivas foi ainda apoiada por pesquisas que mostraram que a maior frequência de atitudes favoráveis ao gasto e ao consumo é encontrada em indivíduos com fortes valores materialistas (RICHINS, 1994). Nesse sentido, espera-se encontrar uma relação positiva entre materialismo e compras compulsivas.

HIPÓTESE 4: O MATERIALISMO impacta positivamente no comportamento de COMPRA COMPULSIVA.

A alfabetização financeira é reconhecida como fundamental para que os indivíduos apresentem práticas financeiras adequadas e estas podem ser afetadas por outros fatores comportamentais, tais como comportamentos de compras compulsivas e materialistas. Devido a isso, especialistas recomendam a adoção de práticas de gerenciamento financeiro como uma precaução a fim de evitar gastos exagerados (ROBERTS, 1998), de forma que o indivíduo com atitudes e comportamentos financeiros adequados possui menores chances de apresentar um comportamento materialista. Pham, Yap e Dowling (2012) sugerem que além de diminuir os valores materialistas, a alfabetização financeira também pode ter um impacto considerável na prevenção de comportamentos de compras compulsivas.

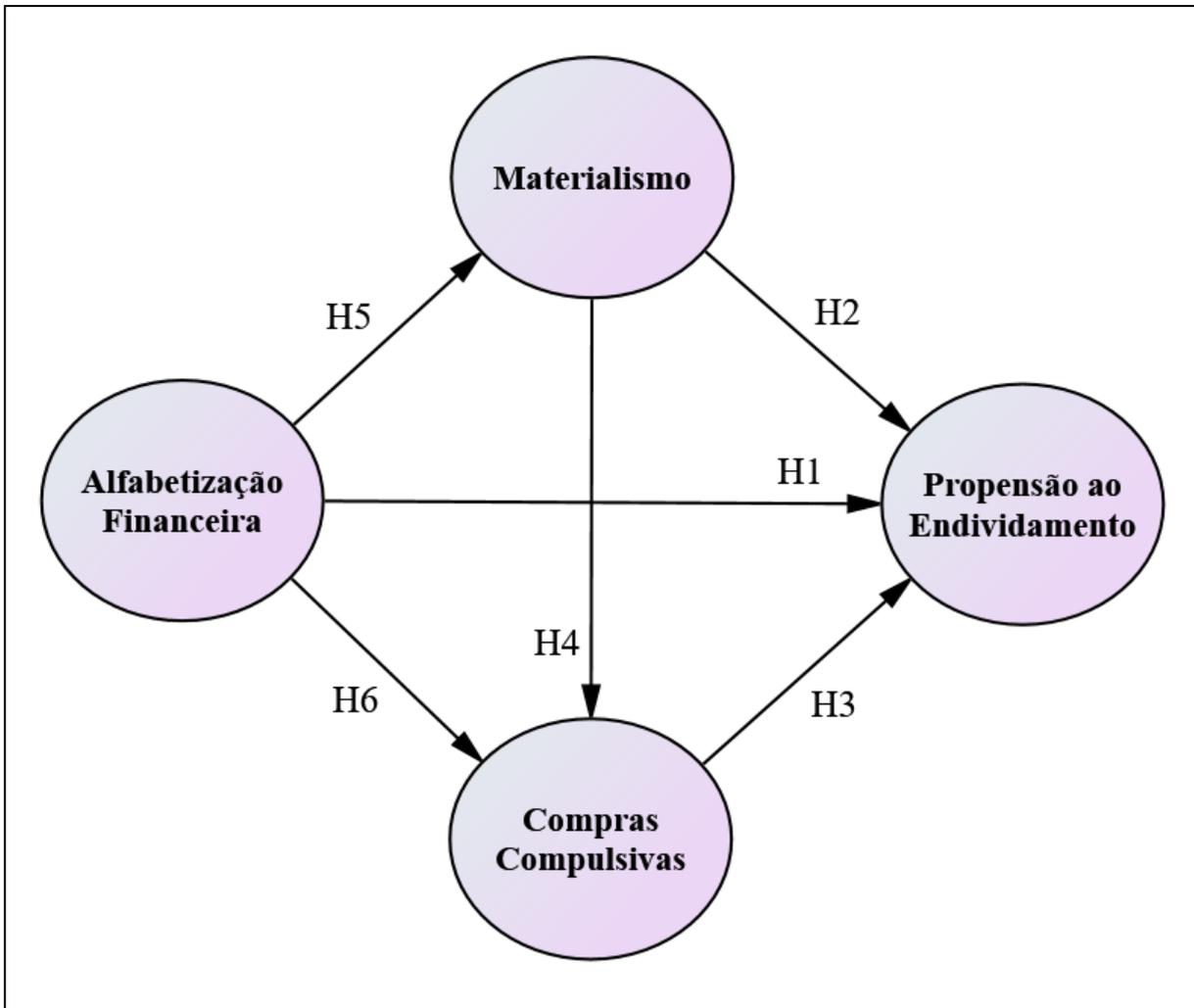
Especificamente, por meio da alfabetização financeira e do ensino de práticas financeiras básicas de gestão pessoal, tais como o gerenciamento do dinheiro, o orçamento e a poupança podem formar unidades de práticas em currículos do ensino médio e assim, auxiliar na prevenção de comportamentos de compras compulsivas (PHAM; YAP; DOWLING, 2012). Estudos ainda fornecem suporte para a inclusão de programas de alfabetização financeira no currículo escolar e seria de se esperar que esses programas também tenham um impacto sobre a compra compulsiva (RUSSELL; BROOKS; NAIR, 2006). Assim, as hipóteses consistem em:

HIPÓTESE 5: A ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA impacta negativamente no MATERIALISMO.

HIPÓTESE 6: A ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA impacta negativamente no comportamento de COMPRA COMPULSIVA.

A união dos construtos e hipóteses descritas levou a construção do modelo proposto, que está ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Modelo proposto e as respectivas hipóteses



Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

4 MÉTODO

O presente capítulo apresenta os procedimentos metodológicos que foram utilizados a fim de atingir aos objetivos estabelecidos. Dessa forma, essa seção descreve o delineamento do estudo, a definição do instrumento de coleta de dados, a população e a amostra. Além disso, são descritos os aspectos éticos, as técnicas de análise dos dados e o método para a construção do indicador de alfabetização financeira.

4.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Para alcançar os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa exploratória com aplicação quantitativa. De acordo com Hair *et al.* (2005), os planos exploratórios são voltados a descoberta e têm a intenção de testar hipóteses específicas de pesquisa. Já Malhotra (2011) comenta que as pesquisas quantitativas procuram quantificar os dados para compreender o problema de pesquisa, utilizando técnicas estatísticas.

Como estratégia de pesquisa adotou-se o método *survey*, através de um questionário para a coleta de dados, composto por 89 questões que contemplam todos os aspectos descritos anteriormente. De acordo com Malhotra (2011), este método se baseia no interrogatório dos participantes por meio de um questionário estruturado e destina-se a provocar informações específicas dos entrevistados. Além disso, segundo Gil (2010), a utilização de um questionário estruturado possibilita ao pesquisado evidenciar seus pontos de vista, permitindo ao pesquisador conhecer as opiniões, crenças, interesses e situações vivenciadas pelo sujeito da pesquisa.

4.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de pesquisa foi elaborado com base na literatura, utilizando questões de múltipla escolha, as quais avaliaram o perfil dos respondentes e o perfil dos gastos, além de questões do tipo *likert* de cinco pontos para avaliar as escalas quantitativas investigadas: propensão ao endividamento, materialismo, compras compulsivas, atitude financeira e comportamento financeiro. Ressalta-se que a alfabetização financeira, o tema central deste estudo, foi mensurada através de três dimensões: atitude financeira, comportamento financeiro e conhecimento financeiro. Para medir a atitude e o comportamento financeiros utilizou-se uma escala do tipo *likert* de cinco pontos, enquanto que para medir o

conhecimento financeiro foram elencadas questões de múltipla escolha sobre decisões financeiras, como por exemplo, juros simples, taxas de inflação, etc. Dessa maneira, o questionário foi estruturado em oito blocos.

O primeiro bloco composto por oito questões compreende a investigação inerente ao perfil da dívida. Os questionamentos são acerca da fonte de renda familiar, do responsável pelas finanças da residência, do quanto este sabe sobre gerenciamento financeiro, do quão satisfeito o respondente está com o controle de suas finanças, como estão seus gastos e seus prazos de pagamentos.

No segundo bloco tem-se a escala de propensão ao endividamento, desenvolvida originalmente por Lea, Webley e Walker (1995). A escala é composta por dezessete questões do tipo *likert* de cinco pontos (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente), as quais buscam identificar como os indivíduos se comportam com o uso do dinheiro, como planejam suas aquisições e se acham adequado o consumo a prazo. Além disso, analisa o que eles pensam sobre a aquisição de empréstimos com amigos, entre outros questionamentos ligados aos recursos financeiros e a probabilidade de executar tarefas que possam torná-los mais propensos ao consumo. Nesse sentido, com exceção das dez últimas questões que são invertidas, quanto mais a pessoa concordar, mais propensa ao endividamento ela é.

No terceiro bloco do instrumento busca-se identificar o materialismo dos entrevistados. Essa escala objetiva mensurar três fatores: sucesso, centralidade e felicidade, sendo que para cada um deles há três questões relacionadas. A escala utilizada foi desenvolvida inicialmente por Richins e Dawson (1992), originalmente com dezoito itens. Todavia, Richins (2004) buscou reduzir o número de variáveis para mensurar o materialismo, testando escalas com 15, 9, 6 e 3 itens. O autor concluiu que a escala com nove variáveis seria a mais adequada para mensurar o materialismo. Partindo desse pressuposto, utilizam-se os nove itens indicados por Richins (2004), com questões do tipo *likert* de cinco pontos (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente). Sendo que nessa escala, com exceção da primeira questão, quanto maior o grau de concordância, mais materialista é o respondente.

Nessa mesma perspectiva, busca-se compreender o consumo compulsivo dos entrevistados. Para isso, utiliza-se a escala original de Faber e O'Guinn (1992) adaptada e reaplicada no Brasil por Leite *et al.* (2011), os quais realizaram os procedimentos psicométricos para a revalidação da escala no cenário brasileiro. Os autores validaram sete questões, as quais já tinham sido selecionadas por Faber e O'Guinn (1992) como as mais significativas para o modelo. Assim, para mensurar o comportamento de compras compulsivas utilizou-se sete questões do tipo *likert* de 5 pontos (1-discordo totalmente a 5-

concordo totalmente). O intuito maior da aplicação dessa escala é a possibilidade de visualizar quão voltados ao consumo os respondentes estão, ou seja, como eles se comportam diante da diversidade de produtos e serviços ofertados, se compram apenas quando necessitam ou adquirem pelo simples prazer de consumir. Sendo assim, quanto mais os entrevistados concordam com as informações, mais comportamento de compra compulsiva eles apresentam.

Já para mensurar o tema central deste estudo, a alfabetização financeira, utilizou-se a definição da OECD (2013a), a qual a engloba em três dimensões: conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira. Para mensurar a atitude financeira, utiliza-se um instrumento adaptado de Parrotta e Johnson (1998). A escala composta por quinze questões do tipo *likert* de cinco pontos (1-discordo totalmente a 5-concordo totalmente), a qual visa identificar como o indivíduo avalia sua gestão financeira. Com exceção das oito últimas questões que são invertidas, quanto mais o indivíduo concordar, melhores são as suas atitudes financeiras.

A escala de comportamento financeiro é composta por questões adaptadas de Shockey (2002), O'Neill e Xiao (2012) e OECD (2013b). A escala, com treze questões do tipo *likert* de cinco pontos (1-nunca a 5-sempre), avalia o nível de comportamento financeiro dos indivíduos no que tange aos aspectos de poupança e controle, sendo que quanto maior a frequência do respondente nas afirmações feitas, melhor será o seu comportamento no gerenciamento de suas finanças.

Por fim, para avaliar o nível de conhecimento financeiro foi construído um índice a partir da soma das respostas de dois conjuntos de questões de múltipla escolha adaptadas de Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011), OECD (2013b), Klapper, Lusardi e Panos (2013) e pela *National Financial Capability Study* (NFCS, 2013), totalizando assim dez questões. O primeiro conjunto (definido como conhecimento básico), composto por cinco perguntas, teve por objetivo medir habilidades financeiras básicas, como o entendimento de questões relacionadas à inflação, taxa de juros simples e composta e valor do dinheiro no tempo. O segundo grupo (definido como conhecimento avançado), composto por cinco questões, buscou explorar o nível de conhecimento em relação a instrumentos financeiros complexos, como diversificação de investimento, risco e retorno.

Dessa forma, o índice de conhecimento financeiro varia de 0,0 (pontuação obtida se o indivíduo errar todas as questões) a 10,0 (pontuação obtida caso o indivíduo acerte todas as questões). De acordo com a pontuação obtida, os respondentes serão classificados como detentores de baixo nível de conhecimento financeiro (pontuação inferior a 60% do máximo, ou seja, pontuação inferior a 6 pontos), nível mediano de conhecimento financeiro (entre 60%

e 79% da pontuação máxima, ou seja, pontuação entre 6 e 7 pontos) e alto nível de conhecimento financeiro (acima de 80% da pontuação máxima, ou seja, pontuação superior a 8 pontos). Tal classificação foi estabelecida por Chen e Volpe (1998). Assim, somando as questões de atitude financeira (15), comportamento financeiro (13) e conhecimento financeiro (10), a alfabetização financeira é mensurada por meio de 38 questões.

Ressalta-se ainda que para todas as escalas internacionais utilizadas nesse estudo foram desenvolvidos processos de adequação para o contexto brasileiro, utilizando o modelo de Brislin (1970). Além disso, com o intuito de validação das escalas utilizadas, a metodologia empregada foi baseada no modelo de Churchill (1979), por mostrar-se adequada à solução do problema de pesquisa concernente à validação do modelo teórico proposto, visto que a pesquisa partiu de uma fase exploratória com o objetivo de gerar indicadores para os construtos em questão.

Na última seção estão listadas as dez questões referentes ao perfil dos respondentes, o qual é representado pelas variáveis: gênero, idade, estado civil, se é estudante e qual o curso, número de dependentes, nível de escolaridade, nível de escolaridade dos pais, ocupação, renda média mensal própria e familiar.

O Quadro 13 ilustra os aspectos abordados pela pesquisa, as variáveis utilizadas e a base teórica utilizada. Além disso, o instrumento de coleta de dados pode ser verificado no Apêndice 1 deste trabalho.

Quadro 13 – Descrição do instrumento de coleta de dados

Aspectos	Variáveis	Base Teórica
Perfil dos gastos	1 a 5 6 7 8	OECD (2013a) Desenvolvido pela autora Flores (2012) Disney e Gathergood (2011)
Propensão ao Endividamento	9 a 25	Lea, Webley e Walker (1995)
Materialismo	26 a 34	Richins (2004)
Compras Compulsivas	35 a 41	Leite <i>et al.</i> (2011)
Atitude Financeira	42 a 56	Parrotta e Johnson (1998)
Comportamento Financeiro	57 a 69	Shockey (2002), O'Neill e Xiao (2012) e OECD (2013a)
Conhecimento Financeiro	70 a 79	Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011); OECD (2013b); Klapper, Lusardi e Panos (2013); <i>National Financial Capability Study</i> (NFCS, 2013).
Perfil dos respondentes	Perfil 1 a 10	Desenvolvidos pela autora

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

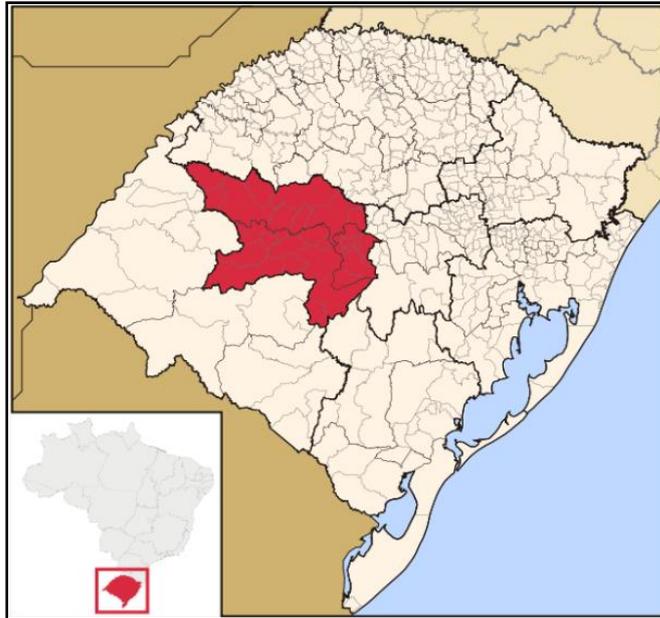
A população alvo do estudo compreendeu os residentes da Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense, formada pela união de 31 municípios (agrupados em 3 microrregiões (Microrregião de Santa Maria, de Restinga Seca e de Santiago) que juntos formam uma área total de 25.997 km² e possuem uma população total de 536.938 habitantes (IBGE, 2010).

O interesse em investigar esse público, nessa localização específica, se deu pela necessidade de estudos que se aprofundem na compreensão de indivíduos que vivem afastados dos grandes centros, em uma conjuntura específica, como a Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense. Ademais, esta região é caracterizada por uma economia voltada para agropecuária e o setor terciário, onde predominam as pequenas e as médias propriedades rurais, sendo que o parque industrial dessa área é constituído por micro, pequenas e médias empresas, que, em geral, processam alguns produtos da agropecuária e produzem bens para o mercado regional (ALONSO, 2009). Esse panorama torna essa região ainda mais atraente para essa pesquisa, pois diante dessa diversidade, os indivíduos possuem uma boa alfabetização financeira se torna essencial.

Dentre os 31 municípios que a compõe, a cidade de Santa Maria é a de maior representatividade, nela destacam-se os serviços de natureza pública, em especial ensino de nível superior e segurança nacional. As demais cidades da mesorregião articulam-se em torno de Santa Maria, não havendo muito espaço para o surgimento de outros centros urbanos na região (MORAES, 2013).

A localização da mesorregião no estado do Rio Grande do Sul é exposta na Figura 2.

Figura 2 – Localização da Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense



Fonte: (IBGE, 2013).

Assim, considerando a amplitude da população alvo, buscou-se por meio do processo de amostragem, o qual permite selecionar um número adequado de indivíduos de modo que se possam fazer generalizações de forma confiável, minimizar o número de entrevistados (MATTAR, 2005). Para isso, utiliza-se o método de Martins (2011) para determinar da amostra, sendo a estimativa apresentada na Equação 1.

$$\frac{n = (z_g^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot N)}{e^2(N-1) + z_g^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q}} \quad (1)$$

Em que:

n = tamanho da amostra;

z_g = abscissa da distribuição normal padrão, fixado um nível de confiança g ;

\hat{p} = estimativa da proporção p ;

$\hat{q} = 1 - \hat{p}$;

N = tamanho da população;

e = erro amostral (máxima diferença permitida entre p e \hat{p}).

Para o processo de amostragem, considerou-se um erro amostral de 2%, com 95% de confiança e uma população finita de 536.938 indivíduos, que representa o total dos que residem na mesorregião escolhida pelo estudo. Sendo assim, a amostra totalizou 2.391 indivíduos distribuídos proporcionalmente entre os municípios da Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense. A distribuição da população e da amostra através dos municípios está ilustrada no Quadro 14.

Quadro 14 – População e amostra

Municípios	N.º Habitantes	Amostra
Cacequi	13.676	61
Dilermando de Aguiar	3.064	14
Itaara	5.010	22
Jaguari	11.473	51
Mata	5.111	23
Nova Esperança do Sul	4.671	21
Santa Maria	261.031	1.162
São Martinho da Serra	3.201	14
São Pedro do Sul	16.368	73
São Sepé	23.798	106
São Vicente do Sul	8.440	38
Toropi	2.952	13
Vila Nova do Sul	4.221	19
Total Microrregião de Santa Maria	363.016	1.617
Agudo	16.722	74
Dona Francisca	3.401	15
Faxinal do Soturno	6.672	30
Formigueiro	7.014	31
Ivorá	2.156	10
Nova Palma	6.342	28
Restinga Seca	15.849	71
São João do Polêsine	2.635	12
Silveira Martins	2.449	11
Total Microrregião de Restinga Seca	63.240	282
Capão do Cipó	3.104	14
Itacurubi	3.441	15
Jarí	3.575	16
Júlio de Castilhos	19.579	87
Pinhal Grande	4.471	20
Quevedos	2.710	12
Santiago	49.071	219
Tupanciretã	22.281	99
Unistalda	2.450	11
Total Microrregião de Santiago	110.682	493
TOTAL	536.938	2.391

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Destaca-se ainda que a aplicação do instrumento de coleta de dados foi realizada em cada estrato, no caso, em cada município, de forma aleatória, em ambiente externo, através do contato com os moradores dispostos a participar da pesquisa.

4.4 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa foi registrado no Gabinete de Projetos (GAP) do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) através do Sistema de Informação para o Ensino (SIE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Após esse procedimento, o projeto foi submetido ao Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (SISNEP), o qual tem por principal preocupação a proteção dos direitos dos sujeitos da pesquisa. A submissão ao SISNEP foi realizada através do site Plataforma Brasil, base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos. Após a submissão, o projeto foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da UFSM, sendo aprovado sob o nº CAAE 29365914.300005346.

Cumprindo com as exigências impostas pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) foi entregue juntamente com o questionário o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2). Somente participaram da pesquisa os sujeitos que, após a leitura do termo, concordaram, de forma livre e esclarecida, a responder à pesquisa. O Termo de Consentimento foi elaborado em duas vias (devendo ser assinado pelo participante em cada uma das vias), sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa e uma arquivada pelo pesquisador. Conforme a Resolução, o Termo de Consentimento garante entre outras coisas, o esclarecimento, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia utilizada; a liberdade para desistir de participar da pesquisa, em qualquer uma das etapas, sem nenhum tipo de penalização ou prejuízo; indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa e; o sigilo quanto aos dados divulgados a fim de manter a privacidade do respondente.

A privacidade dos respondentes e a garantia de utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto foi assegurada mediante o Termo de Confidencialidade, Privacidade e Segurança dos Dados (Apêndice 3), o qual foi assinado pela coordenadora da pesquisa.

4.5 TÉCNICAS ESTATÍSTICAS

Para a análise dos dados coletados a partir dos questionários aplicados foram utilizadas estatísticas descritivas e técnicas de análise multivariada, com o auxílio dos *softwares* SPSS 20.0® e Amos™. Em um primeiro momento foi calculada a estatística descritiva das variáveis visando caracterizar a amostra e descrever o comportamento dos indivíduos em relação a cada um dos construtos pesquisados. Com o objetivo de traçar um panorama geral do perfil dos respondentes calculou-se a frequência e para os construtos a média, a mediana e o desvio-padrão.

Já com o objetivo de validar os construtos investigados e o modelo integrado foram utilizadas as técnicas de Análise Fatorial Confirmatória e Modelagem de Equações Estruturais (MEE). Trata-se de técnica multivariada que, ao combinar aspectos da regressão múltipla e da análise fatorial, possibilita estimar, de forma simultânea, uma série de relações de dependência (HAIR *et al.*, 2009). Segundo Urbach e Ahlemann (2010), a MEE é uma técnica estatística para estimar e testar relações causais entre variáveis, com base em dados estatísticos e hipóteses causais qualitativas; ela pode ser considerada como a segunda geração das análises multivariadas, pois permite ao pesquisador considerar simultaneamente relações entre múltiplos constructos independentes e dependentes.

A MEE baseia-se na matriz de covariância ou na matriz de correlação, sendo a matriz de covariância mais indicada para a validação de relações causais pelo fato de indicar a variância total dos construtos envolvidos no modelo e, a matriz de correlação mais indicada na comparação direta entre os coeficientes pelo fato de as variáveis estarem padronizadas. Além disso, a MEE reduz o problema da multicolinearidade (FOLMER; DUTTA; OUD, 2010).

Um dos pontos que devem ser observados na utilização da MEE é o tamanho da amostra, dado que o mesmo é crucial para a correta estimação e interpretação dos resultados (HAIR *et al.*, 2009). Embora não haja um critério único no que se refere ao tamanho amostral, várias perspectivas têm sido oferecidas. Segundo Schumacher e Lomax (1996) e Anderson e Gerbing (1988), a amostra deve ser de no mínimo 150 casos, enquanto para Hair *et al.* (2009) deve haver no mínimo 200 observações. Para Landis, Beal e Tesluk (2000), o tamanho mínimo amostral deve ser significativamente maior que o número de covariâncias ou correlações na matriz de entrada dos dados. Nesse sentido, deve haver uma proporção mínima de 5 respondentes para cada parâmetro estimado (5:1), sendo mais adequada uma proporção de 10 respondentes por parâmetro (10:1). Segundo Hair *et al.* (2009), quando os dados violam

a suposição de normalidade faz-se necessário aumentar a proporção para 15 respondentes por parâmetro (15:1). Com isso, considerando que o presente estudo apresentou uma amostra mínima estimada de 2.391 indivíduos, conclui-se não haver problemas quanto ao tamanho amostral (15 respondentes * 89 questões = 1.335 respondentes).

Assim, depois de estabelecido o modelo de mensuração e o modelo estrutural, foram escolhidos o tipo de matriz de entrada, os critérios para a estimação dos parâmetros e o processo de estimação a ser utilizado. A MEE, por não enfatizar observações individuais, utiliza somente a matriz de variância-covariância (preserva as escalas) ou a matriz de correlação (padroniza as escalas, sem as preservar) como entrada dos dados. Nesse estudo foi utilizada a matriz de variância-covariância pelo fato de a mesma satisfazer as suposições da metodologia e ser mais adequada para a validação de relações causais (HAIR *et al.*, 2009). Entre os vários procedimentos para estimação da matriz de parâmetros abordados pela literatura (mínimos quadrados ordinários, mínimos quadrados generalizados, mínimos quadrados ponderados), a estimação de máxima verossimilhança destaca-se como a mais utilizada (CHOU; BENTLER, 1995; SCHUMACKER; LOMAX, 1996; HAIR *et al.*, 2009; KLINE, 2011).

Na sequência, avaliou-se a identificação do modelo estrutural. Na prática, para se obter um modelo identificado, entendido como aquele que apresenta graus de liberdade suficientes para estimar os parâmetros desconhecidos, é necessário que cada construto seja formado por três ou mais indicadores. Posteriormente, foi observada a qualidade de ajuste do modelo, a qual, segundo Hoyle (1995), mede a correspondência da matriz de covariância real ou observada com aquela prevista pelo modelo proposto. Em outras palavras, a qualidade de ajuste determina o quanto o modelo de equações estruturais se ajusta aos dados da amostra (SCHUMACKER; LOMAX, 1996).

Neste contexto, Byrne (2010) considera necessária a análise de diversos índices de ajustamento, de forma a avaliar a adequabilidade do modelo proposto aos dados da amostra. Para fins de realização dessa pesquisa foram adotados índices de ajuste absolutos, os quais determinam o grau em que o modelo geral prevê a matriz de covariância ou de correlação observada (HAIR *et al.*, 2009, p. 746): estatística Qui-quadrado (χ^2), *Root Mean Squares Residual* (RMR), *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA), *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e, índices de ajuste incremental, os quais comparam o modelo proposto com algum modelo de referência (HAIR *et al.*, 2009, p. 749): *Normed Fit Index* (NFI), *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI). Na sequência são descritos cada um dos índices.

•*Estatística χ^2* (qui-quadrado): permite avaliar a significância das diferenças entre a matriz observada (Σ) e a matriz estimada ($\Sigma\Theta$) a partir do teste da hipótese $H_0: \Sigma = \Sigma\Theta$ (HAIR *et al.*, 2009). A obtenção de um χ^2 significativo (rejeição de H_0) indica que a matriz observada e estimada são diferentes, já a obtenção de um χ^2 não significativo (não rejeição de H_0) indica que as duas matrizes não são estatisticamente diferentes. Para confirmar a adequação do modelo é necessário obter um valor de χ^2 não-significativo, o qual indica que os dados se ajustam ao modelo.

Um dos problemas apresentados pela estatística χ^2 refere-se a sua sensibilidade ao tamanho amostral (GARVER; MENTZER, 1999; HAIR *et al.*, 2009). À medida que o tamanho da amostra aumenta (> 200 casos) o teste tende a apresentar resultados significativos para modelos equivalentes. De forma contrária, quando o tamanho da amostra diminui (<100), o teste tende a apresentar probabilidades não significativas. Para minimizar tal problema, alguns pesquisadores têm calculado a razão entre o valor do χ^2 e os graus de liberdade (gl) (χ^2/gl). Segundo Byrne (2010), o qui-quadrado do modelo dividido por seus graus de liberdade tem sido considerado a primeira tentativa de se lidar com o problema da influência do tamanho da amostra no qui-quadrado. Entretanto, não há consenso sobre o ponto de corte para essa medida. Hair *et al.* (2009) consideram que valores menores que cinco são aceitáveis e Hooper, Coughlan e Mullen (2008) afirmam que as recomendações variam de menores que cinco até menores que dois.

•*Root Mean Square Residual (RMR)*: corresponde à covariância residual média entre as matrizes observadas e estimadas sendo utilizado para comparar o ajuste de dois modelos diferentes elaborados a partir da mesma base de dados (SCHUMACKER, LOMAX, 1996; HOOPER; COUGHLAN; MULLEN, 2008). Os resíduos são as quantias pelas quais as variâncias e covariâncias observadas diferem das variâncias e covariâncias estimadas. Quando o ajuste do modelo é perfeito, ou seja, quando não há resíduos, o RMR assume valor zero. À proporção que aumenta a discrepância média entre as covariâncias observadas e previstas aumenta, igualmente, o valor do índice. Além disso, valores pequenos indicam que os resíduos do modelo teórico são refletidos nos dados da amostra (KLINE, 2011). O índice RMR é calculado conforme a Equação 2 e foi desenvolvido por Hu e Bentler em 1999 (KLINE, 2011).

$$RMR = \sqrt{\sum_{g=1}^G \left\{ \sum_{i=1}^{p_g} \sum_{j=1}^{j \leq 1} \left(\hat{\sigma}_{ij}^{(g)} - \sigma_{ij}^{(g)} \right)^2 \right\} / \sum_{g=1}^G p^{*(g)}} \quad (2)$$

Valores de 0 a 1,0 são encontrados na literatura para identificar o RMR, porém modelos bem ajustados assumem valores inferiores a 0,05 (HOOPER; COUGHLAN; MULLEN, 2008). Já Hair *et al.* (2009) afirmam que em amostras superiores a 250 observações, valores menores que 0,08 são aceitáveis.

•*Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA): representa a discrepância entre a matriz de covariância observada e estimada pelo grau de liberdade (GARVER, MENTZER, 1999). Difere do índice RMR pelo fato de a discrepância das matrizes ser mensurada em termos da população e não da amostra usada para estimação. Nesse sentido, o valor obtido é representativo da qualidade de ajuste que poderia ser obtida se o modelo fosse estimado na população (HAIR *et al.*, 2009). O índice RMSEA foi desenvolvido por Steiger em 1990 (KLINE, 2011), apresentado na Equação 3.

$$\text{RMSEA} = \sqrt{\frac{x^2 - \text{gl}_{\text{proposto}}}{(N - 1)}} \quad (3)$$

Onde, x^2 é o valor do qui-quadrado, $\text{gl}_{\text{proposto}}$ são os graus de liberdade do modelo proposto e N é o tamanho da amostra. Valores inferiores a 0,06 (HU; BENTLER, 1999) e a 0,10 (STEIGER, 2007) parece ser o consenso geral entre os autores para o RMSEA. Em geral, segundo Hooper, Coughlan e Mullen (2008) e Al-Refaie *et al.* (2011) um modelo bem ajustado possui limite inferior próximo a zero e o limite superior deverá ser menor que 0,08.

•*Goodness-of Fit Index* (GFI): mensura a quantidade de variância e covariância da matriz observada que é predita pela matriz estimada (SCHUMACKER; LOMAX, 1996). Em outras palavras, representa o grau geral de ajuste, não sendo ponderada em termos dos graus de liberdade (HAIR *et al.*, 2009). A Equação 4 define o GFI, proposta inicialmente por Jöreskog e Sörbom em 1984 (HOYLE, 1995).

$$\text{GFI} = 1 - \frac{F_k}{F_0} \quad (4)$$

Em que, F_k é a função com o mínimo de ajuste depois de o modelo ser estimado usando k graus de liberdade e F_0 é a função de ajuste que resultaria se todos os parâmetros fossem zero. O índice possui limites entre 0 e 1, onde 1 indica um perfeito ajustamento do modelo (AMATO; VINZI; TENENHAUS, 2004). Atualmente tem-se sugerido valores mais

restritivos para o CFI, ou seja, valores maiores que 0,90 para se considerar um modelo ajustado (HAIR *et al.*, 2009).

•*Normed Fit Index* (NFI): indica a proporção em que o ajuste do modelo proposto é melhor que o ajuste do modelo nulo. Se o NFI é igual a 0,8, por exemplo, o ajuste total do modelo do pesquisador é 80% melhor que o modelo nulo estimado com a mesma amostra (KLINE, 2011). O NFI foi desenvolvido originalmente por Bentler e Bonett em 1980 (HOYLE, 1995), sendo definido pela Equação 5.

$$NFI = \frac{(x_{nulo}^2 - x_{proposto}^2)}{x_{nulo}^2} \quad (5)$$

Em que, índices de ajustes incrementais avaliam a adequação de um modelo de destino ($x_{proposto}^2$) em relação a um modelo de base (x_{nulo}^2). Para Hair *et al.* (2009) não existe um valor absoluto definido como aceitável, no entanto, recomenda-se que o NFI possua valores superiores a 0,9.

•*Comparative Fit Index* (CFI): medida comparativa global entre os modelos estimado e nulo (HAIR *et al.*, 2009). O valor do índice indica a proporção das covariâncias observadas que podem ser explicadas pelo modelo. A Equação 6 define o índice, proposto em 1989 por Bentler (HOYLE, 1995).

$$CFI = 1 - \frac{(x_{proposto}^2 - gl_{proposto})}{(x_{nulo}^2 - gl_{nulo})} \quad (6)$$

Onde, índices de ajustes incrementais avaliam a adequação de um modelo de destino ($x_{proposto}^2$ e $gl_{proposto}$) em relação a um modelo de base (x_{nulo}^2 e gl_{nulo}). O índice varia de 0 a 1, sendo que valores superiores a 0,9 são considerados adequados (GARVER; MENTZER, 1999; HAIR *et al.*, 2009; KLINE, 2011).

•*Tucker-Lewis Index* ou *Non-Normed Fit Index* (TLI): apresenta interpretação similar ao NFI incluindo uma medida de ajuste para a complexidade do modelo (KLINE, 2011). O índice combina uma medida de parcimônia com um índice comparativo entre os modelos proposto e nulo, por isso essa medida pode ser empregada para comparar modelos alternativos pela substituição do modelo nulo pelo alternativo. O TLI é mensurado pela Equação 7 e foi originalmente desenvolvido por Tucker e Lewis em 1973 (HOYLE, 1995).

$$TLI = \frac{(x_{nulo}^2 / gl_{nulo}) - (x_{proposto}^2 / gl_{proposto})}{(x_{nulo}^2 / gl_{nulo}) - 1} \quad (7)$$

Em que, novamente, índices de ajustes incrementais avaliam a adequação de um modelo de destino ($x_{proposto}^2$ e $gl_{proposto}$) em relação a um modelo de base (x_{nulo}^2 e gl_{nulo}). Devido à sua natureza não-normalizada, os valores do TLI podem encontrar-se acima de 1 e assim, serem difíceis de interpretar (BYRNE, 2010). Recomendações sugerem que valores superiores a 0,9 são considerados satisfatórios (HAIR *et al.*, 2009).

Outra medida que deve ser observada na avaliação do modelo de mensuração e do modelo estrutural diz respeito à significância dos coeficientes estimados. Para verificar se os coeficientes ou cargas fatoriais foram significativos, a um nível de confiança de 95%, foi realizado o teste estatístico dos valores obtidos. Na Análise Fatorial Confirmatória, além de observar a significância estatística dos coeficientes, é necessário observar a magnitude da carga fatorial, a qual deve ser superior a 0,3 para um tamanho amostral de 350 casos ou mais (HAIR *et al.*, 2009). Assim, as variáveis que apresentaram carga fatorial inferior a esse valor foram excluídas do modelo.

Uma vez mensurados os índices de ajuste, foram avaliadas a unidimensionalidade, confiabilidade e validade convergente de cada construto, seguindo recomendação de Anderson e Gerbing (1988), Garver e Mentzer (1999) e Hair *et al.* (2009). A unidimensionalidade do construto indica o grau em que um conjunto de itens representa apenas um construto ou ainda a existência de um construto subjacente a um conjunto de itens (GARVER; MENTZER, 1999). Sua avaliação foi realizada a partir da identificação dos resíduos padronizados relativos aos indicadores de cada variável latente. Resíduos padronizados com valores elevados podem indicar que os itens não são unidimensionais, ou seja, são inadequados. Nesse sentido, foram considerados unidimensionais os construtos que apresentaram, para um nível de significância de 5%, resíduos padronizados inferiores a 2,58 (HAIR *et al.*, 2009).

A confiabilidade indica o grau de consistência interna entre os múltiplos indicadores de um construto, referindo-se, dessa forma, à extensão na qual um mesmo instrumento de medida produz resultados coerentes a partir de diversas mensurações (SCHUMACHER; LOMAX, 1996). Segundo Hair *et al.* (2009), medidas mais confiáveis fornecem ao pesquisador maior segurança de que os indicadores individuais são todos consistentes em suas mensurações.

Assim, para avaliar o nível de confiabilidade dos construtos foi utilizado o *Alpha* de Cronbach, o qual verifica a consistência interna de uma escala agregada com base na correlação média entre os pares de indicadores. Índices de confiabilidade superiores a 0,7 têm sido considerados satisfatórios para pesquisas em geral. Já para pesquisas de natureza exploratória, valores superiores a 0,6 têm sido considerados aceitáveis (HAIR *et al.*, 2009).

A validade convergente mede o quanto a variável latente está positivamente relacionada com as variáveis manifestas designadas para mensurar a mesma variável latente (GARVER; MENTZER, 1999). Para testar a validade convergente foi observada a magnitude e a significância estatística dos coeficientes padronizados e a adequação dos índices de ajuste anteriormente detalhados.

Cabe ressaltar, que após a validação do modelo de alfabetização financeira e anteriormente a sua inclusão no modelo integrado, foi criado um indicador para avaliar a alfabetização financeira individual. Para isso, foram utilizadas as diretrizes propostas por Potrich, Vieira e Kirch (2016), os quais desenvolveram um método para o cálculo do nível de alfabetização financeira e propuseram dois conglomerados de indivíduos, aqueles com alto nível de alfabetização financeira e os que apresentaram um baixo nível, pontuando os critérios para a mensuração e desenvolvimento de um construto de primeira ordem com três variáveis representando cada um dos fatores que compõem a alfabetização financeira: atitude, conhecimento e comportamento financeiros (maiores detalhes no Apêndice 4).

A partir deste, procedeu-se a análise multigrupo da invariância do modelo de alfabetização financeira entre as variáveis socioeconômicas e demográficas, tendo como finalidade avaliar se a estrutura do modelo é equivalente nos diferentes grupos. Tal análise é feita testando uma série de modelos aninhados (*nested models*), começando com um modelo reduzido livre de restrições e impondo uma ordem crescente de restrições (ARBUCKLE, 2011). A análise da invariância é realizada por meio dos testes de diferenças de qui-quadrados (BYRNE, 2010), sendo que uma diferença não significativa de qui-quadrados entre dois modelos indicam invariância entre os grupos examinados (CHEUNG; RENSVDL, 2002). Além disso, uma falha em um teste invalida a continuidade de qualquer teste de outro parâmetro (KOUFTEROS; MARCOULIDES, 2006).

A hipótese nula testada é que os dados de cada grupo pertencem à mesma população, ou seja, os grupos não diferem e os efeitos da covariância não impactam nas relações estruturais (BYRNE, 2010). Assim, o construto da alfabetização financeira foi submetido simultaneamente a uma análise multigrupo - *Multigroup Analysis* (com correção Emulisrel6) que desenvolveu um conjunto progressivo de restrições (cargas fatoriais, variâncias e

covariâncias), a fim de analisar a equivalência do instrumento proposto para mensuração da alfabetização financeira para diferentes subgrupos.

Após a análise de invariância entre os grupos, naqueles em que o modelo mostrou-se invariante foi realizado o teste de diferença de médias entre os mesmos, a fim de avaliar a existência de diferenças de médias na alfabetização financeira se consideradas as variáveis socioeconômicas e demográficas. Partindo-se do pressuposto que a invariância das estruturas e das medidas entre os grupos são condições necessárias para a comparação significativa dos grupos de interesse e com estas condições atendidas, o teste para significância de diferenças entre grupos sobre os construtos pode ser eficientemente realizado (BOLLEN, 1989; DIMITROV, 2006).

Por fim, foi construído e avaliado o modelo integrado, o qual agrega tanto o modelo de mensuração, quanto o modelo estrutural, com o objetivo de analisar os efeitos integrados da alfabetização financeira sobre os fatores comportamentais: materialismo, compras compulsivas e propensão ao endividamento. Para a avaliação do modelo integrado, seguindo a recomendação de Kline (2011), foi verificada a significância estatística dos coeficientes de regressão estimados, a fim de avaliar a estrutura teórica hipotetizada, e os índices de ajuste do modelo. Os índices de ajuste foram os mesmos já utilizados para a validação do modelo de mensuração (Qui-quadrado, RMR, RMSEA, GFI, CFI, NFI, TLI). Já os coeficientes da regressão e suas significâncias estatísticas indicaram a força das relações causais entre os diversos construtos do modelo e permitiram a confirmação ou rejeição das hipóteses de pesquisa.

Além disso, em um modelo estrutural existem relações bem claras entre os construtos. Destas relações, obtêm-se o chamado efeito direto que mensura o impacto imediato de um construto sobre o outro. No entanto, também é possível determinar o chamado efeito indireto, isto é, os impactos exercidos sobre um construto por intermédio de outros construtos (HAIR *et al.*, 2009). Além disso, segundo Bagozzi e Yi (2012), tanto os efeitos diretos e indiretos da medição parcial entre construtos ou da mediação total podem ser avaliados e o coeficiente de caminho ideal entre os construtos endógenos e exógenos podem ser determinados.

A vantagem em utilizar a MEE em contrapartida à regressão múltipla, é que esta última deve ser aplicada separadamente por diversas vezes, enquanto que com o uso da MEE, a mediação é executada em um único cálculo dos resultados do modelo. Assim, conforme determinam Hair, Gabriel e Patel (2014), os efeitos diretos, indiretos e totais são todos avaliados simultaneamente e podem ser interpretados de forma mais precisa ao aplicar a MEE.

Assim, em síntese, apresentam-se as técnicas de análise dos dados utilizadas conforme os objetivos propostos (Quadro 15).

Quadro 15 – Síntese das técnicas de análise dos dados utilizadas conforme os objetivos propostos

Objetivo	Técnicas estatísticas	Finalidade
Construir e validar um instrumento para avaliação do nível de alfabetização financeira	Análise Fatorial Confirmatória <i>Alpha de Cronbach</i> Resíduos padronizados das variáveis manifestas Magnitude e significância estatística dos coeficientes padronizados e índices de ajuste (Qui-quadrado, RMR, RMSEA, GFI, CFI, NFI, TLI)	Validação dos construtos Confiabilidade dos construtos Unidimensionalidade dos construtos Validade convergente dos construtos
	Análise de cluster Teste de diferença de média (Teste <i>t</i>) e Teste não paramétrico de diferença de mediana (Mann-Whitney)	Classificar os indivíduos quanto ao seu nível de alfabetização financeira Verificar a existência de diferenças significativas entre os grupos
Testar a invariância e a diferença de médias (análise multigrupo) da alfabetização financeira, segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas	Análise multigrupo – Invariância do modelo	Avaliar a estrutura do modelo nos diferentes grupos
	Análise multigrupo – Teste de diferença de médias	Encontrar as diferenças de média entre grupos se consideradas as variáveis socioeconômicas e demográficas
Desenvolver um modelo capaz de identificar o efeito integrado da alfabetização financeira sobre os fatores comportamentais materialismo, compras compulsivas e propensão ao endividamento	Modelagem de Equações Estruturais Significância estatística dos coeficientes de regressão Índices de ajuste (Qui-quadrado, RMR, RMSEA, GFI, CFI, NFI, TLI)	Validar o modelo integrado, detectando os efeitos diretos e indiretos

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo está dividido em seis seções: (1) descrição do perfil da amostra; (2) apresentação das estatísticas descritivas das questões correspondentes a cada um dos construtos pesquisados; (3) validação individual dos construtos; (4) validação e construção do indicador de alfabetização financeira; (5) análise de invariância e diferença de médias da alfabetização financeira segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas; e (6) validação e análise do modelo integrado.

O processo de coleta de dados totalizou 2.487 instrumentos válidos, sendo os questionários que continham erros de preenchimento ou excesso de questões não respondidas foram eliminados. Além do questionário aplicado de forma aleatória, solicitou-se a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando o respondente com uma das vias. As análises referentes a esses dados são apresentadas nas seções a seguir.

5.1 PERFIL DA AMOSTRA

No capítulo anterior foi demonstrada a distribuição estratificada da amostra para o estudo, que considerou a população da Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense, totalizando uma amostra mínima de 2.391 questionários. Após a coleta, este estudo alcançou uma amostra de 2.487 instrumentos válidos, conforme a distribuição apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição amostral nas cidades pertencentes à Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense

(continua)				
Municípios	Amostra prevista	Amostra realizada	% Amostra realizada da microrregião	% Amostra realizada total
Cacequi	61	62	3,70%	2,49%
Dilermando de Aguiar	14	18	1,08%	0,72%
Itaara	22	28	1,67%	1,13%
Jaguari	51	54	3,23%	2,17%
Mata	23	27	1,61%	1,09%
Nova Esperança do Sul	21	21	1,25%	0,84%
Santa Maria	1.162	1162	69,41%	46,72%
São Martinho da Serra	14	13	0,78%	0,52%
São Pedro do Sul	73	91	5,44%	3,66%
São Sepé	106	115	6,87%	4,62%
São Vicente do Sul	38	39	2,33%	1,57%
Toropi	13	25	1,49%	1,01%

Tabela 1 – Distribuição amostral nas cidades pertencentes à Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense

(conclusão)				
Municípios	Amostra prevista	Amostra realizada	% Amostra realizada da microrregião	% Amostra realizada total
Vila Nova do Sul	19	19	1,14%	0,76%
Total Microrregião de Santa Maria	1.617	1.674	100%	67,31%
Agudo	74	74	25,34%	2,98%
Dona Francisca	15	18	6,16%	0,72%
Faxinal do Soturno	30	30	10,27%	1,21%
Formigueiro	31	38	13,01%	1,53%
Ivorá	10	10	3,42%	0,40%
Nova Palma	28	28	9,59%	1,13%
Restinga Seca	71	71	24,32%	2,85%
São João do Polêsine	12	12	4,11%	0,48%
Silveira Martins	11	11	3,77%	0,44%
Total Microrregião de Restinga Seca	282	292	100%	11,74%
Capão do Cipó	14	14	2,69%	0,56%
Itacurubi	15	15	2,88%	0,60%
Jarí	16	16	3,07%	0,64%
Júlio de Castilhos	87	97	18,62%	3,90%
Pinhal Grande	20	29	5,57%	1,17%
Quevedos	12	12	2,30%	0,48%
Santiago	219	226	43,38%	9,09%
Tupanciretã	99	99	19,00%	3,98%
Unistalda	11	13	2,50%	0,52%
Total Microrregião de Santiago	493	521	100%	20,95%
TOTAL	2.391	2.487		

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao analisar a distribuição amostral nas cidades pesquisadas, observa-se que foram atingidas todas as amostras mínimas previamente estabelecidas. Além disso, obteve-se uma amostra coletada superior à amostra estatística mínima prevista, ultrapassando-a em 4,02%. Ademais, o município que obteve a maior participação na amostra final foi Santa Maria (46,72%), seguido do município de Santiago com 9,09% do total da amostra coletada. Com isso, nota-se que excluindo a maior cidade da mesorregião pesquisada (Santa Maria), as demais apresentam uma participação mais similar.

Após apresentar a distribuição da amostra, é importante caracterizá-la através das questões relacionadas ao gênero, idade, estado civil, escolaridade, ascendência, ocupação, entre outros. Para analisar a variável idade, foi realizada a classificação em 4 grupos, a partir

dos quartis da variável originalmente coletada. O primeiro grupo foi composto por indivíduos com até 23 anos, o segundo por respondentes de 24 até 31, o terceiro de 32 a 45 anos, e o último grupo foi composto por indivíduos com mais de 45 anos, sendo que a idade média dos respondentes apresentou-se em 35 anos. Para realizar a análise destas questões utilizou-se a estatística descritiva, considerando a frequência e o percentual válido em cada questão. Os resultados estão expressos na Tabela 2.

Tabela 2 – Perfil dos respondentes através das variáveis: gênero, idade, estado civil, ser estudante, possuir dependentes, escolaridade, escolaridade dos pais e ocupação

	Variáveis	Frequência	Percentual ¹
Gênero	Masculino	1.062	42,74%
	Feminino	1.423	57,26%
Idade	Até 23 anos	668	26,86%
	De 24 a 31 anos	566	22,76%
	De 32 a 45 anos	616	24,77%
	Mais de 45 anos	637	25,61%
Estado Civil	Solteiro(a)	1.145	46,41%
	Casado (a)	1.130	45,80%
	Separado(a)	128	5,19%
	Viúvo(a)	64	2,59%
Estudante	Não	1.566	64,95%
	Sim	845	35,05%
Dependentes	Não	1.332	54,28%
	Sim	1.122	45,72%
Escolaridade	Ensino Fundamental	265	10,91%
	Ensino Médio	1.074	44,20%
	Curso Técnico	237	9,75%
	Ensino Superior	635	26,13%
	Especialização ou MBA	155	6,38%
	Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i>	64	2,63%
Escolaridade dos pais	Ensino Fundamental	1.302	53,69%
	Ensino Médio	610	25,15%
	Curso Técnico	85	3,51%
	Ensino Superior	326	13,44%
	Especialização ou MBA	55	2,27%
	Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i>	47	1,94%
Ocupação	Funcionário(a) Público(a)	599	24,82%
	Empregado(a) Assalariado(a)	923	38,25%
	Profissional Liberal	71	2,94%
	Autônomo(a)	251	10,40%
	Agricultor(a)	42	1,74%
	Aposentado(a)	112	4,64%
	Não trabalha	204	8,45%
	Outro	211	8,74%

¹ Os percentuais considerados correspondem ao percentual válido de respondentes. Caso algum respondente não tenha respondido, o percentual é automaticamente ajustado ao total.

Com base nos resultados da Tabela 2, conclui-se que a maioria dos respondentes pertence ao gênero feminino (57,26%) e a maior parte apresenta até 23 anos (26,86%), seguido daqueles com mais de 45 anos (25,61%). No que tange ao estado civil, a maior parte da amostra é solteira (46,41%), seguido dos casados (45,80%). Considerando se estão ou não estudando, a grande maioria afirma que não (64,95%), da mesma maneira que não possuem dependentes (54,28%). Uma das possíveis explicações para o baixo número de indivíduos com dependentes é o fato de a amostra ser constituída, predominantemente, por indivíduos jovens, bem como à decisão das famílias modernas em terem seus filhos mais tardiamente ou ainda a terem um menor número de filhos, como demonstra o censo demográfico realizado no ano de 2010 pelo IBGE.

Outro questionamento realizado referiu-se ao grau de escolaridade do participante, tendo em vista que pode afetar o nível de educação financeira. Sendo assim, 44,20% dos respondentes argumentam possuir o ensino médio, bem como 26,13% possuem ensino superior. Já considerando a escolaridade dos pais, a maioria afirma que os pais possuem apenas o ensino fundamental (53,69%). Por fim, levando em consideração a ocupação dos indivíduos, 38,25% são empregados assalariados, 24,82% são funcionários públicos e, ainda, 8,45% não trabalham. Com isso, a Tabela 3 apresenta o perfil da renda e da utilização de cartão de crédito pelos entrevistados.

Tabela 3 – Perfil da renda e da utilização de cartão de crédito pelos entrevistados

(continua)

Variáveis		Frequência	Percentual ¹
Renda própria	Não possuo renda própria	239	9,75%
	Até R\$868,00	551	22,47%
	Entre R\$ 868,01 e R\$1.738,00	792	32,30%
	Entre R\$1.738,01 e R\$2.604,00	350	14,27%
	Entre R\$2.604,01 e R\$3.472,00	190	7,75%
	Entre R\$3.472,01 e R\$ 5.208,00	184	7,50%
	Entre R\$5.208,01 e R\$7.812,00	72	2,94%
	Entre R\$7.812,01 e R\$10.416,00	42	1,71%
	Mais de R\$10.416,00	32	1,31%
Renda familiar	Até R\$868,00	170	6,98%
	Entre R\$ 868,01 e R\$1.738,00	506	20,79%
	Entre R\$1.738,01 e R\$2.604,00	485	19,93%
	Entre R\$2.604,01 e R\$3.472,00	422	17,34%
	Entre R\$3.472,01 e R\$ 5.208,00	369	15,16%
	Entre R\$5.208,01 e R\$7.812,00	195	8,01%
	Entre R\$7.812,01 e R\$10.416,00	137	5,63%
	Mais de R\$10.416,00	150	6,16%

Tabela 3 – Perfil da renda e da utilização de cartão de crédito pelos entrevistados

Variáveis		(conclusão)	
		Frequência	Percentual ¹
Principal fonte de renda	Salário	1.778	73,62%
	Aposentadoria ou pensão	228	9,44%
	Benefícios ou subsídios do governo	26	1,08%
	Ganhos próprios ou provenientes do negócio da família	350	14,49%
	Auxílio de membros da família que não vivem na casa	23	0,95%
	Auxílios de outra(s) pessoa(s)	10	0,41%
Do total de cartões de crédito que você possui, quantos está utilizando no momento?	Nenhum	939	37,80%
	01 cartão de crédito	1.015	40,86%
	02 cartões de crédito	390	15,70%
	03 cartões de crédito	100	4,03%
	04 cartões de crédito	24	0,97%
	05 ou mais cartões de crédito	16	0,64%

¹ Os percentuais considerados correspondem ao percentual válido de respondentes. Caso algum respondente não tenha respondido, o percentual é automaticamente ajustado ao total.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Levando em consideração aspectos como rendimento, 32,30% dos indivíduos afirmaram receber entre R\$868,01 e R\$1.738,00. Por outro lado, 9,75% não possuem renda própria, além de que apenas 13,46% ganham acima de R\$3.472,00. Já com relação à renda média mensal familiar, 27,77% asseguraram pertencer a uma família com ganhos de até R\$1.738,00, sendo ainda que 19,93% possuem uma renda familiar entre R\$1.738,01 e R\$2.604,00 e 19,80% apresentam uma renda familiar acima de R\$5.208,00.

Como principal fonte de renda, a grande maioria (73,62%) afirma ser proveniente de salário, seguido daqueles com ganhos próprios ou provenientes do negócio da família (14,49%). Em relação ao número de cartões de crédito que estão sendo utilizados no momento, a maior parcela dos respondentes afirmou utilizar apenas um (40,86%), seguidos daqueles que não estão utilizando nenhum cartão de crédito no momento (37,80%). Resultados semelhantes foram encontrados por Norvilits e MacLean (2010), ao observarem que 39,3% possuíam um único cartão, 16,2% dois cartões e 15% dos respondentes apresentaram três ou mais cartões. Neste sentido, a Tabela 4 apresenta o perfil de gerenciamento financeiro dos pesquisados.

Tabela 4 – Perfil do gerenciamento financeiro dos entrevistados

	Variáveis	Frequência	Percentual ¹
Quem é responsável por prover recursos para o pagamento das contas na sua família?	Você	568	22,98%
	Você e seu(sua) parceiro(a)	992	40,13%
	Seu(sua) parceiro(a)	71	2,87%
	Você e outro membro da família	330	13,35%
	Seus pais	491	19,86%
	Outro membro da família	20	0,81%
Em comparação com as outras pessoas que você conhece, o quanto você sabe sobre como gerir seu dinheiro?	Mais do que a maioria	831	34,04%
	O mesmo que a maioria	1.201	49,20%
	Menos do que a maioria	212	8,68%
	Não sei	197	8,07%
Onde você mais aprendeu sobre como gerir o seu dinheiro?	Em casa com a minha família	1.133	46,26%
	Na escola ou na faculdade	143	5,84%
	Em cursos	73	2,98%
	Nas conversas com os meus amigos	65	2,65%
	Na internet, revistas, livros, TV ou rádio	92	3,76%
	Sozinho, nas experiências ao gerir meu dinheiro	904	36,91%
	Outros	39	1,59%
No geral, considerando seus bens, dívidas e poupança, quanto satisfeito você está com sua situação financeira?	Totalmente insatisfeito	116	4,71%
	Insatisfeito	692	28,08%
	Indiferente	204	8,28%
	Satisfeito	1.343	54,50%
	Totalmente satisfeito	109	4,42%

¹ Os percentuais considerados correspondem ao percentual válido de respondentes. Caso algum respondente não tenha respondido, o percentual é automaticamente ajustado ao total.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao indagar sobre a responsabilidade por prover recursos para o pagamento das contas da família e a responsabilidade por realizar o pagamento das mesmas, 40,13% dos indivíduos afirmam que eles juntamente com seus parceiros é que são responsáveis pelos recursos e pagamentos, seguidos daqueles que afirmam serem os únicos a possuir esses compromissos (22,98%). Já para 19,86% dos respondentes são os pais os que provêm recursos para o pagamento das contas da família.

Considerando a percepção dos indivíduos quanto ao conhecimento em gerenciar seu dinheiro, a maior parte dos respondentes (49,20%) julga saber o mesmo que a maioria, seguidos daqueles que afirmam saber mais (34,04%). Em contrapartida, apenas 8,68% afirmam saber menos do que a maioria. Esses resultados são confirmados por Shockey (2002) que verificou em seus estudos que a maior parte dos pesquisados considera saber o mesmo

que a maioria da população (45%), seguido daqueles que acreditam saber mais (30%) e 12% que se dizem com menor conhecimento do que a maioria.

Em seguida questionou-se sobre a maneira pela qual aprenderam a realizar este gerenciamento. A maior parte dos indivíduos (46,26%) afirma ter aprendido em casa com a família como gerir seu dinheiro ou, ainda, sozinhos, nas próprias experiências (36,91%). Por último, considerando a satisfação dos indivíduos quanto à situação financeira, considerando seus bens, dívidas e poupança, a maioria dos indivíduos sente-se satisfeito com sua situação financeira (54,50%). Em contrapartida, ainda existe uma parcela relevante da amostra que se sente insatisfeito com sua situação financeira (28,08%). Na sequência, apresenta-se o perfil de gastos e pagamentos dos indivíduos (Tabela 5).

Tabela 5 – Perfil de gastos e pagamentos dos entrevistados

Variáveis		Frequência	Percentual ¹
Com relação aos seus gastos, você diria que:	Gasto mais do que ganho	515	20,84%
	Gasto igual ao que ganho	903	36,54%
	Gasto menos do que ganho	1.053	42,61%
Qual das seguintes afirmações melhor descreve o quão bem você (e/ou sua família) está(ão) acompanhando atualmente as suas contas e compromissos de crédito?	Não possuo/não possuímos contas ou compromissos de crédito	262	10,60%
	Eu estou/nós estamos pagando todas as contas e compromissos, sem quaisquer dificuldades	1.014	41,02%
	Eu estou/nós estamos pagando todas as contas e compromissos, com algumas dificuldades	899	36,37%
	Eu estou/nós estamos pagando todas as contas e compromissos, com muitas dificuldades	120	4,85%
	Eu estou/nós estamos deixando em atraso algumas contas ou compromissos de crédito	86	3,48%
	Eu estou/nós estamos com sérios problemas financeiros, atrasando contas e compromissos de crédito	28	1,13%
	Não sei	63	2,55%

¹ Os percentuais considerados correspondem ao percentual válido de respondentes. Caso algum respondente não tenha respondido, o percentual é automaticamente ajustado ao total.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Considerando o nível de gastos com relação ao dinheiro que ganham, 42,61% dos indivíduos dizem gastar menos do que ganham, seguidos daqueles que gastam igual ao que ganham (36,54%). Sendo que a menor parte dos respondentes (20,84%) afirma gastar mais do que ganha. Além disso, quando indagados a respeito de quão bem estão acompanhando atualmente as contas e compromissos de crédito, 41,02% asseguram estar pagando todas as contas e compromissos, sem quaisquer dificuldades, seguidos daqueles que conseguem pagar

as contas, mas com algumas dificuldades (36,37%). Já apenas 1,13% afirmam estar com sérios problemas financeiros, atrasando contas e compromissos de crédito.

Após conhecer o perfil dos respondentes, em termos de variáveis socioeconômicas e demográficas e, ainda, conhecer alguns aspectos relacionados ao uso do dinheiro, buscou-se analisar os fatores comportamentais: Propensão ao Endividamento, Materialismo, Compras Compulsivas, Atitude Financeira, Comportamento Financeiro e Conhecimento Financeiro.

5.2 ESTATÍSTICA DESCRITIVA DOS CONSTRUTOS INVESTIGADOS

O primeiro construto estudado foi a Propensão ao Endividamento, o qual foi estruturado com base no instrumento de pesquisa proposto por Lea, Webley e Walker (1995). A Tabela 6 elenca as questões componentes do fator e a estatística descritiva resultante das análises. A tabela com a frequência de respostas em cada ponto da escala está ilustrada no Apêndice 5 do trabalho.

Tabela 6 – Estatística descritiva do construto Propensão ao Endividamento

Fator	Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão
Propensão ao endividamento	Fazer um empréstimo é bom porque permite aproveitar a vida.	2,02	2,00	0,91
	É bom poder comprar agora e pagar somente depois.	2,57	2,00	1,11
	O crédito é uma parte essencial do estilo de vida atual.	3,43	4,00	1,07
	É melhor ficar devendo do que deixar as crianças sem presente de Natal.	2,08	2,00	1,01
	Pedir dinheiro emprestado às vezes é bom.	2,20	2,00	1,03
	Eu corro risco com o meu dinheiro.	2,45	2,00	1,09
	Não há problemas em pegar dinheiro emprestado para pagar pelas coisas das crianças.	2,03	2,00	0,94
	É importante viver com o que se tem de dinheiro.*	4,05	4,00	0,82
	Mesmo com uma renda baixa, deve-se economizar um pouco regularmente.*	4,22	4,00	0,70
	Dinheiro emprestado deve ser pago o mais rápido possível.*	4,37	4,00	0,69
	A maioria das pessoas se endivida muito.*	4,13	4,00	0,75
	É muito fácil para as pessoas obterem cartões de crédito.*	4,12	4,00	0,85
	Eu não gosto de pedir dinheiro emprestado.*	4,20	4,00	0,90
	Usar o crédito é errado.*	2,52	2,00	0,96
	Eu prefiro passar fome a comprar comida fiado.*	2,27	2,00	0,97
Eu planejo as grandes compras com antecedência.*	3,91	4,00	0,95	
Estar endividado nunca é bom.*	4,27	4,00	0,89	

Nota: *Variável invertida.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

De acordo com os resultados alcançados, verifica-se que as maiores médias são encontradas nas questões que tratam de “Dinheiro emprestado deve ser pago o mais rápido possível” (média 4,37) e “Estar endividado nunca é bom” (média 4,27). Além disso, os indivíduos também acreditam que não é bom fazer empréstimos para aproveitar a vida (média 2,02), bem como não acham correto pegar dinheiro emprestado para pagar pelas coisas das crianças (média 2,03). Na Tabela 7, são apresentados os resultados obtidos com o fator Materialismo, já no Apêndice 6 encontra-se a frequência de respostas em cada ponto da escala.

Tabela 7 – Estatística descritiva do construto Materialismo

Construto	Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão
Materialismo	Eu tento manter uma vida simples, se consideradas as minhas posses.*	3,88	4,00	0,84
	As coisas que possuo dizem muito sobre como está a minha vida atualmente.	3,56	4,00	1,01
	Eu gosto de possuir coisas que impressionem as pessoas.	2,00	2,00	0,96
	Eu admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras.	2,53	2,00	1,12
	Comprar coisas me dá muito prazer.	3,09	3,00	1,12
	Eu gosto de muito luxo em minha vida.	2,19	2,00	0,99
	Minha vida seria melhor se eu tivesse algumas coisas que não tenho.	3,10	3,00	1,14
	Eu seria mais feliz se eu pudesse comprar mais coisas.	2,84	3,00	1,13
	Às vezes me chateio um pouco por não poder comprar todas as coisas que eu gostaria.	3,15	3,00	1,11

Nota: *Variável invertida.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Quanto ao construto Materialismo, percebe-se que as coisas que os respondentes possuem dizem muito sobre como estão as suas vidas atualmente (média 3,56), demonstrando que os bens materiais possuem certa importância. Por outro lado, os indivíduos tentam manter uma vida simples, considerando as suas posses (média 3,88), discordam quando indagados a respeito de gostar de possuir coisas que impressionem as pessoas (média 2,00), assim como também não gostam de muito luxo em suas vidas (média 2,19). Resultados semelhantes foram encontrados por Ponchio e Aranha (2007), que ao investigar 450 pessoas moradoras de nove distritos em São Paulo, chegaram à conclusão de que em média os respondentes não apresentam comportamentos materialistas, embora os bens materiais possuam algum valor. A

Tabela 8 apresenta os resultados do construto Compras Compulsivas e o Apêndice 7 as frequências das respostas em cada ponto da escala.

Tabela 8 – Estatística descritiva do construto Compras Compulsivas

Construto	Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão
Compras Compulsivas	Se sobra algum dinheiro ao final do período de pagamento, tenho que gastá-lo.	2,25	2,00	1,02
	Sinto que os outros ficariam horrorizados se soubessem dos meus hábitos de comprar.	2,27	2,00	1,00
	Comprei coisas apesar de não conseguir pagar por elas.	1,98	2,00	0,99
	Emiti um cheque quando sabia que não tinha dinheiro suficiente no banco para cobri-lo.	1,70	2,00	0,89
	Comprei algo para me sentir melhor comigo mesmo.	2,70	2,00	1,23
	Sinto-me ansioso ou nervoso em dias que não vou às compras.	1,80	2,00	0,89
	Paguei apenas o valor mínimo das minhas faturas de cartão de crédito.	1,92	2,00	1,04

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao analisar as variáveis do construto Compras Compulsivas, percebe-se que a maior média foi atribuída à afirmação “Comprei algo para me sentir melhor comigo mesmo” (média 2,70). Em contrapartida, essa média se deu em virtude do percentual de variabilidade nas respostas, tendo em vista que 31,44% dos respondentes discordaram e 31,00% concordaram com a sentença. Em geral, os indivíduos não se mostraram compradores compulsivos, pois discordaram da maioria das afirmações.

Já uma das questões que se pode destacar é “Emiti um cheque quando sabia que não tinha dinheiro suficiente no banco para cobri-lo”, considerando que a média foi a mais baixa (1,70) e demonstrando que os respondentes não estão mesmo dispostos a comprar compulsivamente. Resultados semelhantes podem ser encontrados no estudo realizado por Veludo-de-Oliveira, Ikeda e Santos (2004), onde ao pesquisar 188 estudantes da cidade de São Paulo, os autores concluíram que apenas 7,9% dos indivíduos foram tidos como compradores compulsivos.

Na sequência, apresentam-se os resultados do construto Atitude Financeira (Tabela 9) e no Apêndice 8 as frequências das respostas em cada ponto da escala.

Tabela 9 – Estatística descritiva do construto Atitude Financeira

Construto	Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão
Atitude Financeira	É importante para a família desenvolver o hábito de economizar e mantê-lo.	4,34	4,00	0,75
	As famílias devem escrever os objetivos financeiros para ajudar a determinar as prioridades ao gastar.	4,17	4,00	0,79
	Ter um orçamento escrito é absolutamente importante para uma gestão financeira de sucesso.	4,13	4,00	0,82
	É essencial se planejar para possível perda de salário de algum membro da família.	4,03	4,00	0,82
	Planejar para gastar é essencial para administrar a vida com sucesso.	4,27	4,00	0,73
	Planejar para o futuro é a melhor forma de obter os resultados.	4,30	4,00	0,73
	Pensar em como você estará financeiramente em 5 ou 10 anos é essencial para o sucesso financeiro.	3,93	4,00	0,91
	As famílias devem se concentrar no presente ao gerir seus recursos financeiros.*	3,39	4,00	1,07
	Planejamento financeiro para a aposentadoria não é necessário para garantir segurança na velhice.*	2,16	2,00	1,03
	Ter planejamento financeiro dificulta a tomada de decisões de investimentos financeiros.*	2,33	2,00	0,98
	Ter um planejamento de econômicas não é importante nos dias atuais para suprir as necessidades financeiras.*	1,98	2,00	0,90
	Planejamento é desnecessário quando famílias se preocupam apenas com o dia-a-dia.*	2,23	2,00	1,04
	Controlar no papel o próprio dinheiro é muito trabalhoso para valer o esforço.*	2,15	2,00	0,96
	Economizar não é muito importante.*	1,72	2,00	0,82
	Enquanto os pagamentos mensais são realizados, não há necessidade de se preocupar com o tempo necessário para quitar dívidas antigas.*	1,85	2,00	0,83

Nota: *Variável invertida.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao analisar o construto Atitude Financeira detecta-se que para as famílias é muito importante desenvolver o hábito de economizar e mantê-lo (média 4,34). Além disso, os indivíduos consideram que a melhor forma de obter resultados é planejar para o futuro (média 4,30), demonstrando o quanto os respondentes prezam pelo planejamento e, também, pela economia, tendo em vista que discordaram quando indagados a respeito da não importância de economizar (média 1,72). Anthony (2011), em um estudo realizado na Malásia, verificou que estabelecer e seguir padrões de poupança, planejar e precaver-se financeiramente são considerados de extrema importância para os entrevistados. O próximo construto a ser

analisado é o Comportamento Financeiro (Tabela 10) e as frequências das respostas em cada ponto da escala podem ser consultados no Apêndice 9.

Tabela 10 – Estatística descritiva do construto Comportamento Financeiro

Construto	Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão	
Comportamento Financeiro	Controle	Anoto e controlo os meus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais).	3,40	3,00	1,31
		Comparo preços ao fazer uma compra.	3,97	4,00	1,06
		Tenho um plano de gastos/orçamento.	3,46	4,00	1,30
		Consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto no crédito.	3,64	4,00	1,28
		Pago minhas contas em dia.	4,46	5,00	0,82
		Eu analiso minhas contas antes de fazer uma compra grande.	4,38	5,00	1,00
	Poupança	Eu pago as contas do cartão de crédito integralmente para evitar cobrança de juros.	4,28	5,00	1,18
		Faço uma reserva do dinheiro que recebo mensalmente para uma necessidade futura.	3,35	3,00	1,31
		Eu guardo parte da minha renda todo o mês.	3,26	3,00	1,34
		Eu poupo regularmente para atingir objetivos financeiros de longo prazo como, por exemplo, educação dos meus filhos, aquisição de uma casa, aposentadoria.	3,34	3,00	1,36
		Eu passo a poupar mais quando recebo um aumento salarial.	3,29	3,00	1,28
		Possuo uma reserva financeira igual ou maior a 3 vezes as minhas despesas mensais, que possa ser resgatada rapidamente.	2,66	3,00	1,42
Nos últimos 12 meses tenho conseguido poupar dinheiro.	3,00	3,00	1,39		

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Quando analisados os resultados referentes ao Comportamento Financeiro de Controle, as duas afirmações com maiores médias são “Pago minhas contas em dia” (média 4,46) e “Eu analiso minhas contas antes de fazer uma compra grande” (média 4,38), demonstrando que os respondentes não estão deixando contas em atraso e, também, prezam por avaliar a situação financeira antes de comprometerem-se ainda mais.

Por outro lado, analisando o Comportamento Financeiro de Poupança, os indivíduos são indiferentes quando indagados a respeito de uma reserva do dinheiro que recebem mensalmente para uma necessidade futura (média 3,35). A variável com piores resultados corresponde ao Comportamento de Poupança, pois ao serem interrogados se possuem uma

reserva financeira igual ou maior a 3 vezes as suas despesas mensais, que possa ser resgatada rapidamente, não concordaram nem discordaram (média 2,66).

Em seguida, analisou-se o último construto, Conhecimento Financeiro, o qual foi construído a partir de um índice formado por dois conjuntos de questões de múltipla escolha, adaptadas por Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011), OECD (2013b), Klapper, Lusardi e Panos (2013) e National Financial Capability Study (NFCS, 2013). O primeiro conjunto (conhecimento básico) foi composto por cinco perguntas e visou medir habilidades financeiras básicas. Já o segundo grupo (conhecimento avançado), composto por outras cinco questões, buscou explorar o nível de conhecimento em relação a instrumentos financeiros complexos, tais como ações, títulos públicos, inflação e diversificação de risco.

De acordo com o percentual obtido, os respondentes foram classificados de acordo com a determinação de Chen e Volpe (1998), sendo os detentores de baixo nível de conhecimento financeiro os que possuem pontuação inferior a 60%, de nível médio aqueles entre 60% e 79% da pontuação máxima e de alto nível de conhecimento os que possuem acima de 80% da pontuação máxima. As questões da escala e a frequência de respostas corretas e incorretas e daquelas referentes às perguntas que os entrevistados não souberam responder, além do percentual de acertos, estão demonstradas na Tabela 11.

Tabela 11 – Frequência e percentual válido no construto Conhecimento Financeiro

(continua)

	Questões	Alternativas	Frequência	Percentual ¹
Conhecimento Financeiro Básico	Suponha que você tenha R\$100,00 em uma conta poupança a uma taxa de juros de 10% ao ano. Depois de 5 anos, qual o valor que você terá na poupança? Considere que não tenha sido depositado nem retirado dinheiro.	* Mais do que R\$150,00	1076	44,52
		Exatamente R\$150,00	753	31,15
		Menos do que R\$150,00	186	7,70
		Não sei	402	16,63
	Imagine que a taxa de juros incidente sobre sua conta poupança seja de 6% ao ano e a taxa de inflação seja de 10% ao ano. Após 1 ano, o quanto você será capaz de comprar com o dinheiro dessa conta? Considere que não tenha sido depositado nem retirado dinheiro.	Mais do que hoje	236	9,91
		Exatamente o mesmo	132	5,54
		* Menos do que hoje	1260	52,90
		Não sei	754	31,65
	Suponha que você realizou um empréstimo de R\$10.000,00 para ser pago após um ano e o custo total com os juros é R\$600,00. A taxa de juros que você irá pagar nesse empréstimo é de:	0,30%	47	1,98
		0,60%	360	15,17
		3%	76	3,20
		* 6%	1240	52,25
		Não sei	650	27,39
	Suponha que você viu o mesmo televisor em duas lojas diferentes pelo preço inicial de R\$1.000,00. A loja A oferece um desconto de R\$150,00, enquanto a loja B oferece um desconto de 10%. Qual é a melhor alternativa?	* Comprar na loja A (desconto de R\$150,00)	1929	80,61
		Comprar na loja B (desconto de 10%)	107	4,47
		Não sei	357	14,92
Imagine que cinco amigos recebem uma doação de R\$1.000,00 e precisam dividir o dinheiro igualmente entre eles. Quanto cada um vai obter?	R\$ 100,00	19	0,79	
	* R\$200,00	2032	84,46	
	R\$ 1.000,00	33	1,37	
	R\$ 5.000,00	28	1,16	
	Não sei	294	12,22	

Tabela 11 – Frequência e percentual válido no construto Conhecimento Financeiro

				(conclusão)
Questões		Alternativas	Frequência	Percentual ¹
Conhecimento Financeiro Avançado	Considerando-se um longo período de tempo (ex.: 10 anos), qual ativo, normalmente, oferece maior retorno?	Poupança	669	27,84
		* Ações	545	22,68
		Títulos públicos	292	12,15
		Não sei	897	37,33
	Normalmente, qual ativo apresenta maiores oscilações ao longo do tempo?	Poupança	124	5,16
		* Ações	1416	58,90
		Títulos públicos	107	4,45
		Não sei	757	31,49
	Quando um investidor distribui seu investimento entre diferentes ativos, o risco de perder dinheiro:	Aumenta	487	20,19
		* Diminui	1109	45,98
		Permanece inalterado	132	5,47
	Um empréstimo com duração de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais maiores do que um empréstimo de 30 anos, mas o total de juros pagos ao final do empréstimo será menor. Essa afirmação é:	* Verdadeira	1334	55,31
Falsa		509	21,10	
Não sei		569	23,59	
Um investimento com alta taxa de retorno terá alta taxa de juros. Essa afirmação é:	* Verdadeira	1506	63,81	
	Falsa	265	11,23	
	Não sei	589	24,96	

¹ Os percentuais considerados correspondem ao percentual válido de respondentes. Caso algum respondente não tenha respondido, o percentual é automaticamente ajustado ao total.

* Resposta correta da questão.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

O conjunto de questões do construto Conhecimento Financeiro Básico teve por objetivo mensurar o entendimento dos indivíduos quanto aos aspectos comuns, como taxas de juros simples e compostos, valor do dinheiro no tempo e operações matemáticas simples. Assim, ao analisá-lo percebe-se que, em média, os respondentes obtiveram um nível intermediário de conhecimento financeiro básico (entre 60% e 79%). As duas únicas questões que apresentaram um alto nível de conhecimento (acima de 80%) foram as que abordaram operações matemáticas simples, ao perguntar uma simples divisão (R\$ 1.000,00 / 5 amigos) e diferenciar a melhor alternativa entre duas opções de desconto. Ainda assim, três perguntas obtiveram um baixo nível de conhecimento (inferior a 60%).

O segundo grupo de questões, referente ao Conhecimento Financeiro Avançado, o qual buscou explorar o nível de conhecimento em relação aos instrumentos financeiros mais complexos. Especificamente, apenas uma questão apresentou nível médio de conhecimento, ao tratar do entendimento da relação entre risco e retorno (63,81%). Por outro lado, quatro questões que abordavam o ativo que oferece maior retorno (22,68%), assim como aquele que apresenta maiores oscilações (58,90%) ou, ainda, a diversificação de investimentos (45,98%) e juros nos empréstimos bancários (55,31%) apresentaram um baixo nível de conhecimento

financeiro. Para uma melhor compreensão dos resultados, a Tabela 12 apresenta a média dos acertos dos respondentes.

Tabela 12 – Estatística descritiva do Conhecimento Financeiro Básico, Conhecimento Financeiro Avançado e Conhecimento Financeiro Total

Construto	Média	Mediana	Desvio Padrão
Conhecimento Financeiro Básico	3,03	3,00	1,61
Conhecimento Financeiro Avançado	2,38	3,00	1,56
Conhecimento Financeiro Total (básico + avançado)	5,41	6,00	2,86

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao analisar a Tabela 12, nota-se que o desempenho atingido pelos respondentes resultou em uma média de conhecimento financeiro básico de 3,03, considerando-se um nível máximo de 5,0 pontos, e conhecimento financeiro avançado de 2,38, também contando com a mesma pontuação máxima. Assim, levando em consideração o conhecimento financeiro total (básico + avançado), o desempenho alcançado foi de 5,41 pontos, de um total de 10 pontos, o que significa que os respondentes acertaram apenas 54,10% das dez questões propostas.

Com base na classificação proposta por Chen e Volpe (1998), os indivíduos apresentam um baixo nível de conhecimento financeiro (abaixo de 60%), demonstrando um cenário preocupante, na medida em que o entendimento sobre taxas de juros, inflação e valor do dinheiro no tempo é imprescindível para a realização de transações financeiras cotidianas. Porém, apresentaram um nível de conhecimento em questões básicas, as quais são mais necessárias às operações financeiras realizadas diariamente, superior ao das questões consideradas avançadas de conhecimento financeiro.

Nos últimos anos, diversos autores vêm buscando analisar o nível de conhecimento financeiro dos indivíduos. Um deles é Ansong (2011), que ao investigar 343 alunos de graduação da University of Cape Coast (Ghana, África Ocidental), verificou que apenas 35% dos entrevistados responderam corretamente as questões, mostrando um resultado insatisfatório. Além disso, Lusardi, Mitchel e Curto (2010) também revelaram baixos níveis de conhecimento, em estudo nos Estados Unidos, sendo que somente 27% acertaram as perguntas propostas.

5.3 VALIDAÇÃO DOS CONSTRUTOS

Para a validação individual dos construtos Propensão ao Endividamento, Materialismo, Compras Compulsivas, Atitude Financeira e Comportamento Financeiro utilizou-se a Análise Fatorial Confirmatória (AFC), examinando os relacionamentos entre as variáveis observadas e os seus construtos, realizando a estimação pelo método da máxima verossimilhança.

Os resultados individuais dos modelos são descritos nas seções a seguir. Através das figuras exemplifica-se a associação entre as variáveis (manifestas e latentes), enquanto que as tabelas apresentam os coeficientes estimados e os índices de ajustes do modelo, sendo eles: estatística qui-quadrado ou relação qui-quadrado/graus de liberdade, GFI, CFI, NFI, TLI, RMR e RMSEA.

Não há um consenso na literatura sobre os valores aceitáveis para estes índices. No entanto, segundo uma pesquisa realizada por Hooper, Coughlan e Mullen (2008), um bom modelo ajustado proporciona um qui-quadrado não significativo ao nível de 5% ou então a razão qui-quadrado/graus de liberdade deve ser menor que cinco (HAIR *et al.*, 2009). Para os índices CFI, GFI, NFI e TLI, sugerem-se valores maiores que 0,90 e o RMR e o RMSEA, devem ficar abaixo de 0,05 e 0,08, respectivamente. Para este estudo, foram utilizadas as recomendações de Hair *et al.* (2009) nos índices CFI, GFI, NFI e TLI (valores maiores que 0,90), RMR (valores menores que 0,05) e RMSEA (valores menores que 0,08). Já para a razão qui-quadrado/graus de liberdade, valores menores que cinco foram aceitáveis.

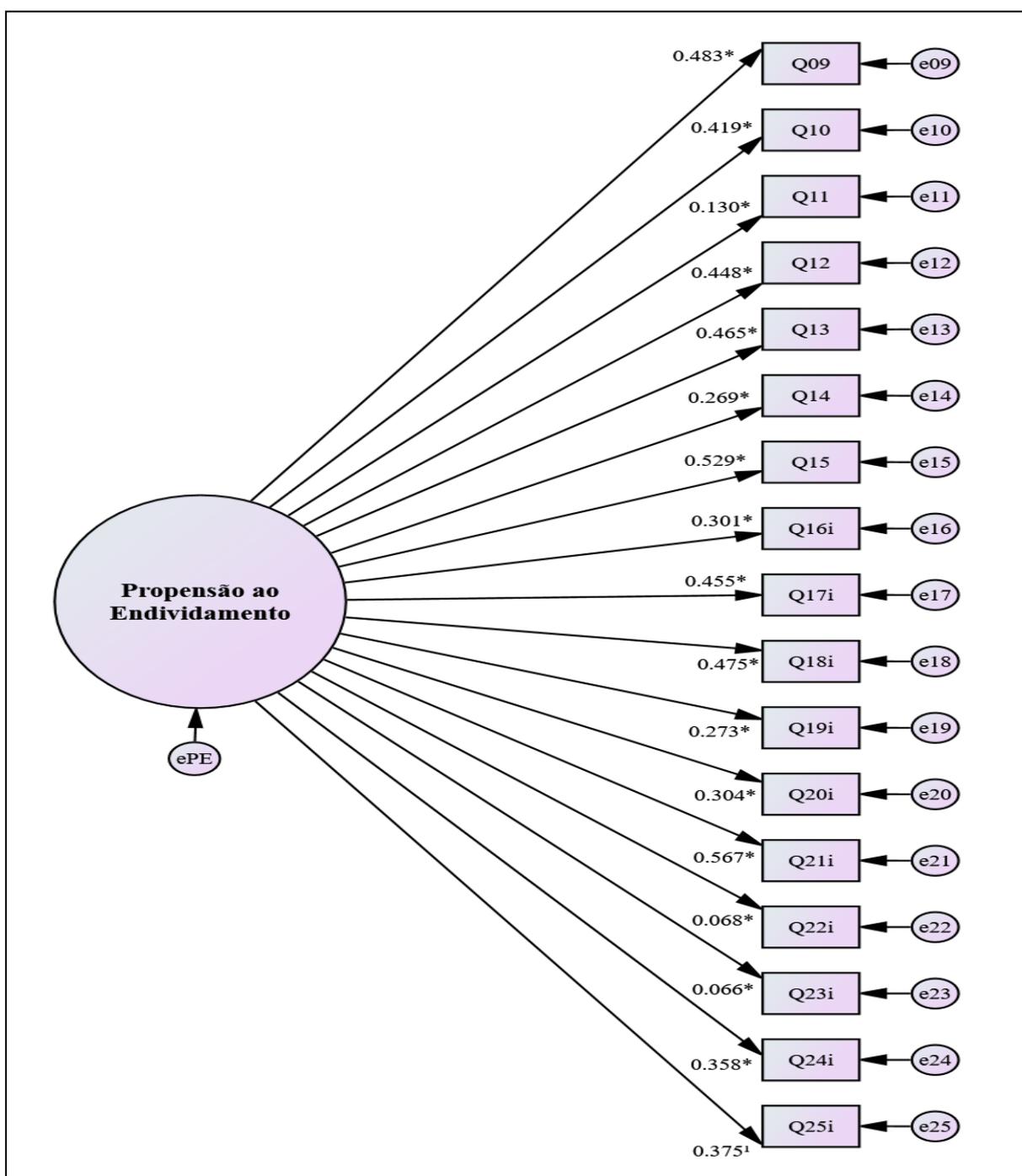
Para verificar a confiabilidade dos construtos utilizou-se como medida o coeficiente do *Alpha* de Cronbach. O construto é considerado fidedigno quando ambos os índices de confiabilidade alcançarem valores iguais ou superiores a 0,6 (GARVER; MENTZER, 1999; HAIR *et al.*, 2009). Os resultados individuais são descritos nas seções a seguir.

5.3.1 Validação do construto Propensão ao Endividamento

A fim de mensurar o construto Propensão ao Endividamento, utilizou-se o instrumento proposto por Lea, Webley e Walker (1995), o qual é constituído por dezessete questões em uma escala do tipo *likert* de cinco pontos, as quais buscam identificar como os indivíduos se comportam com o uso do dinheiro, como planejam suas aquisições, se consideram adequado o consumo a prazo, entre outros aspectos que abrangem à propensão que os indivíduos possuem para o endividamento. Nesse sentido, com exceção das dez últimas questões que são

invertidas, quanto mais a pessoa concordar, mais propensa ao endividamento ela é. A Figura 3 representa o modelo inicial com os coeficientes padronizados e significância das variáveis estimadas pelo estudo.

Figura 3 – Modelo de mensuração inicial com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Propensão ao Endividamento



Nota: * $p < 0,01$.

¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

Analisando a Figura 3 que representa o modelo inicial do construto Propensão ao Endividamento, observa-se que as dez últimas questões do modelo, Q16 a Q25, estão com uma formatação distinta das demais (Q16i a Q25i). Isso ocorre porque estas variáveis são invertidas, ou seja, a indagação é realizada de forma contrária, sendo necessário reverter à escala no momento de análise. Este processo foi realizado para as questões mencionadas, através de uma recodificação, onde o valor 1 na escala passa a ser 5, o valor 2 para 4, o valor 3 continua com 3, o valor 4 para 2 e por fim, o valor 5 passa a ser 1. Após realizar tal recodificação, o modelo foi estimado, a fim de realizar sua validação.

Assim, ao analisar as variáveis com seus respectivos coeficientes padronizados e significância, nota-se que todas são significativas ao nível de 1%. No entanto, ao analisar os valores dos coeficientes, verifica-se que muitas questões apresentam valores baixos, não contribuindo com isso, para o ajuste do modelo. Por isso, a fim de confirmar que o modelo não está adequado, analisou-se simultaneamente os índices de ajuste, os quais estão apresentados na Tabela 13.

Tabela 13 – Índices de ajuste do construto Propensão ao Endividamento - Modelo inicial

Índices de ajuste	Propensão ao Endividamento Modelo Inicial
Qui-quadrado (valor)	2.164,349
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,000
Graus de Liberdade	119
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	18,188
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,888
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,623
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,611
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,569
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,061
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,083
Alpha de Cronbach	0,704

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os resultados indicam que o modelo proposto é inadequado, pois a razão do qui-quadrado / graus de liberdade é superior ao valor cinco, os índices de ajuste GFI, CFI, NFI e TLI, não atingem o valor mínimo de 0,90 e os índices RMR e RMSEA são superiores a 0,05 e

0,08, respectivamente. Com isso, na busca de um modelo de mensuração mais adequado, foi adotada a estratégia de retirada das variáveis com carga fatorial padronizada que apresentaram valores abaixo de 0,30 e não contribuíam significativamente para o modelo (HAIR *et al.*, 2009).

Assim, todas as variáveis com coeficientes menores que 0,30 foram excluídas. Ressalta-se que a exclusão foi individual, ou seja, uma variável por vez, tendo em vista a ordem crescente (do menor ao maior coeficiente). A cada exclusão um novo modelo foi estimado. Respectivamente foram excluídas as questões Q23i (coeficiente 0,066), Q22i (coeficiente 0,061), Q11 (coeficiente 0,124), Q14 (coeficiente 0,267), Q20i (coeficiente 0,284), Q17i (coeficiente 0,288), Q18i (coeficiente 0,295), Q19i (coeficiente 0,299), Q24i (coeficiente 0,309), Q16i (coeficiente 0,311) e Q25i (coeficiente 0,375).

Ainda assim, os resultados não se apresentavam satisfatórios. Por isso, foram introduzidas as correlações entre os erros das variáveis observadas, sugeridas pelo relatório do AMOS 18 e que faziam sentido teórico. Kline (2011, p. 358) afirma que “correlações entre os resíduos podem ser inseridas quando são justificáveis”.

Inicialmente, incluiu-se uma correlação entre “e12” e “e15”. Estas questões referem-se a endividar-se para realizar compras para as crianças, indagando se os respondentes consideram melhor ficar devendo do que deixar as crianças sem presente de Natal (Q12) e também ao considerar que não há problemas em pegar dinheiro emprestado para pagar pelas coisas das crianças (Q15). No entanto apresentaram uma associação (0,252) baixa (valor entre 0,20 e 0,39), segundo a classificação de Pestana e Gageiro (2008). Prosseguindo, outra correlação foi inserida entre “e13” e “e15” seguindo o mesmo tema anterior, no entanto relacionando a questão do indivíduo considerar que pedir dinheiro emprestado às vezes é bom (Q13) e como consequência, considerar que não há problemas em pegar dinheiro emprestado para pagar pelas coisas das crianças (Q15), apresentando uma associação (0,178) muito baixa (valores menores que 0,20), segundo Pestana e Gageiro (2008).

Por fim, estabeleceram-se as correlações entre “e13” e “e21” e entre “e21” e “e15”, fazendo com que o modelo se apresentasse adequado, inclusive com um valor não significativo de qui-quadrado. A relação entre os erros das últimas variáveis correlacionadas consiste basicamente no pressuposto de que as pessoas que consideram que às vezes é bom pedir dinheiro emprestado (Q13), também discordam que não gostam de pedir dinheiro emprestado (Q21), e com isso, acreditam que não há problemas em pegar dinheiro emprestado para pagar pelas coisas das crianças (Q15). Mesmo assim tais associações apresentaram-se muito baixas (0,177 e 0,108, respectivamente).

Após estas alterações, o modelo apresentou-se adequado, sendo que os resultados finais estão representados na Tabela 14 e na Figura 4.

Tabela 14 – Índices de ajuste do construto Propensão ao Endividamento - Modelo final

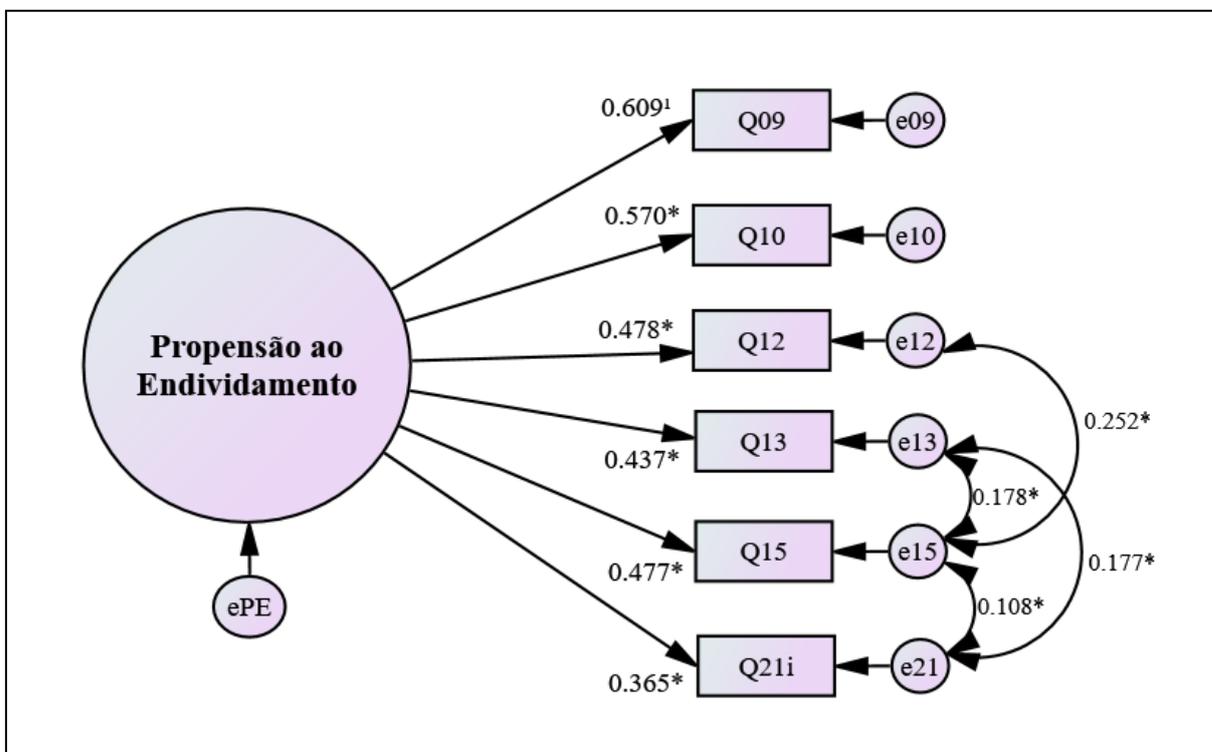
Índices de ajuste	Propensão ao Endividamento Modelo Final
Qui-quadrado (valor)	6,509
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,260
Graus de Liberdade	5
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	1,302
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,999
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,999
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,997
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,998
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,008
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,011
<i>Alpha de Cronbach</i>	0,700

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Analisando a Tabela 14, constata-se que o modelo final do construto Propensão ao Endividamento apresentou índices de ajuste adequados: i) validade convergente, dado que os índices CFI, GFI, NFI e TLI foram superiores a 0,90 e os índices RMR e RMSEA foram inferiores a 0,05, ii) confiabilidade, tendo em vista que o *Alpha de Cronbach* foi superior a 0,6 e, iii) unidimensionalidade, dado que o valor de todos os resíduos padronizados foi inferior a 2,58 ($p < 0,05$).

Além disso, o qui-quadrado deixou de ser significativo, confirmando os ajustes das matrizes estimadas e observadas. A Figura 4 apresenta o modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Propensão ao Endividamento.

Figura 4 – Modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Propensão ao Endividamento



Nota: * $p < 0,01$.

¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

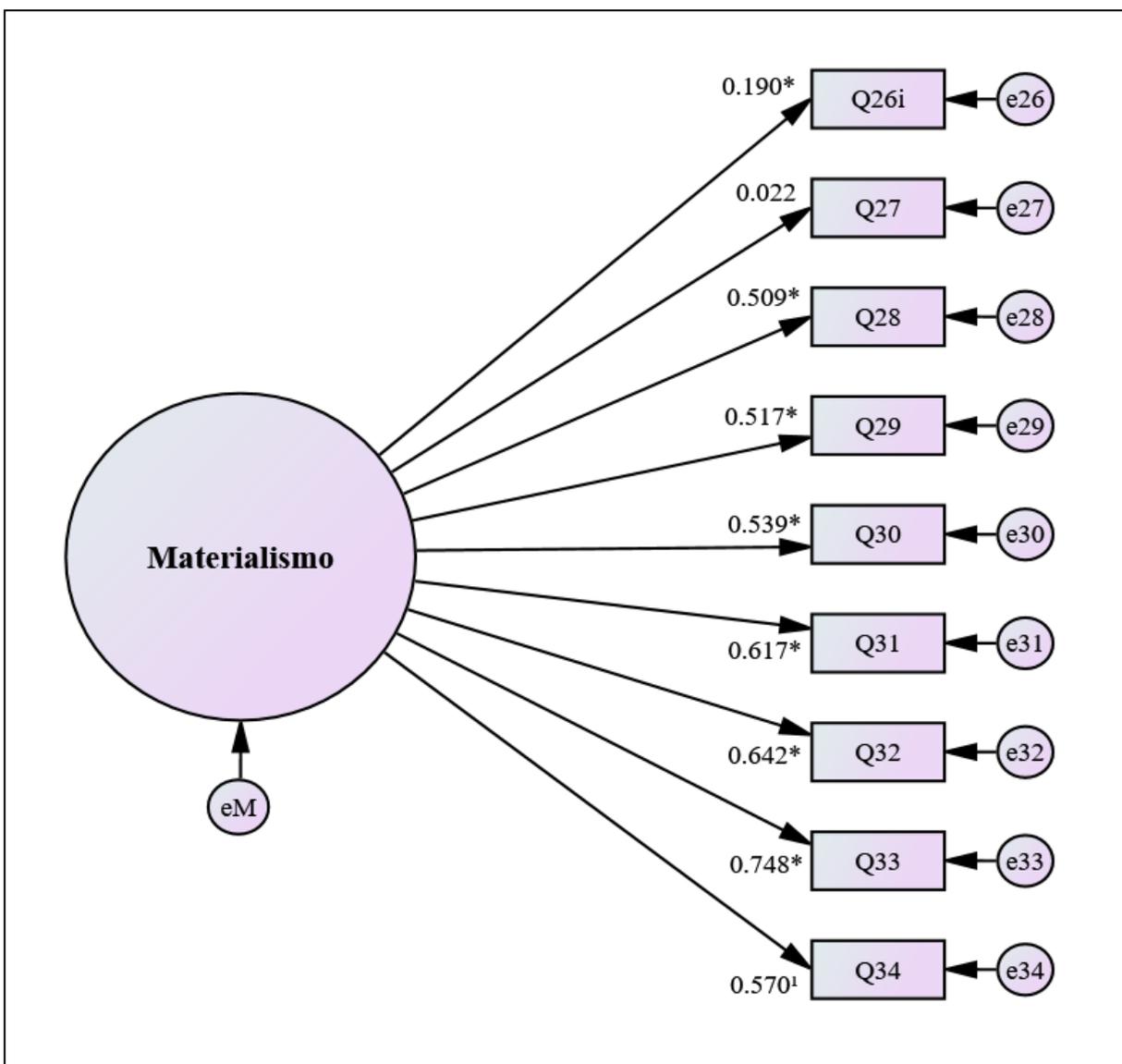
A partir da Figura 4 pode-se constatar que os coeficientes padronizados e a significância das variáveis que compõem o modelo final do construto Propensão ao Endividamento, demonstram que as variáveis Q09 e Q10 são as que mais impactam na propensão dos indivíduos a endividarem-se, apresentando coeficientes padronizados de 0,609 e 0,570, respectivamente. Tais questões referem-se ao ato de endividar-se, indagando se os respondentes consideram que fazer um empréstimo é bom porque permite aproveitar a vida e consideraram positivo poder comprar agora e pagar somente depois.

Assim, o construto Propensão ao Endividamento apresentou em seu modelo final seis variáveis das dezessete propostas inicialmente para mensurar a propensão ao endividamento dos indivíduos. Salienta-se que as questões referem-se à rotina de realizar empréstimos. Com isso, pode-se perceber que as pessoas que consideram positivo realizar um empréstimo, tendem a possuir maior propensão a endividarem-se.

5.3.2 Validação do construto Materialismo

Fundamentando-se no instrumento de pesquisa desenvolvido por Richins (2004), avaliou-se o construto Materialismo através de nove questões em uma escala do tipo *likert* de cinco pontos, sendo que, com exceção da primeira questão, quanto maior o grau de concordância, mais materialista é o respondente, conforme exposto na Figura 5.

Figura 5 – Modelo de mensuração inicial com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Materialismo



Nota: * p < 0,01.

¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

Analisando a Figura 5, constatou-se que a questão Q26 apresenta uma formatação diferente das demais (Q26i). Isso ocorre pelo fato desta questão ser invertida, ou seja, ser feita no sentido contrário das demais, exigindo a inversão da escala no momento da análise, a fim de facilitar a interpretação. Depois de realizado tal processo, partiu-se para a validação do construto.

Nota-se, inicialmente, que apenas a questão Q27 não é significativa e a maioria dos coeficientes padronizados apresentou valores superiores ao mínimo exigido para indicar a adequação do modelo. No entanto, a fim de confirmar se o modelo está adequado, analisaram-se simultaneamente os índices de ajuste, os quais estão apresentados na Tabela 15.

Tabela 15 – Índices de ajuste do construto Materialismo - Modelo inicial

Índices de ajuste	Materialismo Modelo Inicial
Qui-quadrado (valor)	1.045,860
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,000
Graus de Liberdade	27
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	38,736
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,898
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,791
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,788
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,722
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,078
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,123
Alpha de Cronbach	0,740

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A avaliação dos dados expostos na Tabela 15 permite constatar que os índices de ajuste apresentam valores fora dos padrões pré-estabelecidos, sendo necessário, para tanto, a realização de ajustes e reestimações. Com isso, na busca de um modelo de mensuração adequado, foi adotada a estratégia de retirada das variáveis não significativas e com carga fatorial padronizada que apresentaram valores menores que 0,30 (HAIR *et al.*, 2009) e com isso, não contribuem significativamente para o modelo.

Assim, a primeira alteração consistiu na remoção da questão Q27, que não é significativa para o modelo (sig. 0,332). Posteriormente, exclui-se a questão Q26i (coeficiente 0,191) por apresentar um coeficiente padronizado com valor abaixo de 0,30 e com isso, não contribuir significativamente para o modelo. Após excluir tais questões, os resultados não se apresentavam satisfatórios. Por isso, foram introduzidas as correlações entre os erros das variáveis observadas, sugeridas pelo relatório do AMOS 18 e que faziam sentido teórico.

Inicialmente, incluiu-se uma correlação entre “e28” e “e31”. Estas questões referem-se a possuir bens, indagando se os respondentes gostam de possuir coisas que impressionam as pessoas (Q28) e, conseqüentemente, gostam de muito luxo em suas vidas (Q31). Apresentando uma associação (0,381) baixa (entre 0,20 e 0,39), porém muito próxima de ser considerada moderada (entre 0,40 e 0,69), segundo a classificação de Pestana e Gageiro (2008).

Posteriormente, outra correlação foi inserida entre “e28” e “e29” e entre “e29” e “e31”, seguindo o mesmo tema anterior, no entanto relacionando a questão do indivíduo gostar de possuir coisas que impressionem as pessoas (Q28), com isso, admirar pessoas que possuem casas, carros e roupas caras (Q29) e, conseqüentemente, gostar de muito luxo em sua vida (Q31). Demonstrando associações baixas entre elas (0,344 e 0,298, respectivamente). A estimação do modelo com esta correlação manteve satisfatórios os coeficientes padronizados das variáveis, no entanto não conseguiu alterar a situação dos índices de ajuste que permaneceram com valores abaixo dos limites exigidos.

Com isso, foi necessária a inclusão de correlações entre “e30” e “e31”, “e30” e “e29”, “e30” e “e28” e entre “e30” e “e34”, no que tange a temática de comprar coisas. Relacionando a questão de o indivíduo considerar que comprar coisas dá muito prazer (Q30) e com isso, gostar de muito luxo em sua vida (Q31); também admirar pessoas que possuem casas, carros e roupas caras (Q29); assim como, gostar de possuir coisas que impressionem as pessoas (Q28) e por fim, às vezes, chatear-se um pouco por não poder comprar todas as coisas que gostaria (Q34). Tais associações apresentaram-se baixas entre “e30” e “e31” (0,266) e entre “e30” e “e29” (0,218), e muito baixas entre “e30” e “e28” (0,166) e entre “e30” e “e34” (0,127).

Após tais modificações, os índices de ajustes apresentaram-se satisfatórios, porém o qui-quadrado permaneceu significativo. Por isso, foi considerado novamente o relatório de modificações, incluindo-se uma última correlação entre os erros das questões Q32 e Q34 (“e32” e “e34”). Pautada no fato do indivíduo considerar que sua vida seria melhor se tivesse algumas coisas que não tem (Q32) e com isso, às vezes, chatear-se um pouco por não poder

comprar todas as coisas que gostaria (Q34). Porém, apresentando uma associação muito baixa entre eles (0,103). A inclusão dessa correlação regularizou a situação do qui-quadrado, validando o modelo. A Tabela 16 apresenta os índices de ajustes do modelo validado.

Tabela 16 – Índices de ajuste do construto Materialismo - Modelo final

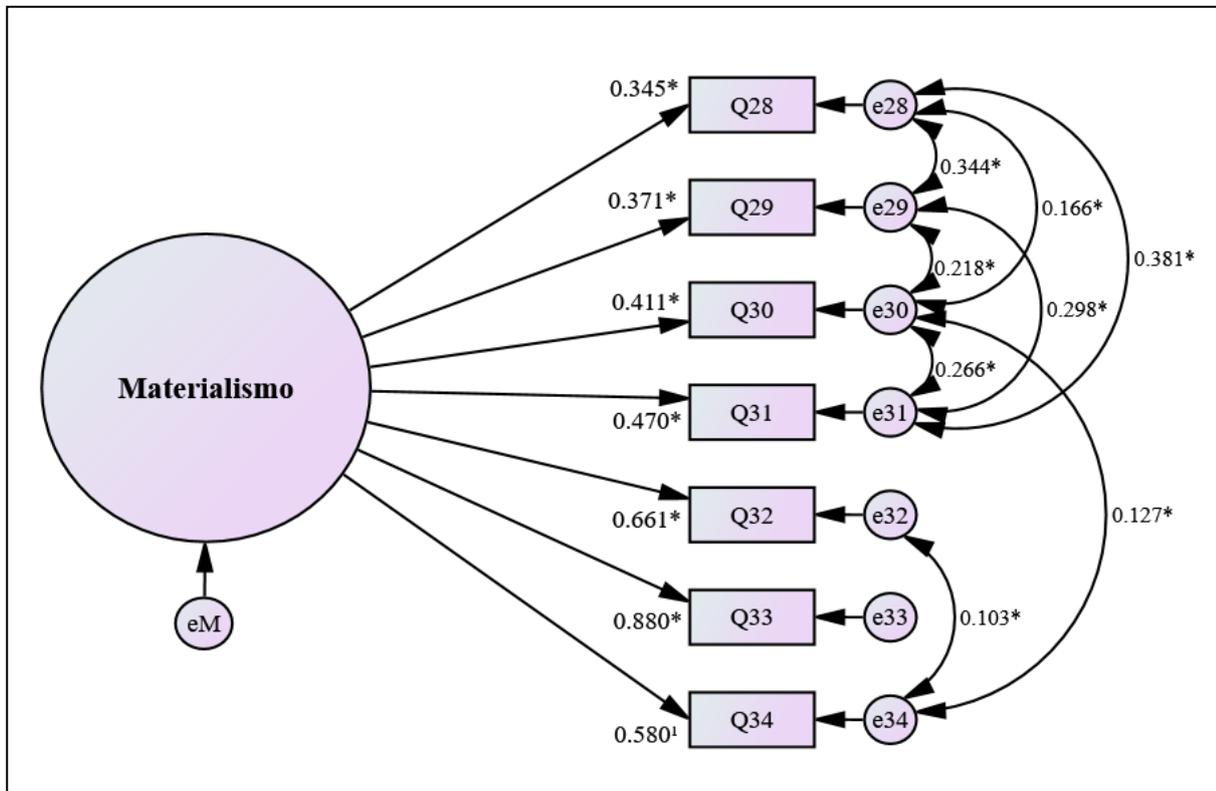
Índices de ajuste	Materialismo Modelo Final
Qui-quadrado (valor)	13,598
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,034
Graus de Liberdade	6
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	2,266
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,998
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,998
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,997
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,994
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,012
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,023
Alpha de Cronbach	0,793

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os resultados expressos na Tabela 16 confirmam a adequação e validade do modelo, uma vez que todos os índices de ajuste, confiabilidade e unidimensionalidade calculados apresentaram valores satisfatórios. Além disso, o qui-quadrado deixou de ser significativo ao nível de 3%, confirmando os ajustes das matrizes estimadas e observadas.

Assim, a Figura 6 apresenta o modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Materialismo.

Figura 6 – Modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Materialismo



Nota: * $p < 0,01$.

¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

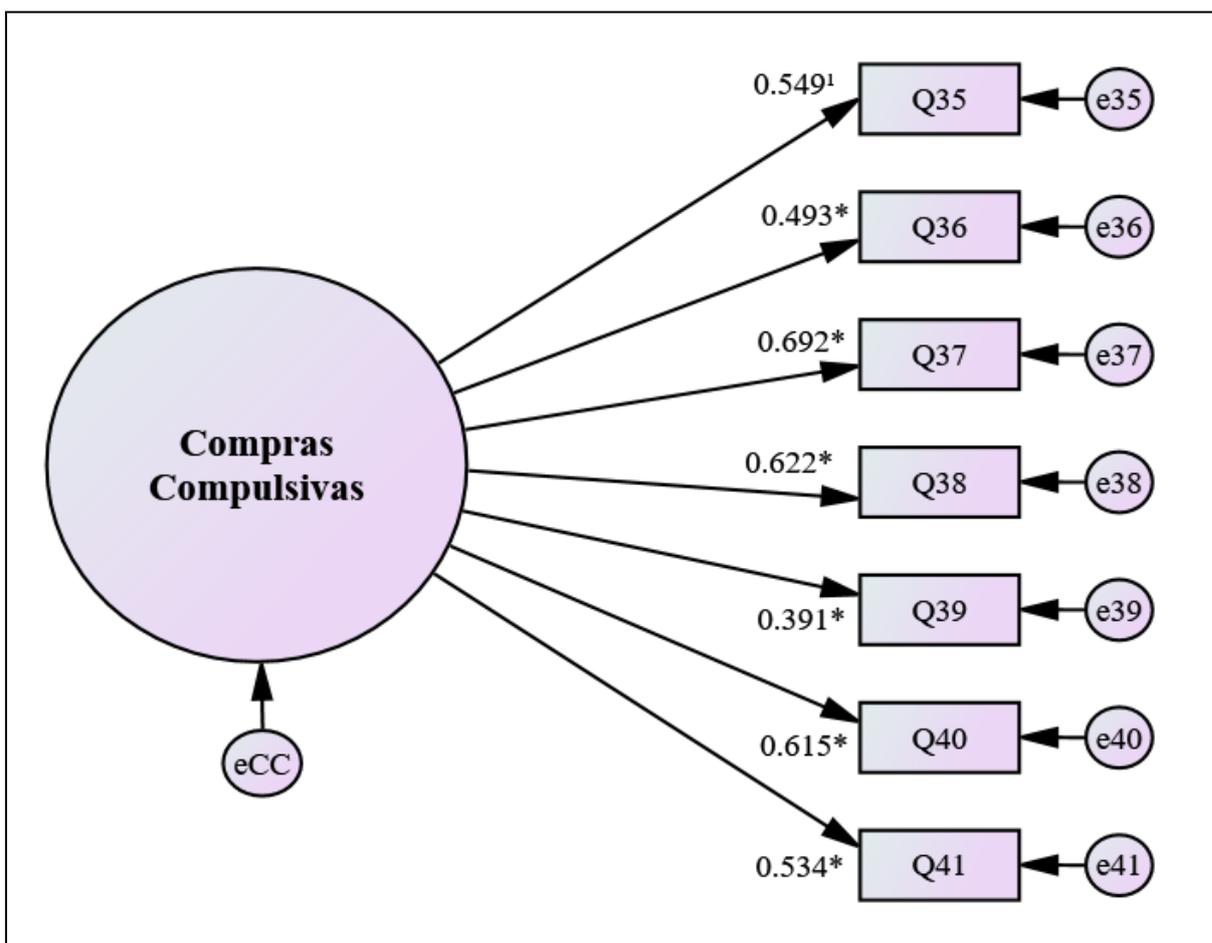
O modelo de mensuração final para o construto Materialismo foi formado por sete das nove variáveis originalmente propostas. Sendo que as variáveis Q33 (coeficiente 0,880) e Q32 (coeficiente 0,661) são as que mais impactam na propensão do indivíduo apresentar um comportamento materialista, as quais questionavam se os indivíduos seriam mais felizes se pudessem comprar mais coisas e que suas vidas seriam melhores se tivessem algumas coisas que não possuem. Com isso, pode-se perceber que aqueles que concordam com a ideia de possuir mais coisas em suas vidas, tendem a possuir maior propensão a comportarem-se de forma materialista.

5.3.3 Validação do construto Compras Compulsivas

Para avaliar a presença de comportamentos de compra compulsiva empregou-se a escala de compra compulsiva desenvolvida originalmente por Faber e O'Guinn (1992) e adaptada e validada para o Brasil por Leite *et al.* (2011), a qual é composta por sete questões

em uma escala do tipo *likert* de cinco pontos, sendo que quanto mais os entrevistados concordam com as afirmações, mais comportamento de compra compulsiva eles apresentam. O modelo inicialmente proposto está ilustrado na Figura 7.

Figura 7 – Modelo de mensuração inicial com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Compras Compulsivas



Nota: * $p < 0,01$.

¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

Analisando a Figura 7, nota-se que todos os coeficientes são significativos ao nível de 1% e apresentam valores superiores ao mínimo estabelecido (coeficiente 0,30). No entanto, a fim de confirmar se o modelo está adequado, analisaram-se simultaneamente os índices de ajuste, os quais estão apresentados na Tabela 17.

Tabela 17 – Índices de ajuste do construto Compras Compulsivas - Modelo inicial

Índices de ajuste	Compras Compulsivas Modelo Inicial
Qui-quadrado (valor)	216,917
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,000
Graus de Liberdade	14
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	15,494
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,975
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,939
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,935
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,908
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,040
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,076
Alpha de Cronbach	0,751

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao analisar os índices de ajuste do modelo inicial, constata-se que o modelo proposto é inadequado, pois a razão do qui-quadrado / graus de liberdade é superior ao valor cinco. Com isso, foi adotada a estratégia de exclusão de algumas das variáveis e a inclusão de correlações entre os erros das variáveis observadas, sugeridas pelo relatório do AMOS 18 e que faziam sentido teórico, a fim de ajustar o modelo.

No entanto, como o modelo apresentou todas as variáveis significativas e com coeficientes acima do limite mínimo exigido (0,30), optou-se pela exclusão das variáveis que apresentavam variáveis com os menores coeficientes, uma vez que a exclusão dessas foi julgada como necessária para validar o modelo.

Sendo assim, excluiu-se a variável Q39 (coeficiente 0,391) e os índices de ajustes continuaram apresentando valores inadequados para o ajuste do modelo. Por isso, optou-se pela exclusão da questão Q36 (0,485), que possuía a menor carga fatorial do modelo. Depois de excluídas tais variáveis, o modelo apresentou índices de ajuste e confiabilidade adequados, mas o qui-quadrado permaneceu significativo, o que acabou exigindo a realização de novas modificações.

Seguindo as recomendações propostas no relatório de modificações do *software*, inseriu-se uma correlação entre os erros das questões Q35 e Q37 (“e35” e “e37”). A correlação indica a existência de uma relação entre o fato dos indivíduos terem que gastar

quando sobra algum dinheiro no final do período de pagamentos (Q35) e comprarem coisas apesar de não conseguir pagar por elas (Q37). Como o modelo continuou mostrando-se não ajustado, foi necessário a inclusão de mais uma correlação entre “e35” e “e40”, a qual considera que os indivíduos sentem-se ansiosos ou nervosos em dias que não vão às compras (Q40) e, conseqüentemente, se sobra algum dinheiro no final do período de pagamentos, eles tem que gastá-lo (Q35). Porém, ambas as correlações apresentaram uma associação muito baixa (0,156 e 0,146, respectivamente). Com a inclusão desta última correlação regularizou a situação do qui-quadrado, validando o modelo. Sendo que os resultados finais estão representados na Tabela 18 e na Figura 8.

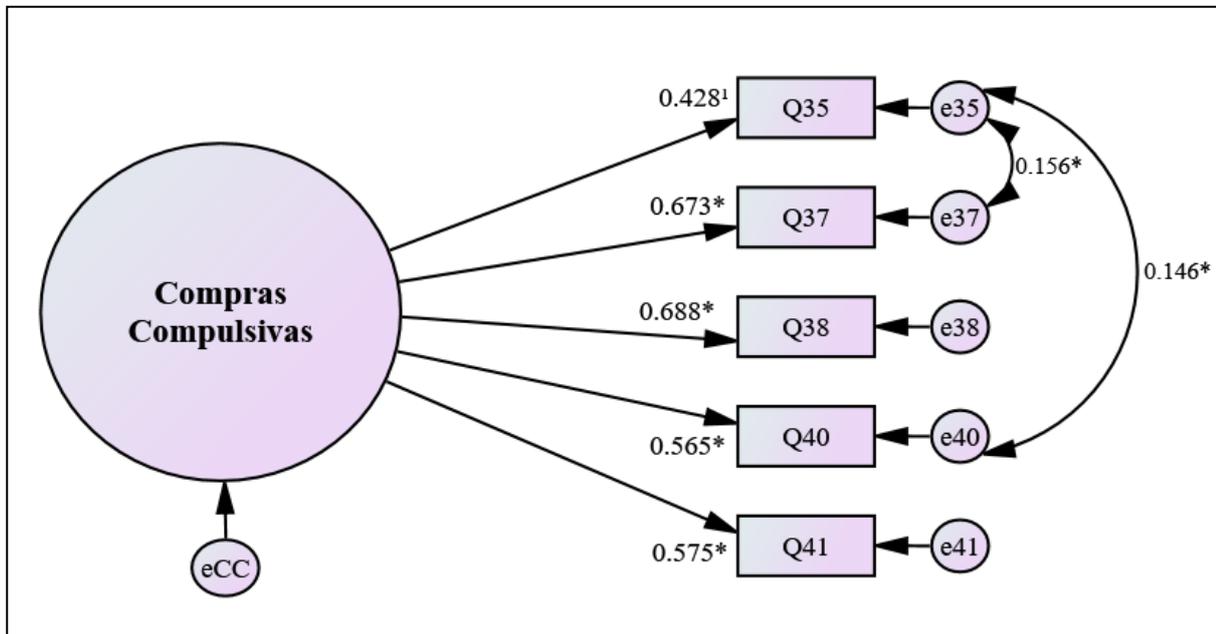
Tabela 18 – Índices de ajuste do construto Compras Compulsivas - Modelo final

Índices de ajuste	Compras Compulsivas Modelo Final
Qui-quadrado (valor)	8,596
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,035
Graus de Liberdade	3
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	2,865
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,999
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,998
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,996
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,992
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,009
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,027
<i>Alpha de Cronbach</i>	0,742

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Analisando a Tabela 18, constata-se que o modelo final do construto Compras Compulsivas apresentou índices de ajuste adequados: i) validade convergente, dado que os índices CFI, GFI, NFI e TLI foram superiores a 0,90 e os índices RMR e RMSEA foram inferiores a 0,05, ii) confiabilidade, tendo em vista que o *Alpha de Cronbach* foi superior a 0,6 e, iii) unidimensionalidade, dado que o valor de todos os resíduos padronizados foi inferior a 2,58 ($p < 0,05$). Além disso, o qui-quadrado deixou de ser significativo ao nível de 3%, confirmando os ajustes das matrizes estimadas e observadas.

Figura 8 – Modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Compras Compulsivas



Nota: * $p < 0,01$.

¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

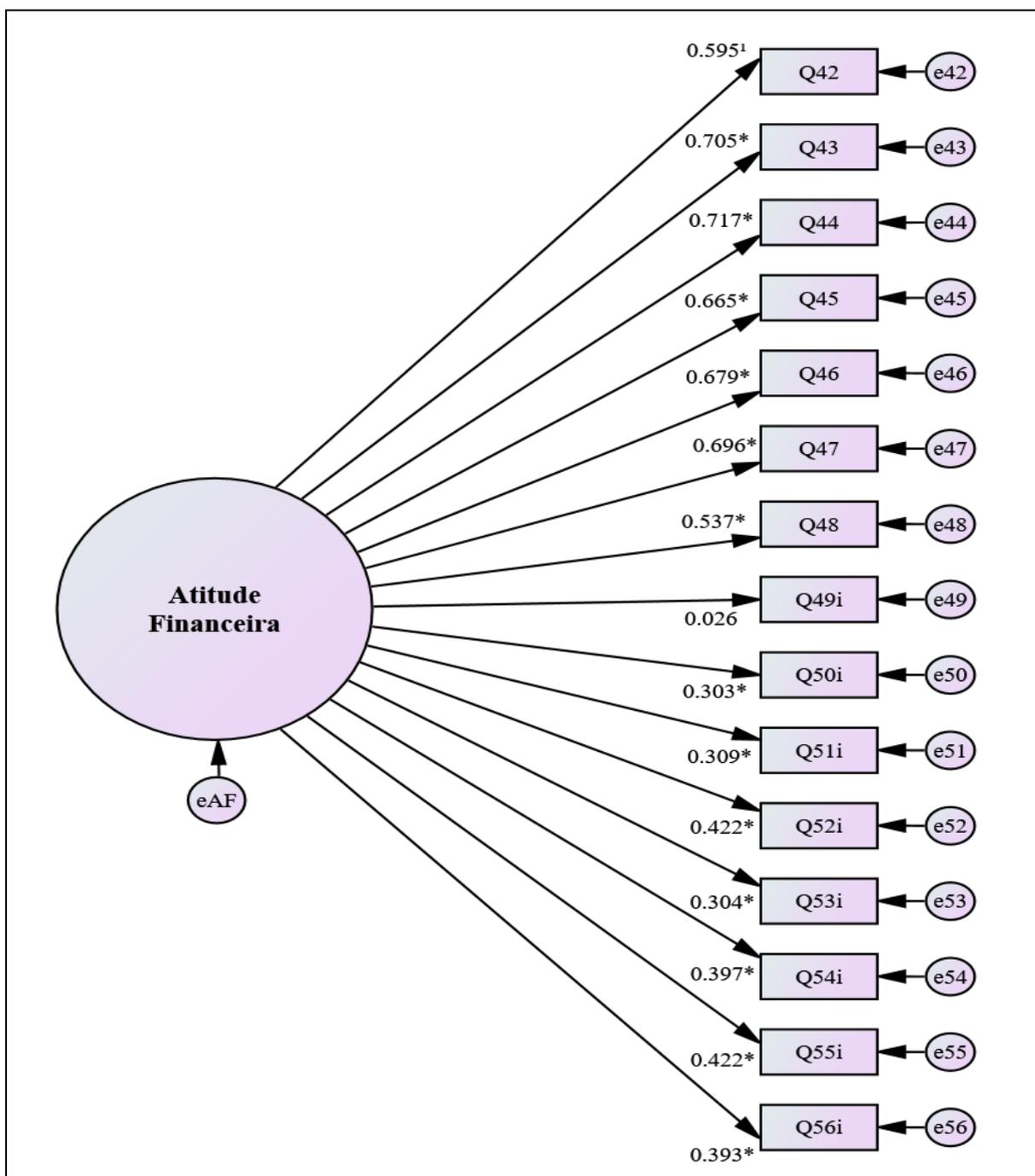
Fazendo um comparativo entre o modelo inicial e o final, nota-se que das sete questões originalmente propostas, cinco integram o modelo de mensuração final do construto Compras Compulsivas. Além disso, constata-se que as variáveis Q38 (coeficiente 0,688) e Q37 (coeficiente 0,673) são as que mais impactam na propensão do indivíduo apresentar um comportamento de compras compulsivas, as quais consideram se os indivíduos emitem cheques mesmo sabendo que não possuem dinheiro suficiente no banco para cobri-lo e que compram coisas apesar de não conseguir pagar por elas. Com isso, pode-se perceber que aqueles que concordam com a ideia de comprar mesmo sabendo que não poderão pagar posteriormente, tendem a possuir maior propensão a ter um comportamento de consumo compulsivo.

5.3.4 Validação do construto Atitude Financeira

Para mensurar o construto Atitude Financeira, utiliza-se um instrumento adaptado de Parrotta e Johnson (1998). A escala composta por quinze questões do tipo *likert* de cinco pontos, visa identificar como o indivíduo avalia sua gestão financeira. Com exceção das oito

últimas questões que são invertidas, quanto mais o indivíduo concordar, melhores são as suas atitudes financeiras. A Figura 9 apresenta o modelo de mensuração inicial do construto Atitude Financeira.

Figura 9 – Modelo de mensuração inicial com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Atitude Financeira



Nota: * $p < 0,01$.

¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

Analisando a Figura 9 que representa o modelo inicial do construto Atitude Financeira, observa-se que as questões Q49 a Q56 estão com uma formatação distinta das demais (Q49i a Q56i). Isso ocorre porque estas variáveis são invertidas, ou seja, a indagação é realizada de forma contrária, sendo necessário reverter à escala no momento de análise. Este processo foi realizado para as questões mencionadas, através de uma recodificação, onde o valor 1 na escala passa a ser 5, o valor 2 para 4, o valor 3 continua com 3, o valor 4 para 2 e por fim, o valor 5 passa a ser 1. Após realizar tal recodificação, o modelo foi estimado, a fim de realizar sua validação.

Nota-se, inicialmente, que apenas a questão Q49i não é significativa e grande parte dos coeficientes padronizados apresentam valores muito próximos ao mínimo exigido (0,30) para indicar a adequação do modelo. Assim, a fim de confirmar se o modelo está adequado, analisaram-se simultaneamente os índices de ajuste, os quais estão apresentados na Tabela 19.

Tabela 19 – Índices de ajuste do construto Atitude Financeira - Modelo inicial

Índices de ajuste	Atitude Financeira Modelo Inicial
Qui-quadrado (valor)	2.758,784
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,000
Graus de Liberdade	90
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	30,653
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,821
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,738
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,732
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,695
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,077
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,109
<i>Alpha de Cronbach</i>	0,814

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os dados da Tabela 19 possibilitam inferir que o modelo inicialmente estimado não obteve índices ajustados. De forma mais específica, a estatística qui-quadrado mostrou-se significativa, os índices de ajuste absoluto (RMR, RMSEA e GFI) e os índices de ajuste comparativos (CFI, NFI e TLI) não atingiram os valores mínimos exigidos.

A inadequação do modelo exigiu a realização de alterações. Assim, inicialmente excluiu-se a variável não significativa Q49i (sig. 0,233). Após excluir esta questão, os

resultados do modelo apresentaram poucas alterações. Com isso, todas as variáveis com coeficientes abaixo de 0,30 foram excluídas. Ressalta-se que a exclusão foi individual, ou seja, uma variável por vez, tendo em vista a ordem crescente (do menor ao maior coeficiente) e a cada exclusão um novo modelo foi estimado. Respectivamente foram excluídas as questões Q51i (coeficiente 0,281), Q53i (coeficiente 0,292) e Q50i (coeficiente 0,299). No entanto, o modelo continuou apresentando índices de ajuste inadequados e por isso, optou-se pela exclusão de mais variáveis que apresentavam variáveis com coeficientes muito próximos ao limite mínimo exigido, uma vez que a exclusão delas foi julgada como necessária para validar o modelo. Assim, foram excluídas as questões Q55i (coeficiente 0,334), Q52i (coeficiente 0,339), Q56i (coeficiente 0,339) e Q54i (coeficiente 0,357), respectivamente.

Depois de excluídas as sete variáveis de menor carga fatorial, além da questão não significativa, o modelo não apresentou todos os índices de ajuste adequados, o que acabou exigindo a inclusão de quatro correlações, entre “e47” e “e48”, “e47” e “e46”, “e43” e “e44”, “e43” e “e42”, respectivamente, para que o modelo fosse ajustado. A primeira e a segunda correlações indicam uma relação positiva entre o existente entre o indivíduo considerar essencial para o seu sucesso financeiro, pensar em como ele estará financeiramente em 5 ou 10 anos (Q48) e que planejando o seu futuro é a melhor forma de obter os resultados (Q47), e desta com o fato do indivíduo considerar que planejar para gastar é essencial para administrar a vida com sucesso (Q46), apresentando uma associação baixa (0,234) na primeira correlação e uma associação muito baixa na segunda (0,194).

Por fim, foram incluídas as duas últimas correlações justificadas no que tange aos indivíduos considerarem absolutamente importante para uma gestão financeira de sucesso ter um orçamento escrito (Q44) e com isso, as famílias devem escrever os objetivos financeiros para ajudar a determinar as prioridades ao gastar (Q43), e desta última, com a consideração de que é importante para a família desenvolver o hábito de economizar e mantê-lo (Q42). Tais associações mostraram-se baixas (0,265) e muito baixas (0,189).

Todas as alterações mencionadas ajustaram o modelo, sendo os resultados finais apresentados na Tabela 20 e na Figura 10.

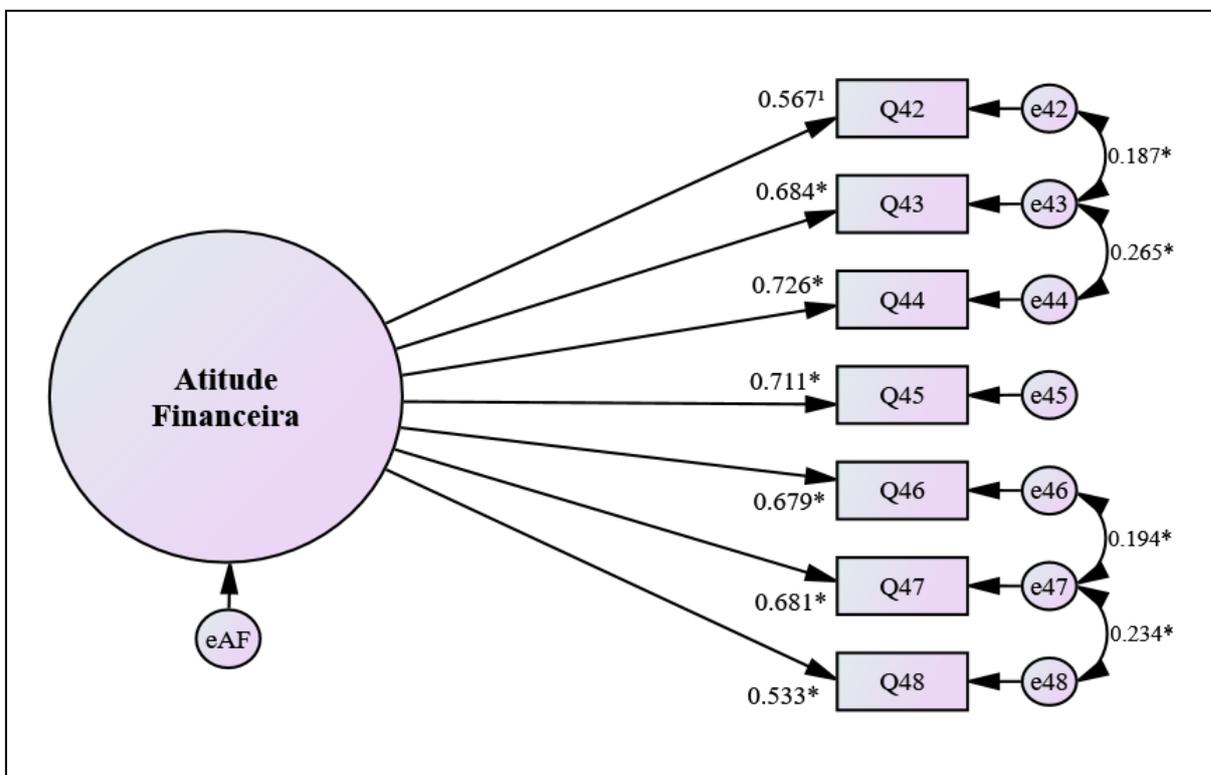
Tabela 20 – Índices de ajuste do construto Atitude Financeira - Modelo final

Índices de ajuste	Atitude Financeira Modelo Final
Qui-quadrado (valor)	34,609
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,054
Graus de Liberdade	10
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	3,461
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,996
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,996
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,995
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,992
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,009
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,031
<i>Alpha de Cronbach</i>	0,850

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

De modo geral, validou-se o construto ao atender aos pressupostos de: i) validade convergente, ao apresentar índices CFI, GFI, NFI e TLI superiores a 0,90 e índices RMR e RMSEA inferiores a 0,05, ii) confiabilidade, tendo em vista que o *Alpha de Cronbach* foi superior a 0,6 e, iii) unidimensionalidade, dado que o valor de todos os resíduos padronizados foi inferior a 2,58 ($p < 0,05$). Além disso, o qui-quadrado deixou de ser significativo ao nível de 5%, confirmando a validade do modelo de mensuração final para o construto Atitude Financeira (Figura 10).

Figura 10 – Modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Atitude Financeira



Nota: * $p < 0,01$.

¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

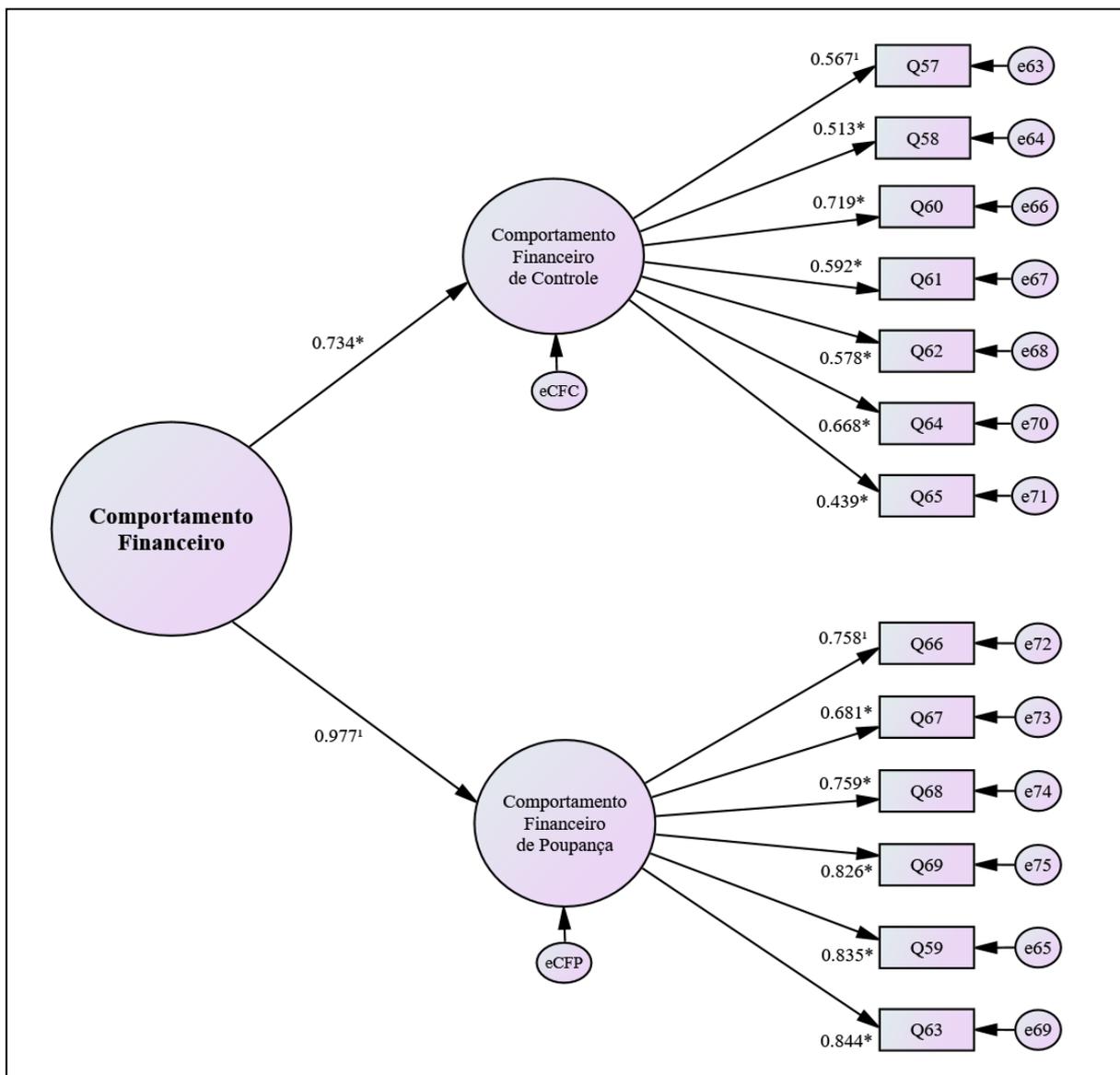
Ao analisar o modelo de mensuração final do construto Atitude Financeira, percebe-se que foram mantidas sete das quinze variáveis inicialmente estabelecidas, sendo necessária a inclusão de mais quatro correlações entre os erros das variáveis, objetivando o ajuste do modelo. A análise da composição do modelo final permite verificar que o construto Atitude Financeira pode ser mensurado, principalmente, pelas variáveis Q44 (coeficiente 0,726) e Q45 (coeficiente 0,711), as quais questionam se os indivíduos consideram absolutamente importante para uma gestão financeira de sucesso ter um orçamento escrito e que é essencial planejar-se para uma possível perda de salário de algum membro da família.

5.3.5 Validação do construto Comportamento Financeiro

Por fim, para avaliar o comportamento financeiro dos indivíduos, utilizou-se uma escala composta por questões adaptadas de Shockey (2002), O'Neill e Xiao (2012) e OECD (2013b), a qual possui treze questões do tipo *likert* de cinco pontos, onde quanto maior a

frequência do respondente nas afirmações feitas, melhor será o seu comportamento no gerenciamento de suas finanças. Além disso, o construto Comportamento Financeiro é composto por dois fatores: o Comportamento Financeiro de Controle e o Comportamento Financeiro de Poupança, os quais mensuram o comportamento financeiro dos indivíduos nestes dois aspectos de forma distinta, conforme apresenta a Figura 11.

Figura 11 – Modelo de mensuração inicial com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Comportamento Financeiro



Nota: * $p < 0,01$.

¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

Pela avaliação dos coeficientes padronizados e significância das variáveis do modelo de mensuração inicial para o construto Comportamento Financeiro, nota-se que todos os coeficientes padronizados assumiram valores positivos, significativos e dentro dos parâmetros estabelecidos. Com isso, a fim de confirmar se o modelo está adequado, analisaram-se simultaneamente os índices de ajuste, os quais estão apresentados na Tabela 21.

Tabela 21 – Índices de ajuste do construto Comportamento Financeiro - Modelo inicial

Índices de ajuste	Comportamento Financeiro Modelo Inicial
Qui-quadrado (valor)	1.109,780
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,000
Graus de Liberdade	64
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	17,340
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,932
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,928
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,924
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,912
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,064
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,081
Alpha de Cronbach	0,894

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A avaliação dos dados expostos na Tabela 21 permite constatar que os índices de ajuste apresentam valores fora dos padrões pré-estabelecidos, pois a razão do qui-quadrado / graus de liberdade é superior ao valor cinco e os índices RMR e RMSEA são superiores a 0,05 e 0,08, respectivamente. Sendo necessária a realização de ajustes a fim de validar o modelo. No entanto, conforme se verifica na Figura 11, o modelo apresentou todas as variáveis significativas e com coeficientes acima do limite mínimo exigido (0,30). Com isso, optou-se pela exclusão das variáveis que apresentavam variáveis com os menores coeficientes, uma vez que a exclusão destas foi julgada como necessária para validação do modelo.

Assim, foram excluídas as variáveis com menor carga fatorial do modelo: a questão Q71 (coeficiente 0,439) e a Q64 (coeficiente 0,495). Todavia, o modelo continuou

apresentando índices de ajustes inadequados. Por isso, optou-se pela estratégia de inclusão das correlações entre os erros das variáveis sugeridas pelo *software* e que faziam sentido teórico.

Inicialmente, incluíram-se três correlações entre os erros das variáveis do fator Comportamento Financeiro de Controle, sendo duas com associação baixa, “e63” e “e66” (coeficiente 0,301) e “e68” e “e70” (coeficiente 0,243); e a última delas, apresentado uma associação muito baixa “e68” e “e67” (coeficiente 0,081). A relação entre as variáveis consiste basicamente no pressuposto de que as pessoas que anotam e controlam seus gastos pessoais (Q63), conseqüentemente, possuem um plano de gastos (Q66). Além disso, aqueles que analisam suas contas antes de fazer uma compra grande (Q70), pagam suas contas em dia (Q68), e estes últimos, conseqüentemente, conseguem identificar os custos que pagam ao comprar algum produto no crédito (Q67).

Seguindo as modificações a fim de ajustar o modelo, incluíram-se correlações entre os erros das variáveis do fator Comportamento Financeiro de Poupança, sendo que três delas apresentaram uma associação baixa: “e74” e “e75” (coeficiente 0,326), “e65” e “e69” (coeficiente 0,285) e “e69” e “e75” (coeficiente 0,237); e outras quatro correlações demonstraram uma associação muito baixa: “e65” e “e75” (coeficiente 0,130), “e69” e “e74” (coeficiente 0,126), “e72” e “e74” (coeficiente 0,097) e “e73” e “e74” (coeficiente 0,060). Todas estas relações destacam o fato do hábito de poupar parte das rendas, seja como uma rotina mensal ou quando receber um aumento salarial, passar a poupar mais.

Por fim, foi necessária a inclusão de mais cinco correlações entre os erros das variáveis de ambos os fatores para que o modelo apresentasse índices de ajustes adequados. Assim, incluíram-se correlações entre “e65” e “e66” (coeficiente 0,149), “e63” e “e65” (coeficiente 0,115), “e68” e “e69” (coeficiente 0,080), “e68” e “e75” (coeficiente 0,078) e “e65” e “e70” (coeficiente 0,055). A associação justifica-se pelo fato daqueles que fazem uma reserva do dinheiro que recebem mensalmente para uma necessidade futura (Q65), conseqüentemente, possuem um plano de gastos (Q66), anotam e controlam seus gastos mensais (Q63) e analisam suas contas antes de realizar uma compra grande (Q70). Ainda assim, tratam da questão dos indivíduos que pagam suas contas em dia (Q68), guardam parte de suas rendas mensalmente (Q69), e ao pagar suas contas em dia, conseguiram poupar dinheiro nos últimos 12 meses (Q75). No entanto, todas as cinco correlações apresentaram uma associação muito baixa (abaixo de 0,20).

Com as alterações citadas, foi possível o ajuste do modelo para o construto Comportamento Financeiro, sendo os resultados finais apresentados na Tabela 22 e na Figura 12.

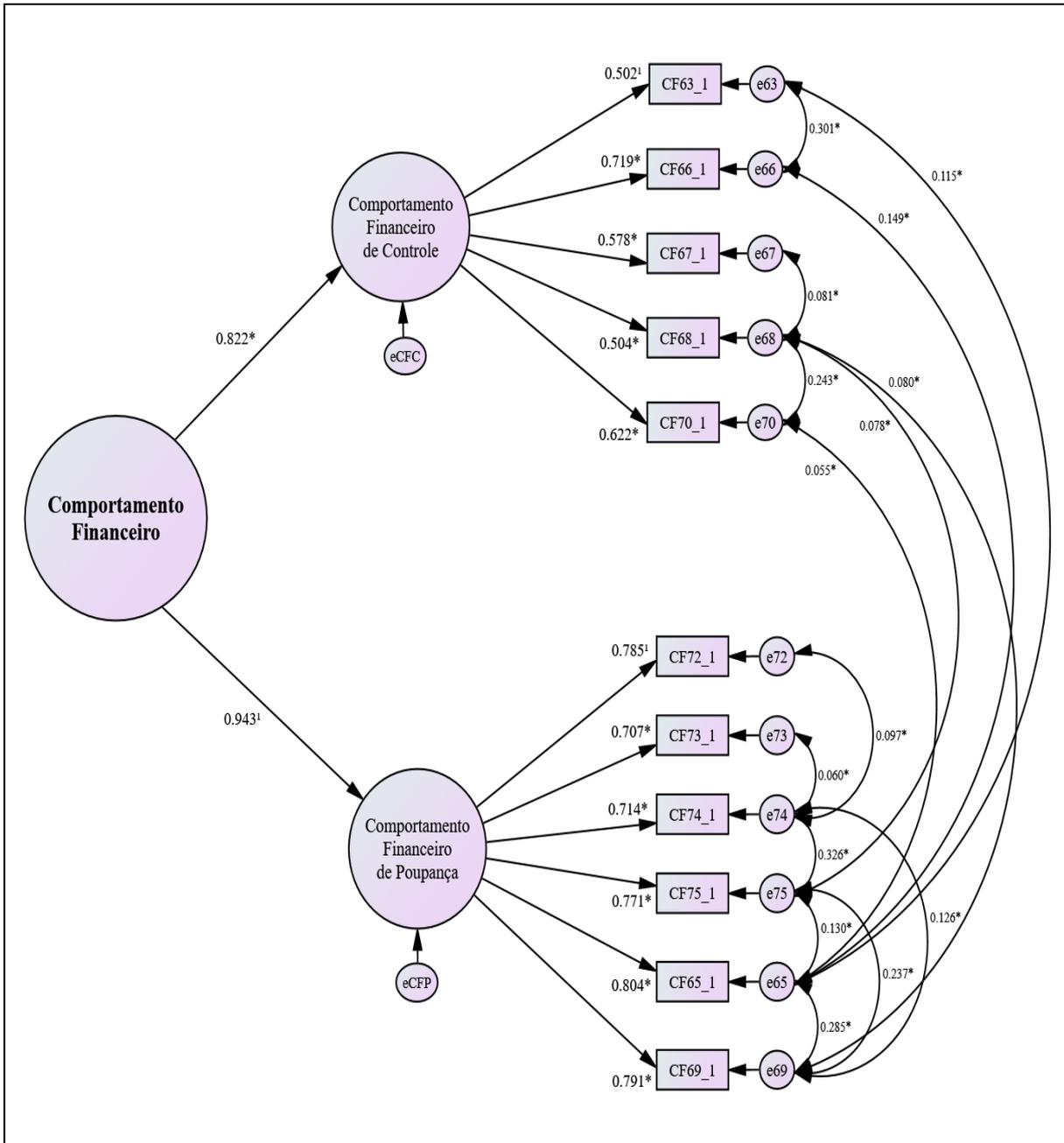
Tabela 22 – Índices de ajuste do construto Comportamento Financeiro - Modelo final

Índices de ajuste	Comportamento Financeiro Modelo Final
Qui-quadrado (valor)	129,549
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,054
Graus de Liberdade	28
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	4,627
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,991
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,992
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,990
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,985
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,029
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,038
<i>Alpha de Cronbach</i>	0,897

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os resultados apresentados na Tabela 22 confirmam a adequação e validade do modelo, uma vez que todos os índices de ajuste, confiabilidade e unidimensionalidade calculados apresentaram valores satisfatórios. Além disso, o qui-quadrado deixou de ser significativo ao nível de 5%, confirmando o ajuste do modelo final para o construto Comportamento Financeiro.

Figura 12 – Modelo de mensuração final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do construto Comportamento Financeiro



Nota: * $p < 0,01$.

¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

O modelo de mensuração final para o construto Comportamento Financeiro foi formado por onze das treze variáveis originalmente propostas, das quais cinco mensuram a dimensão do Comportamento Financeiro de Controle e seis a do Comportamento Financeiro de Poupança. Além disso, percebe-se que as variáveis Q66 (coeficiente 0,719) e Q70

(coeficiente 0,622) são as que mais impactam na mensuração do nível de comportamento financeiro de controle dos indivíduos, as quais destacam a frequência de comportamento no que tange à realização de um plano de gastos/orçamento e a análise das contas antes de realizar uma compra grande. Já quanto à dimensão do Comportamento Financeiro de Poupança, nota-se que todas as variáveis apresentaram coeficientes padronizados altos, porém com destaque para a questão Q65 (coeficiente 0,804), a qual mensura o comportamento quanto ao fato de realizar uma reserva do dinheiro que recebe mensalmente para uma necessidade futura.

Ademais, nota-se que ambas as dimensões impactam fortemente no construto Comportamento Financeiro. Contudo, a dimensão do Comportamento Financeiro de Poupança apresenta um maior impacto (coeficiente 0,943) do que a do Comportamento Financeiro de Controle (coeficiente 0,822). Pode-se perceber então, que aqueles que apresentam hábitos frequentes de poupar parte das rendas, tendem a possuir maior propensão a comportarem-se financeiramente de forma mais adequada.

5.4 VALIDAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INDICADOR DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Após a validação individual dos construtos formadores da alfabetização financeira, buscou-se construir o modelo para mensuração da alfabetização financeira, que une os modelos de mensuração validados e o modelo estrutural. A avaliação do modelo foi realizada a partir dos índices de ajuste e da significância estatística dos coeficientes de regressão estimados. Com isso, a fim de confirmar se o modelo inicial está adequado, analisaram-se os índices de ajuste, os quais estão apresentados na Tabela 23.

Tabela 23 – Índices de ajuste do modelo integrado da alfabetização financeira

	(continua)
Índices de ajuste	Modelo Integrado Alfabetização Financeira
Qui-quadrado (valor)	562,435
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,000
Graus de Liberdade	147
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	3,826
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,977
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,980
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,974

Tabela 23 – Índices de ajuste do modelo integrado da alfabetização financeira

(conclusão)

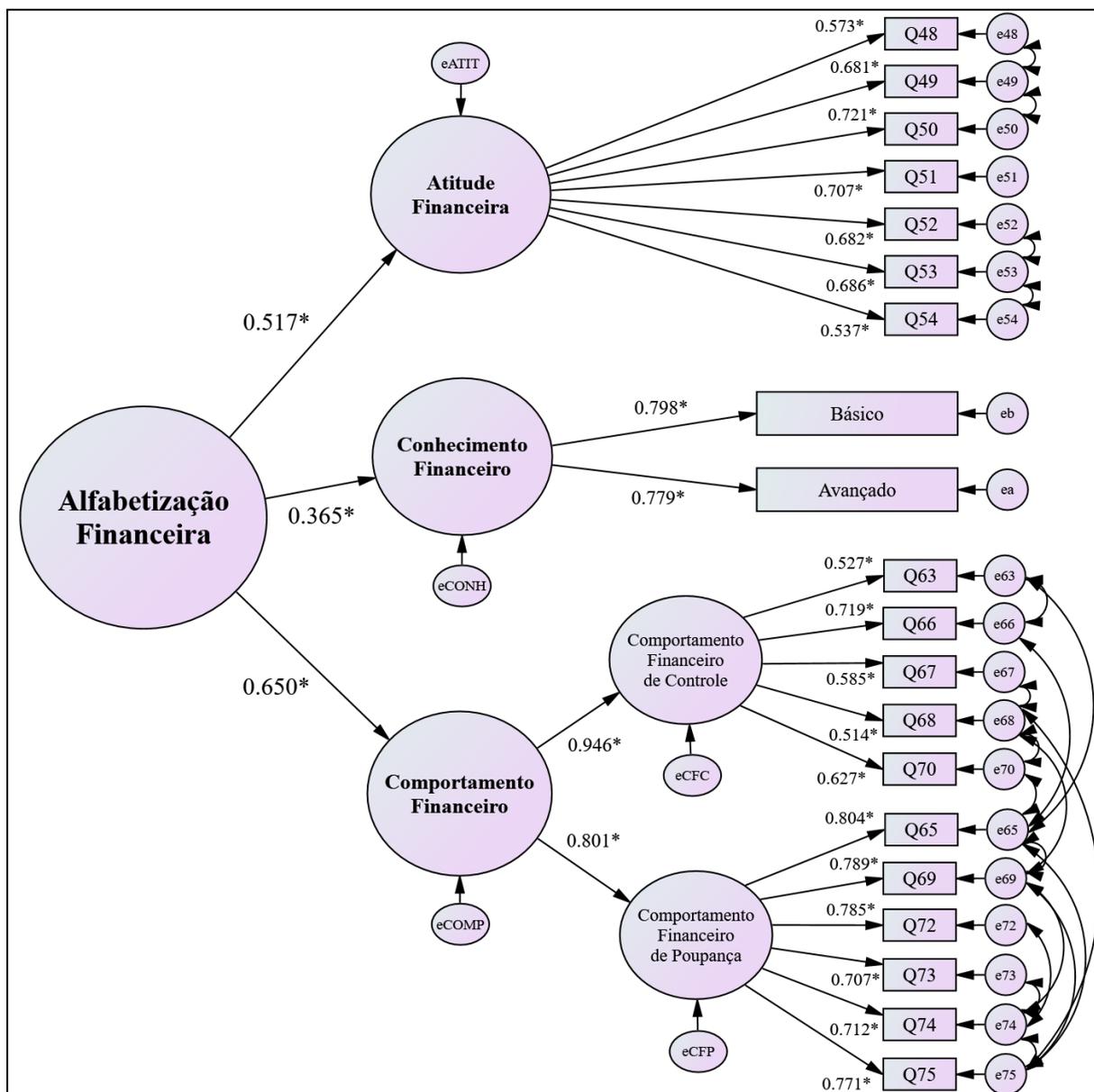
Índices de ajuste	Modelo Integrado Alfabetização Financeira
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,975
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,040
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,034
AIC - <i>Akaike's Information Criterion</i>	688,435
BIC - <i>Bayes Information Criterion</i>	1.055,022
ECVI - <i>Expected Cross-Validation Index</i>	0,277

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao analisar os índices de ajustes do modelo integrado inicial de mensuração da alfabetização financeira, constata-se que o modelo proposto apresentou todos os índices de ajuste adequados, dado que os índices CFI, GFI, NFI e TLI foram superiores a 0,90 e os índices RMR e RMSEA foram inferiores a 0,05. No entanto, o valor do qui-quadrado permaneceu significativo, mas a razão do qui-quadrado / graus de liberdade ficou abaixo do limite recomendado (valor menor que cinco). Tal significância é justificada pelo tamanho amostral, conforme afirmam Hair *et al.* (2009), Byrne (2010) e Kline (2011).

Assim, constata-se que o modelo proposto inicialmente apresentou os índices de ajustes adequados, não sendo necessárias modificações no mesmo. Deste modo, a Figura 13 apresenta o modelo integrado da alfabetização financeira com os coeficientes padronizados e significância das relações.

Figura 13 – Modelo da alfabetização financeira com os coeficientes padronizados e significância das relações



Nota: * $p < 0,01$; ¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo. Por simplicidade, não foram representados na figura as correlações entre os erros.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

Percebe-se que todas as relações propostas foram confirmadas ao apresentarem-se significativas ao nível de 1%, ou seja, os construtos Atitude Financeira, Comportamento Financeiro e Conhecimento Financeiro influenciam a alfabetização financeira dos indivíduos. Corroborando com este resultado, Agarwalla *et al.* (2012), encontraram que o ideal para mensurar a alfabetização financeira é através da combinação de suas mais prováveis dimensões: o conhecimento financeiro, o comportamento financeiro e a atitude financeira.

Nota-se ainda que o construto Comportamento Financeiro (coeficiente 0,650), seguido do construto Atitude Financeira (coeficiente 0,517) são os que mais influenciam a alfabetização financeira dos indivíduos, em contrapartida ao construto Conhecimento Financeiro (coeficiente 0,365). Tal resultado corrobora com os de Lusardi e Mitchell (2014), da OECD (2013a) e de Klapper, Lusardi e Panos (2013), ao afirmarem que o comportamento financeiro é um elemento essencial e determinante da alfabetização financeira.

Ao analisar as variáveis que compõem cada construto, percebe-se que a questão Q44 (coeficiente 0,721) que trata de possuir um orçamento escrito é essencial para uma gestão financeira de sucesso e a questão Q45 (coeficiente 0,707) que afirma ser essencial o planejamento em caso de perda de salário são as que apresentam maior impacto no construto Atitude Financeira.

Já ao analisar o construto Comportamento Financeiro, destaca-se que possuir um comportamento financeiro de controle (coeficiente 0,946) impacta mais do que um comportamento financeiro de poupança (coeficiente 0,801) para um melhor comportamento financeiro dos indivíduos. No que tange suas variáveis, tem-se que a variável Q60 (coeficiente 0,719) que trata de possuir um orçamento é a que mais impacta no comportamento financeiro de controle. Já a variável Q59 (coeficiente 0,804) que afirma ser necessário realizar uma reserva de dinheiro mensalmente para uma necessidade futura é a que possui o maior impacto no comportamento financeiro de poupança dos indivíduos.

Além das questões que abordam conhecimentos financeiros básicos (coeficiente 0,798), como taxas de juros simples e compostos, valor do dinheiro no tempo e operações matemáticas simples possuem um maior impacto que as de conhecimento financeiro avançado (coeficiente 0,779) que tratam de assuntos financeiros mais complexos, como ações, diversificação e retorno. Porém, apresentam impactos muito próximos um do outro, tangenciando a importância que ambos os conhecimentos possuem.

Tais resultados são corroborados por Moore (2003), ao afirmar que na medida em que um indivíduo demonstra mais conhecimento financeiro, uma atitude financeira melhor e um comportamento financeiro mais positivo, prevê-se que ele seria mais alfabetizado financeiramente e como consequência, mais eficaz na sua gestão financeira. Além disso, *insights* sobre essas dimensões separadamente podem fornecer informações mais valiosas do que aquelas fornecidas por um único construto que determinasse apenas a alfabetização financeira (AGARWALLA *et al.*, 2015).

5.4.1 Desenvolvimento do Indicador de Alfabetização Financeira

A partir do modelo validado para mensuração da alfabetização financeira e a fim de atingir ao objetivo de desenvolver um indicador para a mesma, foram inicialmente construídos os indicadores de atitude financeira, comportamento financeiro e conhecimento financeiro, os quais são formam a alfabetização financeira, conforme as diretrizes propostas por Potrich, Vieira e Kirch (2016). Onde para cada construto obteve-se o peso das cargas fatoriais e, em seguida, calculou-se a média ponderada por tais pesos.

Assim, para cada respondente foi calculado o construto atitude financeira, a partir da equação $[0,125*Q42 + 0,148*Q43 + 0,157*Q44 + 0,154*Q45 + 0,149*Q46 + 0,150*Q47 + 0,117*Q48]$ e posteriormente, multiplicado este somatório pelo valor 0,337 para ponderá-la conforme o peso que a atitude financeira possui na alfabetização financeira. Já o construto comportamento financeiro, composto pelo comportamento financeiro de controle e de poupança foi calculado a partir da equação $[0,541*CONTROLE + 0,459*POUPANÇA]$, sendo a variável CONTROLE obtida pela equação $[0,177*Q57 + 0,242*Q60 + 0,197* Q61 + 0,173*Q62 + 0,211*Q64]$ e a variável POUPANÇA pela $[0,176*Q59 + 0,173*Q63 + 0,172* Q66 + 0,155*Q67 + 0,156*Q68 + 0,169*Q69]$. Por fim, multiplicou-se o somatório do construto comportamento financeiro pelo peso do mesmo na alfabetização financeira (0,424).

Além da atitude financeira e do comportamento financeiro, também foi calculado o índice do construto conhecimento financeiro, os quais compõem as três *proxies* para mensurar a alfabetização financeira. De acordo com o que foi citado anteriormente, sabe-se que o construto conhecimento financeiro é composto por dez questões de múltipla escolha, sendo cinco de conhecimento financeiro básico e cinco de avançado, em que para cada uma das questões foi atribuído valor igual a 1 para a resposta correta e valor igual a 0 para as demais. Assim, o conhecimento financeiro básico foi obtido através da equação $[Q70 + Q71 + Q76 + Q77 + Q78]$ e o conhecimento financeiro avançado pela equação $[Q72 + Q73 + Q74 + Q75 + Q79]$. Além disso, para fins de análise, os mesmos foram padronizados conforme os pesos que representam no construto conhecimento financeiro, através da equação $[0,506*BÁSICO + 0,494*AVANÇADO]$. Por fim, ponderou-se o construto conforme o seu impacto na alfabetização financeira, multiplicando-o por 0,238.

De posse dos três construtos ponderados, aplicou-se a análise de *cluster* a fim de classificar os indivíduos em baixo e alto nível de alfabetização financeira. Para tanto foi realizada a análise de *cluster* hierárquico através do método de *Ward*, encontrando dois *clusters*, o primeiro denominado como *Cluster 0* que representa os indivíduos que possuem

um baixo nível de alfabetização financeira (60,8%) e o segundo denominado *Cluster 1* representando aqueles que possuem um alto nível (39,2%). A Tabela 24 apresenta a estatística descritiva dos construtos ponderados conforme a distribuição dos *clusters*.

Tabela 24 – Estatística descritiva dos construtos conforme a distribuição dos *clusters*

	Construto	<i>Cluster 0</i> n=1285 (60,8%) Baixo nível de alfabetização financeira			<i>Cluster 1</i> n=830 (39,2%) Alto nível de alfabetização financeira			Teste <i>t</i>	Teste Mann- Whitney
		Média	Mediana	Desvio Padrão	Média	Mediana	Desvio Padrão	Sig.	Sig.
Escala Padronizada	Comportamento Financeiro	3,107	3,099	0,843	4,140	4,127	0,479	0,000	0,000
	Conhecimento Financeiro	2,084	2,012	1,338	3,872	4,000	0,612	0,000	0,000
	Atitude Financeira	4,107	4,000	0,598	4,326	4,277	0,475	0,000	0,000
Escala Ponderada	Comportamento Financeiro	1,344	1,314	0,357	1,756	1,750	0,203	0,000	0,000
	Conhecimento Financeiro	0,496	0,479	0,318	0,922	0,952	0,146	0,000	0,000
	Atitude Financeira	1,384	1,348	0,201	1,458	1,441	0,160	0,000	0,000

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao analisar a estatística descritiva dos construtos que formam a alfabetização financeira, confirma-se que os indivíduos com um alto nível de alfabetização financeira (*cluster 1*) apresentaram um nível adequado de comportamento financeiro. Na escala padronizada (1 a 5 pontos), as respostas são equivalentes à opção quase sempre (ponto 4 da escala). Já os denominados com um baixo nível (*cluster 0*) tem um resultado médio equivalente a opção às vezes da escala (ponto 3). Assim, obteve-se uma diferença significativa entre os grupos com uma boa frequência de comportamentos financeiros nos indivíduos com alto nível de alfabetização financeira e uma frequência mediana nos denominados com baixo nível, sendo que os principais pontos positivos foram encontrados no que tange ao comportamento financeiro de controle, tais como pagar as contas em dia e analisar as contas antes de fazer uma compra grande. Já os que apresentaram menor frequência de comportamento referem-se às questões do comportamento de poupança, tais como possuir uma reserva financeira igual ou maior a três vezes as despesas mensais e ter conseguido poupar dinheiro nos últimos doze meses.

Na análise do conhecimento financeiro, verifica-se que o desempenho atingido pelos respondentes resultou em uma média padronizada de 2,084 para os indivíduos com baixo nível de alfabetização financeira e de 3,872 para os com alto nível. Verificando que, em média, os pesquisados com baixo nível de alfabetização financeira acertaram 41,69% das questões propostas e os que possuem um alto nível obtiveram um índice médio de acertos de 77,44%. Com base na classificação proposta por Chen e Volpe (1998), atestou-se que os indivíduos classificados no *cluster* 1 obtiveram um nível mediano de conhecimento financeiro (entre 60% e 79%), porém muito próximo ao alto nível (acima de 80%). Já aqueles pertencentes ao *cluster* 0 apresentaram um baixo nível (abaixo de 60%). Tal resultado se mostra preocupante, pois a maioria da amostra pesquisada (60,8%) apresenta um baixo nível de conhecimento financeiro, principalmente pelo fato de que o entendimento sobre taxas de juros, inflação e valor do dinheiro no tempo é imprescindível para a realização de transações financeiras cotidianas.

No entanto, o baixo nível de conhecimento financeiro encontrado não é exclusividade dessa pesquisa. Nos últimos anos, diferentes pesquisadores vêm se preocupando em investigar o nível de conhecimento financeiro, tanto de estudantes quanto da população em geral, e vem obtendo resultados bastante preocupantes, dado os níveis insatisfatórios de conhecimento, sejam em questões de gestão financeira pessoal ou em questões mais específicas, tais como crédito, empréstimo, poupança e investimento (LUSARDI; MITCHELL, 2006; MATTA, 2007; LUSARDI; TUFFANO, 2009; LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010; VAN ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2011; CAMPENHOUT, 2015; BARCELLOS *et al.*, 2016).

Em âmbito brasileiro um estudo realizado por Matta (2007) com 590 alunos de graduação de cursos específicos na área das Ciências Sociais e Aplicadas, como Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas, revelou o baixo nível de conhecimento financeiro dos estudantes. Verificou-se que 40,7% dos universitários não acertaram mais de 60% das questões, o que aponta para a necessidade de maiores informações relativa aos aspectos financeiros. Ansong (2011), em pesquisa realizada com 343 alunos de graduação da *University of Cape Coast* (Ghana, África Ocidental) também observou que, em média, somente 35% das questões foram respondidas corretamente, revelando um desempenho bastante aquém do desejado.

Cabe destacar que baixos níveis de conhecimento financeiro não são restritos aos países subdesenvolvidos. Um estudo realizado por Sekita (2011), no Japão, revelou que 62% dos estudantes pesquisados afirmaram não ter conhecimento suficiente para responder a questões sobre taxa de juros, efeito conjunto das taxas de juros e inflação, diversificação de

investimento e risco. Lusardi, Mitchel e Curto (2010), em estudo realizado com residentes nos Estados Unidos, também observaram baixos níveis de conhecimento financeiro entre os jovens, visto que apenas 27% responderam corretamente as três questões propostas.

Já a atitude financeira não se mostrou um fator decisivo para a classificação da alfabetização financeira, sendo preponderantes os outros dois construtos para tal. Uma vez que ambos os grupos apresentaram um nível bom de atitude financeira, ao associarem, em geral, suas respostas à opção concordo (ponto 4 da escala).

Em seguida, com o objetivo de desenvolver um indicador que defina se um indivíduo possui alto ou baixo nível de alfabetização financeira, ou seja, determinar o Indicador de Alfabetização Financeira, utilizou-se a Distância Euclidiana Quadrática em relação ao centro do *cluster* e tendo como variáveis os três construtos que representam as *proxies* para mensurar a alfabetização financeira (atitude financeira, comportamento financeiro e conhecimento financeiro). As Equações 1 e 2 apresentam a forma de estimar a distância das respostas obtidas pelos indivíduos com o centro do *cluster* 0 (Equação 1) e com o centro do *cluster* 1 (Equação 2). A partir delas, é possível determinar se o respondente encontra-se mais próximo do centro do *cluster* 0 (D_0) ou do centro do *cluster* 1 (D_1).

$$D_0 = (1,384 - pATIT)^2 + (1,344 - pCOMP)^2 + (0,496 - pCONH)^2 \quad (1)$$

$$D_1 = (1,458 - pATIT)^2 + (1,756 - pCOMP)^2 + (0,922 - pCONH)^2 \quad (2)$$

Assim, se o indivíduo encontrar que $D_0 > D_1$, o mesmo é considerado com alto nível de alfabetização financeira. Já se a resposta obtida for que $D_0 < D_1$, o indivíduo é considerado com baixo nível de alfabetização financeira, isto devido à distância de suas respostas em relação ao centro do *cluster* 0 ser menor do que a distância em relação ao centro do *cluster* 1.

Destaca-se ainda, que o modelo proposto para mensurar a alfabetização financeira dos indivíduos é ratificado por diversos autores ao constatarem que a mesma não pode ser determinada a partir de medidas simples e isoladas, mas sim, deve-se incluir uma análise mais complexa dos construtos em conjunto (MOORE, 2003; ATKINSON; MESSY, 2012; KNOLL; HOUTS, 2012; AGARWALLA *et al.*, 2015).

Finalmente, com o objetivo de demonstrar os resultados de forma mais aplicada, desenvolveu-se a método para o cálculo do Indicador de Alfabetização Financeira (Quadro 16).

Quadro 16 – Método de utilização do Indicador de Alfabetização Financeira

METODOLOGIA DE UTILIZAÇÃO DO INDICADOR DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Passo 1 – De posse das respostas dos pesquisados, conforme as questões marcadas em negrito no instrumento de coleta de dados (Apêndice A), codifique as variáveis:

ATTITUDE FINANCEIRA – Q42, Q43, Q44, Q45, Q46, Q47 e Q48 (escala do tipo “likert”):

Discordo totalmente = valor 1

Discordo = valor 2

Indiferente = valor 3

Concordo = valor 4

Concordo totalmente = valor 5

COMPORTAMENTO FINANCEIRO – Q57, Q59, Q60, Q61, Q62, Q63, Q64, Q66, Q67, Q68 e Q69 (escala do tipo “likert”):

Nunca = valor 1

Quase nunca = valor 2

Às vezes = valor 3

Quase sempre = valor 4

Sempre = valor 5

CONHECIMENTO FINANCEIRO – Q70 a Q79 (questões certas ou erradas):

Para a resposta correta = valor 1

Para as respostas incorretas = valor 0

Passo 2 – Construção das medidas padronizadas de alfabetização financeira:

ATTITUDE FINANCEIRA

$$\text{ATIT} = [0,125*Q42 + 0,148*Q43 + 0,157*Q44 + 0,154*Q45 + 0,149*Q46 + 0,150*Q47 + 0,117*Q48]$$

COMPORTAMENTO FINANCEIRO**Comportamento Financeiro de Controle**

$$\text{CONTROLE} = [0,177*Q57 + 0,242*Q60 + 0,197*Q61 + 0,173*Q62 + 0,211*Q64]$$

Comportamento Financeiro de Poupança

$$\text{POUPANÇA} = [0,176*Q59 + 0,173*Q63 + 0,172*Q66 + 0,155*Q67 + 0,156*Q68 + 0,169*Q69]$$

$$\text{COMP} = [0,541*\text{CONTROLE} + 0,459*\text{POUPANÇA}]$$

CONHECIMENTO FINANCEIRO**Conhecimento Financeiro Básico**

$$\text{BÁSICO} = [Q70 + Q71 + Q76 + Q77 + Q78]$$

Conhecimento Financeiro Avançado

$$\text{AVANÇADO} = [Q72 + Q73 + Q74 + Q75 + Q79]$$

$$\text{CONH} = [0,506*\text{BÁSICO} + 0,494*\text{AVANÇADO}]$$

Passo 3 – Construção das medidas ponderadas de alfabetização financeira:

$$p\text{ATIT} = 0,337*\text{ATIT}$$

$$p\text{COMP} = 0,424*\text{COMP}$$

$$p\text{CONH} = 0,238*\text{CONH}$$

Passo 4 – Inserir os resultados nas fórmulas:

$$D_0 = (1,384 - p\text{ATIT})^2 + (1,344 - p\text{COMP})^2 + (0,496 - p\text{CONH})^2$$

$$D_1 = (1,458 - p\text{ATIT})^2 + (1,756 - p\text{COMP})^2 + (0,922 - p\text{CONH})^2$$

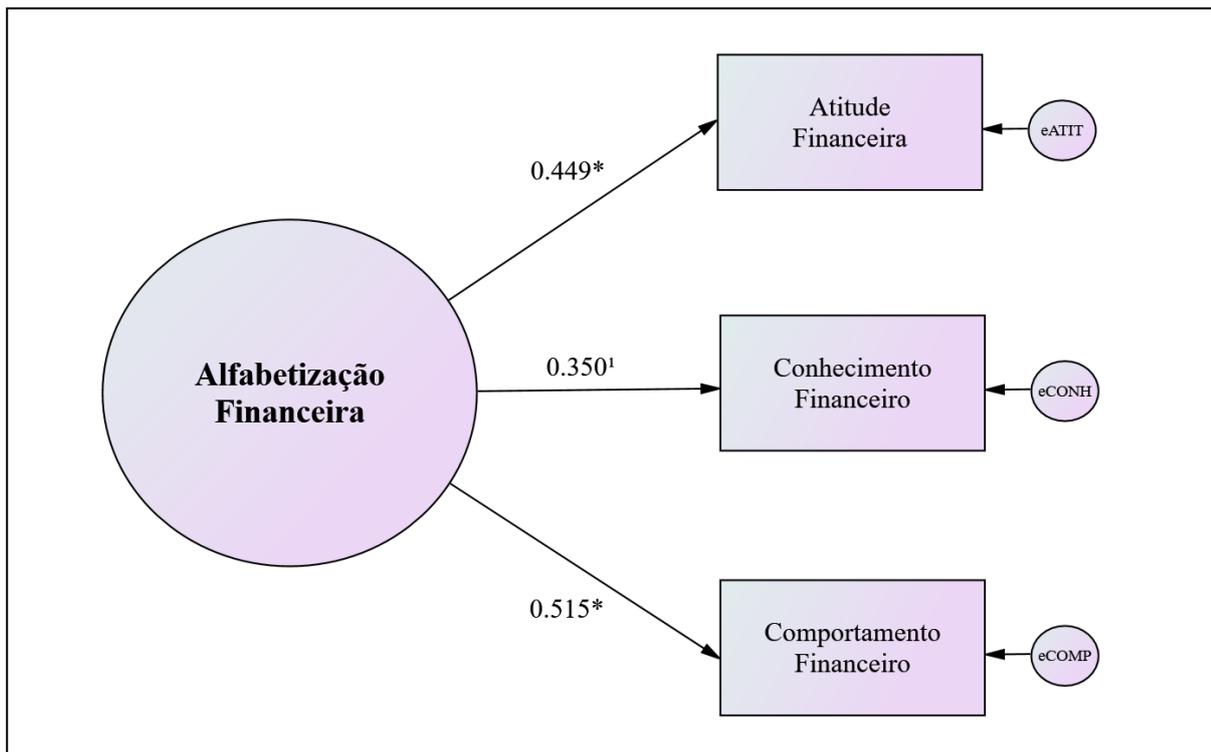
Passo 5 - Critérios de análise e decisão:

- Se $D_0 > D_1$ → o indivíduo é considerado com **ALTO** nível de alfabetização financeira.

- Se $D_0 < D_1$ → o indivíduo é considerado com **BAIXO** nível de alfabetização financeira.

Assim, após o desenvolvimento do método do indicador proposto e a criação das variáveis conforme apresentado no Quadro 16, o modelo final de mensuração da alfabetização financeira apresenta-se na Figura 14.

Figura 14 – Modelo final de mensuração da alfabetização financeira



Nota: * $p < 0,01$; ¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

Constata-se assim, que o modelo final de mensuração da alfabetização financeira constitui-se de três variáveis formadas pelos pesos ponderados encontrados no indicador proposto, sendo composto por atitude, conhecimento e comportamento financeiros. Tal definição segue as diretrizes propostas pela OECD (2015a), por Atkinson e Messy (2012) e por Agarwalla *et al.* (2015) que mensuram a alfabetização financeira como sendo uma combinação do comportamento financeiro, do conhecimento financeiro e da atitude financeira, e por isso faz sentido explorar esses três componentes em combinação.

Além disso, o modelo final apresenta todos os índices de ajustes adequados, dado que os índices CFI (0,998), GFI (1,000), NFI (0,994) e TLI (0,995) foram superiores a 0,90 e os índices RMR (0,012) e RMSEA (0,012) foram inferiores a 0,05. Além do valor de qui-quadrado apresentar-se não significativo (sig. 0,242). Assim, com o modelo de mensuração da

alfabetização financeira ajustado e validado, pode-se prosseguir para os próximos objetivos propostos no presente trabalho.

5.5 ANÁLISE DE INVARIÂNCIA E DIFERENÇA DE MÉDIAS DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA SEGUNDO AS VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS

Após o desenvolvimento do modelo de mensuração da alfabetização financeira e visando avaliar se este modelo é adequado para diferentes grupos de variáveis socioeconômicas e demográficas ou se existem diferenças significativas na modelagem que justifiquem a construção de modelos distintos para cada grupo, procedeu-se a investigação da invariância da estrutura fatorial da alfabetização financeira entre os indivíduos de diferentes grupos conforme as variáveis: gênero, idade, estado civil, possuir dependentes, escolaridade, escolaridade dos pais, ocupação, renda própria e renda familiar. O procedimento foi executado por meio do teste de diferença de qui-quadrado entre modelos aninhados. As restrições de parâmetros entre grupos foram criadas conforme recomendação de Byrne (2010), gerando três modelos:

- Modelo 1. Modelo livre (com todos os grupos): sem restrições, com todos os parâmetros livres.
- Modelo 2. Equivalência das cargas fatoriais: com as cargas fatoriais iguais entre os grupos.
- Modelo 3. Equivalência da covariância e variância dos erros: com as cargas fatoriais e as covariâncias e variâncias do construto e dos erros iguais entre os grupos.

Assim, nas seções a seguir são apresentados os testes de invariância do modelo de mensuração da alfabetização financeira para cada variável socioeconômica e demográfica investigada. Posteriormente, são testadas as proposições do estudo comparando os níveis de alfabetização financeira entre os grupos distintos de variáveis socioeconômicas e demográficas por meio da diferença de médias na análise multigrupo. Uma vez que para se analisar variáveis e realizar comparações entre os grupos torna-se essencial, primeiramente, testar a invariância do modelo de mensuração nos diferentes grupos, a fim de garantir que a estrutura e as cargas fatoriais são equivalentes entre os grupos pesquisados, analisando se o construto investigado mede o mesmo construto latente nos dois ou mais grupos comparados.

5.5.1 Teste de invariância do modelo de mensuração entre os grupos de variáveis socioeconômicas e demográficas

O teste de invariância na análise multigrupo é realizado testando uma série de modelos aninhados (*nested models*), iniciando com um modelo reduzido livre de restrições e impondo uma ordem crescente de restrições. Esta análise é realizada por meio dos testes de diferenças de qui-quadrados, sendo que uma diferença não significativa entre dois modelos indicam invariância entre os grupos examinados. Uma vez que a hipótese nula testada é que os dados de cada grupo pertencem à mesma população, concluindo que os grupos não diferem e os efeitos da covariância não impactam nas relações estruturais (BYRNE, 2010).

Estimou-se então, por meio do procedimento *Multigroup Analysis* do *software* AMOS, o teste de invariância da estrutura fatorial da alfabetização financeira entre os indivíduos de diferentes grupos das variáveis investigadas: gênero, idade, estado civil, possuir dependentes, escolaridade, escolaridade dos pais, ocupação, renda própria e renda familiar. O resultado da comparação dos três modelos de cada grupo de variável pode ser encontrado na Tabela 25.

Tabela 25 – Resultados dos testes de invariância entre os grupos das variáveis socioeconômicas e demográficas

						(continua)
Variável	Descrição dos modelos	χ^2	<i>gl</i>	$\Delta\chi^2$	Δgl	Significância estatística (p)
Gênero	1. Modelo livre (masculino e feminino)	2,109	3	-	-	-
	2. Equivalência das cargas fatoriais	6,358	5	4,249	2	0,119
	3. Equivalência da covariância e variância dos erros	10,260	7	8,151	4	0,086
Idade	1. Modelo livre (todos os níveis de idade)	12,494	7	-	-	-
	2. Equivalência das cargas fatoriais	33,135	13	20,641	6	0,002
	3. Equivalência da covariância e variância dos erros	51,231	19	38,737	12	0,000
Estado civil	1. Modelo livre (todos os estados civis)	5,288	3	-	-	-
	2. Equivalência das cargas fatoriais	20,856	5	15,568	2	0,000
	3. Equivalência da covariância e variância dos erros	21,067	7	15,779	4	0,003
Dependentes	1. Modelo livre (com e sem dependentes)	4,883	3	-	-	-
	2. Equivalência das cargas fatoriais	26,799	5	21,916	2	0,000
	3. Equivalência da covariância e variância dos erros	30,737	7	25,854	4	0,000
Escolaridade	1. Modelo livre (todos os níveis de escolaridade)	20,123	9	-	-	-
	2. Equivalência das cargas fatoriais	27,441	17	7,318	8	0,503
	3. Equivalência da covariância e variância dos erros	73,960	25	53,837	16	0,000

Tabela 25 – Resultados dos testes de invariância entre os grupos das variáveis socioeconômicas e demográficas

Variável	Descrição dos modelos	χ^2	gl	$\Delta\chi^2$	Δgl	(conclusão)
						Significância estatística (p)
Escolaridade dos pais	1. Modelo livre (todos os níveis de escolaridade dos pais)	6,711	9	-	-	-
	2. Equivalência das cargas fatoriais	50,720	17	44,009	8	0,000
	3. Equivalência da covariância e variância dos erros	58,977	25	52,266	16	0,000
Ocupação	1. Modelo livre (todos os tipos de ocupação)	11,855	11	-	-	-
	2. Equivalência das cargas fatoriais	32,721	21	20,866	10	0,022
	3. Equivalência da covariância e variância dos erros	41,390	31	29,535	20	0,078
Renda própria	1. Modelo livre (todos os níveis de renda)	20,912	13	-	-	-
	2. Equivalência das cargas fatoriais	41,143	25	20,231	12	0,063
	3. Equivalência da covariância e variância dos erros	54,590	37	33,678	24	0,091
Renda familiar	1. Modelo livre (todos os níveis de renda familiar)	40,154	15	-	-	-
	2. Equivalência das cargas fatoriais	73,466	29	33,312	14	0,003
	3. Equivalência da covariância e variância dos erros	96,566	43	56,412	28	0,001

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao analisar a Tabela 25, comparando o modelo livre (Modelo 1) com o modelo das cargas fatoriais fixas (Modelo 2), constata-se que a maioria dos grupos demonstra que as cargas fatoriais são variantes entre os grupos, ou seja, o modelo com cargas fatoriais fixas não ajusta-se igualmente para todos os grupos.

Tal evidência demonstra a não equivalência no modelo de mensuração da alfabetização financeira para todos os grupos das variáveis idade, estado civil, possuir dependentes, escolaridade dos pais, ocupação e renda familiar, ao apresentarem-se estatisticamente significantes ao nível de 5% ($p < 0,05$), evidenciando que os modelos não são invariantes entre os grupos. Com isso, constata-se que os testes indicaram a falta de invariância configural entre os grupos de cada variável citada anteriormente, indicando que a alfabetização financeira não pode ser mensurada da mesma maneira entre eles.

Sendo assim, inviabiliza a realização de qualquer comparação válida entre os escores nestas dimensões, fazendo com que as Proposições 2 (indivíduos jovens e idosos possuem menores níveis de alfabetização financeira que indivíduos de idade intermediária), 3 (indivíduos casados possuem maiores níveis de alfabetização financeira quando comparados aos indivíduos solteiros), 4 (indivíduos com dependentes possuem menores níveis de alfabetização financeira *vis-à-vis* indivíduos sem dependentes), 5 (indivíduos com ocupação

possuem maiores níveis de alfabetização financeira que indivíduos sem ocupação) e 7 (quanto maior o nível de escolaridade dos pais maior é o nível de alfabetização financeira) fossem rejeitadas, uma vez que não são possíveis de serem testadas com um mesmo modelo.

Em contrapartida, detectou-se nas variáveis gênero, escolaridade e renda própria que o modelo de mensuração da alfabetização financeira é invariante. Uma vez que o teste de diferença de qui-quadrados apresentou-se não significativo e com isso, não rejeitou a hipótese nula de que os dados de cada grupo pertencem à mesma população. Respectivamente, encontraram-se no teste de diferença de qui-quadrados das variáveis gênero, escolaridade e renda própria, os valores: $\Delta\chi^2 = 4,249$, $p = 0,119$; $\Delta\chi^2 = 7,318$, $p = 0,503$ e $\Delta\chi^2 = 20,231$, $p = 0,063$.

Com isso, o modelo de mensuração da alfabetização financeira apresentou um bom ajuste nos grupos destas três variáveis, indicando invariância configural e métrica. Sendo assim, passível de comparação de médias entre os grupos.

5.5.2 Teste de diferença de médias para os grupos com modelo de mensuração invariante

Após a análise de invariância entre os grupos, procedeu-se o teste de diferença de médias entre os grupos que se apresentaram invariantes para mensuração da alfabetização financeira. Partindo-se do pressuposto que a invariância das estruturas e das medidas entre os grupos são condições necessárias para a comparação significativa dos grupos de interesse; e com estas condições atendidas, o teste para significância de diferenças entre grupos sobre os construtos pode ser eficientemente realizado (BOLLEN, 1989; DIMITROV, 2006).

Além disso, dado que os interceptos dos fatores têm uma origem arbitrária quando os interceptos das variáveis observadas são fixados iguais, a média do fator para um grupo deve ser fixada em zero (BYRNE, 2010). Onde este grupo opera como grupo de referência, com o qual as médias do outro grupo são comparadas. Neste estudo, os indivíduos do gênero masculino, com escolaridade no nível de ensino fundamental e sem renda própria foram arbitrariamente selecionados como o grupo de referência.

Iniciando com a diferença de médias entre o gênero, a Tabela 26 apresenta os resultados do teste de diferença de médias para a alfabetização financeira entre o gênero masculino e feminino, assim como, denota os coeficientes padronizados na regressão de cada grupo.

Tabela 26 – Teste de diferença de médias e coeficientes padronizados da regressão na alfabetização financeira segundo a variável gênero

Variável: Gênero	Tamanho amostral	Teste de diferença de médias		Coeficientes padronizados da regressão na Alfabetização Financeira		
		Diferença estimada	Significância estatística (p)	Atitude Financeira	Comportamento Financeiro	Conhecimento Financeiro
Masculino	1063	Grupo de referência (0)		0,476*	0,549*	0,357 ¹
Feminino	1424	-0,174	0,000	0,327*	0,506*	0,363 ¹

Nota: * $p < 0,01$; ¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os resultados demonstram que existem diferenças de médias significativas entre o gênero masculino e feminino na alfabetização financeira, sendo que o valor estimado (-0,174) representa a diferença de média do grupo do gênero feminino em relação ao masculino. Tendo em vista que os parâmetros para os indivíduos do gênero masculino foram fixados em zero, pode-se interpretar esse valor como representando a diferença média estimada entre os dois grupos, ajustadas para o erro de medição (KLINE, 2011).

Assim, o valor de diferença de -0,174 para a média da alfabetização financeira, indica que o score médio para aqueles pertencentes ao gênero feminino é 0,174 pontos menor do que a pontuação média para os do gênero masculino. Indicando que as mulheres possuem níveis de alfabetização financeira menores do que os homens, confirmando a Proposição 1 de pesquisa, a qual afirmava que indivíduos do gênero masculino possuem maiores níveis de alfabetização financeira vis-à-vis indivíduos do gênero feminino.

Tal resultado é corroborado por uma extensa literatura que afirma que as mulheres apresentam menores níveis de alfabetização financeira do que os homens (CHEN; VOLPE, 1998; LUSARDI; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; BROWN; GRAF, 2013; GERRANS; HEANEY, 2014; SARIGÜL, 2014; LUSARDI, 2015a; MESSY, MONTICONE, 2016). Especificamente, Brown e Graf (2013) evidenciaram que esta disparidade no nível de alfabetização financeira não é influenciada pela falta de interesse das mulheres em questões financeiras, mas sim pela diferença de gênero na participação daqueles que respondem todas as perguntas corretamente. Lusardi e Mitchell (2014) destacam ainda que uma característica marcante dos dados empíricos sobre alfabetização financeira é a grande e persistente diferença entre o gênero.

De acordo com a OECD (2013d), uma das principais justificativas encontradas para esta disparidade é a maneira como meninos e meninas crescem e são expostos a diferentes oportunidades de aprendizagem e aperfeiçoamento das suas competências financeiras, sendo as meninas protegidas deste processo, enquanto que os meninos são incentivados a enfrentá-lo.

Ademais às diferenças encontradas entre o nível de alfabetização financeira entre homens e mulheres, outro ponto a se destacar são as diferenças entre os coeficientes de impacto das variáveis que a formam. Por mais que o modelo para os grupos apresente-se invariante, observa-se que o impacto na alfabetização financeira para aqueles indivíduos pertencentes ao gênero masculino é superior no comportamento financeiro (coeficiente 0,549), assim como no gênero feminino (coeficiente 0,506). Porém, o conhecimento financeiro apresenta o menor impacto na alfabetização dos homens (coeficiente 0,357), enquanto que para as mulheres este acontece na atitude financeira (coeficiente 0,327).

Tal resultado demonstra que para os homens o conhecimento de aspectos financeiros é menos importante do que a sua atitude financeira e o seu comportamento financeiro. Já para as mulheres, conhecer aspectos financeiros possui um impacto maior do que a sua predisposição a comporta-se financeiramente bem. Consistente com este resultado, Hsu (2011) analisou que muitas vezes as mulheres casadas iniciam seu interesse e buscam maiores entendimentos de conceitos financeiros apenas no final da vida ou perto de viuvez.

Com isso, a consciência da importância do conhecimento financeiro pode tornar as mulheres alvos ideais para programas de educação financeira. Além da constatação de que elas em muitos países são a maioria da população e estão superando os rapazes não só em nível educacional, mas também nos planos para carreiras de alto padrão, com a promessa da redução das diferenças de gênero em um futuro não muito distante (MARKS, 2008).

Além do gênero, a segunda variável que se apresentou invariante para a alfabetização financeira foi a escolaridade dos indivíduos. Assim, apresentam-se os resultados do teste de diferença de médias entre cinco níveis distintos de escolaridade, além dos coeficientes padronizados da regressão de cada grupo (Tabela 27).

Tabela 27 – Teste de diferença de médias e coeficientes padronizados da regressão na alfabetização financeira segundo a variável escolaridade

Variável: Escolaridade	Tamanho amostral	Teste de diferença de médias		Coeficientes padronizados da regressão na Alfabetização Financeira		
		Diferença estimada	Significância estatística (p)	Atitude Financeira	Comportamento Financeiro	Conhecimento Financeiro
Ensino Fundamental	265	Grupo de referência (0)		0,334*	0,651*	0,388 ¹
Ensino Médio	1074	0,108	0,091	0,403*	0,375*	0,360 ¹
Curso Técnico	237	0,260	0,001	0,412*	0,500*	0,377 ¹
Ensino Superior	635	0,707	0,000	0,240*	0,284*	0,409¹
Pós-Graduação	219	0,828	0,000	0,297*	0,459*	0,380 ¹

Nota: * $p < 0,01$; ¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao analisar a Tabela 27, averigua-se que existem diferenças de médias significativas entre os diferentes grupos de escolaridade dos indivíduos em comparação ao grupo de referência (escolaridade em nível de ensino fundamental). Tais diferenças apresentaram-se significativas ao nível de 1%, sendo que apenas o grupo possuidor de escolaridade em nível de ensino médio apresentou esta diferença ao nível de significância de 10%.

Assim, tem-se que as diferenças existentes entre os níveis de alfabetização financeira daqueles que possuem uma escolaridade de ensino fundamental, ocorre um aumento na média de 0,108 pontos ao passar para o ensino médio, um aumento de 0,260 pontos para um curso técnico, um incremento de 0,707 pontos quando o indivíduo possui ensino superior e um aumento de 0,828 pontos quando este é pós-graduado.

De uma forma mais específica, pode-se concluir que ao aumentar o nível de escolaridade do indivíduo, ocorre um incremento não linear no seu nível de alfabetização financeira, confirmando a Proposição 6 de pesquisa, a qual afirmava que quanto maior o nível de escolaridade do indivíduo maior é o nível de alfabetização financeira. Sendo que ao passar do nível de ensino fundamental para o médio, tem-se um aumento de 0,108 pontos a mais no nível de alfabetização financeira e passando do ensino médio para um curso técnico este aumento ocorre em 0,152 pontos a mais. Já quando o indivíduo passa do nível de escolaridade de um curso técnico para o ensino superior, este aumento apresenta-se como o mais expressivo entre a mudança de níveis, denotando um incremento na ordem de 0,447 pontos a mais no nível de alfabetização financeira dos indivíduos. Por fim, ao passar do ensino superior para o nível de pós-graduação este aumento apresenta-se como 0,121 pontos de acréscimo.

Assim, pode-se analisar de forma mais precisa que este aumento entre níveis não ocorre linearmente ao passar de um nível de escolaridade para outro, uma vez que a dimensão de aumento difere entre os grupos. Especificamente, ocorreu um aumento no nível de alfabetização financeira na ordem de 140,74% ao passar do nível de ensino médio para um curso técnico, um incremento de 171,92% quando o indivíduo sobe de escolaridade do curso técnico para o ensino superior, assim como aumenta em 17,11% ao passar do ensino superior para um nível de pós-graduado. Com isso, encontra-se que o incremento maior no nível de alfabetização financeira ocorre em um indivíduo que alcança o nível de ensino superior.

Tais resultados são corroborados por Messy e Monticone (2016), ao afirmarem que baixos níveis de escolaridade estão intimamente ligados aos baixos níveis de alfabetização financeira. Lusardi (2015a) também conclui que a alfabetização financeira varia muito entre os grupos de escolaridade, ao detectar que a maioria das pessoas sem um diploma universitário não sabe a resposta ou responde incorretamente à pergunta sobre diversificação de risco, por exemplo.

Com isso, algumas justificativas para estes resultados são discutidas na literatura. Como fazem Grohmann, Kouwenberg e Menkhoff (2015), ao afirmarem a existência de dois principais canais que influenciam a alfabetização financeira, o canal da família e do canal da escolaridade. Sendo que a socialização financeira por parte dos pais apresenta uma influência positiva sobre a alfabetização financeira e a escolaridade apresenta-se como uma influenciadora indireta da alfabetização financeira, uma vez que aumenta o conhecimento básico de cálculos matemáticos, e estes sendo uma habilidade básica de apoio à alfabetização financeira.

Além destas diferenças em termos de médias quando tratamos da escolaridade e sabendo da invariância dos grupos, são encontradas diferenças no que tange aos coeficientes de impactos das variáveis formadoras da alfabetização financeira nos diferentes grupos de escolaridade. Para aqueles indivíduos com nível de escolaridade no ensino fundamental, ensino superior e pós-graduação a variável que menos impacta na sua alfabetização financeira é a pré-disposição a se comportar, a atitude financeira, com coeficientes padronizados de 0,334, 0,240 e 0,297, respectivamente. Já aqueles que possuem ensino médio e curso técnico, a variável com menor impacto é o conhecimento financeiro (coeficientes 0,360 e 0,377, respectivamente).

Ademais, para aqueles indivíduos com nível de escolaridade no ensino fundamental, curso técnico e pós-graduação, a variável que mais impacta na sua alfabetização financeira é o comportamento financeiro, apresentando coeficientes padronizados de 0,651, 0,500 e 0,459,

respectivamente. Já para os indivíduos com nível de ensino médio, a variável com maior impacto encontra-se na atitude financeira (coeficiente 0,403) e naqueles com ensino superior este se dá na variável do conhecimento financeiro (coeficiente 0,409). Corroborando, Lusardi e Mitchell (2014) também encontraram diferenças substanciais no conhecimento financeiro pela escolaridade, sendo aqueles que não possuem uma educação universitária são muito menos propensos a ter conhecimento sobre conceitos básicos de educação financeira.

Por fim, a última variável que apresentou um modelo invariante para a alfabetização financeira foi a renda própria. Assim, a Tabela 28 apresenta os resultados do teste de diferença de médias entre os sete níveis de renda própria e os coeficientes padronizados da regressão de cada grupo.

Tabela 28 – Teste de diferença de médias e coeficientes padronizados da regressão na alfabetização financeira segundo a variável renda própria

Variável: Renda Própria	Tamanho amostral	Teste de diferença de médias		Coeficientes padronizados da regressão na Alfabetização Financeira		
		Diferença estimada	Significância estatística (p)	Atitude Financeira	Comportamento Financeiro	Conhecimento Financeiro
Sem renda própria	239	Grupo de referência (0)		0,563*	0,435*	0,365 ¹
Até R\$ 868,00	551	0,064	0,389	0,411*	0,362*	0,352 ¹
Entre R\$ 868,01 e R\$ 1.738,00	792	0,165	0,008	0,417*	0,519*	0,371 ¹
Entre R\$ 1.738,01 e R\$ 2.604,00	350	0,217	0,001	0,387*	0,606*	0,369 ¹
Entre R\$ 2.604,01 e R\$ 3.472,00	190	0,523	0,000	0,231*	0,456*	0,358 ¹
Entre R\$ 3.472,01 e R\$ 5.208,00	184	0,785	0,000	0,195*	0,442*	0,377 ¹
Mais de R\$ 5.208,01	146	1,210	0,000	0,151*	0,275*	0,423¹

Nota: * $p < 0,01$; ¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao analisar o teste de diferença de médias da alfabetização financeira ao considerar os grupos da variável renda própria, constata-se que apenas um grupo não apresentou diferenças significativas em relação ao grupo de referência (indivíduos sem renda própria). Especificamente, os indivíduos que possuem renda própria de até R\$ 868,00 não diferem estatisticamente (sig. 0,389) em termos de médias da alfabetização financeira com aqueles que não possuem renda própria.

Contudo, os demais grupos dos níveis de renda própria mostraram-se significativos a um nível de 1% em termos de médias da alfabetização financeira em comparação ao grupo de referência. Assim, detecta-se que as diferenças existentes entre os níveis de alfabetização financeira daqueles que não possuem renda própria para aqueles que possuem renda entre R\$ 868,01 e R\$ 1.738,00; R\$ 1.738,01 e R\$ 2.604,00; R\$ 2.604,01 e R\$ 3.472,00; R\$ 3.472,01 e R\$ 5.208,00 e para aqueles com renda própria superior a R\$ 5.208,01, encontra-se incrementos, respectivamente, de 0,165; 0,217; 0,523; 0,785 e 1,210 pontos a mais de alfabetização financeira.

Assim, averigua-se que ao aumentar o nível de renda própria do indivíduo, ocorre um aumento em seu nível de alfabetização financeira, confirmando a Proposição 8 de pesquisa, a qual afirmava que quanto maior o nível de renda maior é o nível de alfabetização financeira. Especificamente, ao aumentar da faixa de renda de até R\$ 868,01 para aquela entre R\$ 868,01 e R\$ 1.738,00, tem-se um aumento de 0,101 pontos a mais no nível de alfabetização financeira e passando desta última para a faixa entre R\$ 1.738,01 e R\$ 2.604,00 este aumento é menor, totalizando 0,052 pontos a mais apenas. Já quando o indivíduo passa deste último nível para a faixa entre R\$ 2.604,01 e R\$ 3.472,00, apresenta um incremento na ordem de 0,306 pontos a mais no nível de alfabetização financeira dos indivíduos e deste para a faixa de renda entre R\$ 3.472,01 e R\$ 5.208,00, ocorre um aumento de 0,262 pontos entre os níveis. Por fim, ao passar para a última faixa de renda (superior a R\$ 5.208,01) este aumento apresenta-se como o mais expressivo entre a mudança de níveis em termos de acréscimos de pontos, totalizando um incremento de 0,425 pontos de acréscimo.

Com isso, pode-se concluir que o aumento entre os níveis de alfabetização financeira não ocorre de forma linear ao passar de um nível de renda própria para outro. Especificamente, ocorreu um aumento no nível de alfabetização financeira na ordem de 157,81% ao passar do nível de renda própria de até R\$ 868,00 para aquele entre R\$ 868,01 e R\$ 1.738,00, o maior incremento em termos percentuais. Seguido do aumento ocorrido entre os que ganham entre R\$ 1.738,01 e R\$ 2.604,00 para aqueles com faixa salarial entre R\$ 2.604,01 e R\$ 3.472,00, totalizando um aumento de 141,01%. Assim como foi encontrado nos estudos de Scheresberg (2013) e Lusardi *et al.* (2014) ao detectaram que a alfabetização financeira aumenta acentuadamente com o nível de renda, quando se considera os níveis mais altos de renda.

Corroborando ainda com os resultados, a maioria dos estudos detecta que ao aumentar o nível de renda, aumenta-se também o nível de alfabetização financeira (MONTICONE, 2010; ATKINSON; MESSY, 2012; SCHERESBERG, 2013; GERRANS; HEANEY, 2014;

CLARK; LUSARDI; MITCHELL, 2015; SALLEH, 2015). Assim como afirmam Grohmann, Kouwenberg e Menkhoff (2015), ao averiguarem que os rendimentos mais elevados estão fortemente relacionados com uma maior alfabetização financeira dos indivíduos.

Ademais, Calamato (2010) comenta que indivíduos com baixa renda são mais propensos a abandonarem a escola, que, em longo prazo, contribui para o seu analfabetismo financeiro. Havendo com isso a possibilidade de uma causalidade reversa, onde indivíduos com alto nível de alfabetização financeira, ao tomarem melhores decisões financeiras, acabam apresentando maiores níveis de renda do que indivíduos que apresentam níveis mais baixos de alfabetização financeira.

Além das diferenças em termos de médias e sendo os grupos invariantes, também destaca-se as diferenças no que diz respeito aos coeficientes de impacto das variáveis formadoras da alfabetização financeira nos diferentes grupos de renda própria. Para aqueles indivíduos com os menores níveis de renda (sem renda até R\$ 2.604,00), a variável que menos impacta na sua alfabetização financeira é o conhecimento financeiro. Já aqueles que possuem faixa de renda maior que R\$ 2.604,01, a variável com menor impacto é a atitude financeira.

No que tange às variáveis com maior impacto, os dois primeiros níveis de renda (sem renda e até R\$ 868,00, a variável que apresenta o maior impacto é a intenção de comporta-se, a atitude financeira, com coeficientes padronizados de 0,563 e 0,411, respectivamente. Já aqueles que possuem as faixas de renda intermediárias (entre R\$ 868,01e R\$ 5.208,00), apresentam o comportamento financeiro como aquele que possui o maior impacto. Por fim, a última faixa pesquisada (rendas próprias maiores que R\$ R\$ 5.208,01) denotam que o conhecimento financeiro como a variável de maior impacto em sua alfabetização financeira (coeficiente 0,423). Lusardi *et al.* (2014) corrobora tal achado, ao averiguar que com o aumento da renda dos indivíduos, o número de respostas corretas tende a aumentar, assim como diminui a escolha pela alternativa "não sei", quando realizado testes de conhecimento financeiro.

5.6 VALIDAÇÃO E ANÁLISE DO MODELO INTEGRADO

Após conhecer individualmente cada um dos construtos e suas variáveis formativas, buscou-se construir o modelo integrado proposto para este estudo, que unem os modelos de mensuração validados e o modelo estrutural. A avaliação do modelo integrado foi realizada a partir dos índices de ajuste e da significância estatística dos coeficientes de regressão

estimados. Por conseguinte, a fim de confirmar se o modelo inicial está adequado, analisaram-se os índices de ajuste, os quais estão apresentados na Tabela 29.

Tabela 29 – Índices de ajuste do modelo integrado inicial

Índices de ajuste	Modelo Integrado
Qui-quadrado (valor)	1.198,456
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,000
Graus de Liberdade	167
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	7,176
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,953
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,912
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,900
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,890
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,046
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,050
AIC - <i>Akaike's Information Criterion</i>	1.326,456
BIC - <i>Bayes Information Criterion</i>	1.698,861
ECVI - <i>Expected Cross-Validation Index</i>	0,534

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Analisando a Tabela 29, constata-se que o modelo proposto inicialmente apresentou índices de ajuste inadequados, dado que o índice TLI foi inferior a 0,90 e a razão do qui-quadrado/graus de liberdade ficou acima do limite recomendado (menor que cinco). Com isso, foi adotada a estratégia de retirada das relações não significativas e a inclusão de correlações entre os erros das variáveis, as quais foram sugeridas pelo *software* e que faziam sentido teórico. Ressalta-se que tais alterações ocorreram uma por vez e posterior a cada uma delas um novo modelo foi estimado.

Primeiramente, exclui-se a Hipótese 2 do modelo, a qual sugeria que o materialismo impactaria de forma direta na propensão ao endividamento, uma vez que tal relação não apresentou-se significativa (sig. 0,213). Ainda neste sentido, foi realizada a exclusão das correlações existentes entre os erros das questões Q09 e Q12 e entre Q10 e Q12, por apresentarem-se não significativas no modelo integrado (sig. 0,070 e sig. 0,102, respectivamente). No entanto, após estas alterações, nenhuma outra relação mostrou-se não significativa e o modelo continuou apresentando índices de ajuste inadequados. Para tal,

foram incluídas correlações entre os erros sugeridas pelo *software* e que faziam sentido teórico.

Assim, as primeiras correlações incluídas foram no construto Compras Compulsivas, totalizando cinco correlações que faziam sentido teórico entre os erros da questão Q38 com os erros das questões Q35, Q37, Q40 e Q41, além da correlação entre os erros das questões Q35 e Q41. As quais todas tratam do fato dos indivíduos não controlarem suas compras, gastando mais do que poderiam. Destaca-se ainda que todas as associações apresentaram-se muito baixas ou baixas (valores até 0,39), segundo a classificação de Pestana e Gageiro (2008).

Prosseguindo, foram incluídas cinco correlações no construto Materialismo, entre os erros da questão Q34 com os erros das questões Q31, Q29 e Q28, além dos erros entre as questões Q33 com Q32 e Q28, sendo todas relacionadas ao fato do indivíduo gostar de possuir coisas em sua vida e apresentando associações muito baixas ou baixas (valores até 0,39). Ademais, após estas serem incluídas, duas correlações existentes no modelo inicial, tornaram-se não significativas (entre “e30” e “e34” e entre “e28” e “e30”), sendo excluídas do modelo. Por fim, apenas uma correlação no construto Propensão ao Endividamento foi necessária, entre os erros das questões Q12 e Q21, as quais tratavam de pegar dinheiro emprestado. No entanto, apresentou uma associação muito baixa (-0,100).

Assim, apresentam-se na Tabela 30 as correlações inseridas entre os erros das questões no modelo integrado final, a fim de melhor visualizar as dimensões das associações.

Tabela 30 – Correlações entre os erros das variáveis no modelo integrado final

Correlações		Valor	Correlações		Valor		
e28	<-->	e31	0,225*	e37	<-->	e38	0,196*
e28	<-->	e29	0,234*	e38	<-->	e41	0,110*
e29	<-->	e31	0,195*	e38	<-->	e40	0,128*
e30	<-->	e31	0,130*	e31	<-->	e34	-0,314*
e29	<-->	e30	0,125*	e12	<-->	e21	-0,100*
e35	<-->	e37	-0,303*	e35	<-->	e40	-0,214*
e09	<-->	e10	0,125*	e32	<-->	e34	0,143*
e13	<-->	e21	0,123*	e32	<-->	e33	0,344*
e12	<-->	e15	0,200*	e29	<-->	e34	-0,174*
e13	<-->	e15	0,154*	e28	<-->	e34	-0,286*
e35	<-->	e38	-0,243*	e28	<-->	e33	-0,112*
e35	<-->	e41	-0,351*				

Nota: * $p < 0,01$.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Evidencia-se que todas as correlações introduzidas mostraram-se significativas a 1%, o que salienta a adequação destas. Após o ajuste do modelo de mensuração, passou-se à análise dos índices que indicam a validade convergente do modelo. Os resultados dos índices de ajuste são expostos na Tabela 31.

Tabela 31 – Índices de ajuste do modelo integrado final

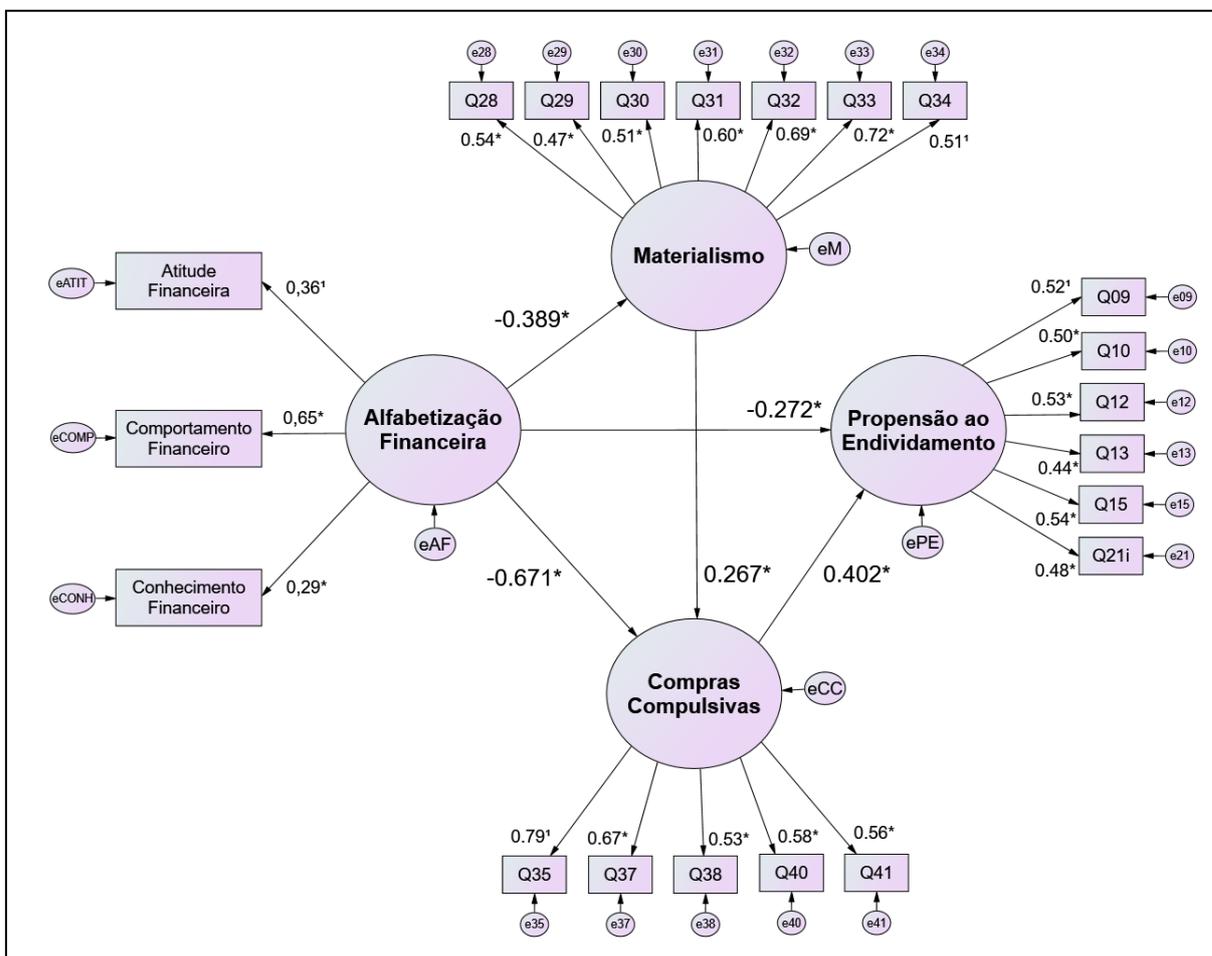
Índices de ajuste	Modelo Integrado
Qui-quadrado (valor)	797,117
Qui-quadrado (probabilidade)	p- 0,000
Graus de Liberdade	161
Qui-quadrado / Graus de Liberdade	4,951
GFI - <i>Goodness of Fit</i>	0,968
CFI - <i>Comparative Fit Index</i>	0,946
NFI - <i>Normed Fit Index</i>	0,933
TLI- <i>Tucker-Lewis Index</i>	0,929
RMR - <i>Root Mean Square Residual</i>	0,034
RMSEA - <i>R. M. S. Error of Approximation</i>	0,040
AIC - <i>Akaike's Information Criterion</i>	937,117
BIC - <i>Bayes Information Criterion</i>	1.344,435
ECVI - <i>Expected Cross-Validation Index</i>	0,377

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Assim, constata-se que o modelo integrado final apresentou todos os índices de ajustes adequados (GFI, CFI, NFI e TLI maiores que 0,90; RMR e RMSEA menores que 0,05 e a razão do qui-quadrado/graus de liberdade abaixo do limite recomendado 5). Cabe ressaltar que de acordo com Hair *et al.* (2009), a significância do qui-quadrado é justificada, pois um dos problemas apresentados pela estatística qui-quadrado refere-se a sua sensibilidade ao tamanho amostral, em que à medida que o tamanho da amostra aumenta, o teste tende a apresentar resultados significativos (BYRNE, 2010; KLINE, 2011).

Deste modo, a Figura 15 apresenta o modelo integrado final com os coeficientes padronizados e significância das relações.

Figura 15 – Modelo final com os coeficientes padronizados e significância das variáveis do modelo integrado



Nota: * $p < 0,01$; ¹ valor de z não calculado, onde o parâmetro foi fixado em 1, devido às exigências do modelo. Por simplicidade, não foram representados na figura as correlações entre os erros.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

Ao analisar a Figura 15, averigua-se que, do modelo teórico proposto para este estudo, apenas duas relações não se apresentaram significativas. Especificadamente, a Hipótese 2 (H2), a qual era constituída a partir da concepção de que indivíduos mais materialistas estão mais propensos a contratar créditos para consumo, obtendo atitudes mais positivas frente ao endividamento, ou seja, quanto maior o nível de materialismo, mais propenso ao endividamento a pessoa será (PONCHIO, 2006). Assim, a hipótese determinava que o materialismo impactaria positivamente na propensão ao endividamento. No entanto, tal relação não se apresentou significativa e foi excluída do modelo final.

Tais resultados podem ser corroborados pelo fato de que ainda há uma falta de consenso sobre quando os valores materialistas são mais sobressalentes nas decisões de

consumo e em que fase eles efetivamente influenciam o comportamento de consumo (CAKARNIS; D’ALESSANDRO, 2015).

Deste modo, excluindo a relação citada (H2), todas as demais propostas no modelo teórico apresentaram-se significativas e no mesmo sentido teórico proposto. Por isso e a fim de melhor explicitar os efeitos diretos, indiretos e totais das relações do modelo integrado, apresenta-se a Tabela 32.

Tabela 32 – Relações entre os construtos do modelo integrado com o impacto dos efeitos direto, indireto e total

Hipótese	Efeito	Relação		Construtos Mediadores	Situação da Hipótese	Fórmula: Efeito Indireto e Total	Impacto	
H1	Direto	Alfabetização Financeira	→	Propensão ao Endividamento	-	Confirmada	-	-0,272*
H2	Direto	Materialismo	→	Propensão ao Endividamento	-	Rejeitada	-	Não sig.
H3	Direto	Compras Compulsivas	→	Propensão ao Endividamento	-	Confirmada	-	0,402*
H4	Direto	Materialismo	→	Compras Compulsivas	-	Confirmada	-	0,267*
H5	Direto	Alfabetização Financeira	→	Materialismo	-	Confirmada	-	-0,389*
H6	Direto	Alfabetização Financeira	→	Compras Compulsivas	-	Confirmada	-	-0,671*
	Indireto	Alfabetização Financeira	→	Propensão ao Endividamento	Materialismo	Rejeitada	-0,389(H5)* NS(H2)	Não sig.
	Indireto	Alfabetização Financeira	→	Propensão ao Endividamento	Compras Compulsivas	Confirmada	-0,671(H6)* 0,402(H3)	-0,270*
	Indireto	Alfabetização Financeira	→	Propensão ao Endividamento	Materialismo e Compras Compulsivas	Confirmada	-0,389(H5)* 0,267(H4)* 0,402(H3)	-0,042*
	Total	Alfabetização Financeira	→	Materialismo	-	-	-0,389	-0,389*
	Total	Alfabetização Financeira	→	Compras Compulsivas	Materialismo	-	(-0,671) + (-0,389)* (-0,267)	-0,775*
	Total	Alfabetização Financeira	→	Propensão ao Endividamento	Materialismo e Compras Compulsivas	-	(-0,272) + (-0,270) + (-0,042)	-0,584*

Nota: *p<0,01.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

A primeira relação esperada (Hipótese 1 – H1) foi confirmada, uma vez que a alfabetização financeira impactou inversamente na propensão ao endividamento, ao apresentar um impacto negativo com coeficiente de -0,272, significativo a 1%. Especificadamente, no que tange à alfabetização financeira, nota-se que o comportamento financeiro (coeficiente 0,65) é o que mais impacta na mesma, seguido da atitude financeira (coeficiente 0,36), e por fim, o que possui menor impacto é o conhecimento financeiro (coeficiente 0,29).

Corroborando com este resultado, a OECD (2015a) afirma que o comportamento financeiro é revelado como a última dimensão da alfabetização financeira, sendo um elemento essencial e sem dúvida o mais importante dentre os três, uma vez que é o comportamento que concretiza o equilíbrio ou o desequilíbrio financeiro. Além disso, segundo Pietras (2014), não basta apenas ter conhecimentos e atitudes financeiras para estabilizar-se financeiramente, uma vez que para colocá-los em prática, além da aprendizagem dos conceitos e a pré-disposição para agir, é indispensável o reconhecimento de sua situação financeira.

A Hipótese 3 (H3), a qual determinava que a compra compulsiva impacta positivamente na propensão ao endividamento, também foi confirmada. Uma vez que, segundo Achtziger *et al.* (2015), a principal consequência gerada pelo comportamento de compra compulsiva é uma maior propensão ao endividamento. Neste sentido, a compra compulsiva apresentou um impacto positivo na propensão ao endividamento, com coeficiente de 0,402 significativo a 1%.

Outra relação prevista no modelo teórico que define o impacto positivo do materialismo nas compras compulsivas, também foi confirmada pelo modelo final (Hipótese 4 – H4). Corroborando com diversos estudos que têm verificado a existência de uma relação entre materialismo e compras compulsivas (DITTMAR, 2005; GARDARSDÓTTIR; DITTMAR, 2012; OMAR *et al.*, 2014; KUNKEL; VIEIRA; POTRICH, 2015). Assim, verificou-se que o materialismo impactou positivamente nas compras compulsivas, apresenta um coeficiente de 0,267 significativo a 1%.

Já as últimas duas hipóteses propostas, as quais determinam que a alfabetização financeira impacta negativamente no materialismo e no comportamento de compra compulsiva, foram confirmadas (Hipótese 5 – H5 e Hipótese 6 – H6, respectivamente). O impacto no materialismo apresentou um coeficiente de -0,389 significativo a 1% e o impacto da alfabetização financeira nas compras compulsivas foi o maior das relações propostas inicialmente no modelo teórico, ao apresentar um coeficiente de -0,671 significativo a 1%. Denotando que a alfabetização financeira é um forte preditor para que os indivíduos

apresentem melhores comportamentos de compras compulsivas. De acordo com Pham, Yap e Dowling (2012), por meio da alfabetização financeira e do ensino de práticas financeiras básicas de gestão pessoal, unidades de práticas em currículos do ensino médio podem ser criadas e assim, auxiliar na prevenção de comportamentos de compras compulsivas.

No que tange as relações significativas com efeito indireto entre os construtos, as quais teoricamente apontavam que a alfabetização financeira impacta indiretamente na propensão ao endividamento, tendo por intermédio do comportamento de compra compulsiva ou tendo conjuntamente o materialismo e o comportamento de compra compulsiva como mediadores, averiguou-se que o impacto da alfabetização financeira na propensão ao endividamento apresentou um coeficiente de -0,270, tendo como mediador apenas o comportamento de compra compulsiva. Já o impacto desta relação, possuindo como construtos mediadores o materialismo e as compras compulsivas, apresentou um impacto negativo de apenas 0,042. Percebe-se assim, que o impacto indireto da alfabetização financeira na propensão ao endividamento, se torna maior quando possui apenas o comportamento de compra compulsiva nesta relação. Corroborando, Alemis e Yap (2013) afirmam que o papel da alfabetização financeira é essencial na prevenção e tratamento de comprar compulsivamente.

Por fim, quando analisados os efeitos totais que a alfabetização financeira possui nos fatores comportamentais investigados, percebe-se que o maior impacto é sobre o comportamento de compra compulsiva (coeficiente -0,775), seguido do impacto na propensão ao endividamento (coeficiente -0,584) e, por fim, sobre o materialismo (coeficiente -0,389). Alemis e Yap (2013) também confirmaram que o comportamento de compra compulsiva é negativamente relacionado com as boas práticas de gestão financeira daqueles indivíduos considerados alfabetizados financeiramente.

Além disso, estes achados tornam-se importantes para o entendimento da importância da alfabetização financeira, que vai além de auxiliar as finanças dos indivíduos, podendo contribuir também no auxílio de outros problemas comportamentais que afetam a saúde financeira da sociedade. Corroborando, Mitchell *et al.* (2006) e Mueller *et al.* (2008) também encontraram em suas pesquisas, onde as intervenções cognitivo-comportamentais em grupos, que incluíam instruções sobre gerenciamento de caixa e outros mecanismos utilizados por aqueles indivíduos considerados alfabetizados financeiramente, reduziram de forma eficaz o comportamento de compras compulsivas dos mesmos, e em consequência, o seu endividamento.

A presente pesquisa se torna ainda mais relevante posteriormente à publicação apresentada pela OECD, em outubro de 2016, ao divulgar o relatório OECD-INFE

International Survey of Adult Financial Literacy Competencies, que reúne os resultados de um estudo sobre conhecimento, atitude e comportamento financeiros de 51.650 adultos, entre 18 e 79 anos, de 30 países, incluindo o Brasil pela primeira vez. Nesse sentido, ainda que os resultados tenham indicado que o nível de alfabetização financeira é baixo no mundo inteiro, a pontuação do Brasil ficou ainda menor, apresentando-se em 1,2 pontos percentuais abaixo da média mundial (OECD, 2016). Denotando a urgente necessidade de serem realizadas ações mais efetivas a fim de minimizar os efeitos que baixos níveis de alfabetização financeira podem ocasionar na vida dos indivíduos e, em consequência, para a economia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização financeira tornou-se um elemento importante de estabilidade econômica e financeira, tanto para o indivíduo, como para a economia. Além de ser um componente essencial para uma vida adulta bem sucedida, uma vez que a aprendizagem das finanças desempenha um papel central na formação de atitudes e comportamentos responsáveis no que tange à administração das finanças pessoais. No entanto, as evidências indicam que a alfabetização financeira é um fenômeno complexo e que pode ser determinante de outros fatores comportamentais, além de apresentar-se de maneira distinta em diferentes variáveis socioeconômicas e demográficas.

Assim, o presente trabalho busca inovar e avançar neste tema, tendo como objetivo desenvolver um modelo capaz de abarcar as relações diretas e indiretas da alfabetização financeira com os fatores comportamentais: materialismo, compras compulsivas e propensão ao endividamento, por meio do desenvolvimento e validação de um modelo de equações estruturais. Buscando ainda identificar a invariância do modelo proposto segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas, ao verificar se um único modelo é adequado para mensurar a alfabetização financeira de diferentes grupos de indivíduos e nestes, apontar as diferenças de médias existentes entre eles, por meio da análise multigrupo.

Para tal, foram coletados 2.487 instrumentos válidos distribuídos de forma proporcional à população de cada município da Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense. No que tange aos construtos investigados, não foram obtidos altos níveis de propensão ao endividamento, materialismo e compras compulsivas entre os entrevistados. Inicialmente, percebeu-se que os entrevistados concordam que dinheiro emprestado deve ser pago o mais rápido possível e que estar endividado nunca é bom, demonstrando o quanto os respondentes são pouco propensos ao endividamento. Quanto ao materialismo, embora os respondentes afirmem que as coisas que possuem dizem muito sobre como estão as suas vidas atualmente, em média, os indivíduos não apresentaram comportamentos materialistas, tendo em vista que eles tentam manter uma vida simples. Além dos indivíduos não se mostrarem compradores compulsivos, pois praticamente nunca emitem cheques quando sabem que não possuem dinheiro suficiente para cobrir.

Com isso, sem a existência de construtos já consolidados no contexto brasileiro, realizou-se a validação dos construtos propostos e como resultado o modelo final para o construto Propensão ao Endividamento apresentou seis variáveis das dezessete propostas inicialmente. O modelo para mensuração do Materialismo validou com sete das nove

variáveis originalmente propostas e o de Compras Compulsivas das sete questões originalmente propostas, cinco integram o modelo de mensuração final do construto. Já das variáveis que formam a alfabetização financeira, no construto Atitude Financeira foram mantidas sete das quinze variáveis inicialmente estabelecidas e para o Comportamento Financeiro, apenas duas variáveis foram excluídas, validando o construto com onze variáveis ao final. Posteriormente, ao analisar os índices de ajustes do modelo integrado de mensuração da alfabetização financeira, constata-se que o modelo proposto apresentou todos os índices de ajuste adequados, não necessitando de nenhuma alteração. Sendo que a partir deste, foi desenvolvido o Indicador de Alfabetização Financeira, o qual apresentou o comportamento financeiro o que possui maior impacto na alfabetização financeira, seguido da atitude e por fim, do conhecimento financeiro.

Entende-se ainda que o aprimoramento do Indicador de Alfabetização Financeira é uma das contribuições deste trabalho, uma vez que se trata de uma metodologia que poderá ser aplicada em outras pesquisas ou mesmo em um contexto prático, para avaliar se um indivíduo apresenta um alto ou um baixo nível de alfabetização financeira. No presente trabalho, ao verificar os índices de alfabetização financeira, observou-se que 60,8% dos indivíduos apresentaram baixo nível de alfabetização, contra 39,2% que obtiveram altos níveis, demonstrando que a maioria dos entrevistados não são alfabetizados financeiramente, sendo menos eficazes na gestão dos recursos financeiros. Além disso, o modelo proposto para mensurar a alfabetização financeira dos indivíduos é ratificado por diversos autores, ao constatarem que a mesma não pode ser determinada a partir de medidas simples e isoladas, mas sim, deve-se incluir uma análise mais complexa dos construtos em conjunto.

De posse do construto validado para mensuração da alfabetização financeira, realizou-se a análise de invariância do modelo, a fim de avaliar se este modelo é adequado para diferentes grupos de variáveis socioeconômicas e demográficas, e concluiu-se a não equivalência no modelo de mensuração da alfabetização financeira para os grupos das variáveis idade, estado civil, possuir dependentes, escolaridade dos pais, ocupação e renda familiar, indicando que a alfabetização financeira não pode ser mensurada da mesma maneira entre eles. Em contrapartida, averiguou-se que o modelo é invariante para as variáveis gênero, escolaridade e renda própria, concluindo que nestas variáveis o modelo para mensuração da alfabetização financeira é o mesmo.

Com isso, após a posse dos modelos invariantes, procedeu-se o teste de diferença de médias entre os grupos, concluindo pela existência de diferenças de médias significativas na alfabetização financeira entre o gênero masculino e feminino, sendo as mulheres detentoras de

menores níveis. Além de encontrar um aumento nos níveis de alfabetização financeira conforme o aumento do nível de escolaridade e renda própria do indivíduo, sendo que este incremento não ocorre de forma linear ao passar de um nível para outro em ambas variáveis. Aceitando assim, três proposições inicialmente estabelecidas e rejeitando outras cinco.

Por fim, desenvolveu-se o modelo integrado proposto para este estudo, que unem os modelos de mensuração validados e o modelo estrutural com seis hipóteses de pesquisa, o qual apresentou índices de ajuste inadequados em seu modelo inicial, sendo necessários alguns ajustes. Dentre eles, a inclusão de algumas correlações entre os erros e a exclusão de uma hipótese que determinava que o materialismo impactaria positivamente na propensão ao endividamento e em consequência, a relação esperada de que a alfabetização financeira impactaria indiretamente na propensão ao endividamento por intermédio do materialismo.

Das hipóteses confirmadas, destaca-se que o impacto da alfabetização financeira nas compras compulsivas foi o maior das relações diretas propostas inicialmente, demonstrando que a alfabetização financeira impacta positivamente para que os indivíduos apresentem melhores comportamentos de compras compulsivas. Ademais, detectou-se que o impacto indireto da alfabetização financeira na propensão ao endividamento, se torna maior quando possui apenas o comportamento de compra compulsiva nesta relação. Por fim, no que tange aos efeitos totais que a alfabetização financeira possui nos fatores comportamentais investigados, averiguou-se que o maior impacto da mesma é sobre o comportamento de compra compulsiva, seguido da propensão ao endividamento e, por último, do materialismo.

Tais resultados tornam-se importantes para o desenvolvimento de políticas públicas e de outros agentes interessados no tema, uma vez que a alfabetização financeira vai além do fato de impactar na saúde financeira daqueles que a possuem, mas sim, pode auxiliar de uma forma ainda mais ampla naqueles que sofrem de outros comportamentos psicossociais, como o comportamento de compras compulsivas. Além disso, poderão auxiliar na elaboração de tratamentos para grupos com comportamentos materialistas, compradores compulsivos e com alta propensão ao endividamento.

As instituições financeiras também terão a oportunidade de usufruir destas informações a fim de conhecer melhor a alfabetização financeira de seus clientes e construir produtos mais adaptados a cada perfil socioeconômico e demográfico, a fim de adequar seus produtos, serviços ou operações ao perfil de cada cliente (“Processo de *Suitability*”). Especialmente, os resultados deste trabalho indicam que a ampliação e a consolidação de uma estratégia nacional de educação financeira podem, além de impactar numa melhor gestão financeira individual, contribuir efetivamente para a redução de comportamentos de compra

compulsiva e da propensão ao endividamento. Demonstrando que o impacto que se imaginava ao estudar apenas a alfabetização financeira na propensão ao endividamento dos indivíduos, se torna ainda mais expressivo quando outros fatores comportamentais estão envolvidos nesta relação.

Portanto, um dos principais resultados desta pesquisa se refere à conscientização dos agentes financeiros públicos e privados de que a análise do perfil comportamental dos indivíduos deve ser incorporada aos modelos já existentes para uma melhoria da previsão de inadimplência das famílias. Ressalta-se ainda que conforme já demonstrado pela literatura, o descontrole financeiro traz consequências como a marginalização e exclusão social, assim como doenças físicas e mentais, que no futuro podem além de agravar o nível de inadimplência no país, aumentar os gastos para atendimento psicológicos e de saúde pública.

Tais conclusões ratificam a urgência e a necessidade de serem desenvolvidas ações efetivas para minimizar o problema do analfabetismo financeiro. Uma das possíveis medidas a ser tomada refere-se à inclusão de disciplinas de noções de finanças de mercado e de gestão financeira em todos os níveis educacionais, assim como nos cursos de graduação, independente da área de ensino. Outra medida possível diz respeito à adoção e ao desenvolvimento de programas educativos, os quais devem promover a alfabetização financeira pessoal em todos os setores da sociedade, levando em consideração estratégias e conteúdos específicos e diferenciados em função do perfil de cada variável socioeconômica e demográfica.

Algumas ações neste sentido já vêm sendo realizadas, especialmente pelo Banco Central e pelo Governo Federal, através da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). No entanto, por tratar-se de um tema complexo, sugerem-se metodologias mais específicas a fim de promover, por exemplo, projetos de extensão que visem à realização de cursos de alfabetização financeira, não apenas focados para o ensino de conceitos financeiros, mas sim, com dicas e práticas possíveis para a melhoria de atitudes e comportamentos financeiros, os quais são mais difíceis de serem modificados. Além disso, se torna essencial o desenvolvimento de estratégias que visem à adoção de disciplinas e conteúdos voltados à alfabetização financeira ainda nos níveis iniciais de ensino, as quais poderiam no longo prazo tornar as crianças mais preparadas para a gestão financeira e reduzir as desigualdades, antes que os indivíduos se tornem adultos e responsáveis pela gestão dos seus recursos.

Neste sentido, a OECD em seu relatório publicado em outubro de 2016 sugere como uma das medidas para minimizar os efeitos dos baixos níveis de alfabetização financeira que as escolas também possam ajudar as crianças e jovens a desenvolver as habilidades e atitudes

que os ajudarão neste processo, incentivando hábitos e comportamentos positivos, como fazer um plano de gastos, economizar e planejar com antecedência (OECD, 2016). Assim como traz o Relatório do Banco Mundial publicado em 2014, ao corroborar que a falta de conhecimento financeiro pode ser uma grande barreira para o acesso financeiro entre os pobres, apontando a educação financeira como a melhor opção política para melhorar o acesso dos indivíduos de baixa renda ao financiamento (WORLD BANK, 2014).

Com isso, iniciativas para melhorias da educação financeira de indivíduos de baixa renda poderiam inclusive contribuir para o mercado das microfinanças, uma vez que empreendedores informais teriam melhores noções sobre as questões financeiras do seu negócio e melhor compreensão dos benefícios e consequências do financiamento obtido. Da mesma forma, as instituições de microcrédito poderiam identificar os microempresários com níveis maiores de alfabetização financeira e, com isso, mais propensos ao entendimento da concessão do crédito, facilitando, assim, o processo.

Ademais, os resultados deste trabalho sugerem que o grupo com menor nível de alfabetização financeira se caracteriza como aqueles pertencentes ao gênero feminino e com níveis mais baixos de escolaridade e renda. Para os agentes financeiros, a constatação desse perfil com baixo nível de alfabetização financeira pode auxiliar diretamente na construção de produtos e serviços adaptados a este público. Especialmente, possuindo as informações sobre o perfil socioeconômico e demográfico de seus clientes, os agentes poderão prever o nível de alfabetização financeira de cada um e, conseqüentemente, desenvolver estratégias diferenciadas de atuação para os grupos com baixo e alto nível de alfabetização financeira. Além disso, as instituições financeiras, após conhecer o perfil de alfabetização financeira da sua carteira de clientes, podem estabelecer estratégias de ampliação do nível de alfabetização de grupos específicos, justificado pelo fato de que clientes mais alfabetizados provavelmente demandarão produtos financeiros mais elaborados.

Como uma das principais contribuições da pesquisa destaca-se que este estudo é pioneiro e inova ao dimensionar o real impacto direto e indireto que a alfabetização financeira possui em outros fatores comportamentais que antes eram analisados isoladamente. Concluindo que a alfabetização financeira impacta de forma ainda mais significativa do que as pesquisas acadêmicas têm mostrado, uma vez que, do ponto de vista da academia, o foco central até então tem sido identificar de forma isolada o seu impacto em outros fatores comportamentais.

Em termos metodológicos, observou-se que a aplicação da técnica de invariância, seguida da diferença de médias, apresenta-se mais robusta do que os testes estatísticos

comumente utilizados de diferenças de média (Teste *t* e ANOVA) para avaliação segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas. Atenta-se para o fato de que para uma comparação de médias entre diferentes grupos é indispensável que o modelo de mensuração do construto deva ser o mesmo e nos testes *t* e ANOVA geralmente parte-se da pressuposição de que os modelos sejam iguais. Assim, ao menos para o caso da alfabetização financeira desta pesquisa, os testes de invariância indicaram que esta pressuposição não é razoável para a maioria das variáveis. Com isso, ficou demonstrado que existem ganhos metodológicos e empíricos importantes ao abrir mão dos testes mais simples em prol do uso da análise de invariância do modelo.

No entanto, as contribuições deste estudo estão subordinadas a algumas restrições, como a escolha do método. Por se basear em uma pesquisa *survey* e dados em corte transversal, a metodologia empregada impõe limites para o tratamento do problema de endogeneidade, por exemplo. Sugere-se ainda para trabalhos futuros que outros fatores comportamentais sejam integrados ao modelo estrutural, como o bem-estar financeiro. Além da inclusão de outras variáveis socioeconômicas e demográficas que podem impactar nas diferenças de alfabetização financeira.

Ademais, o fato de este trabalho ter demonstrado modelos diferentes de mensuração para grupos distintos levanta a possibilidade de pesquisas que visem avaliar quais os fatores determinantes da variância e ainda qual o melhor modelo para mensuração da alfabetização financeira para cada grupo. Por exemplo, para a variável ocupação, a variância do modelo pode estar associada à grande dispersão do nível de conhecimento financeiro entre diferentes profissões, o que poderá implicar na necessidade de elaboração de instrumentos de avaliação distintos para cada grupo de ocupação.

Em suma, o presente trabalho traz concepções e desdobramentos que levam além do tema cerne da alfabetização financeira. Com as conclusões aqui encontradas, torna-se possível pensar ainda sobre o tema da cidadania financeira, conceito que diz respeito a direitos e deveres relacionados à vida financeira do cidadão, ao qual possui a educação financeira como um de seus pilares, além da proteção ao consumidor de serviços financeiros e a inclusão financeira da população. Com isso, pode-se concluir que mesmo que haja esforços de inclusão financeira nas estratégias do país, este não conseguirá atingir sua cidadania financeira, a qual é indispensável para a melhoria do bem-estar financeiro da sociedade, sem a alfabetização financeira dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M.; MENDES, V. Financial Literacy and Portfolio Diversification. **Quantitative Finance**, v. 10, n. 5, p. 515-528, 2010.
- ACHTZIGER, A.; HUBERT, M.; KENNING, P.; RAAB, G.; REISCH, L. Debt out of control: The links between self-control, compulsive buying, and real debts. **Journal of Economic Psychology**, v. 49, p. 141-149, 2015.
- AGARWAL, S.; DRISCOLL, J.; GABAIX, X.; LAIBSON, D. The age of reason: financial decisions over the lifecycle with implications for regulation. **Brookings Papers on Economic Activity Fall**, p. 51–101, 2009.
- AGARWALLA, S. K.; BARUA, S.; JACOB, J.; VARMA, J. R. **A Survey of Financial Literacy among Students, Young Employees and the Retired in India**. In: Indian Institute of Management Ahmedabad - Citi Financial Literacy Symposium, June 2012. Disponível em: <<http://www.iimahd.ernet.in/fls/fls12/youngemployessandretired2012.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2015.
- AGARWALLA, S. K., BARUA, S., JACOB, J., VARMA, J. R. Financial Literacy among Working Young in Urban India. **World Development**, v. 67, p. 101-109, 2015.
- AGNEW, J. R.; BATEMAN, H.; THARP, S. Financial literacy and retirement planning in Australia. **Numeracy**, v. 6, n. 2, art. 7, 2013.
- AGNEW, S.; HARRISON, N. Financial literacy and student attitudes to debt: A cross national study examining the influence of gender on personal finance concepts. **Journal of Retailing and Consumer Services**, v. 25, p. 122-129, 2015.
- AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organization Behavior Human Decision Process**, v. 50, p. 179–211, 1991.
- AL-REFAIE, A.; GHNAIMAT, O.; KO, J. H. The effects of quality management practices on customer satisfaction and innovation: a perspective from Jordan. **International Journal of Productivity and Quality Management**, v. 8, n. 4, p. 398–415, 2011.
- ALEMIS, M. C.; YAP, K. The role of negative urgency impulsivity and financial management practices in compulsive buying. **Australian Journal of Psychology**, v. 65, n. 4, p. 224-231, 2013.
- ALI, A.; RAHMAN, M. S. A.; BAKAR, A. Financial Satisfaction and the Influence of Financial Literacy in Malaysia. **Social Indicators Research**, v. 120, n 1, p. 137-156, 2015.
- ALLEN, M. W.; EDWARDS, R.; HAYHOE, C. R.; LEACH, L. Imagined interaction, attitudes towards money and credit, and family coalitions. **Journal of Family and Economic**, v. 28, p. 3-22, 2007.
- ALLGOOD, S.; WALSTAD, W. B. The Effects of Perceived and Actual Financial Literacy on Financial Behaviors. **Economic Inquiry**, v. 54, n. 1, p. 675-697, 2016.

- ALMENBERG, J.; SAVE-SODERBERGH, J. Financial literacy and retirement planning in Sweden. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, p. 585-598, 2011.
- ALONSO, J. A. F. A emergência de Aglomerações Urbanas não metropolitanas no Rio Grande do Sul, **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, 2009.
- ALSEMGEEST, L. Arguments for and against financial literacy education: where to go from here? **International Journal of Consumer Studies**, v. 39, n. 2, p. 155-161, 2015.
- AMADEU, J. R. **A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento: proposta de inserção da disciplina na matriz curricular**. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, São Paulo, 2009.
- AMATO, P. R.; ROGERS, S. J. A longitudinal study of marital problems and subsequent divorce. **Journal of Marriage and the Family**, v. 59, p. 612-624, 1997.
- AMATO, S.; VINZI, V. E.; TENENHAUS, M. **A global Goodness-of-Fit index for PLS structural equation modeling**. School of Management, France, 2004.
- ANDERSON, J. C.; GERBING, D. W. Structural Equation Modeling in Practice: A Review and Recommended Two-Step Approach. **Psychological Bulletin**, v. 103, p. 411-423, 1988.
- ANSONG, A. Level of knowledge in personal finance by university freshmen business students. **African Journal of Business Management**, v. 5, n. 22, p. 8933-8940, 2011.
- ANTHONY, R. **Knowledge, attitude, practice and satisfaction on personal financial management among the medical practitioners in the public and private medical services in Malaysia**. 156 f. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) - Universiti Kebangsaan, 2011.
- ANZ. **ANZ Survey of Adult Financial Literacy in Australia**, 2008. Disponível em: <[http://www.anz.com/Documents/AU/Aboutanz/AN 5654 Adult Fin Lit Report 08 Web Report full.pdf](http://www.anz.com/Documents/AU/Aboutanz/AN_5654_Adult_Fin_Lit_Report_08_Web_Report_full.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2015.
- ARBUCKLE, J. L. **IBM SPSS Amos 20 User's Guide** (Computer Software). Chicago, 2011.
- ARRONDEL, L.; DEBBICH, M.; SAVIGNAC, F. Financial literacy and financial planning in France. **Numeracy**, v. 6, n. 2, art. 8, 2013.
- ASTRACHAN, C. B.; PATEL V. K.; WANZENRIED, G. A Comparative Study of CB-SEM and PLS-SEM for Theory development in Family Firm Research. **Journal of Family Business Strategy**, v. 5, n. 1, p. 116-128, 2014.
- ATKINSON, A.; MESSY, F. **Measuring financial literacy: results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) pilot study**, **OECD Publishing**, 2012. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>>. Acesso em: 02 abr. 2015.
- ATKINSON, A.; MESSY, F. Financial Education for Migrants and their Families. OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, n. 38, **OECD Publishing**, 2015. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1787/5js4h5rw17vh-en>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

BAGOZZI, R.; YI, Y. Specification, evaluation, and interpretation of structural equation models. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 40, n. 1, p. 8-34, 2012.

BARCELLOS, S. H.; CARVALHO, L. S.; SMITH, J. P.; YOONG, J. Financial Education Interventions Targeting Immigrants and Children of Immigrants: Results from a Randomized Control Trial. **Journal of Consumer Affairs**, v. 50, n. 2, p. 263-285, 2016.

BATEMAN, H.; ECKERT, C.; GEWEKE, J.; LOUVIERE, J.; THORP, S.; SATCHELL, S. Financial competence and expectations formation: Evidence from Australia. **Economic Record**, v. 88, n. 280, p. 39-63, 2012.

BEAL, D. J.; DELPACHITRA, S. B. Financial literacy among Australian university students. **Economic Papers**, v. 22, n. 1, p. 65-78, 2003.

BECKMANN, E. Financial literacy and household savings in Romania. **Numeracy**, v. 6, n. 2, art. 9, 2013.

BEHRMAN, J. R.; MITCHELL, O. S.; SOO, C. K.; BRAVO, D. How Financial Literacy Affects Household Wealth Accumulation. **American Economic Review: Papers and Proceedings**, v. 102, n. 3, p. 300-304, 2012.

BLACK, D. W. Compulsive buying disorder: Definition, assessment, epidemiology and clinical management. **CNS Drugs**, v. 15, n. 1, p. 17-27, 2001.

BOLLEN, K.A. **Structural Equations with Latent Variables**. John Wiley, Nova York, 1989.

BOTTAZZI, R.; JAPPELLI, T.; PADULA, M. The portfolio effect of pension reforms: evidence from Italy. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, p. 75-97, 2011.

BRISLIN, R. W. Back-Translation for Cross-Cultural Research. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 1, n. 3, p. 1-185, 1970.

BROWN, M.; GRAF, R. Financial literacy and retirement planning in Switzerland. **Numeracy**, v. 6, n. 2, art. 6, 2013.

BROWN, S.; TAYLOR, K. Early influences on saving behaviour: Analysis of British panel data. **Journal of Banking & Finance**, v. 62, p. 1-14, 2016.

BRUINE DE BRUIN, W.; VAN DERKLAUW, W.; DOWNS, J. S.; FISCHHOFF, B.; TOPA, G.; ARMANTIER, O. Expectations of Inflation: The Role of Demographic Variables, Expectations Formation, and Financial Literacy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 381-402, 2010.

BRUSCHINI, C., & ROSEMBERG, F. **Trabalhadoras do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

- BRUSKY, B.; MAGALHÃES, R. Assessing Indebtedness: results from pilot survey among steelworkers in Sao Paulo. In: **International Labour Office**, 2006. Disponível em: <http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/--ed_emp/documents/publication/wcms_117961.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.
- BUCHER-KOENEN, T.; LUSARDI, A. Financial literacy and retirement planning in Germany. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, p. 565-584, 2011.
- BUCHER-KOENEN, T.; LUSARDI, A.; ALESSIE, R.; VAN ROOIJ, M. How Financially Literate are Women? An Overview and New Insights. **NBER Working Paper** n. 20793, 2014. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w20793.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2016.
- BUCKS, B.; PENCE, K. Do Borrowers Know Their Mortgage Terms?. **Journal of Urban Economics**, v. 64, p. 218-33, 2008.
- BURROUGHS, J. E.; RINDFLEISCH, A. Materialism and well-being: a conflicting values perspective. **Journal of Consumer Research**, v. 29, n. 3, p. 348-370, 2002.
- BYRNE, B. M. **Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming**. 2.ed. New York: Routledge, 2010.
- CAKARNIS, J.; D'ALESSANDRO, S. P. Does knowing overcome wanting? The impact of consumer knowledge and materialism upon credit card selection with young consumers. **Young Consumers**, v. 16, n. 1, p. 50-70, 2015.
- CALAMATO, M. P. Learning financial literacy in the family. **Unpublished master's thesis**. The Faculty of the Department of Sociology, San José State University, 2010.
- CAMPBELL, J. Household finance. **Journal of Finance**, v. 61, n. 4, p. 1553-1604, 2006.
- CAMPENHOUT, G. V. Revaluing the Role of Parents as Financial Socialization Agents in Youth Financial Literacy Programs. **Journal of Consumer Affairs**, v. 49, n. 1, p. 186-222, 2015.
- CARVALHO, A. A.; ALVES, J. E. D. As relações entre o consumo das famílias brasileiras, ciclo de vida e gênero. XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.
- CHARLES, M.; GRUSKY, D. B. **Occupational Ghettos: The Worldwide Segregation of Women and Men**. Stanford University Press, Stanford, CA, 2004.
- CHEN, H; VOLPE, R. P. An analysis of personal financial literacy among college students. **Financial Services Review**, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.
- CHEUNG, G. W.; RENSVOLD, R. B. Evaluating goodness-of-fit indexes for testing measurement invariance. **Structural Equation Modeling**, v. 9, p. 233-255, 2002.
- CHOU, C. P.; BENTLER, P. M. Estimates and tests in structural equation modeling. In R.H. Hoyle (Ed.), **Structural equation modeling: Concepts, issues, and applications**, pp. 37-55. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

CHRISTELIS, D.; JAPPELLI, T.; PADULA, M. Cognitive abilities and portfolio choice. **European Economic Review**, v. 54, n. 1, p. 18–38, 2010.

CHURCHILL, G. A. A Paradigm for Developing Better Measures of Marketing Constructs. **Journal of Marketing Research**, v. 16, p. 64-73, 1979.

CLAUDINO, L. P.; NUNES, M. B.; SILVA, F. C. **Finanças Pessoais: um estudo de caso com servidores públicos**. In: XII SEMEAD – Seminários em Administração. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/724.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2015.

CLARKE, M. D.; HEATON, M. B.; ISRAELSEN, C. L.; EGGETT, D. L. The acquisition of family financial roles and responsibilities. **Family and Consumer Sciences Research Journal**, v. 33, p. 321-340, 2005.

CLARK, R.; LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Employee Financial Literacy and Retirement Plan Behavior: A Case Study. **NBER Working Paper** n. 21461, 2015. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w21461>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

CLEEK, M. G.; PEARSON, T. A. Perceived causes of divorce: An analysis of interrelationships. **Journal of Marriage and the Family**, v. 47, p. 179-183, 1985.

COLE, S.; SAMPSON, T.; ZIA, B. Prices or knowledge? What drives demand for financial services in emerging markets? **The Journal of Finance**, v. 66, n. 6, p. 1933-1967. 2011.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (CNC). **Pesquisa Nacional CNC: Endividamento e Inadimplência**, 2011. Disponível em: <<http://www.cnc.org.br/>>. Acesso em: 07 mai. 2015.

CONGER, R. D.; ELDER, G. H.; LORENZ, F. O.; CONGER, K. J.; SIMONS, R. L.; WHITBECK, L. B. Linking economic hardship to marital quality and instability. **Journal of Marriage and the Family**, v. 52, p. 643-656, 1990.

COURCHANE, M.; ZORN, P. **Consumer literacy and credit worthiness**. Presented at Federal Reserve System Conference, Promises and Pitfalls: As Consumer Options Multiply, Who is Being Served and at What Cost? 2005.

CRIDDLE, E. Financial literacy: Goals and values, not just numbers. **Alliance**, vol. 34, p. 4, 2006.

CROOK, J. N. Adverse selection and search in the US bank credit card market. University of Edinburgh **Working Paper** No. 01/1, University of Edinburgh Credit Research Center, 2002.

CROSSAN, D.; FESLIER, D.; HURNARD, R. Financial literacy and retirement planning in New Zealand. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, pp 619-635, 2011.

DANES, S. M.; HABERMAN, H. R. Teen financial knowledge, self-efficacy, and behavior: A gendered view. **Financial Counseling and Planning**, v. 18, n. 2, p. 48-60. 2007.

- DASGUPTA, N.; GREENWALD, A. G. On the malleability of automatic attitudes: Combating automatic prejudice with images of admired and disliked individuals. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 81, p. 800–814, 2001.
- DAVIS, E. P.; WEBER, J. A. Patterns and obstacles to financial management. **Financial Counseling and Planning**, v. 1, n. 1, p. 41–51, 1990.
- DE HOUWER, J.; THOMAS, S.; BAEYENS, F. Associative learning of likes and dislikes: A review of 25 years of research on human evaluative conditioning. **Psychological Bulletin**, v. 127, p. 853–869, 2001.
- DELAVANDE, A.; ROHWEDDER, S.; WILLIS, R. J. Retirement Planning and the Role of Financial Literacy and Cognition. **Michigan Retirement Research Center Working Paper 2008-190**, 2008.
- DEW, J. Debt change and marital satisfaction change in recently married couples. **Family Relations**, v. 57, n. 1, p. 60-71, 2008.
- DIMITROV, D. M. Comparing groups on latent variables: A structural equation modeling approach. **A Journal of Prevention, Assessment & Rehabilitation**, v. 26, n. 4, p. 429-436, 2006.
- DISNEY, R.; GATHERGOOD, J. Financial literacy and indebtedness: new evidence for UK consumers. In: **EconPapers**, 2011. Disponível em: <http://econpapers.repec.org/paper/notnotcfc/11_2f05.htm> Acesso em: 09 abr. 2015.
- DISNEY, R.; GATHERGOOD, J. Financial Literacy and Consumer Credit Portfolios. **Journal of Banking and Finance**, v. 37, n. 7, p. 2246-2254, 2013.
- DISNEY, R.; GATHERGOOD, J.; WEBER, J. Credit counseling: a substitute for consumer financial literacy? **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 14, n. 4, p. 466-491, 2015.
- DITTMAR, H. Compulsive buying – a growing concern? An examination of gender, age, and endorsement of materialistic values as predictors. **British Journal of Psychology**, v. 96, n. 4, p. 467-491, 2005.
- DITTMAR, H. Understanding and diagnosing compulsive buying. In R. Coombs (Ed.), **Handbook of addictive disorders: a practical guide to diagnosis and treatment**. New York: Wiley, 2004.
- DITTMAR, H.; LONG, K.; BOND, R. When a better self is only a button click away: associations between materialistic values, emotional and identity – related buying motives, and compulsive buying tendency online. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 26, n. 3, p. 334-361, 2007.
- DOMINGUEZ, J.; ROBIN, V. **Dinheiro e vida: mude a sua relação com o dinheiro e obtenha a independência financeira**. São Paulo: Cultrix, 2007.

- DONNELLY, G.; IYER, R.; HOWELL, R. T. The big five personality traits, material values, and financial well-being of self-described money managers. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 6, p. 1129-1142, 2012.
- DUCA, J. V.; KUMAR, A. Financial literacy and mortgage equity withdrawals. **Journal of Urban Economics**, v. 80, p. 62-75, 2014.
- EDWARDS, E. A. Development of a new scale for measuring compulsive buying behavior. **Financial Counseling and Planning**, v.4, n. 1, p. 67-84, 1993.
- EDWARDS, R.; ALLEN, M. W.; HAYHOE, C. R. Financial attitudes and family communication about students' finances: The role of sex differences. **Communication Reports**, v. 20, n. 2, p. 90-100, 2007.
- FABER, R. J.; O'GUINN, T. C. A clinical screener for compulsive buying. **Journal of Consumer Research**, v. 19, p. 459-469, 1992.
- FALAHATI, L.; SABRI, M. F. An Exploratory Study of Personal Financial Wellbeing Determinants: Examining the Moderating Effect of Gender. **Asian Social Science**, v. 11, n. 4, p. 33-42, 2015.
- FAZIO, R. H.; EISER, J. R.; SHOOK, N. J. Attitude formation through exploration: Valence asymmetries. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 87, p. 293-311, 2004.
- FERNANDES, D.; LYNCH, J. G.; NETEMEYER, R. G. Financial Literacy, Financial Education, and Downstream Financial Behaviors. **Management Science**, v. 60, n. 8, p. 1861-1883, 2014.
- FERREIRA, R. **Como Planejar, Organizar e Controlar seu Dinheiro**. Thomson IOB. São Paulo: 2006.
- FINKE, M. S.; HOWE, J. S.; HUSTON, S. J. Old Age and the Decline in Financial Literacy. **Social Science Research Network Working Paper**, 2011.
- FINKE, M. S.; HUSTON, S. J. **Financial literacy and education**. In K. H. Baker & V. Riccardi (Eds.), *Investor Behavior*. Hoboken, New Jersey: John Wiley and Sons, Inc., p. 65-82, 2014.
- FLORES, S. A. M. **Modelagem de equações estruturais aplicada à propensão ao endividamento: uma análise de fatores comportamentais**. 192 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Maria, 2012.
- FOLMER, H.; DUTTA, S.; OUD, H. Determinants of rural industrial entrepreneurship of farmers in West Bengal: a structural equations approach. **Int. Reg. Sci. Rev.**, v. 33, n. 4, p. 367-396, 2010.
- FORNERO, E.; MONTICONE, C. Financial literacy and pension plan participation in Italy. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, p. 547-564, 2011.

FOURNIER, S.; RICHINS, M. Some theoretical and popular notions concerning materialism. **Journal of Social Behavior and Personality**, v. 6, n. 6, p. 403-414, 1991.

FRADE, C.; LOPES, C.; JESUS, F.; FERREIRA, T. **Um perfil dos sobre-endividados em Portugal**. Relatório Final. Centro de Estudos Sociais. Faculdade de Economia de Coimbra. Portugal, 2008.

GARÐARSDÓTTIR, R. B.; DITTMAR, H. The relationship of materialism to debt and financial well-being: the case of Iceland's perceived prosperity. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 6, p. 471-481, 2012.

GARVER, N. S.; MENTZER, J. T. Logistics Research Methods: Employing Structural Equation Modeling to Test for Construct Validity. **Journal of Business Logistics**, 20, 33-57, 1999.

GERARDI, K.; GOETTE, L.; MEIER, S. Financial Literacy and Subprime Mortgage Delinquency: Evidence from a Survey Matched to Administrative Data. **Federal Reserve Bank of Atlanta Working Paper Series N. 2010-10**, 2010.

GERRANS, P.; HEANEY, R. A. The Role of Undergraduate Personal Finance Education in Financial Literacy, Financial Attitudes and Financial Behaviours. **Social Science Research Network**, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2537344>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDBERG, M. E.; GORN, G. J.; ERACCHIO, L. A.; BAMOSSY, G. Understanding materialism among youth. **Journal of Consumer Psychology**, v. 13, n. 3, p. 278-288, 2003.

GROHMANN, A.; KOUWENBERG, R.; MENKHOFF, L. Childhood roots of financial literacy. **Journal of Economic Psychology**, v. 51, p. 114-133, 2015.

GUSTMAN, A. L.; STEINMEIER, T. L.; TABATABAI, N. Financial Knowledge and Financial Literacy at the Household Level. **American Economic Review: Papers and Proceedings**, v. 102, n. 3, p. 309-313, 2012.

HAIR, J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HAIR, J. R.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Multivariate Data Analyses**. 6 Ed. New Jersey: Pearson, 2009.

HAIR, J. F.; GABRIEL, M. L. D. S.; PATEL, V. K. Modelagem de Equações Estruturais Baseada em Covariância (CB-SEM) com o AMOS: Orientações sobre a sua aplicação como uma ferramenta de pesquisa de Marketing. **Revista Brasileira de Marketing – ReMark**, v. 13, n. 2, p. 44-55, 2014.

HASTINGS, J.; MADRIAN, B.; SKIMMYHORN, W. Financial Literacy, Financial Education, and Economic Outcomes. **Annual Review of Economics**, v. 5, p. 347-373, 2013.

HASTINGS, J.; MITCHELL, O. S. How financial literacy and impatience shape retirement wealth and investment behaviors. **NBER Working Paper** 16740, 2011.

HASTINGS, J.; TEJEDA-ASHTON, L. Financial literacy, information, and demand elasticity: Survey and experimental evidence from Mexico. **NBER Working Paper** 14538, 2008.

HILGERT, M.; HOGARTH, J.; BEVERLY, S. Household Financial Management: The Connection between Knowledge and Behavior. **Federal Reserve Bulletin**, v. 89, p. 309-322, 2003.

HOOPER, D.; COUGHLAN, J.; MULLEN, M. R. Structural Equation Modelling: Guidelines for Determining Model Fit. **The Electronic Journal of Business Research Methods**, v. 6, n. 1, p. 53–60, 2008.

HOYLE, R. H. The structural equation modeling approach: basic concepts and fundamental issues. In: **Structural equation modeling: concepts, issues and applications**. California: Sage publications, 1995.

HSU, J. W. Aging and strategic learning: The impact of spousal incentives on financial literacy. **Networks Financial Institute at Indiana State University Working Paper** 2011-WP-06, 2011.

HU, L. T.; BENTLER, P. M. Cutoff Criteria for Fit Indexes in Covariance Structure Analysis: Conventional Criteria Versus New Alternatives. **Structural Equation Modeling**, v. 6, n. 1, p. 1-55, 1999.

HUNG, A. A.; PARKER, A. M.; YOONG, J. Defining and measuring financial literacy, 2009. In: **Social Science Research Network**. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1498674>. Acesso em: 06 abr. 2015.

HUSTON, S. J. Measuring Financial Literacy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Resultados. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php>. Acesso em: 21 abr. 2015.

_____. **Cidades**. 2013. Disponível em: <<ftp://geoftp.ibge.gov.br>> Acesso em: 10 mar. 2015.

JACOBY, M. B. Does indebtedness influence health? A preliminary inquiry. **Journal of Law, Medicine & Ethics**, v. 30, p. 560-470, 2002.

JOJI, A. N.; RAVEENDRAN, P. T. **Compulsive buying behavior in Indian consumers and its impact on credit default - an emerging paradigm**, 2008. Disponível em: <<http://dspace.iimk.ac.in/bitstream/2259/329/1/545-562.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

JORGENSEN, B. L. Financial literacy of college students: parental and peer influences. **Unpublished master's thesis**. Virginia Polytechnic Institute and State University, Blacksburg, Virginia, 2007.

JUMP\$TART COALITION. **National Standards in K-12 Personal Finance Education**. 2007. Disponível em: < <http://www.jumpstart.org/guide.html> >. Acesso em: 16 ago. 2015.

KEESE, M. Who Feels Constrained by High Debt Burdens? – Subjective vs. Objective Measures of Household Indebtedness. In: **Social Science Research Network**, 2010. Disponível em: <<http://papers.ssrn.com/sol3/results.cfm?npag=2&>>. Acesso em: 08 mai. 2015.

KEMPSON, E. A Framework for Developing International Financial Literacy Surveys. 2011. In OECD, Improving Financial Education Efficiency: OECD-Bank of Italy **Symposium on Financial Literacy**, OECD Publishing. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264108219-4-en>. Acesso em: 06 abr. 2015.

KERKMANN, B. C.; LEE, T. R.; LOWN, J. M.; ALLGOOD, S. M. Financial management, financial problems and marital satisfaction among recently married university students. **Association for Financial Counseling and Planning Education**, v. 11, n. 2, p. 55-64, 2000.

KERR, S.; DUNN, L. Consumer search behavior and the changing credit card market. **OSU Working Papers No. 02-03**, The Ohio State University Department of Economics, 2002.

KILBOURNE, W.E.; LAFORGE, M.C. Materialism and its relationship to individual values. **Psychology & Marketing**, v. 27, n. 28, p. 780-798, 2010.

KIM, J.; GARMAN, E. T. Financial stress, pay satisfaction and workplace performance. **Compensation Benefits Review**, v. 36, n. 1, p. 69-76, 2004.

KLAPPER, L.; LUSARDI, A.; PANOS, G. A. Financial literacy and its consequences: Evidence from Russia during the financial crisis. **Journal of Banking & Finance**, v. 37, p. 3904–3923, 2013.

KLAPPER, L.; PANOS, G. A. Financial literacy and retirement planning: the Russian case. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, p. 599-618, 2011.

KLING, R. B. **Principles and practice of structural equation modeling**. 3 Ed. New York: The Guilford Press, 2011.

KOUFTEROS, X.; MARCOULIDES, G. A. Product development practices and performance: A structural equation modeling-based multi-group analysis. **International Journal of Production Economics**, v. 103, n. 1, p. 286-307, 2006.

KNOLL, M. A. Z.; HOUTS, C. R. The financial knowledge scale: an application of item response theory to the assessment of financial literacy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 46, n. 3, p. 381-410, 2012.

KORAM, L. M.; FABER, R. J.; ABOUJAOUDE, E.; LARGE, M. D.; SERPE, R. T. Estimated prevalence of compulsive buying behavior in the United States. **The American Journal of Psychiatry**, v. 163, p. 1806-1812, 2006.

KUNKEL, F. I. R.; VIEIRA, K. M.; POTRICH, A. C. P. Causas e consequências da dívida no cartão de crédito: uma análise multifatores. **Revista de Administração - RAUSP**, v. 50, n. 2, p. 169-182, 2015.

KYLE, L. How Financial Literacy Impacts on KiwiSaver decisions? **Doctoral dissertation**, Faculty of Business and Law, Auckland University of Technology, 2014. Disponível em <<http://aut.researchgateway.ac.nz/handle/10292/7408>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

KYRIUS, M.; MCQUEEN, P.; MOULDING, R. Experimental analysis of the relationship between depressed mood and compulsive buying. **Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry**, v. 44, n. 1, p. 194-200, 2013.

LANDIS, R. S.; BEAL, D. J.; TESLUK, P. E. A comparison of approaches to forming composite measures in Structural Equation Models. **Organizational Research Methods**, v. 3, n. 2, p. 186-207, 2000.

LEA, S. E. G.; WEBLEY, P.; WALKER, C. M. Psychological factors in consumer debt: money management, economic socialization, and credit use. **Journal of Economic Psychology**, v.16, n. 4, p. 681-701, 1995.

LEITE, P. L.; RANGÉ, B. P.; RIBAS, R. C. Jr.; FILOMENSKY, T. Z.; OLIVEIRA E SILVA, A. C. Tradução e adaptação semântica da Compulsive Buying Scale para o português brasileiro. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 60, n. 3, p. 176-181, 2011.

LEJOYEUX, M.; WEINSTEIN, A. Compulsive buying. **The American Journal of Drug and Alcohol Abuse**, v. 36, n. 2, p. 248-253, 2010.

LIMBU, Y. B. HUHMAN, B. A.; XU, B. Are college students at greater risk of credit card abuse? Age, gender, materialism and parental influence on consumer response to credit cards. **Journal of Financial Services Marketing**, v. 17, p.148-162, 2012.

LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A. Educação Financeira: um Estudo das Associações entre o Conhecimento sobre Finanças Pessoais e as Características dos Estudantes Universitários do Curso de Ciências Contábeis. In: **XIV Congresso USP Controladoria e Contabilidade**: Novas perspectivas na pesquisa contábil. Anais XIV Congresso USP, São Paulo, 2014.

LOWN, J. M.; COOK, J. Attitudes toward seeking financial counseling: Instrument development. **Financial Counseling and Planning**, v. 1, n. 1, p. 93-115, 1990.

LUCCI, C. R.; ZERRENNER, S. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. C. A Influência da Educação Financeira nas Decisões de Consumo e Investimento dos Indivíduos. 2011. In: Seminários em Administração, XIX, 2011, São Paulo. **XII SEMEAD FEA-USP**, 2011.

LUSARDI, A. Financial literacy: Do people know the ABCs of finance? **Public Understanding of Science**, v. 24, n. 3, p. 260-271, 2015a.

LUSARDI, A. Financial Literacy Skills for the 21st Century: Evidence from PISA. **Journal of Consumer Affairs**, v. 49, n. 3, p. 639-659, 2015b.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. **Financial literacy and planning: implications for retirement wellbeing, 2006**. Disponível em: <<http://www.dartmouth.edu/~alusardi/Papers/FinancialLiteracy.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning: new evidence from the rand American life panel. In: **Social Science Research Network**, 2007. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1095869>. Acesso: 20 nov. 2013.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Planning and Financial Literacy: How Do Women Fare? **American Economic Review**, v. 98, n. 2, p. 413–417, 2008.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. How Ordinary Consumers Make Complex Economic Decisions: Financial Literacy and Retirement Readiness. **National Bureau of Economic Research Working Paper** n. 15350, 2009.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning in the United States. **Journal of Pension Economics and Finance**, Cambridge University Press, v. 10, n. 04, p. 509-525, 2011.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence. **Journal of Economic Literature**, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S.; CURTO, V. Financial literacy among the young. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 358-380, 2010.

LUSARDI, A.; SAMEK, A. S.; KAPTEYN, A.; GLINERT, L.; HUNG, A.; HEINBERG, A. Visual Tools and Narratives: New Ways to Improve Financial Literacy. **NBER Working Paper** n. 20229, 2014. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w20229.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

LUSARDI, A.; TUFANO, P. Debt Literacy, Financial Experiences, and Overindebtedness. **National Bureau of Economic Research**, Cambridge, 2009. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w14808.pdf>> .Acesso em: 04 set. 2015.

LUSARDI, A.; WALLACE, D. Financial Literacy and Quantitative Reasoning in the High School and College Classroom. **Numeracy**, v. 6, n. 2, art. 1, 2013.

LYONS, A. C. A profile of financially at-risk college students. **Journal of Consumer Affairs**, v. 38, n. 1, p. 56-80, 2004.

MAHDAVI, M.; HORTON, N. J. Financial Knowledge among Educated Women: Room for Improvement. **Journal of Consumer Affairs**, v. 48, n. 2, p. 403-417, 2014.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6 Ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MANDELL, L. **Financial literacy of high schools students**. Handbook of Consumer Finance Research, New York: Springer, 2007.

MARCOLIN, S.; ABRAHAM, A. **Financial literacy research: current literature and future opportunities**, 3rd International Conference of Contemporary Business. 2006. Leura, 21-22 September, 2006.

MARKS, G. N. Gender differences in the effects of socioeconomic background: Recent cross-national evidence. **International Sociology**, v. 23, n. 6, p. 845-863, 2008.

MARTINS, G. A. **Estatística geral e aplicada**. 4 Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MATTAR, F. **Pesquisa de Marketing: metodologia e planejamento**. 6 Ed., São Paulo: Atlas, 2005.

MATTA, R. C. B. **Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal**. 2007. 214 f. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciência da Informação – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MCCORMECK, M. H. The effectiveness of youth financial education: a review of the literature. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 20, n. 1, p. 70-83, 2009.

MEL, S.; MCKENZIE, D.; WOODRUFF, C. Getting credit to high return microentrepreneurs: The result of an information intervention. Forthcoming, **World Bank Economic Review**. 2008.

MESSY, F.; MONTICONE, C. Financial Education Policies in Asia and the Pacific. **OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions**, OECD Publishing, Paris, n. 40, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/5jm5b32v5vvc-en>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

MILLER, M.; REICHELSTEIN, J.; SALAS, C.; ZIA, B. Can you help someone become financially capable? A meta-analysis of the literature. World Bank Policy Research **Working Paper** 6745, 2014.

MITCHELL, J. E.; BURGARD, M.; FABER, R.; CROSBY, R. D.; ZWAAN, M. Cognitive behavioral therapy for compulsive buying disorder. **Behaviour Research and Therapy**, v. 44, n. 12, p. 1859-1865, 2006.

MITCHELL, O. S.; LUSARDI, A. Financial Literacy and Economic Outcomes: Evidence and Policy Implications. **The Journal of Retirement**, v. 3, n. 1, p. 107-114, 2015.

MONTEIRO, P. R. R. Personalidade, Compra Compulsiva, Hábitos e Inovação em Moda: Uma aplicação do Modelo 3M de Motivação e Personalidade. In: Anais XXIV ANPAD, Rio de Janeiro, 2010.

MONTICONE, C. How Much Does Wealth Matter in the Acquisition of Financial Literacy? **Journal of Consumer Affairs**. v. 44, n. 2, p: 403-422, 2010.

MOORE, D. Survey of Financial Literacy in Washington State: Knowledge, Behavior, Attitudes, and Experiences, Social and Economic Sciences Research Center, Washington State University, 2003.

MORAES, S. L. **A relação entre interação setorial e o desempenho econômico das mesorregiões gaúchas nos anos 2000**. 2013. 81f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia, Porto Alegre, 2013.

MOTTOLA, G. R. In our best interest: Women, financial literacy, and credit card behavior. *Numeracy*, v. 6, n. 2, art. 4, 2013.

MOURA, A. G. **Impacto dos Diferentes Níveis de Materialismo na Atitude ao Endividamento e no Nível de Dívida para Financiamento do Consumo nas Famílias de Baixa Renda do Município de São Paulo**. 2005. 174 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2005.

MUELLER, A.; MUELLER, U.; SILBERMANN, A.; REINECKER, H.; BLEICH, S.; MITCHELL, J. E. A randomized, controlled trial of group cognitive behavioural therapy for compulsive buying disorder: Posttreatment and 6-month follow-up results. **Journal of Clinical Psychiatry**, v. 67, p. 1131-1138, 2008.

MUNDY, S. Financial Education Programmes in Schools: Analysis of Selected Current Programmes and Literature - **Draft recommendations for best practices**. OECD. Mimeo. 2011.

NATIONAL FOUNDATION FOR CREDIT COUNSELING (NFCC). **The 2015 Consumer Financial Literacy Survey** - Report of The Network Branded Prepaid Card Association, 2015. Disponível em: < https://www.nfcc.org/wp-content/uploads/2015/04/NFCC_2015_Financial_Literacy_Survey_FINAL.pdf >. Acesso em: 28 fev. 2016.

NATIONAL FINANCIAL CAPABILITY STUDY (NFCS). **Financial Capability in the United States** - Report of Findings from the 2012 National Financial Capability Study. Financial Industry Regulatory Authority (FINRA) Investor Education Foundation, 2013. Disponível em: < http://www.usfinancialcapability.org/downloads/NFCS_2012_Report_Natl_Findings.pdf >. Acesso em: 07 abr. 2015.

NICACIO, S. B. C. **Alfabetização econômica, hábitos de consumo e atitudes em direção do endividamento de estudantes de pedagogia**. Tese de Doutorado. 332 f. Doutorado em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: 2008.

NOCTOR, M.; STONEY, S.; STRADLING, R. Financial Literacy: A Discussion of Concepts and Competences of Financial Literacy and Opportunities for its Introduction into Young People's Learning. **Report Prepared for the National Westminster Bank**, National Foundation for Education Research, London. 1992.

NORVILITIS, J. M.; MERWIN, M. M.; OSBERG, T. M.; ROEHLING, P. V.; YOUNG, P.; KAMAS, M.M. Personality factors, money attitudes, financial knowledge, and credit-card debt in college students. **Journal of Applied Social Psychology**, v.36, n.6, p. 1395-1413, 2006.

NORVILITS, J. M.; MACLEAN, M. G. The role of parents in college student's' financial behaviors and attitudes. **Journal of Economic Psychology**, v. 31, n. 1, p.55-63, 2010.

O'GUINN, T. C.; FABER, R. J. Compulsive Buying: A Phenomenological Exploration. **Journal of Consumer Research**, v. 16, p. 147-157, September 1989.

O'NEILL, B.; XIAO, J. Financial Behaviors Before and After the Financial Crisis: Evidence from an Online Survey. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 23, n. 1, p. 33-46, 2012.

OLIVEIRA, M. V. de S. S. A corrente do bem da educação financeira: o cidadão está aprendendo o que o Banco Central está ensinando? In: ENCONTRO DA ANPAD, 23, 2012, Rio de Janeiro. **Anais do XXXVI EnANPAD**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2012. p. 1-16.

OPLETALOVÁ, A. Financial education and financial literacy in the Czech education system. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 171, n. 16, p. 1176-1184, 2015.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD, 2013a), PISA 2012 Assessment and Analytical Framework: Mathematics, Reading, Science, Problem Solving and Financial Literacy, **OECD Publishing**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/9789264190511-en>>. Acesso em: 07 set. 2015.

_____. (OECD, 2013b). Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender. **OECD Publishing**. Disponível em: <http://www.oecd.org/daf/fin/financialeducation/TrustFund2013_OECD_INFE_Fin_Lit_and_Incl_SurveyResults_by_Country_and_Gender.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. (OECD, 2013c). OECD/INFE Toolkit to Measure Financial Literacy and Financial Inclusion: Guidance, Core Questionnaire and Supplementary Questions. **OECD Publishing**. Disponível em: <http://www.oecd.org/daf/fin/financialeducation/TrustFund2013_OECD_INFE_toolkit_to_measure_fin_lit_and_fin_incl.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. (OECD, 2013d). Women and Financial Education: Evidence, Policy Responses and Guidance, **OECD Publishing**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/9789264202733-en>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

_____. (OECD, 2015a). 2015 OECD/INFE Toolkit for Measuring Financial Literacy and Financial Inclusion. **OECD Publishing**. Disponível em: <http://www.oecd.org/daf/fin/financialeducation/2015_OECD_INFE_Toolkit_Measuring_Financial_Literacy.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2016.

_____. (OECD, 2015b). PISA 2012 Assessment and Analytical Framework: Mathematics, Reading, Science, Problem Solving and Financial Literacy. **OECD Publishing**. Disponível em: <http://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/PISA%202012%20framework%20e-book_final.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

_____. (OECD, 2015c). The ABC of Gender Equality in Education: Aptitude, Behaviour, Confidence, PISA. **OECD Publishing**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/9789264229945-en>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

_____. (OECD, 2016). OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies. **OECD Publishing**. Disponível em: <<http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/OECD-INFE-International-Survey-of-Adult-Financial-LiteracyCompetencies.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

OMAR, N. A.; RAHIM, R. A.; WEL, C. A. C.; ALAM, S. S. Compulsive buying and credit card misuse among credit card holders: The roles of self-esteem, materialism, impulsive buying and budget constraint. **Intangible Capital**, v. 10, n. 1, p. 52-74, 2014.

OGGINS, J. Topics of marital disagreement among African-American and Euro-American newlyweds. **Psychological Reports**, v. 92, p. 419-425, 2003.

PARKER, A. M.; BRUINE DE BRUIN, W.; YOONG, J.; WILLIS, R. Inappropriate Confidence and Retirement Planning: Four Studies with a National Sample. **Journal of Behavioral Decision Making**, v. 25, p. 382-389, 2012.

PARROTTA, J. L.; JOHNSON, P. J. The impact of financial attitudes and knowledge on financial management and satisfaction of recently married individuals. **Financial Counseling and Planning**, v. 9, n. 2, p. 59-75, 1998.

PERRY, V. G.; MORRIS, M. D. Who Is in Control? The Role of Self Perception, Knowledge, and Income in Explaining Consumer Financial Behavior. **Journal of Consumer Affairs**, v. 39, n. 2, p. 299-313, 2005.

PESTANA, M. H.; GAGEIRO, J. N. **Análise de dados para Ciências Sociais: a complementaridade do SPSS**. 5.ed, Lisboa: Edições Sílabo, 2008.

PHAM, T. H.; YAP, K.; DOWLING, N. A. The impact of financial management practices and financial attitudes on the relationship between materialism and compulsive buying. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 3, p. 461-470, 2012.

PIETRAS, G. Uma abordagem sobre matemática financeira e educação financeira no ensino médio. 104 f. **Dissertação** (Mestre em Matemática), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2014.

PINTO, M. B.; PARENTE, D. H.; MANSFIELD, P. M. Information learned from socialization agents: its relationship to credit card use. **Family and Consumer Sciences Research Journal**, v. 33, n. 4, p. 357-367, 2005.

PONCHIO, M. C. The Influence of Materialism on Consumption Indebtedness in the Context of Low Income Consumers From the City of Sao Paulo. 2006. 175 p. Tese de Doutorado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas: São Paulo, 2006.

PONCHIO, M. C.; ARANHA, F.; TODD, S. Estudo exploratório do construto de materialismo no contexto de consumo de baixa renda do município de São Paulo. **Revista Gerenciais**, v. 6, n. 1, p. 13-21, 2007.

PONCHIO, M.C.; ARANHA, F. Materialism as a predictor variable of low income consumer behavior when entering into installment plan agreements. **Journal of Consumer Behaviour**. v. 7, p. 21-34, 2008.

POTRICH, A. C. P. **Alfabetização Financeira: integrando conhecimento, atitude e comportamento financeiros**. 179 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2014.

POTRICH, A. C. P.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Você é Alfabetizado Financeiramente? Descubra no Termômetro de Alfabetização Financeira. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, v. 13, n. 2, p. 153-170, 2016.

PROCHASKA-CUE, K. An exploratory study for a model of personal financial management style. **Financial Counseling and Planning**, v. 4, p. 111-134, 1993.

QFINANCE. Definition of attitude. **QFinance - The Ultimate Financial Resource**, 2013. Disponível em: <<http://www.qfinance.com/dictionary/attitude>>. Acesso em: 15 set. 2015.

REIFNER, U.; NIEMI-KIESILÄINEN, J.; HULS, N.; SPRINGENEER, H. **Overindebtedness in European Consumer Law**. Books on Demand GmbH, Norderstedt, 2010.

REMUND, D. L. Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 276-295, 2010.

RESEARCH, R. M. **ANZ survey of adult financial literacy in Australia**, 2003. Disponível em:<http://www.anz.com/Documents/AU/Aboutanz/AN_5654_Adult_Fin_Lit_Report_08_Web_Report_full.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2015.

RICHINS, M. L. Special Possessions and the Expression of Material Values. **Journal of Consumer Research**, v. 21, n. 3, p. 522-533, 1994.

RICHINS, M. L. The material values scale: measurement properties and development of a short form. **Journal of Consumer Research**, v. 31, n. 1, p. 209-219, 2004.

RICHINS, M. L. Materialism, Transformation Expectations, and Spending: Implications for Credit Use. **Journal of Public Policy & Marketing**, v. 30, n. 2, p. 141-156, 2011.

RICHINS, M. L.; DAWSON, S. A Consumer Values Orientation for Materialism and Its Measurement: Scale Development and Validation. **Journal of Consumer Research**, v. 19, n. 3, p. 303-316, 1992.

RICHINS, M. L.; DAWSON, S. A Consumer values orientation for materialism and its measurement: scale development and validation. **Journal of Consumer Research**, v. 19, n. 3, p. 303-316, 1999.

ROBB, C. A.; BABIARZ, P.; WOODYARD, A. The demand for financial professionals' advice: The role of financial knowledge, satisfaction, and confidence. **Financial Services Review**, v. 21, n. 4, 2012.

ROBB, C. A.; WOODYARD, A. Financial knowledge and best practice behavior. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 22, n. 1, p. 60-70, 2011.

ROBERTS, J. Compulsive buying among college students: an investigation of its antecedents, consequences, and implications for public policy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 32, n. 2, p. 295-308, 1998.

ROBERTS, J. A.; JONES, E. Money attitudes, credit card use, and compulsive buying among American college students. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 35, n. 2, p. 213-240, 2001.

ROSE, P. Mediators of the association between narcissism and compulsive buying: the roles of materialism and impulse control. **Psychology of addictive behaviors**, v. 21, n. 4, p. 576-582, 2007.

RUSSELL, R.; BROOKS, R.; NAIR, A. **Evaluation of the youth financial literacy trial program**. Melbourne, Australia: RMIT University, 2006. Disponível em: <http://www.anz.com/Documents/OLI/PeterLalorSecColTrialeval_RMIT.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2015.

SANTOS, C. P.; FERNANDES, D. V. H. A socialização de consumo e a formação do materialismo entre os adolescentes. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 1, p. 169-203, 2011.

SALLEH, A. M. H. A. P. M. A comparison on financial literacy between welfare recipients and non-welfare recipients in Brunei. **International Journal of Social Economics**, v. 42, n. 7, p. 598-613, 2015.

SARIGÜL, H. A Survey of Financial Literacy among University Students. **The Journal of Accounting and Finance**, v. 64, p. 207-224, 2014.

SCHAGEN, S. The Evaluation of NatWest Face 2 Face with Finance, **NFER**. 1997.

SCHERESBERG, C. B. Financial literacy and financial behavior among young adults: Evidence and implications. **Numeracy**, v. 6, n. 2, art. 5, 2013.

SCHMEISER, M. D.; SELIGMAN, J. S. Using the Right Yardstick: Assessing Financial Literacy Measures by Way of Financial Well-Being. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 47, n. 2, p. 243-262, 2013.

SCHUMACKER, R. E.; LOMAX, R. G. **A Beginner's Guide to Structural Equation Modeling**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1996.

SEKITA, S. Financial literacy and retirement planning in Japan. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, n. 4, p. 637-656, 2011.

SERVON, L. J.; KAESTNER, R. Consumer Financial Literacy and the Impact of Online Banking on the Financial Behavior of Lower-Income Bank Customers. **Journal of Consumer Affairs**, v. 42, p. 271–305, 2008.

SHIM, S.; XIAO, J. J.; BARBER, B. L.; LYONS, A. C. Pathways to life success: a conceptual model of financial well-being for young adults. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 30, n. 6, p. 708-723, 2009.

SHOCKEY, S. S. **Low-wealth adults financial literacy**. Money management behavior and associates factors, including critical thinking. Tese, Universidade de Utah, Estados Unidos, 2002.

STANGO, V.; ZINMAN, J. Exponential Growth Bias and Household Finance. *Journal of Finance*, v. 64, n. 6, p. 2807-2849, 2009.

STEIGER, J. H. Understanding the limitations of global fit assessment in structural equation modeling. **Personality and Individual Differences**, v. 42, n. 5, p. 893-98, 2007.

SWAMY, V. Financial inclusion, gender dimension, and economic impact of poor households. **World Development**, v. 56, p. 1-15, 2014.

THALER, R. H. **Financial Literacy, Beyond the Classroom**. The New York Times, October 5, 2013. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2013/10/06/business/financial-literacy-beyond-the-classroom.html?r=3&>>. Acesso em 15 jul. 2015.

TATZEL, M. “Money worlds” and well-being: An integration of money dispositions, materialism and price-related behavior. **Journal of Economic Psychology**, v. 23, n. 1, p.103-126, 2002.

TRINDADE, L.L. Determinantes da Propensão ao Endividamento: um Estudo nas Mulheres da Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense. **Dissertação de Mestrado 101f**. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós Graduação em Administração, Santa Maria, 2009.

TROISI, J. D.; CHRISTOPHER, A. N.; MAREK, P. Materialism and money spending disposition as predictors of economic and personality variables. **North American Journal of Psychology**, v. 8, n. 3, p. 421-436, 2006.

URBACH, N.; AHLEMANN, F., Structural Equation Modeling in Information Systems Research Using Partial Least Squares. **Journal of Information Technology Theory and Application**, v. 11, n. 2; p. 5-40, 2010.

VALENCE, G.; D’ASTOUS, A.; FORTIER, L. Compulsive buying: concept and measurement. **Journal of Consumer Policy**, v.11, p. 419-433, 1988.

VAN ROOIJ, M. C. J; LUSARDI, A.; ALESSIE, R. J. M. Financial Literacy and retirement planning in the Netherlands. **Journal of Economic Psychology**, v. 32, n. 4, p. 593-608, 2011.

VELUDO-DE-OLIVEIRA, T. M.; IKEDA, A. A.; SANTOS, R. C. Compra compulsiva e a influência do cartão de crédito. *ERA*, v. 44, n. 3, p 89-99, 2004.

- VITT, L. A. Consumers' financial decisions and the psychology of values. **Journal of Financial Service Professionals**, 2004. Disponível em: <http://www.isfs.org/documents-pdfs/jfsp-vitt-article-11-04.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2015.
- VITT, L. A.; SIEGENTHALER, J. A.; ANDERSON, C.; LYTER, D. M.; KENT, J.; WARD, J. Personal finance and the rush to competence: financial literacy education in the U.S. **Institute for Socio-Financial Studies**, 2000. Disponível em: <http://www.isfs.org/documents-pdfs/rep-finliteracy.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2015.
- WALKER, C. M. Financial management, coping and debt in households under financial strain. **Journal of Economic Psychology**, v. 17, p. 789-807, 1996. Disponível em: EBSCO HOST Research Databases: <http://search.epnet.com>. Acesso em 15 fev. 2015.
- WATSON, J. J. The relationship of materialism to spending tendencies, saving, and debt. **Journal of Economic Psychology**, v. 24, n. 6, p. 723-739, 2003.
- WITTENBRINK, B.; JUDD, C. M.; PARK, B. Spontaneous prejudice in context: Variability in automatically activated attitudes. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 81, p. 815-827, 2001.
- WORLD BANK. **Global Financial Development Report: Financial Inclusion**. Report, 2014. Disponível em: http://siteresources.worldbank.org/EXTGLOBALFINREPORT/Resources/8816096-1361888425203/9062080-1364927957721/GFDR2014_Complete_Report.pdf. Acesso em: 5 jul. 2015.
- WORTHINGTON, A.C. Predicting financial literacy in Australia. **Financial Services Review**, v. 15, p. 59-79, 2006.
- XIAO, J. J.; TANG, C.; SERIDO, J.; SHIM, S. Antecedents and consequences of risky credit behavior among college students: application and extension of the theory of planned behavior. **Journal of Public Policy & Marketing**, v. 30, n. 2, p. 239-258, 2011.
- YOONG, J. **Financial Illiteracy and Stock Market Participation: Evidence from the RAND American Life Panel**. Financial Literacy: Implications for Retirement Security and the Financial Marketplace, Oxford University Press. 2011.

Marque com um “X” conforme o seu comportamento e modo de pensar de acordo com a escala ao lado:	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
9. Fazer um empréstimo é bom porque permite aproveitar a vida.					
10. É bom poder comprar agora e pagar somente depois.					
11. Uso de cartões de crédito basicamente de forma errada.					
12. Eu prefiro passar fome a comprar comida fiado.					
13. Planejo-me para grandes gastos.					
14. Estar endividado nunca é bom.					
15. Crédito é essencial para o estilo de vida atualmente.					
16. É melhor se endividar do que deixar as crianças sem presente de Natal.					
17. É importante viver de acordo com o que realmente pode ser gasto pro você.					
18. Embora com baixo rendimento, deve-se economizar um pouco regularmente.					
19. Dinheiro emprestado deve ser pago o mais rápido possível.					
20. A maioria das pessoas toma muito crédito emprestado.					
21. É muito fácil conseguir cartões de crédito.					
22. Eu não gosto de tomar crédito emprestado.					
23. Pedir dinheiro emprestado às vezes é bom.					
24. Eu sou pouco aventureiro com meu dinheiro.					
25. Está certo tomar dinheiro emprestado para comprar produtos para as crianças.					
26. Eu admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras.					
27. As coisas que possuo dizem muito sobre como está a minha vida atualmente.					
28. Eu gosto de ter coisas que impressionam as pessoas.					
29. Eu tento manter uma vida simples, se consideradas as minhas posses.					
30. Comprar me dá muito prazer.					
31. Eu gosto de luxo na minha vida.					
32. Minha vida seria melhor se eu possuísse algumas coisas que não possuo.					
33. Eu seria mais feliz se eu pudesse comprar mais coisas.					
34. Às vezes me chateio um pouco por não poder comprar todas as coisas que eu gostaria.					
35. Se sobra algum dinheiro ao final do período de pagamento, tenho que gastá-lo.					
36. Senti que os outros ficariam horrorizados se soubessem dos meus hábitos de comprar.					
37. Comprei coisas apesar de não conseguir pagar por elas.					
38. Emiti um cheque quando sabia que não tinha dinheiro suficiente no banco para cobri-lo.					
39. Comprei algo para me sentir melhor comigo mesmo.					
40. Sinto-me ansioso ou nervoso em dias que não vou às compras.					
41. Paguei apenas o valor mínimo das minhas faturas de cartão de crédito.					
42. É importante para a família desenvolver o hábito de economizar e mantê-lo.					

Marque com um “X” conforme o seu comportamento e modo de pensar de acordo com a escala ao lado:	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
43. Manter registros de dificuldades financeiras toma muito tempo para se preocupar com isso.					
44. As famílias devem escrever os objetivos financeiros para ajudar a determinar as prioridades ao gastar.					
45. Ter um orçamento escrito é absolutamente importante para uma gestão financeira de sucesso.					
46. Economizar não é muito importante.					
47. Enquanto os pagamentos mensais são realizados, não há necessidade de se preocupar com o tempo necessário para quitar dívidas antigas.					
48. Famílias devem se concentrar no presente ao gerir seus recursos financeiros.					
49. Planejamento financeiro para a aposentadoria não é necessário para garantir segurança na velhice.					
50. Ter planejamento financeiro torna a escolha por decisões financeiras mais difíceis.					
51. Ter um planejamento de economias não é importante nos dias atuais para suprir as necessidades financeiras.					
52. É essencial se planejar para possíveis necessidades relacionadas à queda salarial.					
53. Planejamento é desnecessário quando famílias se preocupam apenas com o dia-a-dia.					
54. Planejamento para os gastos é essencial para que o indivíduo alcance uma gestão de sucesso.					
55. Planejar-se para o futuro é a melhor forma de obter os resultados.					
56. Pensar em como você estará financeiramente em 5 ou 10 anos é essencial para o sucesso financeiro.					
Marque com um “X” conforme o seu comportamento de acordo com a escala ao lado:	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre	Sempre
57. Anoto e controlo os meus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais).					
58. Comparo preços ao fazer uma compra.					
59. Faço uma reserva do dinheiro que recebo mensalmente para uma necessidade futura.					
60. Tenho um plano de gastos / orçamento.					
61. Consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto no crédito.					
62. Pago minhas contas em dia.					
63. Eu guardo parte da minha renda todo o mês.					
64. Eu analiso minhas contas antes de fazer uma compra grande.					
65. Eu pago as contas do cartão de crédito integralmente para evitar a cobrança de juros.					
66. Eu poupo regularmente para atingir objetivos financeiros de longo prazo como, por exemplo, educação dos meus filhos, aquisição de uma casa, aposentadoria.					
67. Eu passo a poupar mais quando recebo um aumento salarial.					
68. Possuo uma reserva financeira igual ou maior a 3 vezes as minhas despesas mensais, que possa ser resgatada rapidamente.					
69. Nos últimos 12 meses tenho conseguido poupar dinheiro.					

70. Suponha que você tenha R\$ 100,00 em uma conta poupança a uma taxa de juros de 10% ao ano. Depois de 5 anos, qual o valor que você terá na poupança? Considere que não tenha sido depositado e nem retirado dinheiro.

- 70.1 () Mais do que R\$ 150,00. 70.2 () Exatamente R\$ 150,00. 70.3 () Menos do que R\$ 150,00.
70.4 () Não sei.

71. Imagine que a taxa de juros incidente sobre sua conta poupança seja de 6% ao ano e a taxa de inflação seja de 10% ao ano. Após 1 ano, o quanto você será capaz de comprar com o dinheiro dessa conta? Considere que não tenha sido depositado e nem retirado dinheiro.

- 71.1 () Mais do que hoje. 71.2 () Exatamente o mesmo. 71.3 () Menos do que hoje.
71.4 () Não sei.

72. Considerando-se um longo período de tempo (ex.: 10 anos), qual ativo, normalmente, oferece maior retorno?

- 72.1 () Poupança. 72.2 () Ações. 72.3 () Títulos públicos.
72.4 () Não sei.

73. Normalmente, qual ativo apresenta as maiores oscilações ao longo do tempo?

- 73.1 () Poupança. 73.2 () Ações. 73.3 () Títulos públicos.
73.4 () Não sei.

74. Quando um investidor distribui seu investimento entre diferentes ativos, o risco de perder dinheiro:

- 74.1 () Aumenta. 74.2 () Diminui. 74.3 () Permanece inalterado.
74.4 () Não sei.

75. Um empréstimo com duração de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais maiores do que um empréstimo de 30 anos, mas o total de juros pagos ao final do empréstimo será menor. Essa afirmação é:

- 75.1 () Verdadeira. 75.2 () Falsa 75.3 () Não sei

76. Suponha que você realizou um empréstimo de R\$ 10.000,00 para ser pago após um ano e o custo total com os juros é R\$ 600,00. A taxa de juros que você irá pagar nesse empréstimo é de:

- 76.1 () 0,3%. 76.2 () 0,6%. 76.3 () 3%. 76.4 () 6%. 76.5 () Não sei.

77. Suponha que você viu o mesmo televisor em duas lojas diferentes pelo preço inicial de R\$ 1.000,00. A loja A oferece um desconto de R\$ 150,00, enquanto a loja B oferece um desconto de 10%. Qual é a melhor alternativa?

- 77.1 () Comprar na loja A (desconto de R\$ 150,00). 77.2 () Comprar na loja B (desconto de 10%).
77.3 () Não sei.

78. Imagine que cinco amigos recebem uma doação de R\$ 1.000,00 e precisam dividir o dinheiro igualmente entre eles. Quanto cada um vai obter?

- 78.1 () 100. 78.2 () 200. 78.3 () 1000. 78.4 () 5000. 78.5 () Não sei.

79. Um investimento com alta taxa de retorno terá alta taxa de risco. Essa afirmação é:

- 79.1 () Verdadeira. 79.2 () Falsa. 79.3 () Não sei.

PERFIL

1. Gênero 1.1 () Masculino 1.2 () Feminino **2. Idade** _____ anos.

3. Estado civil 3.1 () Solteiro(a) 3.2 () Casado(a) 3.3 () Separado(a) 3.4 () Viúvo(a)

4. Você é estudante? 4.1 () Não 4.2 () Sim. **Qual o curso?** _____.

5. Possui dependentes (filhos, enteados, pais)?

5.1 () Não 5.2 () Sim. **Quantos?** _____.

6. Seu nível de escolaridade:

6.1 () Ensino Fundamental 6.4 () Curso Técnico 6.7 () Doutorado
 6.2 () Ensino Médio 6.5 () Especialização ou MBA 6.8 () Pós-doutorado
 6.3 () Ensino Superior 6.6 () Mestrado

7. O maior nível de escolaridade dos seus pais:

7.1 () Ensino Fundamental 7.4 () Curso Técnico 7.7 () Doutorado
 7.2 () Ensino Médio 7.5 () Especialização ou MBA 7.8 () Pós-doutorado
 7.3 () Ensino Superior 7.6 () Mestrado

8. Qual é a sua ocupação:

8.1 () Funcionário (a) público(a) 8.4 () Autônomo(a) 8.7 () Não trabalha
 8.2 () Empregado (a) assalariado(a) 8.5 () Agricultor(a) 8.8 () Outro. Qual? _____.
 8.3 () Profissional liberal 8.6 () Aposentado (a)

9. Faixa de renda média mensal própria:

9.1 () Não possui renda própria 9.6 () Entre R\$ 3.472,01 e R\$ 5.208,00
 9.2 () Até R\$ 868,00 9.7 () Entre R\$ 5.208,01 e R\$ 7.812,00
 9.3 () Entre R\$ 868,01 e R\$ 1.738,00 9.8 () Entre R\$ 7.812,01 e R\$ 10.416,00
 9.4 () Entre R\$ 1.738,01 e R\$ 2.604,00 9.9 () Mais de R\$ 10.416,00
 9.5 () Entre R\$ 2.604,01 e R\$ 3.472,00

10. Faixa de renda média mensal familiar:

10.1 () Até R\$ 868,00 10.5 () Entre R\$ 3.472,01 e R\$ 5.208,00
 10.2 () Entre R\$ 868,01 e R\$ 1.738,00 10.6 () Entre R\$ 5.208,01 e R\$ 7.812,00
 10.3 () Entre R\$ 1.738,01 e R\$ 2.604,00 10.7 () Entre R\$ 7.812,01 e R\$ 10.416,00
 10.4 () Entre R\$ 2.604,01 e R\$ 3.472,00 10.8 () Mais de R\$ 10.416,00

MUITO OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO!

Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Universidade Federal de Santa Maria
 Centro de Ciências Sociais e Humanas
 Programa de Pós-Graduação em Administração

Título do projeto: Alfabetização Financeira: relações com fatores comportamentais e variáveis socioeconômicas e demográficas

Pesquisadores responsáveis: Prof.^a Kelmara Mendes Vieira e Ani Caroline G. Potrich

Instituição/Departamento: UFSM – Centro de Ciências Sociais e Humanas

Telefone para contato: (55) 3220-9259

Local da coleta de dados: Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você decida participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

O objetivo do estudo consiste em construir um indicador para avaliação do nível de educação financeira de homens e mulheres e desenvolver um modelo comportamental de propensão ao endividamento incluindo além do indicador de educação financeira, fatores comportamentais. Como benefícios, esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, permitindo compreender os principais aspectos que levam os indivíduos a possuírem um nível mais elevado de dívida e quais os motivos comportamentais que contribuem para essa situação. Com estas informações, será possível desenvolver ações que capacitem os indivíduos a gerenciar de maneira mais eficiente seus recursos, amenizando a propensão ao endividamento.

É importante ressaltar que o preenchimento desse questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica, porém pode causar algum desconforto emocional devido ao cunho pessoal das perguntas. Além disso, as informações fornecidas terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, concordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

_____ (cidade), _____ de _____ de 20__.

Assinatura

Prof.^a Kelmara Mendes Vieira

Apêndice 3 – Termo de Confidencialidade, Privacidade e Segurança dos Dados



Termo de Confidencialidade
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Administração

Título do projeto: Alfabetização Financeira: relações com fatores comportamentais e variáveis socioeconômicas e demográficas

Pesquisadores responsáveis: Prof.^a Kelmara Mendes Vieira e Ani Caroline G. Potrich

Instituição/Departamento: UFSM – Centro de Ciências Sociais e Humanas

Telefone para contato: (55) 3220-9259

Local da coleta de dados: Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos respondentes cujos dados serão coletados através de um questionário estruturado aplicado em 31 municípios da Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no Programa de Pós Graduação em Administração (PPGA), situado na Av. Roraima nº. 1000, Prédio 74 C, sala 4212 – Cidade Universitária, UFSM. As informações serão armazenadas por um período de 5 anos sob a responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Kelmara Mendes Vieira. Após este período, os dados serão destruídos.

Santa Maria-RS, ____ de _____ de 20____.

Prof.^a Kelmara Mendes Vieira

Apêndice 4 – Construção do indicador de alfabetização financeira

Conforme método proposto por Potrich, Vieira e Kirch (2016), o Indicador de Alfabetização Financeira foi criado para mensurar se os indivíduos possuem um alto ou um baixo nível de alfabetização financeira. Para tal, inicialmente, foram formados os construtos atitude e comportamento financeiros a partir da média ponderada das respostas às variáveis validadas de cada construto. Para ponderação, foi utilizado o peso das cargas fatoriais. Por exemplo, o construto atitude financeira de um entrevistado foi dado pela multiplicação do peso das cargas fatoriais que cada questão apresentou no construto pela resposta dada a cada questão. Assim, o construto será definido como a média ponderada das respostas, tendo como valor mínimo 0 e máximo 5 pontos.

Na etapa seguinte, para a construção do construto comportamento financeiro, foi calculada a média ponderada dos fatores comportamento financeiro de controle e comportamento financeiro de poupança. Novamente, a ponderação foi realizada a partir do peso das cargas fatoriais. Já para o construto conhecimento financeiro, inicialmente foram calculadas as variáveis conhecimento financeiro básico e conhecimento financeiro avançado, conforme descrito no item 4.2. Em seguida, o indicador de conhecimento financeiro foi computado a partir da média ponderada das cargas fatoriais das variáveis conhecimento financeiro básico e avançado.

Finalmente, para a construção do indicador de alfabetização financeira foi obtida a média ponderada dos construtos atitude financeira, comportamento financeiro e conhecimento financeiro no modelo integrado de alfabetização financeira. Assim, do mesmo modo que os construtos individuais, o indicador de alfabetização financeira possui uma escala de 0 a 5 pontos.

Na etapa seguinte, a fim de classificar os indivíduos quanto ao seu nível de alfabetização financeira, foi aplicada a análise de *cluster*, também conhecida como análise de conglomerados. Segundo Hair *et al.* (2009), esta análise pode ser definida como um grupo de técnicas multivariadas, cuja finalidade primária é agregar objetos com base nas características que eles possuem. De acordo com Malhotra (2011), os conglomerados obtidos devem apresentar tanto uma homogeneidade interna (dentro de cada conglomerado), como uma heterogeneidade externa (entre conglomerados), se diferenciando dos demais.

Para a estimação dos dados, foram utilizados os construtos atitude financeira, comportamento financeiro e conhecimento financeiro e aplicada a técnica de análise hierárquica, tendo como medida de distância a “distância Euclidiana quadrática” e como

método de aglomeração, o “Ward”, também denominado método da variância. O método de Ward foi selecionado por ser um dos mais consistentes para escalas intervalares. Já a distância Euclidiana quadrática, por sua vez, é recomendada para os métodos de agrupamento centróide e foi utilizada por possuir a vantagem de não extrair a raiz quadrada dos dados (HAIR *et al.*, 2009).

Após conhecer o *cluster* ao qual cada indivíduo pertence, foram calculadas as estatísticas descritivas dos construtos dentro de cada *cluster*, para conhecer o nível de alfabetização financeira dos diferentes grupos da amostra pesquisada. Além disso, a fim de verificar a existência de diferença significativa entre os grupos, aplicou-se o teste de diferença de média (Teste *t*) e, alternativamente, o teste não paramétrico de diferença de mediana, Mann-Whitney.

Por fim, foi desenvolvido um método para o cálculo da alfabetização financeira individual, a partir do cálculo da distância Euclidiana quadrática do indivíduo em relação ao centro de cada *cluster*. A partir dessas distâncias foi possível determinar qual é o *cluster* ao qual o indivíduo mais se aproxima e, assim, sendo possível classificá-lo como um indivíduo com baixo ou com alto nível de alfabetização financeira. A seguir está o passo a passo pelo qual pode ser desenvolvido o Indicador de Alfabetização Financeira.

PROPOSIÇÃO DO MÉTODO DE UTILIZAÇÃO DO INDICADOR DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Passo 1 – De posse das respostas das questões marcadas em negrito no instrumento de coleta de dados, codifique as variáveis: **(Em negrito estarão apenas as questões validadas dos construtos)**

ATITUDE FINANCEIRA – QATIT_x + QATIT_y + ... + ... **(Questões validadas de Atitude Financeira – Ex.: Se o indivíduo respondeu que discorda da afirmativa, nesta questão ele ganhará uma pontuação igual a 2)**

Discordo totalmente = valor 1

Discordo = valor 2

Indiferente = valor 3

Concordo = valor 4

Concordo totalmente = valor 5

COMPORTAMENTO FINANCEIRO – QCONT_x + QCONT_y + QPOUP_x + QPOUP_y + ... + ... **(Questões validadas de Comportamento Financeiro de Controle e Poupança – Ex.: Se o indivíduo respondeu que às vezes realiza o que a afirmativa sugere, nesta questão ele ganhará uma pontuação igual a 3)**

Nunca = valor 1

Quase nunca = valor 2

Às vezes = valor 3

Quase sempre = valor 4

Sempre = valor 5

CONHECIMENTO FINANCEIRO – $QCONHBA_x + QCONHBA_y + QCONHAV_x + QCONHAV_y + \dots + \dots$
(Todas as questões de Conhecimento Financeiro Básico e Avançado, onde existe apenas uma alternativa correta em cada questão – Ex.: Se o indivíduo acertou, ganha uma pontuação igual a 1; caso erre, pontuação na questão será igual a 0)

Para a resposta correta = valor 1

Para as respostas incorretas = valor 0

Passo 2 – Construção das medidas padronizadas de alfabetização financeira: (Cargas fatoriais obtidas no modelo integrado final foram padronizadas e multiplicadas pelas respectivas questões já transformadas em números)

ATTITUDE FINANCEIRA

$ATIT = [Carga\ fatorial\ padronizada * QATIT_x + Carga\ fatorial\ padronizada * QATIT_y + \dots + \dots]$

COMPORTAMENTO FINANCEIRO

Comportamento Financeiro de Controle

$CONTROLE = [Carga\ fatorial\ padronizada * QCONT_x + Carga\ fatorial\ padronizada * QCONTR_y + \dots + \dots]$

Comportamento Financeiro de Poupança

$POUPAN\CA = [Carga\ fatorial\ padronizada * QPOUP_x + Carga\ fatorial\ padronizada * QPOUP_y + \dots + \dots]$

$COMP = [Carga\ fatorial\ padronizada * CONTROLE + Carga\ fatorial\ padronizada * POUPAN\CA]$

CONHECIMENTO FINANCEIRO

Conhecimento Financeiro Básico

$BÁSICO = [QCONHBA_x + QCONHBA_y + \dots + \dots]$

Conhecimento Financeiro Avançado

$AVAN\ÇADO = [QCONHAV_x + QCONHAV_y + \dots + \dots]$

$CONH = [Carga\ fatorial\ padronizada * BÁSICO + Carga\ fatorial\ padronizada * AVAN\ÇADO]$

Passo 3 – Construção das medidas ponderadas de alfabetização financeira: (Cargas fatoriais obtidas no modelo integrado final foram padronizadas e multiplicadas pelos respectivos fatores formados no Passo 2)

$pATIT = Carga\ fatorial\ padronizada * ATIT$

$pCOMP = Carga\ fatorial\ padronizada * COMP$

$pCONH = Carga\ fatorial\ padronizada * CONH$

Passo 4 – Inserir os resultados nas fórmulas: (Médias de cada construto obtidas nos grupos de clusters de alto e baixo nível de alfabetização financeira, sendo no D_0 as médias do grupo de baixo nível-BN e no D_1 as do grupo de alto nível-AN)

$$D_0 = (Média\ Atit.\ BN - pATIT)^2 + (Média\ Comp.\ BN - pCOMP)^2 + (Média\ Conh.\ BN - pCONH)^2$$

$$D_1 = (Média\ Atit.\ AN - pATIT)^2 + (Média\ Comp.\ AN - pCOMP)^2 + (Média\ Conh.\ AN - pCONH)^2$$

Passo 5 - Critérios de análise e decisão: (Ao obter D_0 e D_1 , o indivíduo conseguirá descobrir em que grupo ele está inserido ao utilizar o critério descrito abaixo)

- Se $D_0 > D_1 \rightarrow$ o indivíduo é considerado com **ALTO** nível de alfabetização financeira.

- Se $D_0 < D_1 \rightarrow$ o indivíduo é considerado com **BAIXO** nível de alfabetização financeira.

Apêndice 5 – Percentual válido no construto Propensão ao Endividamento

Fator	Variáveis	Percentuais				
		Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
Propensão ao Endividamento	Fazer um empréstimo é bom porque permite aproveitar a vida.	28,62	52,05	9,49	8,84	1,01
	É bom poder comprar agora e pagar somente depois.	16,26	40,72	14,99	25,61	2,43
	O crédito é uma parte essencial do estilo de vida atual.	5,94	17,99	12,13	55,22	8,71
	É melhor ficar devendo do que deixar as crianças sem presente de Natal.	29,60	48,42	7,94	12,31	1,74
	Pedir dinheiro emprestado as vezes é bom.	26,28	45,42	11,38	15,93	0,99
	Eu corro risco com o meu dinheiro.	18,45	44,45	13,88	20,32	2,91
	Não há problemas em pegar dinheiro emprestado para pagar pelas coisas das crianças.	29,64	49,61	10,27	9,05	1,43
	É importante viver com o que se tem de dinheiro.	1,85	4,78	5,77	61,53	26,07
	Mesmo com uma renda baixa, deve-se economizar um pouco regularmente.	0,93	2,15	3,61	60,96	32,35
	Dinheiro emprestado deve ser pago o mais rápido possível.	0,90	1,42	2,48	50,67	44,53
	A maioria das pessoas se endivida muito.	1,19	2,41	8,01	58,54	29,84
	É muito fácil para as pessoas obterem cartões de crédito.	1,51	5,28	6,01	54,26	32,94
	Eu não gosto de pedir dinheiro emprestado.	1,60	5,66	6,23	44,18	42,33
	Usar o crédito é errado.	8,96	51,31	22,34	13,63	3,76
	Eu prefiro passar fome a comprar comida fiado.	16,03	58,55	11,23	10,78	3,40
	Eu planejo as grandes compras com antecedência.	2,01	9,71	9,05	53,87	25,36
	Estar endividado nunca é bom.	2,25	4,25	3,56	43,76	46,18

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Apêndice 6 – Percentual válido no construto Materialismo

Fator	Variáveis	Percentuais				
		Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
Materialismo	Eu tento manter uma vida simples, se consideradas as minhas posses.	1,42	6,78	13,23	59,33	19,24
	As coisas que possuo dizem muito sobre como está a minha vida atualmente.	3,81	14,81	16,15	52,48	12,74
	Eu gosto de possuir coisas que impressionem as pessoas.	33,46	44,08	14,20	6,02	2,24
	Eu admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras.	21,46	28,99	28,79	16,83	3,93
	Comprar coisas me dá muito prazer.	10,04	20,93	26,44	34,97	7,63
	Eu gosto de muito luxo em minha vida.	26,47	41,14	21,41	8,86	2,12
	Minha vida seria melhor se eu tivesse algumas coisas que não tenho.	9,71	24,12	19,63	39,05	7,49
	Eu seria mais feliz se eu pudesse comprar mais coisas.	12,09	30,75	23,98	27,10	6,09
	Às vezes me chateio um pouco por não poder comprar todas as coisas que eu gostaria.	8,00	24,23	18,54	42,77	6,46

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Apêndice 7 – Percentual válido no construto Compras Compulsivas

Construto	Variáveis	Percentuais				
		Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
Compras Compulsivas	Se sobra algum dinheiro ao final do período de pagamento, tenho que gastá-lo.	20,97	51,80	11,52	12,65	3,07
	Sinto que os outros ficariam horrorizados se soubessem dos meus hábitos de comprar.	21,47	45,94	20,38	8,90	3,32
	Comprei coisas apesar de não conseguir pagar por elas.	33,78	47,72	6,81	9,74	1,96
	Emiti um cheque quando sabia que não tinha dinheiro suficiente no banco para cobri-lo.	49,84	38,27	5,56	4,79	1,54
	Comprei algo para me sentir melhor comigo mesmo.	19,70	31,44	13,05	31,00	4,81
	Sinto-me ansioso ou nervoso em dias que não vou as compras.	43,10	40,53	10,88	4,24	1,26
	Paguei apenas o valor mínimo das minhas faturas de cartão de crédito.	42,67	35,97	10,21	8,82	2,33

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Apêndice 8 – Percentual válido no construto Atitude Financeira

Construto	Variáveis	Percentuais				
		Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
Atitude Financeira	É importante para a família desenvolver o hábito de economizar e mantê-lo.	1,21	1,94	3,68	47,83	45,33
	As famílias devem escrever os objetivos financeiros para ajudar a determinar as prioridades ao gastar.	1,17	2,71	8,81	52,51	34,80
	Ter um orçamento escrito é absolutamente importante para uma gestão financeira de sucesso.	1,05	3,65	10,78	50,14	34,37
	É essencial se planejar para possível perda de salário de algum membro da família.	1,13	4,82	10,94	56,01	27,10
	Planejar para gastar é essencial para administrar a vida com sucesso.	0,93	2,27	4,13	54,09	38,58
	Planejar para o futuro é a melhor forma de obter os resultados.	0,89	1,71	5,45	50,61	41,34
	Pensar em como você estará financeiramente em 5 ou 10 anos é essencial para o sucesso financeiro.	1,33	6,31	17,67	47,07	27,62
	As famílias devem se concentrar no presente ao gerir seus recursos financeiros.	3,92	23,69	11,16	51,58	9,66
	Planejamento financeiro para a aposentadoria não é necessário para garantir segurança na velhice.	25,69	50,36	9,26	11,65	3,03
	Ter planejamento financeiro dificulta a tomada de decisões de investimentos financeiros.	17,31	49,86	17,11	13,56	2,16
	Ter um planejamento de econômicas não é importante nos dias atuais para suprir as necessidades financeiras.	28,71	56,08	5,94	7,40	1,87
	Planejamento é desnecessário quando famílias se preocupam apenas com o dia-a-dia.	22,67	51,04	8,51	15,71	2,08
	Controlar no papel o próprio dinheiro é muito trabalhoso para valer o esforço.	22,66	54,52	10,82	9,48	2,52
	Economizar não é muito importante.	42,87	49,34	2,99	2,66	2,13
	Enquanto os pagamentos mensais são realizados, não há necessidade de se preocupar com o tempo necessário para quitar dívidas antigas.	34,82	52,59	6,64	4,66	1,30

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Apêndice 9 – Percentual válido no construto Comportamento Financeiro

Construto	Variáveis	Percentuais					
		Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente	
Comportamento Financeiro	Controle	Anoto e controlo os meus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais).	12,56	9,85	28,81	22,29	26,50
		Comparo preços ao fazer uma compra.	3,76	4,46	22,13	30,22	39,43
		Tenho um plano de gastos/orçamento.	10,28	13,48	23,88	24,33	28,03
		Consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto no crédito.	8,99	9,85	22,62	25,10	33,44
		Pago minhas contas em dia.	1,06	1,80	9,49	25,77	61,88
		Eu analiso minhas contas antes de fazer uma compra grande.	2,85	3,35	10,95	18,30	64,56
		Eu pago as contas do cartão de crédito integralmente para evitar cobrança de juros.	6,42	3,56	9,70	16,16	64,15
	Poupança	Faço uma reserva do dinheiro que recebo mensalmente para uma necessidade futura.	11,07	15,45	26,32	21,49	25,67
		Eu guardo parte da minha renda todo o mês.	13,60	15,26	26,79	20,41	23,93
		Eu poupo regularmente para atingir objetivos financeiros de longo prazo como, por exemplo, educação dos meus filhos, aquisição de uma casa, aposentadoria.	12,83	15,72	22,80	21,70	26,95
		Eu passo a poupar mais quando recebo um aumento salarial.	11,89	13,86	29,44	23,04	21,77
		Possuo uma reserva financeira igual ou maior a 3 vezes as minhas despesas mensais, que possa ser resgatada rapidamente.	29,93	19,17	21,50	14,06	15,33
		Nos últimos 12 meses tenho conseguido poupar dinheiro.	20,36	16,57	24,98	18,84	19,25

Fonte: Dados da pesquisa (2016).